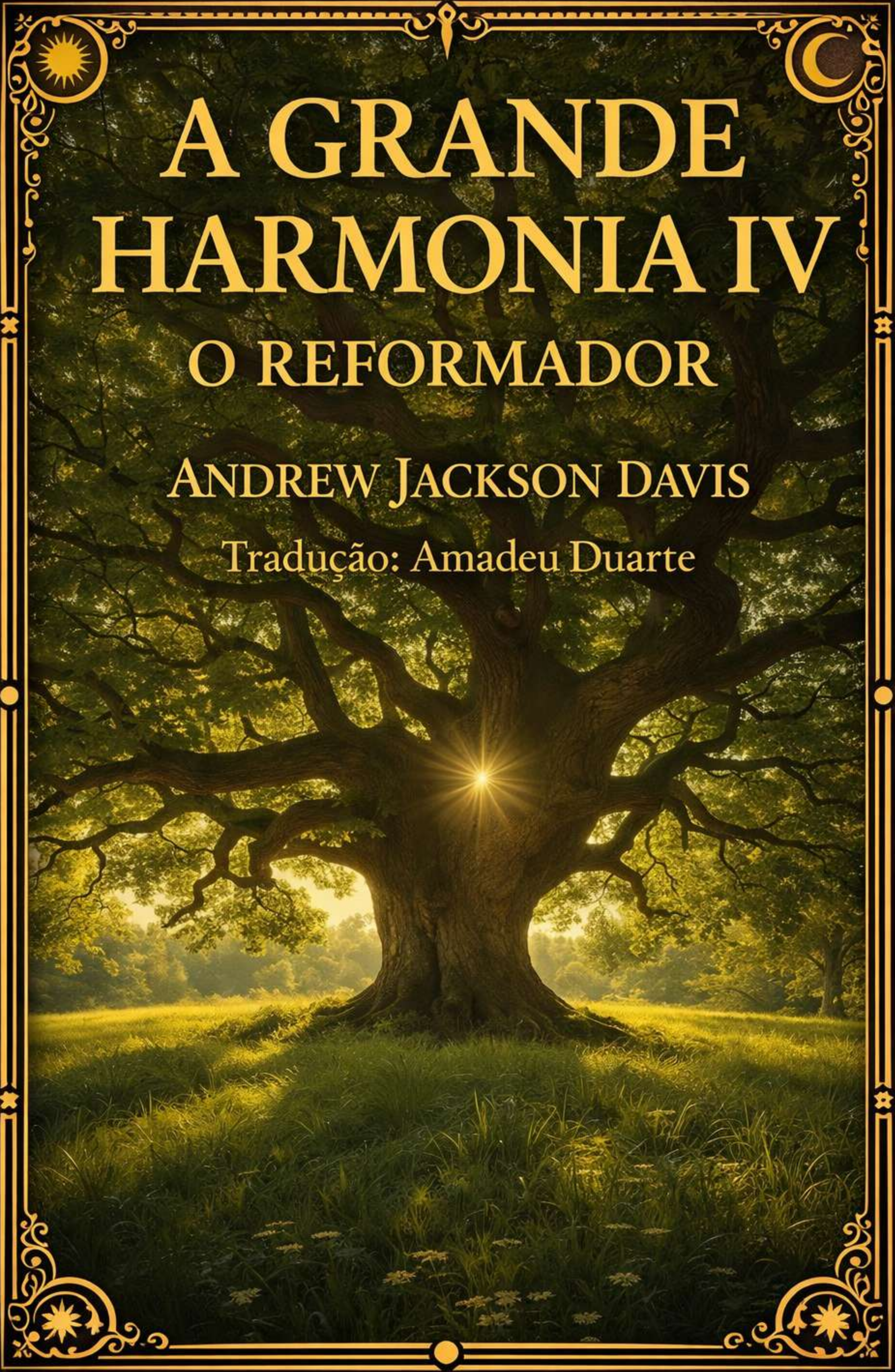




A GRANDE HARMONIA IV

O REFORMADOR

ANDREW JACKSON DAVIS

Tradução: Amadeu Duarte

A FILOSOFIA DA REFORMA

É geralmente aceite que as reformas surgem, sobretudo, da existência de males concretos. Diz-se que, se não houvesse males a eliminar, não haveria necessidade de esquemas de reforma. Contudo, a reforma é um desenvolvimento natural. Ao estudarmos o plano e o propósito da Natureza, bem como o jogo perpétuo das incontáveis forças no domínio da Matéria, descobrimos que a formação e a reforma são concomitantes legítimos e coiguais da vida universal — resultados inevitáveis da operação de leis imutáveis.

A ideia de reforma, portanto, é tão natural à mente humana como qualquer outro processo no império do ser. A reforma não é um médico enviado por Deus para curar um mundo doente de pecado; não é um remédio fabricado arbitrariamente para vencer a doença; não é um agente especial despachado do tribunal celestial para rever contas humanas e liquidar dívidas antigas.

Se a reforma surgisse da deformação, então seria, no máximo, um mal em si mesma. Se se argumentar que a reforma não existiria sem a existência prévia de um mal concreto, então pergunto: como pode o efeito ser intrinsecamente superior à sua causa? Pode um desenvolvimento ser essencialmente mais perfeito do que a sua origem? Existe uma reforma apenas porque existe um mal? E morre a reforma quando esse mal morre? Se assim for, então a reforma é temporária e mortal — não passa de um antídoto efêmero para um veneno igualmente efêmero.

Nesta visão da reforma, tudo não passa de experiência, incerteza, instabilidade e insatisfação. O reformador não encontra nenhuma Rocha eterna e imóvel sob os seus pés. Apenas se apoia em terreno escorregadio e, com uma alavanca curta e fraca, esforça-se por mover o mundo. Trabalha e luta com toda a alma; imagina que a obra é eficaz; pensa ver o mundo em movimento — mas alguns anos de labor incessante entre instituições envelhecidas revelam o seu erro, e descobre, com um momento de desespero, que apenas ele próprio, e não o mundo, se moveu — principalmente na direção dos seus pensamentos. Tal é a experiência de quem vê na reforma apenas um meio temporário para remover males temporários.

Na verdade, tal experiência é inseparável da mente que inicia o trabalho da reforma com a ideia de que o “mal” é o grande inimigo a vencer no mundo. Começa com um erro, e a sua experiência será condizente. Está a lutar contra um espantalho, e um espantalho será a sua recompensa — ou então, aponta a nada e acaba por atingir precisamente isso. Tal é o destino da mente suficientemente ímpia, ignorante e blasfema para combater qualquer condição ou influência como se esta fosse um mal absoluto.

Mas esse é o motor do sistema cristão. Na opinião dos seus defensores, este nunca teria existido se não houvesse, antes, um mal terrível a destruir. O cristianismo é, assim, visto como um esquema sobrenatural de reforma, instituído especialmente para contrariar uma deformação igualmente sobrenatural e abrangente. O sistema cristão começa com uma falsa ideia de reforma e, como consequência, exerce uma influência condizente sobre a humanidade. E todos os reformadores que começam por admitir a existência absoluta do “mal” acolhem no peito uma víbora cujo veneno inevitavelmente se espalhará e enfraquecerá cada um dos seus movimentos.

A visão da igreja sobre a natureza humana é um insulto ao Grande Espírito. Devemos raciocinar de forma indutiva e responsabilizar Deus pelo mal que encontramos no mundo. A interposição da natureza humana entre o Criador e o fim da criação — o alegado pecado sobrenatural decorrente do livre arbítrio do homem — não resolve o argumento. A mente perguntará ao Todo-sábio, Todo-bom e Todo-poderoso por que não exerceu os seus atributos soberanos de modo a que apenas a bondade, a sabedoria e a felicidade existissem no universo?

Com esses atributos que denominamos de “divinos” — o poder de conhecer tudo, de abençoar tudo, de fazer tudo — não encontramos desculpa para a permissão do mal. Deus não era ignorante, a precisar de experiência; não era fraco, a precisar de exercício; não era pobre em bondade, a precisar de enriquecimento da essência. Não: o Deus cristão está saturado dos mais puros, melhores, mais sábios e mais poderosos atributos. Consequentemente, não encontramos desculpa para a existência do mal. Tinha sabedoria para saber melhor, bondade para sentir melhor e poder para fazer melhor.

Na teoria cristã do mal e de Deus, portanto, não há utilidade na tolerância do primeiro, nem perdão humano para a conduta do segundo. Os teólogos podem defender a causa de Jeová, construir elaboradas estruturas argumentativas, tentar — como sempre — trocar a nossa condenação por admiração; mas os mais fiéis amigos do ser humano, a Intuição e a Razão, permanecerão oponentes inexoráveis e imperturbáveis de teorias tão absolutamente irreconciliáveis com os princípios da equidade e da Natureza.

O mal é o grande inimigo, o implacável adversário personificado que o sistema cristão está organizado para destruir. O “Diabo” é a personificação poética de toda a discórdia e erro, do vício e da miséria. Daí que a igreja aponte os seus cânones sagrados diretamente às fortificações imaginárias de Sua Majestade Infernal. Em nove batalhas de cada dez, o “Príncipe das Trevas” sai vitorioso; os Doutores da Divindade são derrotados e recuam ingloriamente. Este tipo de guerra, este filibusterismo teológico, diverte os santos — e ainda assim cultiva tendências pugilísticas.

Porque não tratar este implacável e fabuloso inimigo com a mesma razoabilidade com que se tratam os reformadores modernos? Os clérigos mais sábios aconselham a não-resistência em relação às inovações dos Filósofos Harmônicos, com base na teoria verdadeira de que a oposição apenas revela a sua própria impotência e dá força ao inimigo em avanço. Porque não tratar o Diabo com o mesmo espírito?

Não será a agitação dos clérigos o que excita oposição no seio do Príncipe Infernal? Ou, antes, não gera tal oposição simpatia pela vítima? Se assim for, não seria mais sensato que todos os reformadores, dentro ou fora da igreja, cessassem a guerra contra males imaginários e, em vez disso, se posicionassem de forma firme e sincera perante o mundo como videntes e seguidores dos Princípios da Natureza?

A filosofia da reforma é clara e simples, tal como a filosofia de tudo o mais na Natureza. Em suma, e de forma mais concisa, é a filosofia do desenvolvimento progressivo. Primeiro vem a formação; depois a reforma — tal como as melhorias na natureza sucedem às alterações e mudanças. Cada ser existe, não apenas por si, mas também como parte de uma outra existência superior.

As miríades de forças da natureza desdobram-se em miríades de formas — cada uma segundo os seus próprios impulsos germinais — que vivem e atuam no mundo, não só por si mesmas, mas para formar a base de existências ainda mais elevadas e perfeitas na escala. O superior não só provém do inferior, como dele depende para existir e nutrir-se — o efeito contém as qualidades da causa — assim como a reforma é a sequência natural da formação — assim como o nosso globo não é o ponto final do crescimento cósmico, mas o vestíbulo de um sistema mais grandioso e belo, uma reforma, por assim dizer, do estado e plano atuais.

Aquilo que desejo erradicar do mundo é a ideia predominante e semi-formada de algo intrinsecamente “mau” — um grande inimigo contra o qual se deve lutar — uma doutrina de demónios que subsiste, mais ou menos claramente, em todas as religiões. Há um espírito universal de censura; uma espécie de blasfémia contra o mal e o pecado. Se existe algum ateísmo verdadeiramente desmoralizador no mundo, é essa crença no mal puro.

Mas a alegria é que ninguém pensa assim, de forma ímpia, acerca de si próprio; é uma doutrina de segunda mão, um reumatismo ou debilidade mental transmitida pela força hereditária de indivíduos e afiliações de nações. Porém, não há maior profanação do que a crença no pecado essencial. Quase todos os reformadores partem da ideia de destronar algum Erro gigantesco. Têm um grande Diabo a combater; um Apolião para aniquilar.

Eles não veem que a formação da mentira é um elo na cadeia dos processos universais; um meio de progresso, de alteração e mudança, que transforma vestes

antigas em corpos novos, convertendo as condições das gerações passadas em materiais de construção para o presente imediato e o futuro. Em vez disso, começam frequentemente com a absurda suposição de que alguma lei divina foi violada, que alguma ordenança foi atropelada por mentes perversas e geradoras de vício. Por isso, avançam para a batalha, indiferentes à vida, cheios do espírito da condenação. A convicção torna-se epidémica, envenena as nações — talvez se espalhe por todo o mundo, escapando apenas algumas mentes sãs — e ressurgindo na próxima edição das igrejas e dos governos.

Nas Escrituras Hebraicas e Cristãs, afirma-se que “o pecado é a transgressão da lei”. Mas, ao examinarmos a Natureza — a verdadeira e única Bíblia — veremos que tal afirmação é errónea. Dá-nos uma ideia errada tanto do homem como da lei. A conceção habitual de transgressão é a de um ato cometido por um agente moral livre que ultrapassa uma regra ou lei imutável destinada a regular a ação. A ideia teológica é a de uma transgressão da lei moral dada por Deus ao homem. Ora, é de suma importância que os Reformadores compreendam o erro desta afirmação.

Verifica-se ser impossível para o ser humano transgredir uma lei de Deus; impossível quebrar o mais ínfimo princípio da Natureza. Vá para onde for, faça o que fizer, alguma lei o regulará. O balão de hidrogénio sobe e o saco de areia desce — resultados diferentes, sim, mas derivados da operação da mesma lei. Sente dor e também prazer; são efeitos de ações distintas, mas a lei é a mesma.

Se se admitir que o homem pode violar, estragar, quebrar, suspender, ultrapassar ou transcender qualquer lei — física ou espiritual — então não teríamos qualquer meio para determinar, ou sequer imaginar, em que momento, no vasto futuro eterno, ou em que recanto misterioso deste universo ilimitado, se extinguiria a última ondulação de tal perturbação imperativa, de uma catástrofe tão monumental. A mente fica esmagada só com a ideia — a mera possibilidade de o homem violar uma lei imutável.

Mas, mediante uma investigação paciente, perceberemos que não está ao alcance de nenhuma mente no universo quebrar ou perturbar de qualquer forma o funcionamento de um único princípio em qualquer domínio do universo. Sendo assim, o pecado não pode ser a transgressão da lei. Aquilo que se designa por “leis da Natureza” não são o resultado de atos legislativos provenientes da vontade divina — como se supõe serem universalmente operativas e eternamente eficazes — mas são, ao invés, manifestações espontâneas de forças vitais constitucionais inerentes, que residem e fluem imutavelmente do Grande Coração da Natureza.

As leis da Natureza, tal como o sangue do homem e todas as funções involuntárias do seu ser, fluem através dele e realizam todo o trabalho que observamos, incluindo o desenvolvimento da alma humana, sem sequer despertar um único pensamento no

organismo de onde emanam.

Talvez o verdadeiro Reformador compreenda melhor esta ideia se a apresentarmos assim: as Leis da Natureza não são criações nem instituições, mas sim emanções e inerências; não nos dizem o que Deus pensa ou quer, mas mostram-nos como Ele vive, como Ele deve inevitavelmente e imutavelmente agir. E se uma só das leis da Sua constituição pudesse ser, por acidente ou pela interposição de uma força estranha, minimamente infringida, violada ou suspensa, isso ameaçaria Deus, bem como o universo, com a terrível catástrofe da desorganização e do caos absolutos.

É comum dizer-se que o homem viola esta ou aquela lei, que infringiu ou quebrou este ou aquele estatuto estabelecido no governo material e espiritual de Deus. Mas sou levado a afirmar que tal uso da linguagem — ainda que eu próprio o tenha usado frequentemente — apenas transmite e reforça concepções erradas sobre Deus e sobre os poderes do homem, que são infinitamente menores do que os de Deus.

Pensem, então: será verdade que “o pecado é a transgressão da lei”? Creio que se pode demonstrar facilmente que nenhuma lei pode ser suspensa ou violada. A Bíblia afirma que “o caminho do transgressor é difícil”; e aqui, como noutros lugares, o termo “transgressão” é usado para significar uma quebra ou ultrapassagem de uma regra moral estabelecida.

Mas existem inúmeras razões que provam que esta concepção de transgressão é, além de falaciosa, perniciosa. A maioria dos reformadores parte dessa ideia como base da sua oposição aos erros estabelecidos. Talvez venham a perceber que esse início equivocado no seu trabalho explica porque é que tantas vezes conseguem tão pouco. Não há “mal” no mundo, repito; mas sim “condições” a serem transformadas. Os reformadores são — ou deveriam ser — causas de mudança e melhoria; são construtores, e não destruidores, salvo acidentalmente.

E volto a repetir: nenhuma lei, física ou moral, pode ser realmente violada. Suponhamos, num exemplo simples, que se coloca o dedo numa chama. O que acontece? Sente-se dor, talvez ocorra a desorganização dos tecidos. A questão é: será que o castigo provém da indignação de uma lei ofendida? Foi quebrada, suspensa ou ultrapassada alguma lei? Respondo negativamente. Se a lei tivesse sido quebrada ou anulada, não poderia punir. O castigo é prova de que a lei que regula a saúde e o bem-estar do seu dedo continua a operar de forma plena e perfeita.

A explicação, então, é que, em vez de suspender uma lei, substituiu-se uma por outra — ou melhor dizendo, obedeceu-se a uma lei adicional com a qual o dedo apenas mantém uma relação distante. A lei pela qual o fogo queima e desintegra o organismo é tão perfeita quanto a lei que governa fisiologicamente esse dedo. 6

A queimadura ocorre segundo uma lei química; enquanto a condição normal do membro é mantida por uma lei fisiológica. E se, em vez de manter a harmonia com a lei fisiológica através da obediência às suas exigências, a pessoa se coloca sob a ação da lei química da desorganização, a sequência lógica é que essa pessoa é imediatamente alertada para o erro da substituição.

Através da dor e do sofrimento, é advertida a evitar para sempre tal uso daquela lei. Os reformadores da fisiologia, portanto, deveriam deixar de transmitir a ideia de que o homem pode violar leis. Em vez disso, devem disseminar o conhecimento sobre que leis são apropriadas, em todas as circunstâncias, ao bem-estar humano. Eis um caso de dispepsia crônica. Será a dispepsia um mal?

Não: pois essa doença é tão natural, em certas condições, quanto a saúde o é noutras. Talvez o indivíduo se tenha colocado sob a lei da sustentação quando, para o seu organismo, apenas a lei da abstinência seria adequada. Assim, neste caso, o pecado não é uma transgressão da lei; mas sim a obediência a uma lei com a qual o corpo, naquele momento, apenas mantém uma relação distante.

Ao longe, vislumbra-se um comboio. Tudo o que a ele pertence — a força que o move, a rotação das rodas, a sua adesão aos trilhos sobre os quais avança velozmente, a sua forma e tamanho, todos os seus complexos mecanismos — está sujeito à compreensão e domínio de leis imutáveis. Com a ajuda da chama, dá-se uma transformação química na água, que, ao ser promovida ao estado de vapor, é envolta numa armadura de aço e ferro; e assim, a água vaporizada, através de leis químicas e mecânicas, controladas pelo maquinista, põe as rodas em movimento, arrastando o comboio.

A confluência de leis em tudo isto é bela. Leis centrípetas e centrífugas atuam sem desvio sobre as rodas; e estas, obedecendo à lei da fricção e da gravidade, mantêm-se firmes e movem-se sobre os carris horizontais. E assim poderíamos seguir, em minúcio, todas as diversas leis que, atuando em conjunto, produzem os fenômenos que observamos na passagem de um comboio pelo país.

Enquanto essas leis forem obedecidas, dirás tu, tudo corre bem. Mas basta quebrar um único elo, e o choque é comunicado “à velocidade do pensamento” até à mais ínfima ramificação. De repente, o comboio salta o abismo aberto de uma ponte levadiça, ou lança-se de um penhasco íngreme, e desfaz-se em fragmentos sem forma. Momentos antes, tudo era harmonia e alegria; agora, tudo é desordem e consternação; a felicidade deu lugar à miséria.

A questão é: foi alguma lei violada? A minha resposta mantém-se: nenhuma lei foi

quebrada ou suspensa; mas sim, outra lei foi substituída e obedecida. Ou melhor ainda: estamos apenas a ver os resultados de uma ação diferente das mesmas leis. Pois a destruição do comboio aconteceu, na realidade, de acordo com a operação das leis — da mesma forma que a harmonia e segurança anteriormente vistas no movimento do comboio eram também fruto da ação dessas mesmas leis. Os vagões permanecem ou saem dos carris, portanto, em plena harmonia com a lei.

Do mesmo modo, se os homens são degradados à condição de escravos — degradados por outros homens com maior força física ou melhores circunstâncias sociais — então eles são forçados a obedecer a uma lei de servidão e brutalidade que é própria apenas do reino animal. Substituir a lei do Homem pela lei da besta resulta, necessariamente, nessa degradação que é comum ao bruto. Nenhuma lei é violada, recorda; mas o homem obedece a uma lei, ou é forçado a sujeitar-se à operação de uma lei, que nada tem a ver com o seu estatuto como ser humano. Não é a desobediência, mas sim a obediência a uma lei com a qual o Homem não tem verdadeira afinidade, que gera os sofrimentos insuportáveis e as inúmeras misérias da escravidão humana.

Mas, então, a escravidão não é um mal? Respondo: sob certas condições, a escravidão não é escravidão, mas sim toda a liberdade que a alma consegue compreender ou aceitar. Liberdade e escravidão são termos comparativos; exprimem apenas as condições de onde surgem. Pensamos viver em liberdade, até que uma avaliação superior das condições se inscreve no princípio da Razão; então, ao ver melhor e aspirar a mais alto, tornamo-nos insatisfeitos e respondemos à lei do “EXCELSIOR!” Suponhamos que encaro a escravidão do Sul como uma “má direção” dos direitos e liberdades humanas (como de facto considero); então, como Reformador, qual deve ser o meu verdadeiro método de atuação perante essa realidade? Com toda a minha força e misericórdia, proclamar a Lei da Liberdade que eu próprio realizo; e assim, sem recorrer a duras denúncias, procurar influenciar as causas da escravidão.

Quais são essas causas? Os criadores de escravos e os seus detentores. E o que gera esses criadores e detentores? Certas circunstâncias sociais, políticas e religiosas que, apesar de naturais àquela fase do desenvolvimento, são extremamente desfavoráveis à manifestação de formas mais elevadas de liberdade e felicidade. E na medida em que essas manifestações superiores são as únicas que me são realmente afins no meu estado de desenvolvimento, devo então trabalhar de coração para levar toda a humanidade até essas condições em que a minha alma se sente em casa e em paz.

Em tudo isto, devo agir para satisfazer a mim mesmo. Para ser verdadeiramente um Reformador eficiente e filosófico, não devo combater a escravidão como se fosse um mal — um monstro a abater — nem ver os senhores de escravos e comerciantes de

peessoas como demónios vis, ou políticos como renegados sem coração, ou ministros como apóstatas da verdade e da humanidade; antes, devo abrir-lhes um caminho melhor, com amor e sabedoria (na medida em que a minha condição mo permite alcançar e viver), e esforçar-me, através da apresentação de grandes verdades e princípios que tocam a alma, por transformar condições inferiores em circunstâncias superiores, das quais naturalmente fluirão direitos e liberdades mais elevados. Devo fazê-lo com base no princípio de que todos os homens são crentes naturais, e raciocinam instintivamente de causa para efeito.

Este raciocínio mantém-se firme em todos os níveis. No que toca a toda a lei moral, o castigo que os homens experienciam não surge de violações, mas sim da adesão a e substituição por leis às quais a mente não tem capacidade constitucional para se sujeitar com prazer ou benefício.

Aqui temos um princípio da Verdade, como se costuma dizer. Mas o que é a Verdade? De acordo com uma definição filosófica, Verdade é a coincidência absoluta entre o objetivo e o subjetivo; uma concordância entre as coisas e as ideias. Suponhamos que olho para uma árvore. Ela é o objeto; eu, o sujeito. A árvore há de causar uma impressão; eu devo ser impressionado. Esta é a lei da Verdade. Primeiro, a causa ou o objeto; segundo, o efeito ou a impressão; terceiro, o resultado ou reflexão. Se essa reflexão estiver em perfeita harmonia com a causa (o objeto da impressão), então temos a Verdade exata.

A Verdade é comparativa, ou condicional. Verdade é a relação entre as coisas tal como são; erro, a relação entre as coisas tal como não são. Aquilo a que os homens chamam Verdade, portanto, não é absoluto. Talvez consigas perceber uma região mais íntima do pensamento; uma esfera mais profunda e elevada de princípios. Se assim for, então tornar-te-ás familiar com verdades verdadeiramente absolutas e finais. Não há nada de absoluto senão objetos, impressões e reflexões; e a coincidência entre o primeiro e o último é o que se chama, comumente, “Verdade”.

Como se obtêm ideias? Pelo contacto com os objetos. Se a árvore imprime fiel e plenamente a sua forma na minha mente, e se as minhas reflexões são fiéis a essa impressão, então possuo uma verdade, ou um facto. Mas se existir qualquer desarmonia entre as minhas ideias sobre as coisas e as próprias coisas que originaram essas ideias, então tenho um erro.

Chamamos a isso um engano ou uma má interpretação. E as falsidades, dizemos nós, são desenvolvimentos voluntários da mente; mas, ainda assim, as falsidades são tão naturais a certas organizações mentais quanto as impressões e reflexões corretas o são para outras. Algumas mentes são como espelhos defeituosos; mentem-te na cara. Fazem-te parecer reto onde estás torto; e deformado onde és belo. Essas mentes são tão fiéis à sua constituição quanto outras cujo carácter e integridade nos apraz

contemplar. Sobre tudo isto devem refletir os Reformadores.

Aquilo a que chamamos “falsidades” não são absolutas, mas relativas; não existem falsidades essenciais. E talvez, em momentos de sofisticação, acabes por dizer o mesmo das chamadas “Verdades”. Trata-se apenas de uma questão de graus e de condições. Existe uma linha intermédia entre a diminuição e a exageração. Só nessa linha pode ser encontrada a coincidência absoluta entre “coisas” e “ideias”; o que o mundo denomina Verdade. O erro é o que encontramos à direita ou à esquerda, abaixo ou acima dessa linha de sólidos e superfícies. Mas quem poderá afirmar que diminuições ou exagerações são falsidades essenciais?

Estas surgem como resultado da existência de um facto ou princípio central — tal como, de ambos os lados de uma linha retilínea, se expressam todas as variedades de formas geométricas e condições matemáticas. O que é verdadeiro na ciência é igualmente verdadeiro na mente. Por isso, não apenas nego a existência do mal no mundo, como também a existência de falsidades essenciais. Objetos, impressões e reflexões são as únicas entidades dignas do título de “existências absolutas”. Verdades e falsidades são apenas variações sobre essas entidades absolutas. Consegues ver uma conclusão mais legítima?

As Mil e Uma Noites oferecem exemplos em abundância. Aí vemos palácios e lugares que nunca existiram; admiramos belezas, estremecemos perante anões, fugimos de génios horríveis, e dançamos em festas sobrenaturais com uma sensação passageira de prazer e possibilidade. Encontramos aí falsidade? Eu respondo: Não. Porque, em essência, tudo o que é mencionado é possível. Palácios são possíveis, anões são possíveis; e os génios não passam de exageros de homens comuns.

Assim, todas as religiões começaram em fatos — na mitologia, na astrologia, no espiritualismo, em interpretações erradas de males, em exageros de homens maus transformados em demónios literais, na simbolização de montanhas em chamas como infernos locais, na atribuição de causas imaginárias a efeitos visíveis, etc. — levando o Reformador a concluir que todas as religiões são naturais na ordem do seu desenvolvimento; mas que a religião natural mais elevada é a mais espiritual e benéfica para a humanidade — uma conclusão tão inevitável quanto acertada.

Assim sendo, na medida em que o “erro” se enquadra na categoria de variações a partir da linha central de coincidência entre o objetivo e o subjetivo, e não, como os religiosos acreditam e afirmam, provém de uma fonte independente de mal orgânico chamada Diabo, estamos filosoficamente autorizados a considerá-lo apenas como a CONDIÇÃO NEGATIVA DA VERDADE; como algo que surge de variações transitórias dessa linha média de harmonia; e, como Reformadores Harmónicos, o nosso trabalho deve orientar-se para informar o mundo sobre a superioridade dos níveis e manifestações mais elevados da Natureza, em relação às circunstâncias nas

quais até as raças mais civilizadas ainda se encontram profundamente envolvidas.

Do que foi afirmado, percebe-se que existe uma lei da *exageração* e uma lei da *diminuição* — um par de leis que, consideradas por si mesmas, não são menos essencialmente perfeitas do que a lei da harmonia entre realidades objetivas e subjetivas. Surge então a pergunta: estará um homem, ao proferir o que se chama uma falsidade, realmente a violar um princípio da Verdade? A resposta é, como antes, que ele substituiu, ou a lei da diminuição, ou a do exagero, pela lei central da harmonia entre coisas e ideias.

Por isso, nego que “o pecado seja a transgressão da lei” (ou, com ainda mais ênfase), que qualquer lei possa ser transgredida por qualquer poder no universo. Devido a uma variedade de causas, atuantes tanto antes como após o nascimento, milhares de organizações mentais acham muito mais fácil e natural agir segundo as leis laterais do que segundo a linha do meio; e embora tais mentes aumentem a necessidade dos movimentos de reforma harmônica, são ainda assim naturais — e não há bondade nem verdade numa religião que as denuncie como maliciosas ou premeditadamente más. Mas alguém poderá perguntar: em que consiste, então, o erro?

A resposta: consiste em traduzir, por assim dizer, para a mente humana uma lei do mundo inferior, sensorial, quadrúpede — com a qual a mente, quando nascida e cultivada num plano superior, não tem capacidade constitucional para harmonizar — nem poder para a submeter ao seu desenvolvimento progressivo em bondade, sabedoria e felicidade!

Os reformadores precisam de compreender que a GUERRA é tão natural a uma fase do desenvolvimento humano quanto a PAZ é natural a outra. O meu irmão possui o espírito da vingança. Deverei chamá-lo de demónio? Não será esse espírito natural à sua condição? A guerra não é má nem repulsiva — a não ser para o homem da paz. Quem fez o guerreiro? Quem fez o pacifista? A poligamia é natural a um estágio de desenvolvimento, tal como as laranjas o são ao Sul. Deverei eu indignar-me, e, sendo monogâmico, condenar os meus antepassados? Quem os fez? Quem me fez? Ambos surgimos da confluência de circunstâncias sociais e políticas; ambos representamos as nossas condições e os nossos educadores. A doutrina da culpa e do mérito é natural apenas a um estado mental não-filosófico.

O espírito da queixa — de atribuir “o mal” a este ou àquele estrato da sociedade — é natural. Mas é natural apenas a mentes não desenvolvidas. É uma profanação — uma espécie de ateísmo — da qual eu não gostaria de ser culpado. E todas as nossas religiões, todos os nossos esquemas de reforma que atuam neste plano superficial, carecem dos elementos verdadeiramente necessários à Reforma.

É evidente que o nascimento neste mundo, ou a saída dele; a doença e a saúde; as

tristezas e as alegrias — tudo isso é natural e sempre em harmonia com a lei. Aos reformadores cabe apenas identificar e ensinar os PRINCÍPIOS DA NATUREZA, e os seus resultados em planos superiores de crescimento; o mundo escutará tanto quanto puder, e desenvolver-se-á em conformidade. A guerra, a escravidão, o dinheiro — acabarão por entrar em conciliação com os interesses universais; todas as dissonâncias, a seu tempo, serão dominadas para o bem.

É profundamente melodioso estar em harmonia com as moscas e as flores. Os pássaros e os escaravelhos são criações puras da Natureza. Que utilidade tem que nos irriteemos ou lutemos contra ratos e mosquitos? As cidades e a tuberculose são naturais; mas há uma naturalidade superior à qual aspiramos. Partidos, classes, denominações, seitas — são naturais; mas desejamos subir a divisões mais elevadas no templo da Natureza. Não conseguimos evitar adorar quando estamos em montanhas; nos vales, olhamos para cima e aspiramos às alturas; assim, todas as coisas procuram os seus contrapartes e opostos.

“A ação divina nunca relaxa,” diz Emerson, “o cadáver ao sol converter-se-á em erva e flores; e o homem, mesmo em prostíbulos, prisões ou forcas, está a caminho de tudo quanto é bom e verdadeiro. Burns, com o humor selvagem do seu apelo ao ‘velho Nickie Ben’ —

‘Ó se tomasses juízo, e te emendasses,’ —

tem vantagem sobre o teólogo vingativo. E o reformador apressado, condenatório e dogmático não precisa de menos lição. A lição da vida é, na prática, generalizar; acreditar no que os anos e os séculos dizem contra o que as horas afirmam; resistir à usurpação dos pormenores; penetrar no seu sentido universal. As coisas parecem dizer uma coisa, mas dizem o oposto. A aparência é imoral; o resultado, moral. As coisas parecem tender para baixo, justificar o desânimo, favorecer os vigaristas, derrotar os justos; e, ainda assim, por meio de patifes e de mártires, a causa justa avança.

Apesar de os patifes vencerem em todas as lutas políticas, apesar de a sociedade parecer ser entregue, de governo em governo, de um grupo de criminosos a outro, e de o progresso da civilização parecer um cortejo de crimes, ainda assim os fins gerais acabam por ser cumpridos. Vemos acontecer eventos que parecem atrasar ou fazer recuar a civilidade dos séculos. Mas o espírito do mundo é um bom nadador, e nem as tempestades nem as ondas o conseguem afogar. Ele faz pouco caso das leis; e, ao longo da história, a Natureza parece sempre operar por meios baixos e pobres. Ao longo dos anos e dos séculos, por meio de agentes aparentemente maus, brinquedos e átomos, uma grande e benéfica tendência flui de forma irresistível.”

A filosofia da Reforma, então, está claramente exposta nos Princípios da Natureza. É

a filosofia da melhoria perpétua; de mudanças, construção e progresso. A Reforma é irmã da luz solar, das árvores, do fluxo do oceano e da maré do tempo; e crescerá naturalmente, tal como as flores brotam da terra, e as montanhas se erguem do mar. Não sairemos a combater o Erro, nem a lutar contra demónios, nem a incutir hábitos combativos nos nossos semelhantes; mas sim, a realizar o trabalho positivo da vida, a construir Templos Harmónicos do Pensamento, e a acolher o mundo, com hospitalidade, nos nossos lares felizes!

PALESTRA II

VISÕES SOBRE A MENTE HUMANA

A biografia da mente humana é interior. A Natureza nunca revela os seus mistérios mentais ao historiador externo comum. Diz-te isto e aquilo, e mal o escreveste “nas folhas vermelhas do coração da tua memória”, já ela contradiz bruscamente a tua narrativa — parecendo negar até os seus próprios fatos e fragmentos de fenómenos.

Estudiosos e historiadores recuam entre os monumentos em ruína de eras distantes, esperando arrancar à Natureza os seus segredos sobre a mente humana. Penetram nos mais remotos recantos do registo humano, percorrem os bosques e grutas do Tempo, interrogam todos os “recantos e esquinas” da primeira animação, e abrem todo sarcófago que encontram nos corredores e catacumbas da História — mas as realidades interiores da nossa raça viva, sensiente e pensante permanecem tão silenciosas quanto o sono, tão profundas quanto a morte. E por isso, mesmo quando acreditamos nos detalhes da biografia humana, instintivamente duvidamos deles — porque toda a história escrita é externa.

A história externa baseia-se em pormenores, e os pormenores são despóticos. Eles escravizam o teu julgamento; forçam-te a abandonar uma fé generosa para te renderes a um dogmatismo mesquinho. O homem dos fatos é o homem das ficções. Os fatos são aparências; e as aparências são enganosas. O crente em fatos está “cheio de provérbios e exemplos modernos”; e rapidamente desejas que ele se afaste. Os seus pormenores intermináveis tornam-se na tua memória como areia seca na costa abandonada pela maré.

Lá estão eles; mas os vestígios de uma varíola passada não são mais desprovidos de vida. Não pretendo desvalorizar ou rejeitar a necessidade e importância dos fatos; apenas rejeito toda a fé que se constrói exclusivamente sobre eles. Quem tiver gosto pela religião, pela filosofia, pela humanidade ou pelo verdadeiro génio, fugirá instintivamente à tirania dos fragmentos. Devemos adquirir os nossos bens da Natureza por atacado — ou seja, se quisermos negociar com ela tal como ela negocia connosco.

Ela dá-nos flores e campos; mas nunca nos envia um catálogo de artigos. As pedras, as tempestades e as estrelas pertencem ao mesmo sistema de Unidade Harmónica; mas se tentares amarrar esses fatos num só feixe dogmático, verás como a Natureza te devolve irresistivelmente as suas marés de diversidade. Por outro lado, se diversificares a Natureza até perderes a Unidade das coisas, ela mostrar-se-á como Sistema — tão inflexível e severa quanto a Lei da Justiça.

Se desejas desfrutar de uma cena na Natureza, sobe a uma montanha; observa com um olhar generalizador, e verás a beleza do quadro. As nuvens e as cores, os campos e os cursos de água, os ramos ondulantes e os pássaros velozes, dizem-te o que é a Natureza — mas se passares o tempo a contar as nuvens, a dissecar e classificar as cores, a nomear os cereais e a relva, a separar os pontos e a particularizar os fragmentos da cena, voltarás para casa sem uma única lei que te permita interpretar, ao teu companheiro, o sistema da criação. Todas as coisas procuram não uma descrição, mas uma interpretação.

Como recordas um amigo? Não pelo número de botões no seu casaco, nem pelo peso em quilos e gramas do seu corpo, mas pela impressão geral que ele deixou na tua compreensão. Porque evitam as crianças os livros de ciência? Porque sentem a tirania dos fatos. A ciência dos dias e das horas, dos pés e polegadas, torna tanto o tempo como o espaço enfadonhos. A mente desenvolvida foge da "esfera dos fatos" e procura repouso e renovação entre generalizações afins. Quem deseja contar os pontos no casaco de Paulo? Quem quer saber o número de polegadas quadradas da túnica sem costura? Preferimos, em vez disso, a afirmação ousada de Decker:

“O melhor dos homens Que alguma vez vestiu a terra, foi um sofredor; Um espírito suave, paciente, humilde, tranquilo; O primeiro verdadeiro cavalheiro que respirou.”

É digno de nota que a mente só consegue recordar os traços principais de qualquer coisa. O princípio da música, por exemplo, é o Comandante-em-chefe; e todos os fatos musicais — as notas, desde os oficiais superiores até ao último soldado — formam-se naturalmente em batalhões obedientes; e o poder soberano controlador, a mente, ordena-lhes que saiam em parada aberta e ação harmoniosa.

Um pássaro cansado, perseguido por caçadores, escapou, procurou uma árvore, e pensou construir ali um ninho, longe do perigo. Trabalhou, e quando o pequeno lugar de repouso parecia ser seu, voou em busca das suas crias, e ao voltar, não encontrou nada. Um momento sobre o ramo mais alto de outra árvore bastou-lhe; depois abriu as asas e voou, e com os seus filhotes, entrou no paraíso; pois, embora não soubesse, estivera a construir um lar na árvore da vida eterna, junto ao portão do Éden!

Assim também sucede com as mentes humanas que rejeitam o despotismo dos fatos. Parecem-te ilusionistas e idealistas — empoleirados no cume de sonhos sistemáticos,

ou fiando-se durante anos em velhas crônicas de experiência interior — mas estão a construir lares noutras esferas, longe das amarras das teologias dogmáticas.

Swedenborg raramente se elevava do império dos pormenores. Com que ansiedade o leitor espera um voo entre os princípios! Ele fala-te de Princípios com palavras grandiosas; e, no entanto, soam duras e secas, como blocos de chumbo no minério.

A Frenologia moderna, embora uma ciência útil, não deixa de ser um sistema de detalhes. Começa pela ciência da Experiência; e defende duas fontes de conhecimento — a saber: a observação e a experiência, ou percepção e testemunho. Ora, estas fontes são ao mesmo tempo certas e enganadoras. Trazem-te inúmeros fatos; mas os princípios ficam sempre relegados para o reino da conjectura interminável. Obténs uma coleção de fatos, todos classificados e arrumados; mas as leis reguladoras são, na melhor das hipóteses, apenas inferências.

Sente-se que um gráfico frenológico é arbitrário; a alma revolta-se contra linhas e limites. Aproximas-te dos fatos; mas quão depressa percebes o seu carácter opressivo! Os fatos de superfície são reais. Satisfazem o intelecto. Servem a lógica da percepção. Encaixam-se facilmente no domínio do conhecimento. Proporcionam repouso às mentes que se baseiam unicamente em definições e disciplina rígida. Mas existem outras fontes de conhecimento, mais profundas e elevadas, no interior da estrutura mental, que permanecem indomáveis, e não se submetem a padrões arbitrários.

A estas chamo Amor e Sabedoria. Elas abrem os mistérios interiores da mente. Elevam-se acima dos fatos, tal como tu te elevas quando deixas os vales e colinas pelas montanhas; mas nunca evitam os fatos, nem deixam de reconhecer que os fatos estão abaixo e dentro. É para te libertar da escravidão das definições locais e te trazer para os campos da Natureza que apresento os seguintes princípios da História Mental.

De acordo com o que me parece uma divisão natural da MENTE, e do seu assento no corpo, identificam-se três departamentos — cada um com funções definidas e manifestações distintas.

Convém recordar aqui que utilizo os termos “Alma”, “Espírito” e “Mente” como sinónimos — significando, em geral, a estrutura mental do homem.

A Mente Humana, vista interiormente, apresenta, em primeiro lugar, uma Fonte de Vida; em segundo lugar, uma Fonte de Princípios; e em terceiro, um Cofre de Fatos. O primeiro é o departamento do AMOR; o segundo, o da SABEDORIA; o último, o do CONHECIMENTO — como representado pelo diagrama anexo. Amor, Sabedoria e Conhecimento têm, portanto, afinidades constitucionais expressas com Vida,

Princípios e Fatos.

Este curso de palestras diz respeito quase inteiramente ao Amor — os seus direitos e os seus desvios. Por isso, daremos uma breve definição a este princípio fundamental.

O Amor é a essência parental tanto dos elementos da Sabedoria como das faculdades do Conhecimento. É inegável, penso eu, que toda a natureza do Homem, física e mental, não só assenta sobre como é também fabricada através do departamento do Amor.

O Amor é o elemento mais forte, e também o mais frágil, da nossa natureza. Mantém a cabeça inspirada, o coração a bater, as funções vitais cheias de vigor. Falo agora da ação normal do Amor. Toda a economia do ser humano flui e refluí através das afeições. Membros bem formados, peito amplo, dentes belos, traços harmoniosos, perfeição nas sensibilidades, com um cérebro bem moldado e equilibrado — tudo isso é obra legítima dessa essência do nosso ser, que todas as línguas aprenderam a chamar de ‘Amor’. A verdade disto será posteriormente demonstrada.

No hemisfério do Amor, reconheço todos os órgãos frenológicos designados por “Alimentação, Aquisição, Destruição, Combatividade, Secretismo, Habitação, Afetividade, Instinto Parental e Amatividade” — ou seja, as propensões mentais representadas por esses termos estão incluídas naquilo a que chamo o departamento do Amor. Ora, parece incorreto considerar Aquisição, Combatividade e Destruição como manifestações de Amor. Creio que estas disposições do Amor são os seus métodos normais de proteção e subsistência própria.

Um esquilo, certamente, seria cruel e falso consigo mesmo, e com os seus filhotes, se não recorresse, por Amor, à combatividade para procurar alimento, e, ao acionar a destruição e a aquisição, obter o necessário para a vida e o crescimento. O homem e os animais, na parte posterior do cérebro, são organizados de forma idêntica; mas a preeminência do Homem vê-se nas porções superiores e frontais. Quando o Amor — o princípio-gérmen e essência da Vida — ascende na árvore mental e desabrocha o departamento da Sabedoria, então começam a manifestar-se as partes mais nobres, grandiosas e divinas do carácter.

Ao afirmar que o departamento do Amor da natureza humana é o mais importante e essencial, não estou só. Combe afirma que “o órgão do Amor é o maior de todos os órgãos mentais; e, sendo dotado de atividade natural, enche a mente de emoções e sugestões, cujas manifestações exteriores podem ser controladas pelo intelecto e pelo sentimento moral, mas que não podem ser erradicadas uma vez existentes.”

Toda a questão, portanto, resume-se a isto: será mais benéfico iluminar o entendimento, de forma a dispor e capacitá-lo para controlar e dirigir esse

departamento do ser; ou, sob a influência de um erro social e da delicadeza falsa que nele assenta, permitir que o Amor vagueie em toda a ferocidade e vulgaridade de um instinto animal cego, angular e sem freios? O primeiro caminho parece-me ser o único compatível com a razão e com a moralidade.

Cada função existe para dar alegria ao seu possuidor; cada uma tem uma esfera legítima de atividade; mas todas podem ser abusadas por ignorância. E, por isso, é impossível evitar de forma constante o abuso delas — salvo se formos instruídos sobre a sua natureza, os seus objetivos e as suas relações!

O Departamento do Amor ocupa todas as porções posteriores (ou traseiras) da cabeça. O seu coração está no centro da substância cerebral. Os seus fluxos descem pela espinal medula e ramificam-se, através de condutores apropriados chamados “nervos”, por todos os elementos e essências do corpo. Se este princípio do Amor estiver localizado na espinal medula, então manifesta-se de forma animal.

Assim vemos peixes, répteis, aves, quadrúpedes e bípedes de vários tipos, com cérebros pequenos e colunas grandes. A maior e mais longa espinal medula está mais distante da condição humana — como nos peixes, saurianos e répteis gigantes. Da mesma forma, o cérebro posterior mais volumoso e inferior entre os homens é o mais afastado da pureza e da civilidade. Mas onde quer que vejas Vida, aí também vês Amor!

A vitalidade que anima um mamute e um homem é essencialmente a mesma; as suas manifestações variam consoante a posição e a relação. Existe apenas um Princípio de Vida no universo. A vida emana de uma Fonte Divina; envia inúmeros ramos, e cada organismo bebe conforme a sua capacidade. Essa capacidade é a medida do poder e o regulador da posição.

O departamento do Conhecimento ocupa as porções anteriores (ou frontais) do cérebro. A frenologia dividiu este departamento em faculdades Percetivas e Refletivas, ou Intelectuais. Ideias de tamanho, cor, peso, tempo, eventos, causas, analogias, etc., dizem-se provir do exercício desses órgãos frontais. Assim, todos os seres — animais e humanos — são conhecedores ou inteligentes na proporção da quantidade de substância cerebral depositada na testa.

Quando o cérebro é mais largo e saliente logo acima dos olhos, estendendo-se até às orelhas, a pessoa é então intelectual segundo a escala animal. Essa mente é perceptiva, não refletiva. Um cérebro com esta configuração, combinado com uma cabeça posterior volumosa e baixa, indicaria um carácter disputador, defensivo, destrutivo, impulsivo, secreto; mas também afetuoso com os amigos, amativo, afeiçoado às crianças, com sentido de lar, e construtivo. Todos os tipos primitivos da humanidade dão exemplos deste cérebro e carácter. O cérebro posterior foi o primeiro a

desenvolver-se; depois surgiu o lóbulo frontal baixo e largo; e em seguida, a testa mais espessa, como se vê pelas ilustrações anteriores.

O Departamento da Sabedoria ocupa todas as porções superiores do cérebro. A frenologia moderna localizou neste departamento os órgãos chamados benevolência, maravilhamento, idealidade, sublimidade, reverência, esperança, consciência moral, firmeza, etc., sendo este, muito apropriadamente, considerado a “região moral”. Ideias de caridade, fé, busca do interior, respeito e adoração, capacidade de perceber princípios, intuição da imortalidade, amor à justiça e força individual e autodeterminação fluem naturalmente deste departamento. Esta é a grande diferença entre os brutos e os homens.

Esta parte superior da cabeça é a coroa exclusiva do Homem. Mas sempre que o departamento da Sabedoria é elevado e desproporcional em relação aos departamentos do Amor e do Conhecimento, o carácter torna-se desequilibrado e excêntrico. Haverá génio, mas não julgamento. Surgirão sempre boas afirmações, mas acompanhadas de outras que rejeitarás por serem impulsivas, imaginativas, impraticáveis.

Os homens conhecem ainda muito pouco sobre a SABEDORIA. É muito diferente do Conhecimento. A Sabedoria é a fonte dos Princípios. O Conhecimento é o tesouro dos Fatos. O Amor é a fonte de toda a consciência e de toda a força motriz. O Conhecimento é ateu; a Sabedoria é deísta; o Amor é idolatra. O Conhecimento é o poder masculino que duvida de tudo para aprender tudo. Não acredita em nada à partida, mas segue as suas atrações e acumula provas. O Conhecimento não tem intuição, nem previsão; não tem poder de pensamento autónomo, nem capacidade de tirar conclusões sem dados ou memória de causas e experiências. O Conhecimento apenas acredita mediante demonstração absoluta — mesmo assim, não acredita: sabe. E esse “saber” é, substancialmente, a extinção de toda a crença.

A era de Isabel (Elizabeth) foi repleta de escritores fortes e firmes. Escreviam a partir da região frontal. Eram verdadeiramente ingleses; sem afetação ou artifício; ousados, vigorosos, independentes, conhecedores. Eram eruditos, mas não sábios — salvo em raros momentos. Não acreditavam em nada. Seguiam a experiência e a observação. As causas e efeitos eram para eles realidades encantadoras. A alegria infinita do génio era apenas êxtase poético. Por vezes, criam; e nesses momentos faziam grandes declarações, que a experiência de inúmeros séculos continuará a confirmar.

Estas mentes eram inglesas até à medula. As maiores realizações do mero conhecimento foram renunciadas nas suas obras. Muitos olhavam para fora, estudando a Natureza; depois,

invertem parcialmente o processo investigativo, e encontravam em si próprios tanto a natureza como a verdade. Sempre que o faziam, eram sábios; e apenas os seus ditos sábios os livrarão do esquecimento; porque os Fatos, ou produtos do Conhecimento, são mutáveis e efémeros, e nunca se repetem da mesma forma.

Estadistas, guerreiros, governantes, juristas, clérigos, estudiosos, poetas e filósofos exteriores distinguiram a era isabelina — Raleigh, Drake, Coke, Hooker, Shakespeare, Spenser, Sidney, Bacon, Jonson, Beaumont, Fletcher, e, em tom mais leve e com outra relação, vemos Lyly, Marlowe, Heywood, Marston, Decker, e outros — em todos os quais o mesmo impulso forte, ousado, amante do facto fluía e ainda flui, sem recuar no centro da maré, como um rio cristalino que se lança em mares imortais. Estas mentes mostram-nos o que é ter cérebro, à frente e atrás, em equilíbrio — departamentos bem equilibrados de Amor e Conhecimento. Mas... eram sábios?

Mas quem poderá descrever a Sabedoria? Foi Voltaire um homem sábio? Era, sem dúvida, erudito; conhecedor da história, estatísticas, crítica, formas, resultados e causas desses resultados — superior. Mas era sábio? Lê Voltaire com as tuas faculdades frontais, mede o seu Conhecimento com o teu, e verás ao teu lado um gigante. E se quiseses olhar sobre um vasto campo histórico, terás de subir aos seus ombros e ver com a sua visão.

A iluminação está na sua testa; nenhum brilho de Sabedoria cintila acima dela! Não era um génio, mas um descobridor. Não acreditava em nada; repousava sobre o mobiliário do conhecimento; e, nesse aspeto, nenhum palácio humano foi jamais tão ricamente mobiliado. Voltaire, então, é comparável a uma grande montanha cujo sopé é quente, verdejante e banhado pelo sol, enquanto o seu cume permanece envolto em nuvens escuras, gélidas, cheias de granizo e neve.

A Sabedoria é difícil de descrever; é Razão pura: um Princípio impessoal e omnipresente, manifestado na parte superior da cabeça. As faculdades do Conhecimento fazem o trabalho; o seu melhor exercício chamamos de raciocínio; e as deduções lógicas são os seus resultados. Mas a Sabedoria é tão superior ao Conhecimento como a Razão é superior ao raciocínio. O Amor é consciência sem olhos; a Sabedoria é consciência aperfeiçoada, dotada de visão. O sábio está acima dos Fatos e da Experiência.

Talvez deva dizer que existe uma esfera na Mente humana tão superior ao raciocínio comum como este é superior aos impulsos e faculdades percetivas do homem. A Sabedoria tem direito ao trono, à coroa, ao palácio da alma. Disse que a sabedoria, como produto do topo do cérebro, é deísta. Com isso quero dizer que a Sabedoria é o deus dentro do homem que reconhece Deus fora dele. É a faculdade crente; mas acredita por intuição. O Conhecimento baseia-se nos Fatos, que não permitem

crença; mas a Sabedoria baseia-se em Princípios — o que é fé pura. Se acreditas com base em provas, então não acreditas, mas sabes. Se esperas com base num sentimento, então não esperas verdadeiramente, apenas antevês. Mas se acreditas nas intuições da sabedoria, então sentes o Deus da Natureza; sentes que a Verdade é omnipresente e eterna; que a tua confiança é como a de uma criança — e também como a de um homem — imutável e em harmonia com o Espírito do Universo.

Mas o raciocínio é tido como o caminho certo para o verdadeiro conhecimento; talvez seja, mais propriamente, o trilho em espiral que conduz ao paraíso mental.

É difícil dizer o que é a Sabedoria, pois ela só é compreensível por si mesma. Para uma plebeia como o conhecimento, ela é incomensurável. A Sabedoria é uma faculdade real e aristocrática, que apenas dialoga com os seus iguais. O Conhecimento traça linhas e limites; fixa definições e distinções; é matemático, mede e sonda tudo; é robusto e despótico; firma-se solidamente nas rochas do pensamento; nunca é fantasioso nem humilde; é direto, inflexível, absoluto e orgulhoso; pensa sem sentir; toma o caminho do meio entre a diminuição e o exagero; despreza toda a poesia e rejeita todas as preces.

Mas “Sabedoria”, “Intuição” e “Razão Pura” são palavras que significam o mesmo; títulos distintos de um mesmo Rei. A Sabedoria é a parte mais divina da mente — isto é, a mais próxima das condições divinas. É o Imperador, diante do qual se ajoelham o Amor e o Conhecimento. O Conhecimento traz-lhe os seus frutos; depois o Amor chega com os seus anjos e celebra a missa.

No departamento da Sabedoria, encontramos o santuário espiritual; é aqui que nos ajoelhamos e oramos; aqui adoramos e veneramos. É aqui que subimos ao monte do Senhor; onde temos um “banquete de Razão e um fluir de alma”. Se falas com anjos plenos de princípio, fá-lo através da sabedoria; toda a outra forma de relação é sensorial e experimental — cheia de pormenores, e torna-se tão dogmática e insuportável como os cataplasmas de enxofre da teologia popular.

Foi a Sabedoria que proferiu estas palavras: “Algumas mentes são incapazes de ceticismo... Uma vez admitidas no céu do pensamento, não conhecem regresso à noite, mas sim convite infinito do outro lado. Céu dentro de céu, e céu sobre céu, e elas estão cercadas de divindades. Outras há (os discípulos do Conhecimento) para quem o céu é de bronze, e fecha-se à superfície da terra.” Eu diria que a Sabedoria é o único verdadeiro Salvador do homem! Eleva-o acima das bestas e da barbárie, abre-lhe uma saída do egoísmo, e identifica a alma com o Espiritual e o Infinito.

O que é que mantém vivas as palavras dos antigos filósofos e espiritualistas? Pitágoras, Sócrates e Platão — enquanto essas mentes percorrem caminhos mais altos e pensam pensamentos mais elevados, como fazem ainda hoje — porque

continuam os melhores estudiosos da Terra a admirá-los e a refletir sobre o seu legado? Quem ultrapassou os ensinamentos de Fourier? Ou os ditos simples e sábios de Jesus? Sempre que Jesus, Sócrates, Platão ou Fourier falam a partir do departamento do Conhecimento — de fatos, dados, história, aritmética, causa e efeito entre os aspetos externos do mundo — quão rapidamente as almas cultivadas do mundo ultrapassam e desacreditam as suas pretensões! A sua sabedoria é de imediato posta em causa, pois passa a ser questionável.

Mas sempre que essas mentes falam a partir do topo da cabeça, ninguém se sente superior a elas; cada uma fala então como “alguém com autoridade”. Sobre Sócrates, temos o testemunho de muitos. Alcibíades descreve-o com serenidade: “Está sempre a falar de grandes asnos de mercado, e fundidores de bronze, e curtidores de couro — e este é o seu hábito constante, de modo que qualquer pessoa distraída ou superficial pode facilmente rir-se dos seus discursos... Mas não sei se algum de vós alguma vez viu as imagens divinas que estão dentro dele, quando se abre e se torna sério. Eu vi-as, e são supremamente belas, douradas, divinas e maravilhosas — e tudo o que Sócrates manda, deve seguramente ser obedecido, tal como a voz de um Deus.”

Aqui temos um exemplo de sabedoria. Não é lógica; não é coerciva. O argumento é o trabalho doméstico da mente. A Sabedoria nunca argumenta; declara princípios e oferece métodos. Acredita que nada se pode ensinar — tudo pode ser desenvolvido.

As Bíblias do mundo são imortais apenas onde e quando representam a marca da Sabedoria; todas as porções de Conhecimento e partes históricas cairão em desuso. O uso é a serva do Conhecimento; o princípio, meio e fim das faculdades do raciocínio. Daí o quão inapto é um homem apenas sábio para os negócios; mas não menos inapto é o homem de negócios para a sabedoria. Por isso riem-se e criticam-se mutuamente. O homem de pesos e medidas troça do homem de pensamentos e princípios. E o resultado é que se separam no caminho, cada um seguindo as suas atrações — e assim, as classes e os grupos são naturais: um direito inato que todos deviam conceder a todos, sem alimentar preconceitos ou descer à denúncia.

Job foi sábio quando disse — “os grandes homens nem sempre são sábios.” David reconheceu a verdade ao afirmar: “Aquele que anda com os sábios será sábio.” Há poucos trechos na poesia oriental tão impressionantes como o elogio de Salomão à sabedoria:

“Feliz é o homem que encontra a Sabedoria... pois o seu lucro é melhor que o da prata, e os seus ganhos mais que o ouro refinado. Ela é mais preciosa do que rubis; e tudo o que possas desejar não se compara a ela. Longura de dias está na sua mão direita; na esquerda, riquezas e honra. Os seus caminhos são caminhos de delícias, e todas as suas veredas são paz. Ela é árvore da Vida [ou do Amor] para os que a abraçam... não a abandones, e ela te guardará; ama-a, e ela te protegerá. A Sabedoria

é a coisa principal: portanto, adquiere a Sabedoria! Exalta-a, e ela te exaltará: ela te trará honra, quando a abraçares: dará à tua cabeça um ornamento de graça: uma coroa de glória entregará a ti.”

Salomão não era frenologista, nem organizador de fatos; mas muitas das suas palavras resistirão à prova dos séculos, porque, simplesmente, são expressões da Sabedoria — superiores a todos os dogmas da experiência sensorial e da observação. Os ditos da Sabedoria não entram em sociedade vulgar; não vêm com lógica, nem com argumentação, nem com conhecimento mundano sobre moinhos a vapor e preços do mercado; mas vêm diretamente do Coração da alma — termo aqui usado para significar Amor e Sabedoria harmoniosamente combinados e focados.

Quanto à mulher, algo deve ser dito. Já se afirmou que “a percepção da mulher é rápida como um raio.” Com um olhar, por assim dizer, ela tira uma conclusão profunda e justa. A sua penetração é intuição da Sabedoria — é Razão Pura, sem processo. Pergunta-lhe como chegou a tal conclusão, e ela não saberá responder. “Porque sim”, é a resposta espontânea de mulheres e crianças. Isto não implica fraqueza de alma, mas pouco Conhecimento.

“Um filósofo deduz inferências; e elas estarão certas; mas chega ao topo da escada lentamente, degrau a degrau, através do conhecimento; mas ela chega ao cimo da escada também — e antes dele; mas se voou até lá, nem ela própria sabe.”

Enquanto a mulher confia na sua intuição, nas suas primeiras impressões, raramente se engana; mas, tal como o homem, erra com frequência quando começa a confiar unicamente no processo lógico. A lógica ou o raciocínio é, muitas vezes, a estrada larga que contorna, em ambos os lados, a Razão Pura — e raramente conduz o viajante diretamente ao Império da Sabedoria.

Pensemos num Princípio: onde houver Vida, há Amor; e onde houver Amor, há Atração. Vida e Amor são universais; portanto, a atração é universal.

Atração é o nome da manifestação de uma Lei. Mas, como os efeitos correspondem e representam a essência das suas causas, estamos justificados em identificar a Lei com a sua manifestação; e assim, daqui em diante, podemos usar o termo “atração” como a expressão mais legítima e mais eloquente da nossa língua — significando, ao mesmo tempo, uma Lei e os seus Efeitos no mundo.

Agora, ao afirmar a universalidade da Lei da Atração, não desejo limitar o pensamento por mares ou costas — nem por uma bola de granito com vinte e cinco mil milhas de circunferência, coberta de vida; prefiro emprestar asas à tua Sabedoria, para que possa elevar-se acima das formas e limitações, rumo ao império infinito do ser eterno.

O Conhecimento, bem sei, recusará vigorosamente o convite. Rejeita com dogmatismo todas as abstrações, e firma os seus pés de modo tão inamovível nas partes sólidas da terra firme, que seria de desanimar a ideia da sua companhia. Nada há de ideal no conhecimento. Ele olha diretamente para a frente; e vê apenas em linhas horizontais. É terrestre; percebe os objetos com as suas causas imediatas. É a sabedoria dos animais, e compõe-se, como eles, de matéria mutável e perecível.

Além disso, o Conhecimento não possui poderes de locomoção próprios; e não pode acompanhar a Sabedoria no império dos Princípios. Ele diz como construir locomotivas e, quando motivado e energizado pelo Amor Parental (o amor pela procriação ou pela produção), põe mãos à obra e constrói-as; mas depois, tem de entrar nelas e seguir viagem — pois, embora versado na classificação científica de Fatos e Coisas, não adquire nenhum poder de animação própria, nenhuma energia dinâmica que lhe seja própria.

O mecânico científico trabalha a partir dos hábitos do conhecimento. Vê trabalho a fazer; em seguida, o material sobre o qual trabalhar; depois, as ferramentas com que trabalhar; a seguir, um objetivo no trabalho; e finalmente, um trabalhador em si mesmo — e assim mostra-se um homem inteligente. Mas a Sabedoria encontra pouca ocupação em tudo isto. Por isso, nesta era laboral e de descobertas, a faculdade superior é raramente utilizada. E, não fosse o advento das “Manifestações Espirituais”, talvez já estivéssemos, como a Igreja Cristã, perdidos numa magnificente exteriorização e em conhecimentos sensoriais inumeráveis.

A exteriorização do raciocínio sensorial culminou recentemente em França. A “Filosofia Positiva” de Auguste Comte, traduzida pela inteligente e humanitária Harriet Martineau, é o último dogma do Conhecimento. É um protesto imperioso; uma rejeição orgulhosa; uma afirmação dogmática do campo inteiro da Verdade, pelo Conhecimento. Não acredita em nada; mas sabe — não no sentido profundo que a Sabedoria confere. Aquilo que não é conhecível (através da experiência, observação, percepção ou testemunho) simplesmente não existe. Mente e matéria são iguais e traduzem-se mutuamente. Os efeitos têm causas. Estas causas são não só descobríveis, como demonstráveis; caso contrário, estão para além da compreensão humana — o que equivale a dizer que não existem.

O Conhecimento, portanto, rejeita tudo o que é espiritual e suprassensorial. Causas metafísicas ou sobrenaturais para efeitos visíveis são ignoradas de forma determinada e intransigente. Talvez, a este método e conclusão, a Razão Pura (ou Sabedoria bem desenvolvida) possa, em muitos aspetos, anuir. Mas atrelá-la — a livre e nobre Sabedoria — a um comboio de bagagens, só porque as bagagens podem ser vistas e tocadas, pesadas e medidas, é fechar as portas de um calabouço de Fatos isolados e fragmentários contra o voo da Alma superior entre os Princípios — que são os únicos

capazes de abraçar e explicar todos os fenómenos externos.

Os fatos podem provar tudo — exceto um Princípio. Talvez não deva afirmar isto de modo absoluto sobre os fatos, mas sim sobre o uso humano que deles se faz.

Os políticos conseguem provar, com fatos, que o Livre Comércio é a melhor política para o país; e conseguem, com igual facilidade, provar o contrário. Conseguem provar que formas de governo totalmente opostas são ambas eficazes para a proteção e prosperidade de um povo.

Na verdade, é esta propensão intrometida dos políticos — esta dependência de políticas, expedientes e fatos que oscilam de forma caprichosa, ano após ano, entre conclusões opostas — que gera tanta discórdia nos partidos. Vemo-los todos como muito instruídos, mas não sábios; cheios de fatos e de políticas baseadas em precedentes decadentes; sem a opulência dos princípios.

Entre os chamados homens da ciência (os homens da experiência e da classificação), a batalha dos fatos é tanto sanguinária como interminável. Estão constantemente em confronto quanto ao significado de certas experiências e observações. Só quando se estabelecem sobre um Princípio é que os fatos passam a apontar de forma amigável e significativa numa direção harmoniosa. E pode dizer-se, com verdade, que entre os clérigos, a batalha dos Textos (ou fatos) não é menos fatal à percepção e à afirmação dos Princípios. Recebemos deles comentários — não Verdades.

No mundo médico, podem encontrar-se fatos indubitáveis a confirmar ou invalidar todas as teorias médicas existentes. Médicos podem provar, com fatos, que certas formas e quantidades de álcool são benéficas para o ser humano em determinadas condições — e também podem provar o oposto. Podem provar que a Cólera é epidémica — e também que não é. Que o calomelano tem eficácia sanitária em certas doenças — e que é sempre prejudicial à saúde física. Os tomsonianos podem provar que a alopatia é inimiga da saúde; e os alopatas utilizam os mesmos fatos para provar o contrário.

A homeopatia demonstra, com fatos, que doses infinitesimais são as únicas compatíveis com as forças vitais e eficazes no tratamento das doenças; e a alopatia pode, com igual facilidade, provar o oposto. Os médicos partidários dos tratamentos “heroicos” conseguem provar, com fatos, que sangrias, ventosas e outros métodos agressivos são o caminho certo para curar desordens orgânicas e agudas; enquanto médicos humanitários provam, também com fatos, que tais práticas são tão pouco favoráveis à saúde do corpo quanto as aplicações espirituais da teologia antiga o são à harmonia mental.

O cronothermalismo pode provar, com inúmeros fatos, que todos os sistemas médicos

estão quase igualmente certos e errados; e a hidroterapia pode, com uma não menos impressionante coleção de fatos, provar o carácter antinatural de todos os sistemas — exceto o seu. Já o partido do “Não Fazer Nada” consegue apresentar fatos que provam, em todos os casos de morte por doença, um álibi — lançando assim descrédito até sobre o uso medicinal da água fria. Mas o Ecletismo é cordial e generoso para com todos os sistemas, pois com fatos consegue provar que todos trazem algum bem médico; e assim, seleciona de forma condescendente elementos de cada estojo — mas os mesmos fatos nunca aparecem duas vezes com o mesmo aspeto.

E assim acontece com cada Credo no mundo teológico — todos são passíveis de ser erguidos e destruídos — construídos e derrubados — com base nos fatos profanos e eclesiásticos da história. Um grupo pode provar que Moisés viveu, em estrita concordância com a cronologia e narrativa bíblica; outro, que ele não viveu, ou que, se viveu, os cinco primeiros livros da Bíblia foram escritos por outro autor.

Uns provam que os quatro evangelhos foram escritos pelos quatro evangelistas; outros, que o de Marcos foi o primeiro, o de Lucas uma cópia posterior, e o de Mateus uma compilação de ambos — e que o evangelho de João não foi escrito por ele, mas por um discípulo afetuoso, para os catecúmenos da Igreja de Éfeso.

Uns provam que a Bíblia é um livro de origem espiritual; outros, que é apenas uma moralização dos fatos literais da astrologia: uma espécie de religião solar e culto simbólico. Ambos os grupos, note-se, baseiam-se em fatos — ou melhor, na aparência deles.

A ortodoxia prova, com fatos, que o universalismo moderno é doutrina do Diabo, e foi primeiramente pregada por Sua Satanidade no Jardim do Éden; mas os universalistas apresentam fatos irrefutáveis a provar que o Diabo é um mito e que, tal como o jardim, nunca existiu senão na mitologia oriental. Um comentador prova que Eva foi tentada por uma serpente literal; outro, que a serpente era um babuíno. Uns acham que os fatos indicam que esse babuíno se assemelhava a um “dândi” moderno; outros, que um dândi moderno se parece com o babuíno; e outros ainda, que toda a mulher que ouve e cede a propostas indecentes se assemelha à jovem inexperiente dos caminhos do Éden oriental.

Um grupo prova que Jesus foi o verdadeiro filho de Deus; outro traz fatos surpreendentes a provar que tal pessoa nunca existiu. Uns dizem que Jesus foi sempre misericordioso com todos os homens; outros provam que ele foi intolerante para com os escribas e fariseus — esquecendo, talvez, que todas as classes da sociedade são efeitos de inúmeras condições, muitas das quais além do controlo individual. Os batistas provam, com fatos, que a imersão total é a verdadeira forma de batismo; enquanto a “Associação da Aspersão” apresenta fatos que demonstram

que o banho por imersão é flagrantemente anti-escritural.

Uns provam que a doutrina da presciência e da predestinação é bíblica e divina; outros, que a verdadeira religião é democrática, pertence ao povo, e permite a cada um obter o favor eterno do céu pela Fé e pelas Obras.

Os exemplos são praticamente infinitos, ilustrando a imperfeição do Conhecimento meramente externo — a faculdade da testa que vê fatos e coisas, mas não Verdades e Princípios. Contudo, que se entenda: não estou a depreciar o conhecimento em si, mas a opor-me ao costume de lhe dar primazia na estrutura mental.

Ao afirmar a universalidade da Lei da Atração, limito-me a apelar ao departamento superior da mente. Lá, em redor do trono deste Rei coroado, esta proposição encontrará os seus semelhantes e congêneres. A Sabedoria, e todos os seus embaixadores, responderão e acolhê-la-ão — ainda que o Conhecimento fique perplexo, sem afirmar nem negar, apenas à procura de fatos exteriores a partir dos quais deduzir conclusões. E é por isso que o Conhecimento nunca te leva mar adentro no oceano do Pensamento; mas avança tateando ao longo da costa — tremendo e orgulhoso ao mesmo tempo; advertindo-te sempre a permanecer dentro do círculo da experiência exterior, dos fatos bem verificados e da observação sensorial.

Mas a Sabedoria, sempre acima da clarividência e sempre auto-iluminada, abre as asas e voa da terra ao céu — contempla os Universos ascendentes; cada um conduzindo ao outro, apoiando-o, interpretando-o e desdobrando-o — e regressa carregada de alegres novas de Princípios Eternos, séculos à frente de toda a observação externa positiva — sim, posso mesmo acrescentar, centenas de séculos antes das demonstrações da ciência experimental, e superior a todos os testes comuns das chamadas realidades. Remeto-te primeiro aos princípios; e daí, ao exercício das tuas faculdades de Sabedoria. Começamos pelo Interior, tal como crescem as árvores e se desenvolvem as almas; não pelo Exterior, pois nada entra assim na vida.

Pela Sabedoria é primeiro vislumbrado um Princípio; depois o Conhecimento encadeia todos os fatos cognoscíveis sobre essa Lei; e então, a alma, ao desenvolver os seus elementos, deleita-se e evolui com eles, tal como uma devota católica encanta o seu coração com o rosário. As contas no fio condutor correspondem aos fatos que o Conhecimento enfia sobre os princípios da Sabedoria. E o Filósofo Interior buscará o Santuário da Sabedoria — adorará em espírito e em Verdade. Assim como o mercador é reverente perante a estrela polar do marinheiro, e o lavrador regula as suas épocas de sementeira e ceifa pelo sol, assim o homem sábio permanece em atitude de adoração perante o Deus interior — mais firme quando as tristezas se adensam, vendo um arco-íris quando a tempestade aumenta, e reconhecendo não só a verdade de que “todos são apenas partes de um todo estupendo”, mas também que “tudo o que é, é o que deve ser”.

Julgo que me compreenderás: não hesito em defrontar qualquer classe de fatos — não tenho receio de “olhar os fatos de frente”, nem recuso conviver com eles — pois encaro-os como boas e necessárias pedras de apoio para chegar a justas conclusões exteriores. Compreenderás que afirmo, sem reservas, que os fatos são valiosos e significativos, e que o seu verdadeiro significado intrínseco só pode ser determinado depois de a mente se ter entronizado na própria essência dos Princípios Eternos. Mais ainda, que tais princípios só são perceptíveis através do departamento da Sabedoria, ao qual pertencem por natureza; e que o Conhecimento deve ser eternamente buscado, acumulado e difundido entre os homens, por ser substancialmente subordinado a esta faculdade da Razão Pura, assim como a lua é secundária em relação ao sol.

Tenho algumas impressões sobre as causas das desigualdades mentais no ser humano.

A questão das qualidades e das quantidades, na essência e na substância, nunca nos abandonará. Está presente em todo o nosso convívio com o próximo. Nenhuma sombra acompanha mais fielmente o homem ao sol ou à luz da lua do que esta interrogação — por vezes indelicada — sobre uma diferença radical nas almas dos homens. Terá o mesmo Deus criado todos? Terá cada um a mesma quantidade do mesmo Deus dentro de si? Esta pergunta entra, muitas vezes, sem civilidade ou cortesia; torna-se hóspede do Intelecto, sem convite nem anúncio.

Mas talvez, no fim de contas, esta não seja a sombra vazia de um problema fútil e fantasioso. Quem sabe se não será uma questão da própria Natureza? Tal é a minha impressão. Com que intuição percebemos uma diferença absoluta entre os seres humanos! Dois homens podem estar vestidos de igual modo, ter boas maneiras, e ser filhos dos mesmos pais. Um será rico na essência da vida, cuja própria atmosfera aromática é nutritiva. O outro será essencialmente deficiente; uma pobreza vital perpassa-lhe todo o ser. Um é uma alma genuína; o outro, uma imitação.

Qual é a causa? Está a origem dessa diferença na parte essencial ou superficial da mente?

Tenho uma resposta. Cada alma humana é idêntica no gérmen. Não existe diferença essencial entre os homens. A mesma essência de alma e de vida entra em todos. O asteca e o americano, o árabe e o anglo-saxão, o hotentote e o escocês, assentam sobre a mesma base espiritual. Cada ser humano é humano por inteiro; e idêntico em todas as qualidades essenciais do gérmen.

Mas existem duas causas de desigualdade. A primeira: o Temperamento. Diferentes combinações e misturas de qualidades e propriedades dão origem às variedades. Diferenças de forma, tamanho, compleição, aspeto, hábitos, atrações, etc., resultam de temperamentos distintos — o que significa arranjos diferentes das mesmas

qualidades e propriedades da vida espiritual.

A segunda: deficiência essencial. Esta é a principal causa das desigualdades entre os homens. Um nasce com abundância de alma; outro, com carência nessa mesma dimensão. Alguns parecem nascer em riqueza e luxo espirituais; outros, com meios escassos de subsistência. Será a Natureza parcial? Embora estas diferenças possam ser rastreadas até às condições hereditárias, ainda assim, a riqueza ou a pobreza física não alteram o facto radical — exceto, talvez, como influências posteriores, “para melhor ou para pior”.

Pois, mesmo tendo nascido em circunstâncias externas extremamente baixas e opressivas, certas naturezas revelam uma “nobreza inata” de espírito, repleta de qualificações raras e proporções belas. E quando os vês, admiras; quando te sentas ao lado deles, sentes uma grande, plena, abundante, presença vitalizante! Bebes livremente dessa presença, sem te sentires diminuído. Como diz o povo, “há homens com alma de anjo, e outros que parecem ter o demónio dentro.” Assim sentem as pessoas em relação ao “homem mesquinho”, cujos atos são como palhas ao vento, indicando a direção da corrente — e o mundo julga intuitivamente a árvore pelos seus frutos.

Pois afirmo que há, nesses casos, uma deficiência radical de substância. É espiritualmente pobre. “Bem-aventurados os pobres de espírito” é uma expressão muito apócrifa. Um espírito assim não emana nada de encantador nem de vitalizante; nada recebes dele; antes, sentes-te chamado a fazer uma doação benevolente do teu próprio tesouro espiritual. Dás-lhe um pensamento, a tua simpatia, e segues em busca de melhor companhia.

Como se explica isto? Explico afirmando uma deficiência na quantidade das essências espirituais. Todas as almas, diria eu, começam com qualidades idênticas, mas não com quantidades idênticas do princípio vital humano. Todas as naturezas, em geral, são organizadas de modo semelhante; há uma correspondência em tudo. Por isso, entre todos os homens — da América à China, da Nova Zembla à Patagónia — observamos uma manifestação geral dos laços comuns do Amor fraternal: uma irmandade de vida que atravessa todas as naturezas e nações, embora muitas vezes interrompida pela Ignorância e tristemente pervertida pelo despotismo. Esta simpatia baseia-se na identidade paralela da essência vital humana — uma atração universal do “semelhante pelo semelhante”, como fontes e rios que correm para o mesmo mar e para o mesmo nível.

Mas afirmo que não existe a mesma quantidade de substância vital, de materialidade espiritual, em todos os indivíduos.

Todos são iguais nas qualidades da essência germinal — geralmente iguais, também,

no plano e no propósito — mas desiguais na quantidade de princípios espirituais com os quais se constrói e se forma o templo do ser mental. Ou, para ilustrar, poderia dizer que todos os homens começam com prata e ouro, mas não com a mesma quantidade. Todos herdaram fortunas e infortúnios — ou benefícios e penalidades — que acabam por se manifestar, como beleza ou chagas, à superfície. Todos os homens começam com os mesmos princípios da existência humana — com os elementos de Movimento, Vida, Sensação e Inteligência — ou com Amor, Conhecimento e Sabedoria — mas a proporção desses elementos varia tanto quanto os diferentes tipos de homem.

Não vejo que esta deficiência de espiritualidade em certas naturezas possa ser determinada por qualquer padrão físico. Uma estrutura grande ou pequena, uma estatura alta ou baixa, não indicam uma mente grandiosa ou diminuta. O padrão de medida, tal como a substância a medir, é totalmente espiritual.

Os efeitos indicam invariavelmente as causas; há uma correspondência entre ambos. Por isso, de grandes almas — mesmo em corpos pequenos — nunca se deve esperar manifestações pequenas; e o inverso é igualmente verdadeiro. E nego que tudo se reduza a uma questão de temperamento, educação ou circunstância. A causa é inerente e essencial. Ou há uma deficiência radical nos elementos da vida; ou então, há uma plenitude e provisão apropriada. A Natureza não comete erros, e o excesso de vida espiritual é impossível. Seria como acusar um homem de ter “demasiado Deus dentro de si”. No entanto, desproporções ou incompatibilidades na disposição das faculdades são algo comum. A isso chamo “extremismos” e “inversões” de forças essencialmente boas.

Quem tomaremos como exemplo? O bom velho SÓCRATES. Ele surgiu, como tudo surge, no momento certo. Os sofistas — uma escola de filósofos eruditos que estudavam a arte de transferir o Pensamento para a Expressão — haviam progredido bastante na Grécia. Através de uma espécie de malabarismo intelectual — um jogo superficial de palavras e réplicas — tinham desestabilizado toda a filosofia baseada na afirmação da Verdade Absoluta como princípio abstrato. Os sofistas possuíam muito Conhecimento, estavam bem versados nos aspetos exteriores do Pensamento; mas em Sabedoria e Princípios eram extraordinariamente deficientes.

Ensinavam que não existiam Leis como o Certo e o Errado na Natureza, apenas convenções ou costumes sociais. Sugeriam que aquilo que parece justo e honroso a cada indivíduo, assim o é, enquanto tal convicção for honestamente mantida. Mediam o carácter individual por padrões igualmente individuais de certo e errado; e, não vendo nenhuma lei natural fixa de harmonia e justiça, negavam a existência de qualquer princípio absoluto de verdade. Sobre a verdade e a justiça afirmavam o mesmo que o bispo Berkeley dizia sobre os objetos do mundo exterior — que não

são absolutos nem reais, mas criações ideais ou representações difusas de pensamentos.

Na verdade, os Sofistas estavam perfeitamente corretos no domínio do Conhecimento. Conheciam bem os Fatos e as Coisas; por isso, eram orgulhosos, despóticos e críticos. Mas dos Princípios e Divindades da Sabedoria eram quase totalmente ignorantes; por isso, os discursos de Sócrates pareciam-lhes meros meteoros da imaginação. A Luz da Sabedoria brilhou nas trevas do Conhecimento, mas as trevas não a compreenderam. Os Sofistas haviam exercido a sua influência sobretudo através da Disputa engenhosa e da Oratória brilhante. Mas eis que surge um homem simples, de origem obscura — um oponente inquebrantável da razão sofística — e pisa o palco. Como era ele tão forte? Porque —

Sócrates tinha a substância espiritual em si. Era uma força individual e afirmava um Princípio de Verdade Absoluta. Isso era uma Revelação direta do concílio da Sabedoria. Mas, quanto ao Conhecimento — único reduto dos Sofistas — Sócrates afirmava saber apenas uma coisa: que nada sabia! E assim varria toda a argumentação exterior do seu caminho. Descrevem-no como “rude e desajeitado em todos os seus movimentos; nos seus hábitos, diferente de todos os cidadãos respeitáveis.” A sua aparência, portanto, era extremamente desfavorável. Era completamente grego.

Foi frequentemente mal interpretado — e continua a sê-lo. Era lúdico, sutil, irônico, e posicionava-se contra todos os pretensiosos do saber. A reação à escola sofística vê-se no seu método. Mas a melhor revelação de Sócrates é Platão. As coisas e as almas avançam assim: e podemos dizer com verdade que, se não houvesse Sofistas, não teria havido Sócrates; pois, tal como n’Ele os vemos, assim também vemos, em toda a grandeza de Platão, a sabedoria daquele que morreu na prisão.

Reivindico então Sócrates como nosso exemplo. Era fisicamente desfavorecido; mas “quando esse silêncio falava, havia um encanto na sua voz que fascinava os que antes se tinham sentido repugnados pela sua aparência.” Alcibiades dizia que os seus discursos “tinham um significado profundo e persuasivo, eram verdadeiramente divinos, e apresentavam à mente imagens inumeráveis de toda a excelência.”

Eis aqui o que queria demonstrar: a emanção de uma natureza espiritualmente rica, a abundância de substância. Sem o prestígio de uma linhagem nobre, sem as formalidades da educação, ele possuía “a raiz da verdade” em si; e, manifestamente, também muito da superestrutura.

Se for aceite, então, que as almas crescem por acumulação, que aumentam a sua fortuna hereditária espiritual adicionando mais substância, a questão do verdadeiro método torna-se importante. Deixo-vos as minhas impressões.

Os seres humanos, tal como as árvores, crescem a partir e sobre o solo. A Terra, como mãe sábia, fornece o gérmen. Refiro-me agora ao método original: pois hoje, homens e árvores propagam-se a si mesmos, e, embora a Terra continue a supervisionar o processo, o método está aprimorado. Tal como as árvores, as almas atraem e assimilam para si qualidades de substância afim, dos organismos e da atmosfera da Natureza universal. Repara que as árvores absorvem vitalidade e substâncias da terra e do ar, que são geradas e emanadas de todos os planetas no espaço. E assim vês grandes árvores gigantescas a erguerem-se — acrescentando toneladas de substância, ramos e folhas — sem em nada diminuir o tamanho ou peso do solo, que tão belamente refinam, refrescam e adornam!

Assim também com as almas humanas. As mentes absorvem vitalidade e substâncias em geral da atmosfera, que é gerada e projetada por todas as esferas espirituais. Compreenderás, portanto, que há uma atmosfera espiritual dentro da atmosfera material. A alma alimenta-se de uma; o corpo da outra; até que, por um processo de refinamento, ambas se fundem numa SÓ — e assim o espírito aumenta em substância. E tal como vês as árvores crescerem sem diminuir a terra, assim também vês as almas multiplicarem-se e erguerem-se — trazendo ao mundo novos pensamentos e princípios — sem esgotar a FONTE espiritual a que correspondem e que representam.

Lembra-te da analogia exata: as árvores crescem ao atrair e assimilar a atmosfera terrestre emanada dos planetas; e as almas crescem, de modo correspondente, ao atrair e assimilar a atmosfera celeste emanada de todas as esferas.

Por isso, as mentes humanas, tal como as árvores, crescem belas e grandes — ou, por vezes, pequenas e deformadas — de acordo com a sua origem e com a sua situação posterior.

Mentes com igual quantidade de vida espiritual, embora de temperamentos distintos, tenderão a associar-se entre si. Tal como existem centenas de tipos diferentes neste aspeto, assim também há centenas de associações diferentes. Daí a naturalidade plena das seitas e instituições; a inevitabilidade dos partidos, das tribos e das nações isoladas. A Filosofia Harmónica deve ensinar o mundo, portanto, a apertar as mãos sobre as suas múltiplas distinções; a esquecer toda a falta de caridade, e a passar uma esponja húmida sobre os registos de todas as inimizades.

Chegamos agora à conclusão prática: as almas humanas acumularão substância espiritual e obterão os verdadeiros elementos de nutrição mental em perfeita harmonia com as suas aspirações individuais. Aqueles que aspiram ao Amor enriquecer-se-ão espiritualmente em Amor; os que aspiram ao Conhecimento crescerão na memória dos Fatos e das Coisas; e os que aspiram à Sabedoria aumentarão na perceção e no gozo dos Princípios e das Generalizações!

Por isso é que a natureza é sempre fiel aos seus filhos — dando Prata, Ferro e Ouro àqueles que buscam. A Prata é o amor; o Ferro é o conhecimento; o Ouro é a sabedoria. Na medida em que estes departamentos da mente se abrirem (pela organização, cultura e situação) à atmosfera celeste que habita dentro do ar comum, assim também o Amor, o Conhecimento e a Sabedoria aumentarão a substância da alma. Esse ar celeste, no qual os espíritos amam viver e amar, contém todos os princípios essenciais da vida humana e do desenvolvimento do mundo.

E assim que esses diferentes departamentos da alma comecem a absorver e a apropriar-se dos elementos que lhes são afins, então verás uma ampliação das correspondentes partes externas. A cabeça exterior mudar-se-á, transformar-se-á, melhorará na forma e simetria, em exata proporção com as alterações e aperfeiçoamentos interiores. Se procuras o Conhecimento dos Fatos e Fenómenos, a tua testa tornar-se-á mais arredondada e ampla. Dar-te-á um olhar brilhante, como o de advogados peritos ou artesãos, repleto de talento e astúcia. Se procuras a Sabedoria, então, em verdade, “ela te adornará a cabeça com graça e uma coroa de glória te entregará”; e serás verdadeiramente filho da natureza — puro, simples como uma criança, amoroso, nobre, bom, grande e livre! Se procuras o Amor, então o teu corpo começará a assemelhar-se ao do belo e do bem-aventurado.

Os teus traços perderão a expressão dura, penetrante, aguda; e haverá um “olhar de amor” em cada linha do teu rosto, até o teu andar será uma expressão de paz e pureza interior. Mas sê sincero nisto, meus amigos, e não deixes de atrair alimento a cada parte da tua alma.

Oiço uma voz — “Como havemos de começar?” A minha resposta é: deves cultivar a tua Sabedoria tentando compreender grandes Princípios gerais; meditando sobre eles e alimentando-te deles, como contemplarias uma paisagem e desfrutarias o conjunto vivo. A força vem apenas com exercício apropriado. E deves cultivar o Amor esforçando-te, com todas as tuas forças, por pensar com afeto em relação à humanidade. Começa por agir de tal modo que não possas deixar de amar-te a ti próprio — então expandir-te-ás para fora; e depois “amigo, parente, vizinho” — até que, por fim, serás libertado da discórdia e da dívida, “não devendo a ninguém coisa alguma, senão o amor”.

Habitua a tua memória a recordar apenas palavras bondosas. Esquece os termos duros — deixa todas as terríveis invetivas ao pregador descortês — e pensa apenas em palavras que expressem amizade e afeição. Pois é maravilhoso como os homens sentem através dos seus pensamentos, e têm pensamentos apenas na medida em que recordam palavras para os expressar!

O que chamamos Educação, ou processo de desenvolvimento, é simplesmente um despertar e um acelerar do germen mental latente; germen esse que, nas suas

essências e qualidades, contém todos os poderes e faculdades que virão a florescer! Em toda a mente encontrarás este anjo, resguardado nos departamentos mais interiores da vida. E tudo é mestre, mas só as palavras da sabedoria transmitem os verdadeiros elementos da educação. Mas a educação, ao mesmo tempo que excita as propriedades latentes da alma, aumenta ainda mais o seu poder de atrair para si substâncias apropriadas e afins, emanadas continuamente das esferas espirituais. Deste modo, como já foi mostrado, a alma obtém o verdadeiro nutrimento do ser.

Os indivíduos não transmitem vitalidade uns aos outros, a não ser que a alma de cada um a possa dispensar, após receber novos influxos de vida espiritual. A oração, por vezes, excita as faculdades superiores, que então atraem força e renovação da atmosfera espiritual — tal como, ao expandires os pulmões e respirares o ar comum, acrescentas vigor e repouso ao teu organismo físico.

Este é, pois, o método: a mente extrai vida e substância do oceano invisível, como o para-raios no cimo da casa atrai os relâmpagos do céu curvado. Mas a única prece que recomendo é uma vida prática, justa e reta. E ver-se-á que a Cultura Harmónica não só manifesta aquilo que é intrinsecamente constitucional, mas aumenta o poder interior de atração; pelo qual a alma obtém o alimento da vida e cresce imensamente — Sempre em Frente, de agora e para sempre!

PALESTRA III

VÍCIOS E VIRTUDES FISIOLÓGICAS

A trama da nossa vida presente é feita de substâncias misturadas. Sombras e realidades, fios grandes e pequenos, estão maravilhosamente tecidos num só tecido. É com esse tecido que nos cobrimos. O nosso estado interior manifesta-se através das nossas vestes — não pela sua pobreza esfarrapada, mas pela sua quantidade e disposição sobre nós. Assim se julga a árvore pela disposição dos seus ramos; ou o valor de uma casa ou de um arco, pela qualidade e construção dos seus elementos menores.

A nossa felicidade ou miséria chega tanto pelas avenidas dos hábitos domésticos como pelas grandes vias da existência social e nacional. Uma palavra errada dita perturba o lar durante horas; a alma, durante dias — talvez anos. O Universo é composto por partículas finas e invisíveis; e mesmo essas encerram átomos ainda mais subtis. Assim também o mais ínfimo sentimento da alma possui outro dentro de si — exposto, talvez, a uma influência trivial, mas sempre capaz de despertar a mente inteira para emoções e memórias de dor ou prazer. A alma requer um corpo sã; e mais — o corpo deve viver em estrita relação com a elevação e progresso da alma;

caso contrário, ambos cairão na vala, e a multidão não lhes prestará atenção.

Nas coisas pequenas, portanto, somos exortados a ser guiados pela lei dos usos. Todos os nossos meios devem ter referência rigorosa aos nossos fins. E só são bons aqueles fins que são altos e dignos da alma de um anjo; pois todo o homem, ainda que soterrado nos esgotos do pecado, é ainda um anjo — e acabará por o declarar — porque o Universo está tão ordenado que a terra mais rude produzirá fruto, e sobre o caule espinhoso e ferido, desabrochará uma flor. Mas bons frutos e belas flores vêm de boas e belas condições.

Ao empregar o termo “mal”, que nenhum leitor suponha que acredito na existência de tal coisa em termos absolutos. Isso pode servir a um pagão, que crê na criação ou na tolerância do Mal por parte do Ser Supremo; mas para as experiências e iluminação consequente de uma mente civilizada, tal superstição é demasiado antiquada e demasiado ofensiva ao Poder, à Sabedoria e à Bondade daquele Ser a quem chamamos Divindade. Pelo contrário, caro leitor, não acredito em nenhum princípio absoluto do Mal; apenas na má aplicação de boas leis e de substâncias naturalmente boas às funções e assuntos da vida.

Por exemplo: quem está tão mergulhado na ignorância que suponha que o efeito de certos elementos, como o Fogo, é mau, apenas porque, quando colocados em más relações com os nossos bens, incendeiam as casas; ou, quando colocamos os nossos corpos em relação errada com ele, então nos queima a carne e nos consome?

O mal, como princípio, não existe. Mas por intermédio da nossa ignorância, ou pelo ímpeto poderoso das nossas forças passionais, podemos colocar boas leis naturais e substâncias puras em relações erradas com as leis e exigências do nosso organismo, e assim gerar dor, doença, discórdia, descontentamento, dissolução e morte. Tendo definido as minhas impressões sobre “mal”, “pecado”, “violação”, e a verdadeira Filosofia da Reforma, prossigo agora.

É triste olhar para as ruínas fumegantes de uma outrora nobre e orgulhosa cidade; ou para o campo de batalha, coberto de seres humanos, esmagados pelo cavalo de guerra, com desespero e morte visíveis por todo o lado. A perícia humana pode, com o tempo, restaurar a cidade à sua glória primitiva, reerguer as suas belas colunas, limpar as suas ruas de toda a corrupção, e tornar novas as velhas condições.

O campo de batalha, onde jazem os mortos com o aço ainda cravado nos corpos, pode ser renovado e limpo do seu desastre. Mas é ainda mais doloroso contemplar a queda e a degradação do filho do homem — ver a saúde, os sonhos, o lar, a honra, prostrados pela mão implacável de algum hábito subtil — ver o nobre corpo do homem, que encerra um poder ainda mais nobre, poluído, ultrajado, insultado!

Quantos olhos derramaram lágrimas de arrependimento, quantas almas foram tomadas por uma profunda tristeza, em consequência de crimes cometidos na juventude contra as leis e funções de todo o seu ser. É mais fácil reerguer as colunas caídas de uma cidade; é muito menos difícil limpar o campo de batalha, do que restaurar os poderes prostrados e a pureza original da pobre natureza humana.

A grandeza de uma nação depende da sua bondade; a sua glória, dos esforços bem-sucedidos para a fraternização e elevação da humanidade. O mesmo se aplica ao indivíduo. A sua nobreza e refinamento dependem da sua integridade e pureza. Mas é uma coisa pregar a filosofia, a necessidade e os benefícios da bondade — e outra bem diferente praticar o que intelectualmente se compreende. Isto é verdade, porque conhecimento e vontade nem sempre andam de mãos dadas. O homem não é apenas uma Força, mas também uma Circunstância.

Embora o homem atue aparentemente por si próprio, na verdade, ele age apenas conforme as influências circundantes lhe sugerem. Tal como o pássaro no ar ou o peixe no mar, o ser humano tem o seu círculo de relativa liberdade de ação — uma esfera de autoconservação e autocontrole. E ainda como o peixe e o pássaro, depende da existência dos elementos nos quais se move; e não menos da propícia convergência das circunstâncias que lhe permitem subsistir, desenvolver-se e encontrar direção. Por isso, não condenamos o que erra; pois este é julgado por si mesmo e sobrecarregado com as consequências.

Os doutores teóricos e os teólogos de gabinete adoram, em especial, realizar séries de “palestras para os jovens”, e depois “para as jovens senhoras”. Mas tomam-se precauções extraordinárias para que nada seja dito de forma “indecorosa” — não vá alguma mãe pudica ou tia solteirona ofender-se e reduzir o tamanho da audiência. Por muitas razões, muitas delas indignas de um verdadeiro cientista ou filantropo, o mundo foi, geração após geração, privado das partes mais essenciais do conhecimento humano. Mas a hora chegou, finalmente, para rasgar o véu da ignorância!

Existe um oceano de crime e poluição sob a fachada da moda e da modéstia hipócrita da sociedade civilizada — e as suas marés poderosas colidem contra as constituições da juventude, numa intensidade quase além da nossa capacidade de acreditar ou descrever. Mas a cortina será erguida, quer queiram quer não. Pais, tutores, irmãos, irmãs, estranhos, enamorados: sois todos advertidos a contemplar a cena! A humanidade exige a saúde dos seus filhos.

Os vícios e crimes secretos da juventude devem ser plenamente e verdadeiramente expostos à compreensão pública. Sem esse conhecimento dos horrores interiores da civilização, não existe segurança contra o maior desastre que pode assolar uma nação: a depravação juvenil, a fraqueza constitucional, a devassidão hereditária, os

casamentos incompatíveis, a insanidade, a imbecilidade, a idiotia.

As mentes filosóficas e os verdadeiros filantropos não estão acorrentados à tortura da modéstia superficial. Eles procuram e expõem as fontes escondidas da miséria; esforçam-se por compreender e remover as suas causas. O tema que agora nos ocupa pode e deve ser considerado uma questão puramente fisiológica; à qual estão legitimamente associados os temas da saúde, castidade, virtude, felicidade e nobreza espiritual de carácter. Ao sondar os vícios secretos da sociedade até à sua raiz, tenho um único objetivo em mente: a prevenção das calamidades que afligem a humanidade.

Este é um assunto que não diz respeito apenas aos jovens; os mais velhos têm igualmente grande interesse no desenvolvimento e excelência das gerações futuras. É uma questão de temível importância, não só para os jovens do sexo masculino; pois a jovem que ainda não se casou terá de encontrar o seu companheiro nesse mesmo lado da raça. É um tema de magnitude espantosa, não apenas para este tempo e esta nação; o bem-estar ou desgraça de milhões incontáveis, ainda por nascer, assenta nos alicerces do presente.

A Dispensação Harmónica, em contraste com todas as épocas anteriores no desenvolvimento progressivo da humanidade, está destinada a remover e prevenir o crime através do Conhecimento, em primeiro lugar; depois, pela Sabedoria; e, por fim, pelas circunstâncias sociais favoráveis. As leis arbitrárias, impostas através do medo, têm um efeito repressivo — não reformador — sobre o homem. O medo do inferno, por vezes, mantém o “infeliz na linha”; mas nunca se pode garantir que provoque uma reforma interior.

Ele é como um tigre em correntes — ainda mais perigoso por causa da repressão — à espera apenas que o medo desapareça para agir segundo a sua natureza desviada. A vítima ou o convertido pelo medo nunca cresce em grandeza nem em beleza. Fica petrificado; a mente fica atrofiada; as afeições recuam à sua fonte; e a natureza interior acaba por revelar-se deformada.

Os teólogos, ao falar à juventude, representam os “Terroros do Senhor”; a justiça retributiva de uma divindade ofendida e implacável, e os castigos sobrenaturais que seguem o crime — a menos que se creia no poder salvífico que, dizem, habita misteriosamente no sangue de certo mártir amante da verdade. Mas os jovens americanos — descendentes de mercadores yankees, com cálculo nos olhos e aptidão para pesar “riscos” e “probabilidades” — entregam-se a certos vícios fisiológicos com a esperança, pouco razoável, de escapar a todas as consequências importantes através de um arrependimento no leito de morte.

Doutrinas falsas conduzem a resultados falsos. As punições arbitrárias e adiadas, em

teoria, lançam as bases para muitas deformidades na prática. Pelo contrário, a punição natural e imediata do erro é a única teoria verdadeira para a salvação humana do crime e das suas consequências. A sua prática conduz ao desenvolvimento intelectual, à saúde nacional e à coragem individual. Todo o verdadeiro progresso e toda a verdadeira reforma surgem pela Sabedoria e pelo Conhecimento; pelas Leis imutáveis da Natureza.

Se toda a reforma permanente depende realmente do uso correto das Leis da Natureza, então todos os homens deveriam conhecer o que essas leis ensinam e exigem. Ignorância, superstição e sofrimento são essencialmente inseparáveis. As ordenações da Natureza são perfeitas e inalteráveis. Matéria e mente, como já demonstrei, estão igualmente sujeitas à lei; causa e efeito sucedem-se como pai e filho; e ninguém pode ser verdadeiramente iluminado sem compreender a verdade e a aplicabilidade desta doutrina.

Na verdade, nenhuma criança é devidamente tratada pelos seus pais a menos que seja razoavelmente instruída sobre as leis e funções do seu complexo ser. É certo que, recentemente, nas escolas se ensinam alguns ramos comuns da fisiologia (pelo que devemos estar gratos); mas o mais importante departamento da organização humana continua universalmente negligenciado.

Nada pode ser mais repreensível do que a prática universal de lançar um véu de mistério sobre as funções reprodutivas da nossa natureza. Um homem civilizado foi justamente definido como “um animal envergonhado do seu próprio corpo”. Com os pudicos e os hipócritas, que coam um mosquito e engolem um camelo, não me detenho. O bem-estar da nossa raça, o desenvolvimento da verdade, da saúde e da castidade, exigem e merecem o nosso respeito.

Criados por pais ignorantes e acomodados, centenas crescem até à idade adulta com aquilo a que a benevolência poderia chamar pudor honesto ou hipocrisia bem-intencionada. São vítimas de uma civilização deturpada. As suas ideias sobre o certo e o errado são superficiais. Não têm uma filosofia de vida. São, sem o quererem, como sepulcros caiados — belos por fora e cheios de gestos fantasiosos de modéstia — mas por dentro reinam sentimentalismos indecentes e toda a espécie de desregramento. Tais pessoas são invariavelmente vulgares na sua delicadeza exagerada. A modéstia americana é vulgaridade amadurecida.

A verdadeira modéstia nasce da pureza do pensamento — para os puros, tudo é puro — ao passo que a modéstia falsa origina pensamentos corruptos que a mente tenta ocultar. Um americano possui, por natureza, cabeça, pés e dedos; os membros conhecidos como “pernas” foram ignorados há muito como demasiado vulgares para a sociedade elegante. Para a mente filosófica, tal modéstia é simplesmente repugnante. O Conhecimento e a Sabedoria lamentam igualmente os sacrifícios que

são feitos por todo o lado no altar de tamanha sensibilidade falsa e perniciosa. Os ramos mais importantes da fisiologia são negados à juventude (em consequência desta vulgaridade elegante), mesmo nas mais altas instituições de ensino.

Há quem acredite, com sinceridade, que os fatos reprodutivos da nossa natureza não devem fazer parte da educação dos jovens. Nada pode ser mais anticientífico. Tal atitude gerou muitos vícios — como demonstrarei mais adiante. A ignorância é mãe de imaginações doentias e impuras. À medida que o tema nos for desvendado, compreenderemos o mal e a discórdia causados unicamente pela persistência da ignorância e do mistério.

A modéstia sobre estes temas não é real, mas sobretudo educativa. A verdade não possui em si nada que deva fazer corar a face da Inocência. Há sempre uma propriedade genuína e outra artificial — “nem tudo o que reluz é ouro.” Conta-se que uma princesa estrangeira, a caminho de Madrid para se tornar rainha de Espanha, passou por uma pequena cidade da península, famosa pela sua manufatura de luvas e meias.

Os magistrados do lugar, desejosos de mostrar a sua lealdade à nova soberana, ofereceram-lhe, à chegada, uma amostra dessas mercadorias pelas quais a vila era conhecida. O mordomo-mor que acompanhava a princesa recebeu as luvas com grande agrado; mas, quando lhe entregaram as meias, atirou-as ao chão com grande indignação e censurou severamente os magistrados por tão grosseira indecência. “Sabei,” disse ele, “que uma rainha de Espanha não tem pernas.”

A forma mais segura de descobrir que certo tipo de modéstia é puramente educativa é viajar por diferentes países. Em Constantinopla, diz Tournefort, é considerado um ato de verdadeira decência, quando as esposas do grão-senhor estão doentes, permitir ao médico apenas observar o pulso, que é estendido através de uma abertura lateral na parede do quarto. Isto é feito porque se considera um grande ato de indecência um médico olhar para a mulher de outro homem; julga-se preferível sacrificar a saúde àquilo que se toma por decoro.

Nos Estados Unidos, a modéstia e a etiqueta não chegam a tais extremos absurdos; mas, como povo, creio que ainda temos de distinguir entre o refinamento verdadeiro e o falso. Em certas partes da Ásia, considera-se uma violação da delicadeza perguntar a um homem pela saúde da sua esposa. Conta-se que homens perderam a vida por tão “indecorosas” atitudes. Noutras regiões do Oriente, é indecoroso para uma mulher mostrar o rosto. Já na América, é tido como igualmente reprovável e indecente que uma senhora (com o pescoço e o peito quase a descoberto) revele os tornozelos ou use uma saia ligeiramente mais curta ao passear. E assim os costumes e convenções triunfam à custa da saúde, da beleza e da verdade.

É minha convicção que a verdade, em cada grau da vida, é imutável, imaculada e imortal. Nada há num facto ou princípio que contamine. A criança inocente e não corrompida nunca se choca com os processos naturais. Apenas depois de pais ignorantes e excessivamente pudicos lhe inculcarem ideias erróneas sobre delicadeza e decoro é que as crianças aprendem os modos envergonhados e absurdos do mundo.

As crianças, durante a imaturidade do pensamento, não necessitam de informações fisiológicas sobre assunto algum; mas a juventude não está preparada para as exigências da maturidade sem um alicerce de tal conhecimento. Quantos lamentam a ignorância da sua juventude! Pais, tutores, professores — ou eram demasiado ignorantes, ou demasiado apáticos e “modestos” para ensinar a filosofia da causa e do efeito.

Mães histéricas e tias pudicas diriam: “Os jovens aprenderão a seu tempo, com a experiência; não é próprio que lhes revelemos, enquanto são tão tenros e delicados, os mistérios da sua natureza.” Mas a verdade é que, provavelmente, não há uma mãe em cinco mil que saiba o suficiente sobre a sua própria constituição para educar devidamente a filha; nem um pai em duas mil almas capaz de instruir o filho e preveni-lo, com base em princípios filosóficos, contra hábitos e práticas que ponham em risco a sua saúde, felicidade, castidade e nobreza de carácter.

Não é exagerado afirmar que mais de metade dos suicídios que ocorrem nas grandes cidades têm, como causa primeira, um desregrado abuso ou um uso conjugal indevido das propensões reprodutivas. Há uma prisão sombria de causas ocultas por explorar. Requer-se uma sensibilidade acurada e discriminadora para sentir corretamente o pulso da nossa pseudo-civilização; para perceber as causas sociais e consequências de certos vícios insuspeitos, furtivos e autodestrutivos que prevalecem.

O que, senão a clarividência, poderá iniciar essa tarefa? Os pais são demasiado ignorantes ou pudicos — médicos e teólogos juraram lealdade eterna aos mandamentos de São Costume — e os tutores preocupados são, na maioria, demasiado pouco filosóficos para aconselhar com eficácia, ou demasiado ignorantes dos sinais fisiológicos de corrupção na juventude para transmitirem, onde mais se precisa, o saber necessário.

É muito comum um clérigo, ao assumir um novo púlpito, organizar um ciclo de palestras para os jovens de ambos os sexos; mas nunca ousa tocar nas causas reais da fragilidade humana; não faz nada para erradicar a origem social de certos crimes, embora os condene com energia colérica e linguagem cuidadosa. Na verdade, o pregador moral comum não possui educação suficiente para sondar os vícios do mundo.

A clarividência não só vê as cozinhas, salas e quartos que dividem a morada do cidadão de boas aparências, como, com o seu poder maravilhoso de penetração, vê também as cozinhas, salas e câmaras do espírito humano! As correntes profundas do mal fluem e recuam diante da visão interior. O exterior pode estar limpo; o templo por fora parecer belo; mas a visão interior vê a deformidade oculta.

E para além da clarividência, as fontes da miséria humana estão acessíveis a toda mente que estuda o homem com o auxílio da verdadeira filosofia. O geólogo, com a sua ciência, determina a direção dos veios de carvão e camadas de rocha; o geômetra, por seu lado, determina as posições relativas de corpos e ângulos sem necessidade de os ver; assim também o filósofo social, munido das leis ao seu alcance, pode detetar a existência e causas de certos hábitos perniciosos que não apenas debilitam o corpo físico do homem, mas também desmoralizam e dessacralizam a força da sua mente imortal. É do interesse de cada homem ser o guardião do seu irmão — função abençoada, para a qual a sabedoria filosófica é indispensável.

O Vício e a Miséria podem, com justiça, reclamar a Ignorância e o Mistério como seus progenitores. Desde os tempos de Hipócrates até aos nossos dias, a profissão médica esteve envolta em mistério. Antes do declínio do Império Romano, durante a barbárie transitória da Idade Média e até ao início deste século, o médico ocupava um lugar sagrado na memória e afeição das massas. O seu conhecimento era considerado demasiado profundo para a compreensão geral — e, em muitos casos, inapropriado para difusão universal.

As generalizações filosóficas de Pitágoras lançaram as bases de toda a sabedoria médica de Hipócrates. Aristóteles escreveu extensivamente sobre os mistérios da doença. Todos os sábios — Erasístrato, Epicuro, Asclepiades, Paracelso — contribuíram com novos afluentes de sabedoria e mistério. E assim, ao longo do caminho do progresso, o mar do conhecimento médico e das suas técnicas foi-se elevando até um ponto de maré inalcançável para a mente comum.

Hoje, para aceder aos mistérios sagrados da ciência médica, o estudante tem de atravessar um vasto lago de pré-requisitos académicos. E assim o povo é mantido na ignorância sobre os pontos mais essenciais da fisiologia humana. Mesmo quando o campo se encontra aberto, o principiante raramente possui a coragem para atravessar o lago da sabedoria médica.

Todo o homem tem direito a conhecer-se a si próprio; ou seja, a sabedoria médica deveria estar ao alcance de todos. Os mistérios médicos, assim chamados, pertencem ao povo. Quando o povo conquistar os seus direitos, toda a charlatanice e fraude médica morrerão de morte natural. Como todo o saber fisiológico deriva do estudo da constituição humana, torna-se razoável afirmar que toda a mente deveria, pelo menos, compreender as leis fundamentais que regulam os fatos e fenómenos da natureza

humana.

Como a sociedade e os interesses profissionais se organizam hoje, é uma questão de “política de negócio” que os médicos mantenham para si certos tipos de saber científico — para que sejam vistos pelo povo como os guardiões das Chaves da saúde e os proprietários dos Segredos da felicidade. Este estado de coisas permite ao médico sobreviver. Assim, acumula no seu cofre os dólares do trabalhador honesto — enriquecendo-se e tornando-se, claro está, “respeitável” — com dinheiro pago por pessoas que, devido à ignorância, infringiram as leis fisiológicas do seu ser.

O método habitual, como bem sabeis, é: enviar um jovem promissor para a universidade, para que aprenda os mistérios da ciência médica. Estuda anatomia e fisiologia nas suas várias ramificações. Decora os pesados e supérfluos termos latinos com que a sabedoria médica se mantém fora do alcance das massas. Passa nos exames com a ajuda da memória; instala-se num consultório; afixa a placa na parede exterior; assina um jornal matinal; vai regularmente à igreja; e espera, com toda a consciência, que as pessoas fiquem doentes! Quem não condena tal método?

Quanto melhor seria ensinar o povo a não adoecer — ensinar-lhe como manter a saúde! Mas será esse método rentável? De modo algum — exceto naquela gloriosa riqueza “que nem a traça consome”. Mas o médico precisa de se sustentar. Por isso, é do seu interesse direto que o povo permaneça ignorante sobre si mesmo. Não se pode esconder o facto de que os médicos vivem das desventuras dos seus semelhantes! Digo-o sem desrespeito para com os médicos, como homens; mas em condenação do estado social que torna o ERRO popular e até respeitável.

A profissão médica e a sabedoria clerical deveriam habitar em cada cabeça humana; porque saúde e religião, tal como o corpo e a alma, não se encontram fora do indivíduo. Não há necessidade de duas profissões. O médico deveria ser também o clérigo. As doenças físicas e mentais são inseparáveis. Por este princípio, afirmo que ambas as profissões deveriam fundir-se numa só: porque saúde e bondade são irmãos gémeos.

A humanidade nunca poderá estar demasiado grata a Spurzheim, Ryan, Woodward, Alcott, Combe, Graham e Fowler, pelo nobre serviço que prestaram. Cada um deles, através de longos anos de trabalho paciente e utilizando um sistema de alavancagem — ou seja, a faculdade da Razão livre operando sobre o fulcro da Humanidade — conseguiu abalar e rachar as instituições privadas da ciência médica o suficiente para deixar entrar a luz e, com ela, o Povo. Mesmo que nada mais tivessem feito, já mereceriam a eterna gratidão dos seus compatriotas. Mas fizeram muito mais. Abriram novas portas ao conhecimento médico e, por meio de publicações e ensino oral, colocaram os princípios da autopreservação ao alcance de milhares de seres humanos.

Alguns prudencialistas argumentam que os comentários sobre as causas e consequências de práticas nocivas servem tanto para as encorajar como para as prevenir. Este raciocínio é falacioso. Pode aplicar-se a autores charlatães, que visam o lucro e não a humanidade, mas tal objeção não se aplica a um tratamento filosófico do tema. Estou convencido de que os mistérios médicos pertencem ao povo. O uso e o abuso das funções reprodutivas da nossa natureza dizem respeito à humanidade de forma mais essencial do que as populares questões de política ou teologia.

As verdades que irei expor futuramente sobre este tema não carecem de desculpas. O honesto, o justo, o de espírito puro, o verdadeiro filósofo e genuíno filantropo rezarão sempre: "Deus abençoe o que é justo!" É tempo de explicar e expor os vícios fisiológicos da juventude. Isso deve ser feito sem afetação, sem amargura nem julgamento moral; a simplicidade e clareza de linguagem servem melhor o propósito em vista.

"Recolhe-te! O mundo lá fora exclui. Chama os pensamentos a casa. Reprime as asas leves da imaginação. Tranca os sentidos; não deixes a paixão agitar-se: Desperta tudo para a Razão; deixa que só ela reine."

Nenhum verdadeiro amigo da humanidade pode opor-se a uma discussão justa sobre as causas dos males do Sensualismo. Pois jamais a verdadeira masculinidade, ou modéstia, ou coragem, ou humanidade, poderão habitar entre os que, "brincando com a consciência, não ousam encarar os seus próprios vícios".

Neste ciclo de palestras, as funções reprodutivas da nossa natureza serão examinadas, e os seus abusos, com as diversas causas e sinais, expostos de forma completa e verdadeira. A regeneração e castidade das novas gerações só poderão ser alcançadas através do Conhecimento e da Sabedoria.

Se os vícios do sensualismo ou do conjugalismo estivessem confinados à juventude, se os seus efeitos nefastos não invadissem a idade adulta (em ambos os sexos), talvez a questão pudesse permanecer onde está – envolta em ignorância, pudor, obscuridade, mistério. Mas quão diferentes são, na verdade, os fatos! O fogo e o génio, a beleza e elasticidade e castidade da infância e da juventude não só são arruinados sem esperança pelos vícios fisiológicos, como a sua influência angustiante estende-se pelos anos seguintes – envenenando as alegrias normais do matrimónio, destruindo a beleza e a sacralidade do amor, matando os encantos da descendência e espalhando deformidade e bestialidade social onde só deveria reinar alegria e santidade.

"Tocado pelo sopro da geada precoce,

A folhagem cai;

As folhas mais altas e mais belas

Estão destinadas a murchar."

Assim, o flagelo da sensualidade prematura atinge o coração da juventude. Decompõe a beleza e a nobreza do futuro ser humano. Bem pode a donzela corar pela sua espécie. Bem pode o jovem corar pela sua vergonha!

A águia altiva voa em frente, corajosa e sempre bela, porque não tem culpa debilitante marcada na sua constituição. O pássaro canta alegremente, pois a sua vida é uma linha ininterrupta de obediência às leis do seu ser. Mas a juventude! bela, espontânea, radiosa juventude! é prostrada no auge e alvorada da sua existência, pelos hábitos mais anormais e insalubres! Tuberculose ou escrofulose, dispepsia, insanidade, imbecilidade e idiotia assolam todas as partes do nosso belo mundo – efeitos de indulgências sensuais excessivas e irregulares!

Ao longo desta investigação, o véu será levantado, para que todos vejam de onde provêm as causas destes males e quem ou o quê é, de facto, responsável. Os prudentes e superficialmente pudicos membros de todas as nações podem ter contribuído para o estabelecimento dos males da libertinagem. Pelo menos, procuraremos e exporemos todas as causas sem reservas, seja qual for o resultado. Ver-se-á que alguns dos vícios mais antinaturais são tanto sugeridos como perpetuados por certos costumes igualmente antinaturais e nocivos, tidos como absolutamente elegantes e indiscutivelmente morais.

É evidente, até à demonstração, que a verdadeira Reforma deve começar com a formação da alma e do corpo. Uma bela casa não pode jamais ser erguida sobre alicerces fracos. Os pais têm de aprender esta verdade suprema da ciência. E não só os pais devem conhecê-la, mas também os recém-casados e todos os nossos jovens, rapazes e raparigas. Ao negligenciar estas grandes leis do ser e, por ignorância, desobedecê-las constantemente, enchem o mundo de filhos com organismos corrompidos, movidos por impulsos impuros, que se propagam e reproduzem juntamente com as diversas doenças hoje tão prevalentes.

Não acredito que a humanidade tenha sido dotada de qualquer instinto, função ou tendência para ser insultada ou crucificada. Cada faculdade e cada órgão é bom e capaz de proporcionar felicidade ao seu possuidor. É o abuso, a violação, a transgressão, o pecado – segundo as definições já dadas de mal e erro – que trazem a miséria e os castigos filosóficos. Esta é a doutrina de que precisamos: a Religião da Justiça e da Humanidade.

PALESTRA IV

A PURIFICAÇÃO DOS AMORES

E A VISÃO DO MUNDO SOBRE O CASAMENTO

A divisão da mente em Amor, Conhecimento e Sabedoria já não nos serve para o propósito atual; embora seja útil manter em mente a relação entre estes domínios e as funções indispensáveis que desempenham na constituição mental. O nosso tema, expandindo-se à medida que se revela, conduziu-nos agora a um ponto onde só pode merecer a nossa atenção um único foco: a ação natural, a ação extrema e a ação invertida do Princípio do Amor.

O Princípio do Amor, como já foi afirmado, é o princípio da vida. Vida e Amor são idênticos na sua essência. Mas este Princípio assume formas incontáveis de manifestação. Cada forma recebe do ser humano um nome distinto; cada uma tem as suas próprias necessidades e leis; desempenha papéis diferentes no drama da vida; e tem alegrias e sofrimentos próprios. Por isso, a alma é dotada de múltiplas simpatias – sente-se, de forma mais ou menos íntima, relacionada com todas as formas e condições da existência – relacionada, sem conhecer limites.

O movimento destas relações é constante e grandioso; crescem silenciosamente, sem cessar, e misturam-se em ondas ininterruptas de progresso. Falo agora da alma naturalmente desenvolvida e bem equilibrada – das suas experiências reais; como exemplo belo de todas as naturezas, e de onde todos podem tirar coragem e esperança infinitas.

Por causa destas várias formas e modificações do Princípio do Amor – que brotam da grande Fonte Central da Vida no Universo – a alma improvisa desejos em todas as direções, e acaba por encontrar aquilo que deseja. Talvez deva afirmar antes que os amores da alma são demonstrações específicas e inequívocas da existência (em algum lugar) das coisas e condições pelas quais anseia incansavelmente. A oferta será proporcional à procura; e as satisfações estarão à altura dos desejos. Este é um facto estabelecido nos processos naturais. Os pulmões exigem ar vitalizante; por isso o ar existe. Os corpos necessitam de alimento; por isso há comida. As almas desejam simpatias morais, intelectuais e sociais; por isso essas afinidades existem. O mesmo se aplica a todos os desejos humanos.

Há carne para o faminto; água para o sedento; álcool para o ébrio; veneno para o suicida; café e chá para os que os desejam; tabaco para o mascarador e aspirador de rapé; todas as formas de depravação e vulgaridade para o sensual e o não desenvolvido. Na escala espiritual, esta lei não é menos completa. Há amor para quem ama; verdade para quem procura a verdade; filosofia para o filósofo; anjos para

os adoradores de anjos; uma vida eterna para a alma imortal; e uma Fonte Divina para o seu sustento e aspirações incansáveis. Em suma, as adaptações da criação são perfeitas; nada existe sem servir e ser servido por tudo o resto.

Um tratamento rigoroso do nosso tema exige, ao longo de toda a abordagem, a seguinte distinção: os Amores da natureza humana são diferentes das afinidades morais ou simpatias intelectuais, tanto na sua posição como nas suas manifestações; contudo, como já foi dito, todas as simpatias e todos os amores são, primária e essencialmente, idênticos na sua origem. Os Amores, propriamente ditos, pertencem exclusivamente ao domínio da Vida na economia mental; e manifestam-se, de forma harmoniosa ou discordante, sempre em conformidade com a influência moldadora tanto das predisposições hereditárias como das circunstâncias envolventes subsequentes.

Um desses Amores em particular — aquele que se encontra na base da vida e da sociedade; um rio invisível que corre diariamente impelido pelas suas próprias marés misteriosas; atuando em todos os momentos com igual poder para gerar felicidade ou miséria; envolvendo nos seus braços amorosos e luxuriantes cada pessoa, em algum momento da vida; um problema não resolvido, sempre revestido de solenidade, e que exerce uma atração irresistível sobre todos os homens; autoimpulsionado e aparentemente incontrolável; e, no entanto, tão familiar como as árvores nos campos, tão doce como o ar do céu e tão sagrado como o espírito da Verdade — esse Amor será objeto da nossa consideração intelectual e reverência devocional.

Algumas definições preliminares são, no entanto, necessárias para apresentar este Amor específico de forma clara às faculdades intelectuais. Mas deixem-me afirmar, desde já, que não pretendo ser infalível ao ponto de vos poupar à necessidade da investigação pessoal. Pois acredito sinceramente que, se todas as coisas que ainda não compreendo fossem devidamente classificadas e registadas, o mundo não teria espaço para conter os livros que haveriam de ser escritos. Por isso, deixo muito trabalho por concluir — talvez até por sugerir.

Até aqui falei de forma geral sobre o domínio do Amor na natureza humana; agora é necessário tornarmo-nos mais analíticos. O Princípio do Amor pode ser dividido em seis formas ou modos de manifestação. Estas formas irei definir brevemente, para que possais perceber com maior clareza a direção que os meus discursos em breve tomarão.

A primeira e mais baixa é o amor-próprio. Este amor é o grande elemento central; a nascente oculta da vida individual. O amor-próprio, no seu estado natural e ação normal, é o guardião especial da alma. O EU é o único tribunal de apelo face ao exterior. Jesus disse: “Ama o teu próximo como a ti mesmo” — fazendo do sentimento de consciência individual o padrão do julgamento. O amor-próprio é o

eixo sobre o qual gira o mecanismo espiritual; é o alicerce do ser vivo; a fonte de todos os instintos conhecidos. Os desejos de autoproteção e o instinto de sobrevivência brotam deste amor. De modo misterioso, fixa a continuidade eterna do indivíduo. Mas todos os amores, embora intrinsecamente puros e aperfeiçoados, são suscetíveis de desvio; são dados, como diriam os cristãos, "ao pecado e ao mal". As causas não as explicarei agora. Existem dois tipos de desvio — cada um com diferentes graus e resultados. Um é o extremismo; o outro, o inversionismo. Permitam-me explicar:

Uma ação extrema do amor-próprio, por exemplo, dá origem a excessos isolados. A pessoa torna-se avarenta; cheia de desejos extravagantes e superficiais. Sente-se extremamente sensível ao que é “meu” — às posses pessoais. Os interesses próprios estão sempre no topo dos seus pensamentos e ações.

Já o amor-próprio invertido origina, pelo contrário, negligência pessoal; descuido, capricho, desinteresse pela vida e pelos bens; preguiça ou indolência e todas as desarmonias que resultam da ausência de um interesse saudável por si mesmo e pelo instinto de sobrevivência.

A forma seguinte, num nível ascendente, é o Amor Conjugal. O amor conjugal difere do amor-próprio. Eleva a mente acima da esfera dos esforços voltados para a felicidade pessoal. Num estado natural de desenvolvimento, impele a alma a procurar o seu complemento ou equivalente; é ele que prescreve, obriga e, nas naturezas mais refinadas, santifica a relação matrimonial entre os sexos.

É este princípio que informa as restantes partes da alma de que a existência isolada é apenas meia existência — que agir sozinho é apenas agir a metade — que um pássaro com uma só asa não pode voar — que é necessário um equilíbrio na vida; e o Amor Conjugal é o único poder na natureza humana que pode prescrever as condições que conduzem a esse equilíbrio. Sem este amor, não existiria casamento no universo — nem união de alma com alma — nada se saberia da relação familiar; nada do lar, dos seus encantos ocultos e do seu fascínio interior.

A ação extrema do amor conjugal conduz ao sensualismo excessivo. Despreza o apego individual ao sexo oposto; torna-se inconstante, promíscuo, omnígamo, lascivo, devasso, vulgar; ignora e ridiculariza a relação matrimonial civilizada de um homem com uma mulher.

A ação invertida deste amor, por outro lado, manifesta-se num comportamento frio, distante, sem companheirismo. Gera uma repulsa injusta em relação ao sexo oposto. A história registou exemplos, tanto masculinos como femininos. Conduz ao amor da solidão; a uma disposição solitária; à autossatisfação; e a todos os vícios fisiológicos que serão posteriormente descritos. Em pessoas jovens ou de meia-idade, as

manifestações são semelhantes.

A terceira forma é o Amor Parental. Este amor é um desenvolvimento posterior do domínio vital da alma. O amor conjugal encerra este dentro de si; daí a sua íntima ligação. O amor parental é um amor autónomo. Possui as suas próprias exigências, as suas próprias leis e os seus próprios modos de realização. Só os filhos o podem satisfazer plenamente; embora por vezes adote formas de ação vicárias. Este amor transforma a esposa em mãe; o marido em pai. Esta é a sua ação natural.

Uma ação extrema do Amor Parental manifesta-se numa afeição apaixonada por crianças em geral — independentemente da sua cor, sorte ou origem. Não reconhece limites no seu apego a pequenos seres ou animais de estimação.

A ação invertida manifesta-se por uma aversão às crianças. A pessoa evita a sua presença — não vê beleza nelas — não ouve alegria no seu riso — não compreende as suas brincadeiras — e, dominada por uma impaciência caprichosa, deseja que não existam. Por vezes, este sentimento sugere ou conduz ao infanticídio.

A quarta forma é o Amor Fraternal. Este amor representa uma expansão mental ainda mais elevada e ampla. O amor por si, pela esposa, pelos filhos, difere deste amor, que procura companheirismo no próximo. A alma deseja comunhão com os seus semelhantes. A afeição fraterna inspira o desejo de Associação universal. A sua palavra mágica é “Fraternidade”. Anseia pela amizade dos amigos — necessita de patos sociais — inclina-se para interesses comuns. Exige e cria amor fraterno. No seu estado natural de ação, responde de forma calorosa à regra de ouro ou sinopse do evangelho — AMOR AO HOMEM: AMOR A DEUS.

A ação extrema do Amor Fraternal manifesta-se no entusiasmo com que a pessoa se lança à sociedade. Procura intensamente companhia afável, independentemente da sua qualidade; valoriza mais os amigos do que a esposa ou os filhos.

A ação invertida deste amor gera guerra, canibalismo, ascetismo, assassinato, o olho por olho; a doutrina da força e da retaliação. Inspira aversões e perpetua inimizades. Há muitos acontecimentos na vida, tal como o mundo está hoje, que contribuem fortemente para inverter o amor fraternal e trazer consigo o conjunto de desarmonias que inevitavelmente o acompanham.

A quinta forma é o Amor Filial. Este amor eleva os olhos da alma em direção aos seus Superiores, reais ou imaginados. É o amor da criança pelos seus pais. Olha com reverência para o rosto das coisas divinas; anseia por seres superiores; reza aos deuses; busca os anjos, os “justos tornados perfeitos”; e, com uma pureza infantil, não limitada pela lógica, direciona as suas tendências elevadas para o Ser Divino. Este amor assume a forma de veneração; e respeita os idosos — e talvez até opiniões

ultrapassadas.

Uma ação extrema do Amor Filial dá origem a avaliações exageradas dos chamados “Grandes”. Inspira a alma com sentimentos e simbolismos idólatras, e tende a louvar e adorar injustamente o espírito da antiguidade.

Uma ação invertida deste amor origina desrespeito pelos superiores, quer em carácter, quer em posição. Inspira a mente com ceticismo quanto ao valor (e até quanto à existência) dos anjos e do Ser Supremo. Em muitas pessoas, este amor manifesta-se ou de forma extrema, ou então de forma invertida na disposição.

A sexta forma é o Amor Universal. Este amor é o oposto exato do Amor-Próprio; mas não é seu antagonista nas mentes equilibradas. É a rosa no caule — o fruto na árvore da vida — a rainha do reino entre os anjos interiores. O Amor Universal estende as suas asas e transporta a alma para reinos ilimitados. Nada considera impuro; nada alheio aos interesses humanos. Ama o todo, de forma calma e devocional, como se fosse o tesouro da alma.

Este amor transmite a ideia de simpatias universais e da dependência mútua entre todos. Leva a alma a ansiar por liberdade — irrestrita, absoluta, sem fronteiras! De facto, a esta forma de amor podemos atribuir a tendência da alma para fazer descobertas contínuas e entregar-se ao progresso infinito. Mas, embora este amor resida, na sua essência, em cada mente, são “poucos” os que ainda sentem as suas emoções sublimes.

Uma ação extrema do Amor Universal torna o indivíduo excessivamente impaciente com qualquer forma de restrição. Tornando-se apressado, precipitado e impetuoso, parece pronto a devorar o mundo inteiro para saciar o seu apetite. Pode conduzir à loucura.

Uma ação invertida observa-se em pessoas que desprezam o mundo. Vejamos, por exemplo, Diógenes, o cínico grego. Este amor, quando invertido, revela um desdém resmungão, feroz, quase assassino, por toda a humanidade. O amor fraternal invertido atua apenas sobre os conhecidos próximos; mas o amor universal invertido condena toda a raça humana.

Estes seis amores são os anjos do reino dos céus dentro de nós. Quando lançados a um estado extremo, naufragam a alma com a sua impetuosidade. Quando lançados a um estado invertido, tornam-se os mais autênticos demónios — “de rancor e orgulho, de ódio, malícia e vingança” — pois tudo o que é bom parece “mau” quando desviado do seu curso natural.

UMA CABEÇA MODELO: OS AMORES EM HARMONIA

A – Amor-próprio

B – Amor conjugal

C – Amor parental

D – Amor fraternal

E – Amor filial

F – Amor universal

Estes amores nunca se manifestam em plenitude em nenhuma criatura abaixo do ser humano. As aves e os animais possuem apenas os três primeiros: o amor-próprio, o amor conjugal e o amor parental; os três últimos – o amor fraternal, o filial e o universal – surgem exclusivamente no ser humano. Os três primeiros ocupam, no cérebro humano, um espaço proporcional ao cérebro completo de um animal inferior. E, quando consideramos que o amor-próprio é a fonte de toda a animação, da energia e do instinto – a base, por assim dizer, daquela consciência do eu que se protege e provê a si mesma – temos então uma explicação clara da origem e do alcance do instinto e da inteligência animal.

Importa acrescentar que, no homem, estes amores são também fontes de inspiração. Dão vida, espírito, intuição; encerram os elementos da Sabedoria e do Conhecimento. Contudo, em especial no ser humano, estes amores não possuem, por si só, o poder de ponderar sobre o bem ou o mal dos objetos da sua afeição; toda a orientação e governo devem, portanto, emanar e ser guiados pelos departamentos do Conhecimento e da Sabedoria. Uma pessoa deficiente nessas áreas da mente revela uma natureza impulsiva e desarmoniosa.

A universalidade do Amor Conjugal – as suas manifestações constantes em plantas, árvores, aves, animais e humanos – será tratada numa futura palestra, quando abordar a relação matrimonial. Neste momento, debruçamo-nos sobre outra questão: os “vícios” fisiológicos – e, portanto, morais – que surgem da ação extrema ou invertida do princípio conjugal. Como será esta a base do nosso estudo presente, deixaremos os demais amores e os órgãos intelectuais sem análise aprofundada.

Notar-se-á que sou impelido a chamar “Amor” à atração que conduz ao matrimónio – um “Princípio Conjugal”, um princípio da alma – uma Lei inscrita na própria Natureza. Espero, até ao final destas palestras, que esta nobre convicção encontre

morada no entendimento de cada um.

Se tiver êxito, então, graças à vossa sabedoria mais cultivada e iluminada, sereis salvos de quaisquer manifestações extremas ou distorcidas de tão sagrado princípio. Se falhar, permanecereis como estais – talvez beneficiados, em parte, no domínio do Conhecimento. Pois mesmo que não consiga reformar-vos, farei com que saibais mais; e, assim, prossigo, pois o Conhecimento conduz, em última instância, à Sabedoria – e esta detém nas mãos o cetro da salvação. As sementes que agora planto com tanto zelo poderão, um dia, germinar e dar fruto. Se tal acontecer, o mundo rejubilará; se não, a culpa não será minha.

Afirmo que o amor conjugal é um “Princípio Sagrado”. Ao dizê-lo, divirjo de quase toda a humanidade. Sabeis bem que os religiosos consideram o amor como uma mera paixão animal temporária – providencialmente concebida para perpetuar a espécie – um desejo carnal que merece constante subjugação e contínua mortificação. Também sabeis que quase todos os poetas, romancistas e “gente do mundo” tratam este amor como um sentimento etéreo – um fenómeno de atração física, peculiar aos imaginativos, aos apaixonados, aos sensíveis. Pelos religiosos menos esclarecidos, é tratado como um atributo satânico do corpo. Pelo mundo, em momentos de levandade, é difamado e ridicularizado como uma inclinação vulgar e sensualista.

As críticas tagarelas do clero só são equiparadas pela vulgaridade do riso cínico dos trovadores cómicos. Quando um homem e uma mulher são verdadeiramente conhecidos por estarem “apaixonados”, tornam-se imediatamente alvo da lamentável inquietação dos religiosos e da zombaria vulgar do mundo vigilante. Enfrentam logo uma multidão de “entendidos” de um lado, e de trocistas do outro.

Desde a manhã do Dia de São Valentim até à véspera do casamento, o caminho está infestado por um exército destrutivo de ladrões – roubando a paz, deturpando o carácter – deixando no seu rasto falsidade, vulgaridade, difamação. Tudo isto porque não há uma fé firme no amor conjugal como princípio divino – com as suas próprias necessidades, leis, recursos, métodos e missão gloriosa – para os quais nenhum outro princípio ou amor pode legislar ou oferecer substituição satisfatória.

Além disso, como bem sabeis, o mundo vê o Amor como uma paixão; algo próprio da juventude romântica. A juventude, com o seu sangue quente e em ebulição, é considerada a estação do amor – pois o coração derrete-se pela primeira vez com o toque mágico da novidade. A “misteriosa” atração é apontada como a causa dos seus deslumbramentos ardentes. Ignorância e inexperiência conspiram para incendiar a imaginação juvenil – e os desejos que daí nascem são praticamente ilimitados. Esperança, fé, devoção eterna, fantasias de felicidade eterna – brilham como chamas de altar no cérebro juvenil.

A história desta fase do amor é um registo de sonhos efémeros e expectativas infundadas – nascidas da ação extrema do princípio conjugal. Tais pessoas juram constância eterna aos objetos dos seus sonhos; mas afirmo, com toda a sobriedade, que raramente se pode confiar nessa eternidade por mais de quinze dias. O mundo define paixão como o amor e a expectativa de prazeres – de delícias indefinidas, extravagantes, inesgotáveis. A ação extrema leva a alma a arrogar-se o poder de um deus. No primeiro encontro com Romeu, Julieta exclama:

“A minha generosidade é tão infinita como o mar; O meu amor, tão profundo.”

Tudo isto assenta em expectativas perecíveis – fruto da ideia de que o amor é mera paixão – um fogo apagável pela corrente contínua do tempo. O mundo sofre, ao que vejo, com tais conceções semi-belas mas rasteiras da vida da alma. Quão imaturo é o pensamento de que a manifestação do amor se limita à juventude – aos seus sonhos de filigrana e entusiasmo passageiro, às suas meras inclinações físicas ou fisiológicas! Esta é, no entanto, a sensualidade do mundo. Consigna o princípio conjugal a um estado de embriaguez mental: uma paixão doentia e sentimental, acesa por desejos físicos, sustentada por belezas tão fugazes como sorrisos e suspiros que nem chegam a respirar – para depois ser duramente disciplinada pela experiência e pelos dissabores da vida, até expirar por fim em rugas ressequidas e indiferença gelada.

É uma alegria para mim acreditar na juventude imortal de cada alma humana – sim, nos prazeres imortais e nos nobres fins do Amor Conjugal, enquanto Princípio. Os princípios são eternos. A alma humana será fiel às leis do seu ser. Mas vejo que o mundo ou se opõe, ou desconhece as grandiosas utilidades do casamento. Assim, como o mundo pensa, assim ele é; e quase ninguém se une verdadeiramente. Ouvimos diariamente falar de atribulações tempestuosas entre os casados; e não vemos menos os vícios fisiológicos dos solteiros.

Não vedes, não sentis que algo está em falta? Pais que absorvem e perpetuam os valores prevaletentes sobre o amor e o casamento não podem legar aos filhos convicções mais elevadas. Estes, como consequência, seguem a multidão em pensamento e ação. A ideia comum de “Virtude”, assente em condições físicas, é demasiado impura para ser analisada. É digna apenas de uma raça semi-civilizada e voluptuosa, moralmente inapta para compreender a virgindade da alma – e muito menos para confiar nessa virtude divina, regeneradora e indestrutível que habita no íntimo, cujo reino se encontra na integridade do ser e na prática da Verdade.

Talvez compreendais melhor o estado atual do mundo, no que diz respeito ao Amor, se vos apresentar algumas observações de diferentes épocas e autores:

Primeiro: Os egípcios consideravam o amor espiritual e o prazer físico como

dádivas sinónimas de um mesmo deus desconhecido. Nem sequer imaginavam que o casamento fosse algo superior a um instinto corpóreo; comum tanto ao ser humano como aos animais, entre os quais se percebia uma ciência de correspondência, cuja origem Swedenborg atribui a um tempo em que a linguagem simbólica era comum.

Segundo: Moisés, e os seus sucessores na teocracia judaica, rebaixaram o princípio do amor ao mesmo nível daquilo que as gerações posteriores viriam a classificar como vícios físicos; criaram leis para regular esse afeto entre os sexos como se fosse propriedade – que podia ser comprada, vendida, dada ou retirada à vontade. A virgindade da alma nem era concebida; tudo era carnal, rasteiro, desprovido de espiritualidade.

Terceiro: David e Salomão foram polígamos. A longa linhagem de reis e sacerdotes, sob a antiga dispensação teocrática, não sugeriu – nem por palavras nem por atos – qualquer forma de amor que fosse verdadeiramente da alma. Era tudo carnal, fenomenal, sentimental, efémero. O harém de Salomão contava com mil mulheres, entre esposas e ornamentos palacianos; mas não havia qualquer veneração prática por aquele glorioso princípio do Amor, que gera alegria e fortalece a virtude, que salva e santifica quem o possui.

Quarta: A poligamia, restrita ao homem, continua a ser considerada, em todos os países muçulmanos e em sociedades escravocratas, um direito moral e uma instituição religiosa. A mulher, por conseguinte, é feita escrava legal do homem. O seu coração, se pulsar num peito de beleza física, torna-se mercadoria. E vende-se bem no mercado. A bela lei do Amor existe, mas sem ser reconhecida. O físico reina soberano, pois é o cerebelo que domina a alma; a parte posterior da cabeça está em ascensão.

Quinta: Na Grécia, no seu auge, vislumbra-se uma evolução teórica. Os objetos superiores do amor começaram, embora timidamente, a ser esboçados. Notarão que considero o casamento e a parentalidade (em termos físicos) como as manifestações mais baixas e menos significativas do amor conjugal. Este possui uma missão eterna para com a alma. E, apesar de a filosofia e a teologia gregas serem intrinsecamente voluptuosas e materialistas, há nelas algum reconhecimento, algum respeito, alguma comunhão com um Princípio de Amor progressivo e aperfeiçoável. Há uma certa pureza psicológica no amor grego.

Nas suas divindades mitológicas encontramos ilustrações desse avanço. Cupido, por exemplo, deus do amor e filho da bela Vénus, é representado como um menino alado. Os seus olhos, ainda que radiantes de luz amorosa, estão vendados – porque a filosofia reconhece que “o amor é cego”. Mas Cupido, embora imaginado como o gerador de inúmeros desejos mundanos, não era solteiro. Estava casado com “Psique” – que significa “Alma”. E o seu amor por ela simboliza que toda afeição

verdadeira tende para o espírito, e não para o corpo. Na mitologia encontramos, assim, os gérmes de grandes verdades espirituais – prenúncios animadores da Era Harmónica.

Sexta: Os chineses argumentam, com eloquência fantasiosa, a necessidade da poligamia. Afirmam que a pluralidade de esposas não causa perturbações domésticas. O romancista chinês, quando deseja retratar a felicidade conjugal do seu herói, costuma atribuir-lhe duas esposas de temperamentos opostos, profundamente amigas e igualmente obedientes ao marido. Aqui não existe qualquer conceção de união de almas; tudo é externo, arbitrário, temporário, degradante.

“O Amor desce a sorrir pelo Ganges azul, Deslizando sobre uma folha de lótus.”

Sétima: Licurgo via o amor como sinónimo de atração física; próprio dos jovens de sangue quente e benéfico para os de meia-idade. Por isso, legislou sobre as suas manifestações e procurou regular entre os espartanos o modo como concediam as suas afeições.

Oitava: Diz-se, em momentos poéticos, que alguns casamentos começam no Céu. Mas, frequentemente, pelo seu desfecho e pelos propósitos a que servem na Terra, parecem terminar demasiado perto do Reino oposto.

Nona: O mundo inteiro – agindo segundo convicções semi-espirituais ainda não desenvolvidas – “ama para baixo, e não para cima”; começa pela alma e termina no corpo; nasce da novidade e da infatuada paixão, e morre no fastio e no desengano. É triste que a alma seja ensinada a olhar para baixo em busca dos seus prazeres mais delicados! Shakespeare descreve o amante como:

“Suspirando como uma fornalha, com uma balada triste Composta para a sobancelha da sua amada.”

O mesmo autor, sempre fiel à natureza na descrição das emoções mais visíveis, coloca Romeu a definir o princípio do amor como um capricho juvenil, instável e ilusório:

“O amor é fumo, feito do vapor dos suspiros;

Quando estimulado, é fogo a brilhar nos olhos do amante;

Quando contrariado, é mar nutrido pelas suas lágrimas.

Que é mais? Loucura discreta, Fel e doçura a um só tempo.”

Décima: Os entusiastas religiosos, de todas as eras e credos, fizeram mérito da abstinência matrimonial. Orígenes é um exemplo. Certos cristãos primitivos viam o amor conjugal como incompatível com elevados padrões morais. Casar era corromper-se com motivos impuros; o caminho largo para o egoísmo composto. Na Judeia, na Pérsia, no Egito, na Grécia e em Roma, houve sempre quem desprezasse o casamento.

Décima Primeira: O Reformador Nazareno, de certo modo, condenou todas as manifestações físicas do conjugalismo; considerou-as adultério e advertiu os seus discípulos contra os perigos de tais indulgências. Fiel às suas impressões essénias, disse: *“Aquele que olhar para uma mulher com desejo já cometeu adultério com ela no coração”*... *“Se o teu olho direito te fizer tropeçar, arranca-o e lança-o fora”*.

Será então o desejo do coração menos impuro que o ato? Se for, deve-se obedecer à lei civil em vez da natural? Para o espírito nazareno, anti-materialista e profundamente ético, todo o desejo de união física – legalizado ou não – era impuro e adulterado. Ainda assim, ele pareceu tolerar as leis de Moisés, considerando o casamento um traço legítimo da sociedade vigente, e recusou-se a interferir ou a subverter essas normas legais. Isto esclarece o facto de ter sido um reformador espiritual – evitando interferir em questões de propriedade, nomeadamente na posse e subjugação da mulher pelo homem.

No sistema cristão, as uniões legais são incompatíveis com o estado espiritual, pois “na ressurreição nem se casam nem se dão em casamento.” A ressurreição é aqui símbolo de uma elevação moral da alma. Os casamentos legalizados são, necessariamente, compostos de tirania e egoísmo. E o Nazareno, amante da liberdade e da pureza no seu sentido mais elevado, aconselhava todos a manterem-se “livres e imaculados do mundo.” Mas o que pensar dos que se dizem seguidores de Jesus – ministros e diáconos ortodoxos – que entram no estado matrimonial e perpetuam a espécie? Certamente não são imitadores do Nazareno autossacrificado. Mas voltarei a referir-me ao Ideal Cristão do verdadeiro Casamento.

Décima Segunda: Embora admire a coragem religiosa e louve o zelo incansável de Paulo, não posso deixar de deplorar e rejeitar as suas concepções sensuais sobre a natureza e os fins do amor conjugal. “Para evitar a fornicção” – escreve ele – “cada homem tenha a sua própria mulher, e cada mulher o seu próprio marido.” Aqui, o princípio conjugal é totalmente degradado. Torna-se apenas um remédio! A sua origem divina, a sua missão imortal, o seu carácter sagrado e santificador, a sua influência enobrecedora e glorificante – tudo é ignorado pelo semi-filósofo apóstolo.

Em vez de elevar os objetivos do casamento, Paulo aconselha os “solteiros e viúvos”, que não conseguiam seguir o seu exemplo, a casar. Mas porquê? Para se unirem como os anjos – ou seja, por serviço elevado e sagrado? Com uma solenidade triste,

rebaixa a relação conjugal a mera atração física, a necessidade fisiológica – um remédio político contra a fornicação! “Melhor é casar do que arder”, afirma ele. Devemos, então, ensinar o mundo a casar “segundo as Escrituras”? O que é vício sem lei, torna-se virtude com ela? Pode a lei civil transformar o que é sensual em santo?

Na verdade, Paulo estava impregnado do ascetismo farisaico do seu tempo. Mas quem ousará dizer que ele deturpou os ensinamentos do seu Mestre? O Ideal Essénio de Casamento floresce através da vida e das palavras de Jesus. Esse casamento espiritual puro, ignorando o corpo, manifesta-se abertamente no pensamento persistente e zeloso de Paulo. Fiel ao seu guia espiritual, ele opôs-se às relações amorosas, considerando-as incompatíveis com o sacrifício próprio e a entrega aos princípios sagrados.

Escreveu: “*O solteiro cuida das coisas do Senhor... mas o casado cuida das coisas do mundo.*” Assim, Paulo une-se aos que fazem mérito de desconsiderar e crucificar a natureza. Que paradoxo: um pregador e intérprete da Palavra a condenar, como impura e pecaminosa, a mais doce e divina das expressões da alma humana – um Amor que, segundo os espiritualistas, “*foi o próprio Senhor quem criou!*”

No nono capítulo da Segunda Epístola aos Coríntios, com notável franqueza, o autor faz a seguinte declaração: “*O que digo, não o digo segundo o Senhor, mas como se fosse loucura... falo como um insensato.*” Estou perfeitamente disposto — aliás, sinto-me impelido — a tomar o Apóstolo à letra. Pois nada, com efeito, poderia ser mais irracional, mais antinatural do que a sua visão do matrimónio; nada mais propenso a degradar o laço sexual. Torna-se quase impossível que dois amantes se amem profunda e abertamente sem que sejam mal interpretados nas suas intenções — e, não menos, prejudicados moralmente pela prevalência de um magnetismo mefítico e autoritário que emana da fonte dessas convicções sensualistas.

O fanatismo, que sempre perverte e deturpa a natureza, começa por ser uma doença aguda, uma febre. Mas a oposição exterior cedo altera a sua forma. Através da pressão social, o fanatismo transforma-se em entusiasmo; depois, numa convicção consolidada; e, nesse ponto, torna-se numa doença crónica com carácter epidémico.

Décima Terceira: A mania de desconfiar da Natureza — de crucificar o elemento conjugal e esmagar os seus anseios como se fossem sussurros de Satanás — tem sido alimentada, ao longo de séculos, por santos cínicos. As opiniões dos primeiros cristãos, herdadas dos fundadores e intérpretes do sistema, podem ver-se no seguinte excerto escrito por um Shaker, ainda que não publicado oficialmente pela Sociedade. Trata-se de uma tradução honesta do ascetismo antigo para uma linguagem quase vulgar. O poema, aparentemente dirigido a um swedenborguiano, diz:

Se há um Céu para além deste que possuímos, Não posso adivinhar a sua felicidade; Pois confesso: não imagino nada melhor Do que este, onde as almas se tornam uma só – Um bloco sólido de eterna União De irmãos e irmãs em comunhão. [...]
Descobri, enfim, que o LAÇO, Por mais santificado que o vejas, E por mais honrado que seja pelos padres anticristãos, Não pertence ao reino de CRISTO, mas ao da Besta. Os seguidores de Cristo são VIRGENS, cujo prazer É caminhar sempre sob o seu olhar, E não esconderem-se dele, nas sombras,

Como quem evita alinhar-se com a Verdade. [...] Dizem que amam a Mulher, e que dariam a vida Para provar quanto amam as suas esposas. Mas, mesmo com mil palavras, não poderão saber O que nós sabemos sobre esse assunto, A menos que renunciem a tudo, e crucifiquem a vontade. Essa mesma Vontade que, segundo admitis, Deve ser partilhada pela mulher amada, É a vida sensual – o Homem do Pecado. [...] O vosso Amor, por mais puro que o chamem, É apenas uma imitação conveniente Para manter viva a espécie de quê? De brutos. E se analisarem bem, terão de admitir, Com Ninon de l'Enclos, que se trata de LUXÚRIA.

Este é, portanto, o ponto de vista Shaker sobre o ascetismo cristão: uma versão directa e sem rodeios das opiniões de Jesus e Paulo. E torna-se inútil dizer que os Shakers não são, neste aspeto, os mais coerentes e, até, louváveis imitadores de Cristo sobre a Terra.

Décima Quarta: Em contraste com tudo isto, vemos o "partido do enamoramento". Thomas Moore, no seu poema intensamente imaginativo *Lalla Rookh*, ultrapassa todos os romancistas e panfletários na arte do cortejo sensorial. Observa-se a inseparabilidade entre juventude, beleza, romance e paixão. Os lugares, as cenas e os episódios são todos orientalmente luxuosos. Aliris, rei da Buchária, disfarçado de trovador com o nome de Feramorz, toca alaúde e, em versos espontâneos e fluídos, conta histórias de amor e provações, conquistando assim o coração da princesa circassiana.

O poema é encantador, sem dúvida; mas o que ensina ele ao mundo? Ensina que o amor é apenas uma chama passageira da vida. Não há reverência pelo Princípio! É um amálgama de romance, entusiasmo, novidade e encantamento – que desaparecem com o casamento. Em tais obras, desejamos frequentemente que os amantes nunca cheguem a casar formalmente. Porquê? Porque, em inúmeros casos, o casamento parece apagar a chama do coração – o drama encerra-se, o pano cai – e as alegrias do Amor deixam de ser vividas, passando a ser apenas memórias de sonhos imaturos da juventude.

Décima Quinta: Os sentimentos da juventude são como as flores da Primavera – frágeis e belas – mas não se deve comparar uma planta mortal a uma alma imortal. William Hazlitt escreve que “na juventude e infância, o mundo em que vivemos é um

mundo de desejo e fantasia; é a experiência que nos traz à realidade.” É a novidade que ilumina o mundo, perfuma o beijo e embeleza a flor. É a doce ilusão de que o prazer será infinito e certo.

Décima Sexta: O poeta Wordsworth, na sua Ode sobre o Progresso da Vida, explica a intensidade das impressões juvenis pela teoria de um estado pré-existente — onde os primeiros pensamentos estão mais próximos do céu — reflexos de antigas glórias, sombras do nosso ser anterior, que com o tempo e a experiência “se desvanecem na luz comum do dia.”

Contra todas essas concepções não filosóficas da natureza e utilidade do elemento conjugal, empenho-me na libertação do mundo. Muitos médicos, tal como Paulo, receitam o casamento como remédio. Mas para mim, o casamento sem amor verdadeiro é um "pecado imperdoável". Não há lei, celeste ou terrestre, que consiga transformar um casamento de conveniência noutra coisa que não seja uma união bestial e viciosa. Há mesmo autores que chegam a propor “Regras para Enamoramento” — do que nada poderia ser mais ímpio e corruptor.

Diante de vós, ergue-se o cenário de duas grandes classes: os Extremistas, de um lado; os Inversionistas, do outro. Em número, os primeiros superam largamente os segundos. Ambos, porém, são produtos legítimos da evolução social da humanidade — sinais materiais de uma imperfeição ainda reinante. São como duas asas da Fénix terrestre, das quais, das suas cinzas purificadas, há de emergir uma nova era nupcial mais verdadeira!

Os Extremistas cultivam e exaltam o elemento conjugal como fonte de prazer. Já os Inversionistas suprimem-no e condenam-no como obstáculo à pureza moral.

Entre os Extremistas, encontramos personagens veneradas como David, Salomão, Zoroastro; os chineses, turcos, africanos; reis de quase todas as épocas e regiões; devotos mórmons; libertinos e cortesãs de todas as classes. Entre os Inversionistas, encontramos os antigos sacerdotes egípcios do Sol, alguns chefes hindus, Jesus e Paulo, ascetas dos primeiros séculos, fanáticos medievais, papas e monges católicos, freiras em conventos, e ainda praticantes do auto-erotismo de ambos os sexos — os chamados onanitas — e os fiéis Shakers da nossa época.

A história da humanidade revela estas duas classes com a mesma clareza com que a Terra revela os seus polos Norte e Sul. E concluo com uma simples observação: no seu tratamento do princípio conjugal, ambas estão — ao meu ver — *profundamente erradas*. Transgridem uma lei divina inscrita na alma humana. Colocam obstáculos no caminho da Progressão do mundo em direção à Paz Social e à Unidade Universal.

PALESTRA V

AS CARACTERÍSTICAS E OS VÍCIOS DOS EXTREMISTAS

Afirmou-se que o Princípio Conjugal, na constituição espiritual, está na base de toda a vida, da sociedade e da felicidade. Antes de concluir, creio que partilharão uma conceção igualmente elevada.

O mundo conjugal, como recordam, é constituído por dois hemisférios, com dimensões diferentes; cada um povoado por organizações em estados distintos de ação, com opiniões diversas sobre o matrimónio e costumes variados a seu respeito. O grupo mais numeroso, designado como os “Extremistas”, vê o Amor Conjugal como uma propensão animal passageira —

“Uma chama errante Que deve ser alimentada pela loucura, ou extinguir-se”;

— uma atração física ou apetite, utilizado como meio de entretenimento corporal e prazer fugaz. O grupo menor, os chamados “Inversionistas”, embora façam uma avaliação semelhante quanto ao carácter do matrimónio, repudiam-no e desprezam-no, considerando-o incompatível com a pureza moral e com a contemplação do divino e do espiritual. No entanto, entre os Inversionistas encontramos uma multidão de violadores solitários do princípio conjugal — praticantes do auto-erotismo e da autopoluição.

Ambos os grupos contam — se é que tal se pode considerar um motivo de orgulho — com alguns dos maiores génios e figuras reverenciadas que a História já registou.

Convido agora a vossa atenção a uma análise das características e vícios dos **Extremistas**.

E, ao fazê-lo, não pretendo ser especialmente pessoal nem local. A reforma aqui abordada dirige-se a todas as partes do globo habitável. Não é uma questão exclusiva da nossa época e geração — tornar-se-á o trabalho das gerações futuras. Os extremos e inversões do princípio conjugal não se confinam a nenhuma região, comunidade ou era específicas. São visíveis, com todos os seus efeitos nefastos, em todos os países e climas; atravessam todas as classes sociais; embora não sejam, em todas as latitudes ou entre todos os povos, igualmente abundantes ou visíveis. A sociedade americana, por exemplo, é mais crítica e hipócrita do que a sociedade parisiense. Assim, sem o merecer, recebemos elogios pela virtude, enquanto os franceses são censurados pelo vício.

Ficaríeis surpreendidos ao ver o mundo tal como é. Através de vós, falo ao mundo. Mas não me perderei em generalidades vagas, nem farei descrições tão amplas que permitam a qualquer indivíduo escapar à justiça ou evitar a responsabilidade pelos

vícios que carrega. O verdadeiro reformador deve ser fiel à natureza; deve pintar os retratos com rigor — independentemente de quem se veja neles refletido, amigo ou inimigo.

Mas causar ofensa ou ferir desnecessariamente os sentimentos de alguém, ainda que equivocado, seria um ato gratuito. Falo, pois, com verdade, sob inspiração, e com amor e ternura — sem qualquer desejo de ridicularizar ou satirizar inutilmente uma única alma humana. Tampouco procuro promover a Reforma pelo medo. Comigo, as eras da força e do terror estão eternamente ultrapassadas. Suplícios, brasas infernais, masmorras tenebrosas e fornalhas de enxofre aquecidas a temperaturas infernais, supervisionadas por demónios em fúria, são instrumentos redentores e reformadores que nunca recomendarei.

Descobri outras forças regeneradoras do ser humano. A mais poderosa é a geração reta — começar o mundo com uma alma e um corpo justos. À vossa esfera do Conhecimento, apresento os fatos incontestáveis da Ciência, os princípios invencíveis da Filosofia, e os ensinamentos persuasivos da própria Religião da Natureza. À vossa esfera da Sabedoria, ofereço atrativos ainda maiores: o Amor, a Verdade, a Justiça, a Humanidade, a Imortalidade e a Divindade.

É por esses meios que anseio pela salvação universal da humanidade — da libertação de todos os extremos e inversões do princípio da Vida.

Os bárbaros do mundo, mentes ainda presas ao plano da força e do medo, podem ser afastados do caminho do pecado pelo apito aterrador de uma locomotiva ortodoxa rumo ao inferno, com o comboio cheio de emigrantes “com bilhete direto”, tendo como maquinista sua majestade infernal. Mas digo-vos com sinceridade: as mentes civilizadas só podem ser salvas do erro por um conjunto muito diferente de remédios — a saber: pelo desenvolvimento natural e exercício harmonioso das atrações do Amor, do Conhecimento e da Sabedoria — unificando gradualmente todos os sentimentos, toda a ciência, toda a sociedade.

Estas, como vedes, são causas racionais — adequadas ao desenvolvimento e perpetuação de efeitos racionais. Permiti-me, pois, pedir-vos com sinceridade que levem os interesses do mundo aos vossos corações mais profundos — que reconheçam o grande Princípio Harmónico, proclamado pelos mais lúcidos e magnânimos de todas as épocas: que o mais elevado interesse de cada homem é ser guardião do seu irmão, porque as simpatias e os destinos humanos são um e inseparáveis para sempre.

Movido por estas considerações sagradas, creio que estareis dispostos a ouvir e aprender — se não por vós mesmos, então, generosamente, pelo bem do mundo.

Existem dois tipos de Extremistas: os polidos e os vulgares. Os polidos pertencem às classes mais favorecidas da sociedade — os ricos, nobres, honrados e instruídos. Os vulgares pertencem às classes desfavorecidas — os pobres, oprimidos, degradados e ignorantes. Em ambas as categorias, encontram-se muitos indivíduos de ambos os sexos. As causas dessas tendências extremas serão analisadas numa palestra futura.

O extremista polido, do sexo masculino, pode, e geralmente possui, um intelecto altamente refinado e brilhante — mas carente de qualquer espiritualidade ou sentimento religioso. Na conversação, é cativante; nos modos, encantador; voluptuosamente eloquente nas suas metáforas e fantasias poéticas. O Amor, sendo a essência vital da alma, é o meio da inspiração. Cada tipo de amor atrai elementos afins e expressa-se por formas correspondentes.

Assim, o amor-próprio inspira o avarento, o cínico, o asceta, o eremita; inspira todos os seres sencientes com o instinto de autopreservação. O amor parental inspira o poeta a cantar a infância, o artista a retratá-la, o escultor a libertá-la do mármore, o homem bondoso a tornar-se, em espírito, "como uma criança". O amor fraternal inspira o poeta com hinos à Fraternidade, o filantropo com bondade compassiva, o patriarca com vigilância, o líder com esperança, sinceridade e coragem. O amor filial inspira a alma com reverência, ergue o olhar ao alto, torna-a humilde e devota, infunde adoração e um entusiasmo sagrado pelas realidades sublimes.

O amor universal inspira o indivíduo com simpatias alargadas, aquece o intelecto com sede insaciável por conhecimento ilimitado, impulsiona a imaginação para a contemplação das coisas interiores e infinitas.

Cada forma de amor, como podeis observar, inspira a imaginação de modo distinto. A ação de cada uma, no seio das faculdades intelectuais, tende a desenvolver o génio, e um amor pelo Brilhante, o Transcendente e o Belo. Isto é particularmente verdadeiro no caso do AMOR CONJUGAL. Este princípio está à frente de todas as inspirações da vida. Ele acende a imaginação — e dá origem a toda a existência.

Sob a inspiração deste Amor, o **extremista** tende a ser um homem dotado de beleza intelectual e grande aptidão. Este amor dá fluidez e delicadeza à sua música; às suas pinturas, calor e entusiasmo. Pode possuir aquela "intensidade de paixão que, ao procurar exagerar tudo o que excita o prazer ou o poder no espírito, e ao moldar as impressões dos objetos naturais segundo os impulsos da imaginação, produz o génio e o gosto pela poesia." De um modo geral, um homem não pode ser verdadeiramente artista sem a atividade deste amor; nem pode ser, sem ele, um poeta bem-sucedido, um músico admirado, nem um autor popular de peças dramáticas.

"Tudo o que há de mais inebriante no perfume de uma primavera do sul, de mais lânguido no canto do rouxinol, ou voluptuoso na primeira abertura de uma rosa" —

é aquilo que mais atrai o extremista refinado. Refiro-me agora ao mais elevado tipo desta classe.

O rubor carmesim nas faces da beleza, os lábios rubros, os dentes de brancura perolada, os olhos cinzento-escuros ou azul-claros, o seio generoso, o corpo curvilíneo e o tornozelo delicadamente esculpido — tudo isto invade os seus poemas a cada instante. As suas obras estão recheadas de alusões sensuais e fantasias elegantes e delicadas. Esta característica é visível nos Cânticos de Salomão. A ação extrema — ou inspiração — do amor conjugal aparece em quase todos os seus provérbios e alegadas expressões religiosas. Salomão parece deleitar-se nos símbolos oníricos do amor. Algumas das suas imagens são, de facto, muito belas. Exclama, por exemplo: "*Quão formoso é o teu amor, minha irmã! Quão melhor é o teu amor do que o vinho!*"

Noutra passagem, compara a sua amada a "*um jardim fechado, uma fonte selada... uma nascente de jardins; um poço de águas vivas.*" Estas expressões são claros exemplos da ação extrema do princípio conjugal. Mas algumas das inspirações de Salomão exigem a "cura" de um teólogo bem instruído, para que não prejudiquem os jovens e imaginativos que, em países cristãos, são ensinados a lê-las e aceitá-las como palavras puras de Deus.

No entanto, a ação extrema do Princípio Conjugal nem sempre conduz à poligamia, nem à concubinação, nem mesmo ao abuso sexual dentro do casamento. Pode manifestar-se exclusivamente em obras de arte — fluindo para a pintura, a música, a escultura ou a arquitetura; em luxúria poética ou em literatura romântica. Muitos novelistas franceses parecem depender da inspiração acesa por uma excitação conjugal intensa, como fonte de vida, conflito, espírito, romance e apoteose das personagens que criam nas suas obras.

Shakespeare, Moore, Byron, Shelley, Pope e Dryden — e muitos outros poetas menores — escreveram algumas das suas mais brilhantes passagens sob a influência deste amor. A ação extrema desta paixão acendeu e elevou por vezes a imaginação destes homens a uma apreciação sublime da vida e das suas belezas mais delicadas. O senso prático e cerebral de Dr. Johnson não estava suficientemente tocado pela varinha do afeto conjugal para que pudesse saborear o subtil engenho de Shakespeare. E duvido que certas passagens desses grandes poetas possam ser verdadeiramente apreciadas por quem não seja inspirado pelos mesmos canais de consciência.

Sem a ação extrema do Princípio Conjugal, Shakespeare nunca poderia ter escrito *Romeu e Julieta*. Esta tragédia está inteiramente edificada sobre o Amor. Em cada verso, sente-se "a embriaguez arrebatadora da esperança e a amargura do desespero" — com descrições vívidas de juventude e beleza que apelam constantemente, através

do intelecto, ao instinto do amor conjugal. De facto, quase todas as personagens femininas do génio de Shakespeare brilham com aquela simplicidade e castidade de carácter que só o amor conjugal, orientado por princípios morais e intelectuais, poderia conceber e sustentar. A peça *António e Cleópatra* demonstra também este amor; a rainha egípcia é sua viva personificação.

Apresento estes exemplos literários não com intuito de condenação, mas para vos orientar e abrir a visão a um novo capítulo da natureza humana. Estes são extremistas de ordem elevada.

Mas há um tipo inferior — ainda dentro da classe dos polidos — que todo o pai, mãe e filha deveriam encarar com olhos críticos. Como o descrever? Deixem-me pensar...

Todo o seu ser parece movido por fantasias grosseiras e anormais. A beleza física, o exterior elegante e sedutor, fascina-o e enfeitiça-o. A realização intelectual, a virtude espiritual e a excelência interior são para ele secundárias, quase irrelevantes. Está decidido a tirar o máximo da vida; mas os seus métodos apenas lhe trazem o pior.

O vinho, o espírito galhofeiro e as mulheres — são as suas maiores atrações; constituem tanto a sua maior delícia como a sua maior desgraça. Veste-se com elegância; estuda e decora as regras da etiqueta vigente; enfeita os dedos com anéis; arma-se com uma bengala de espada de cabo dourado; vai à igreja aos domingos com reverência — sobretudo na sua terra natal. Defensor da fé, condena com severidade todas as grandes reformas. Considera o *Tribune* um jornal estúpido, e a Filosofia Harmónica "decididamente imoral." É presença habitual em festas de sociedade; dança com elegância e valseia com rara graciosidade; joga bilhar com as senhoras com encanto; joga xadrez, gamão e outros jogos com perícia.

É apaixonado pela ópera; entra em êxtase com o tremor espasmódico de uma semicolcheia, e recupera-se no domingo seguinte com o gemido solene de um órgão de igreja. Em suma, este ser infeliz é um **extremista polido e vaidoso** — sem princípios fixos de vida espiritual; eternamente insatisfeito; procurando a felicidade por entre os caminhos traiçoeiros do Pandemónio; flutuando num mar de excitação e expectativa, entre a garrafa do destilador e um cavalo de corrida. Que tal figura exista em qualquer parte do mundo, é motivo de grande tristeza.

Mas, dentro desta classe, há várias tonalidades. Eis o generoso e "de coração aberto" **Solteirão**. O casamento legal é, para ele, uma prisão. Teme as obrigações matrimoniais, embora pareça estar constantemente à procura de noiva. Recusa-se a assumir responsabilidades parentais; estremece ante essa ideia como um criminoso perante a casa de correção. Diz: "*Não consigo amar seriamente uma única mulher.*" Não se considera capaz de ser fiel, enquanto houver tantas mulheres belas no mundo, todas igualmente irresistíveis.

Ao olhar para trás, através dos labirintos da História, encontro milhares de personagens assim — muitas vezes respeitadas pela abundância do seu "leite de bondade humana" — no púlpito, no comércio, nos tribunais, no parlamento. De facto, é nesses lugares elevados que encontro muitos dos verdadeiros culpados do mundo. Como exemplo nítido e moralmente árido desta classe, poderia referir-me ao Rei Carlos II de Inglaterra. Foi, em toda a extensão, um extremista sensualista. A pobre Nell Gwynn poderia, do Além, relatar com eloquência até que ponto este homem bloqueou o desenvolvimento do seu verdadeiro ser. Poderia igualmente citar Luís XV de França, entre outros ainda mais célebres — mas o vosso próprio conhecimento histórico fornecer-vos-á bastantes exemplos.

Em justiça ao Solteirismo, contudo, deve dizer-se que há muitas e honrosas exceções à regra.

Na verdade, muitos homens virtuosos, sensatos e cultos sentem verdadeiro terror ante a ideia de enfrentar as tempestades e furacões que, segundo navegadores experientes, assolam o Lago Erie da vida conjugal. Diz-se que um homem, ao casar-se hoje em dia, contrai mais do que esperava. Não se une apenas a uma mulher — mas também a um laboratório de gesso preparado; a um quintal de barbas de baleia; a oito sacos de café; a quatro cestos de romances; a um cão de colo; e a um sistema nervoso tão frágil que exige quatro criadas e três médicos em permanência. Este relato aterrador da experiência matrimonial, aliado à dificuldade de encontrar a alma gémea, faz surgir legiões de solteiros — que, em vez de serem extremistas, acabam por cair no Inversionismo, tema que tratarei com profundidade na próxima palestra.

Mas há também o outro lado desta questão. Muitas mulheres permanecem solteiras pelo mesmo motivo: a perspectiva dolorosa de se lançarem na aventura conjugal. Uma jovem recusa certos pretendentes — e com razão! — porque sabe que, ao casar-se, não receberá apenas um homem... mas também uma dúzia de calças rejeitadas; uma caixa de camisas sem botões; seis frascos de óleo capilar; um pequeno baú de medicamentos com rótulos em francês; uma pilha de contas por pagar a alfaiates; uma constituição debilitada; e um cérebro que considera os Negócios uma forma ridícula — e até vulgar — de passar o tempo.

Ambos os sexos têm muito a ponderar antes de embarcar na relação conjugal. E esta questão — garanto-vos — **será ressuscitada** à medida que prosseguirmos com a nossa investigação.

A religião é, por vezes, utilizada por certos **extremistas polidos** como um manto para ocultar a verdadeira natureza do seu carácter. De todas as imperfeições humanas, considero a hipocrisia a mais detestável. As minhas palavras, contudo, não se aplicam à nobre legião de ministros sinceros, inteligentes e de bom coração, que existem em todas as denominações religiosas.

Eis o típico falso moralista — um verdadeiro sepulcro caiado. É, por regra, um homem bem-apeado, de constituição robusta — e mostra-se especialmente afável e prestável para com as "irmãs" da sua paróquia. A História dá-nos como exemplo o Rev. John Newland Maffit — embora, segundo sinto, com demasiadas exagerações. Numa personagem como esta, encontramos uma estranha mistura de qualidades: velhacaria e retidão, sensualidade e salvação, ponches e orações, feijões e bênçãos, carne de porco e piedade! Duvido que até mesmo Liebig, o grande químico da modernidade, conseguisse separar tal composto em partes harmoniosas.

Este tipo de homem ora fervorosamente pela propagação universal do amor. Contudo, todo o seu calor e entusiasmo — quando não são frutos de dissimulação bem ensaiada — provêm da ação extrema do princípio conjugal, e não, como se possa imaginar, do “Espírito Santo”.

Mas a religião não é, por si só, o disfarce mais frequente — esse papel é muitas vezes assumido pelo próprio matrimónio. O véu sombrio do casamento é lançado sobre uma multidão de pecados e misérias. A esposa devota confia no seu marido extremista — enquanto este vive em constante violação do princípio conjugal, mas gere as aparências com tal astúcia que poucos o suspeitam.

Pontualmente vai à igreja, mantém “boa reputação” no meio empresarial, circula nos salões da moda. Perante estranhos, é gentil e atencioso com a esposa legítima, parece amar os filhos, e mostra-se grato pelo seu lar. Mas se observardes com olhos mais penetrantes — quase como em visão clarividente — vereis um facto triste e assustador: muitas alegadas alegrias matrimoniais são apenas **misérias mascaradas**. A mansão ornamentada é, muitas vezes, o túmulo frescado das esperanças enterradas; o Mausoléu de prazeres buscados por almas que nunca se conheceram verdadeiramente nos seus temperamentos e atrações.

Mas isto não precisa de ser assim. Centenas de lares, agora frios e infelizes, poderiam tornar-se belos e alegres — pela obediência ao Princípio Conjugal e por uma visão mais elevada do universo espiritual.

Não quero com isto afirmar que todos os extremistas sejam, por definição legal, bígamos ou polígamos; pois a maioria **corrompe os próprios lares** e comete os mais atrozes crimes **dentro dos limites legais do casamento**. As revelações de certos aposentos conjugais, mesmo em países “civilizados”, são demasiado repugnantes para serem aqui descritas.

Retrato de uma Extremista Polida do Sexo Feminino, tal como aparece em sociedade

Se, neste instante, pudésseis observar as condições domésticas entre os “figurões” de qualquer grande cidade — Boston, Nova Iorque, Filadélfia, Baltimore, Nova Orleães, Paris, Londres, Viena ou Constantinopla — veríeis um oceano de miséria dentro dos limites “virtuosos” do casamento legal: virtudes pela lei, mas autênticos “crimes” quando medidos pelos princípios da Humanidade.

Tenho-me detido mais na descrição dos extremistas masculinos, porque há setenta e cinco homens nesta condição mental para cada mulher. A mulher tende mais à inversão do elemento conjugal. Os seus amores parental, fraternal e filial, por outro lado, tendem à ação extrema. No entanto, também existem extremistas polidas no amor conjugal, às quais farei breve referência.

Retrato de um Extremista Polido do Sexo Masculino, como aparece em sociedade

A mulher extremista possui geralmente um corpo cheio, redondo. É impulsiva, afetuosa, imperiosa, impaciente perante restrições, apaixonada por moda e ostentação no vestir. É volúvel, ostensiva, encantada pela variedade em tudo, e vive em busca de prazer e excitação.

A História oferece-nos exemplos como Lais, a esposa de Potifar, Dalila, Cleópatra, Aspásia e Ninon de l'Enclos — e muitas outras do mesmo tipo geral. Estas mulheres, infelizmente, costumam ter rostos redondos, traços delicados e um desenvolvimento sensível dos órgãos sensoriais. A noite misteriosa, montada no seu carro, não corre mais velozmente atrás do sol poente do que as misérias perseguem essas mentes, até as conduzir trémulas e cheias de dor aos umbrais da sepultura.

Nas grandes cidades, circulam entre a multidão como “mulheres da moda” e “buscadoras de prazer.” No entanto, as regras da vida social são tais que uma extremista feminina raramente é admitida nesses círculos, a menos que viva sob a proteção de um casamento legal.

Retrato de uma Extremista Feminina Polida, com a Alma Exposta

A – O Amor-próprio encontra-se em posição dominante, deixando pouco espaço para o exercício das faculdades da Sabedoria.

B – O Amor Conjugal manifesta-se em ação extrema. Os demais Amores, por consequência, estão diminuídos na sua influência e capacidade. Deve o leitor comparar esta descrição com a da “Cabeça Modelo” e ponderar qual merece preferência.

Há uma classe destas mulheres que, em cidades populosas, utiliza tabacarias, cafés e pensões como fachadas, permitindo que tanto homens casados como solteiros entrem livremente nos seus espaços sem suspeitas públicas ou prejuízos sociais. Requer-se, repito, uma clarividência verdadeira para se perceberem estas realidades na sua total extensão. E no entanto, tudo o que aqui foi dito pertence ainda à melhor classe de extremistas.

Retrato Interior de um Extremista Masculino Polido

A – Representa o seu egoísmo, ocupando espaço que deveria ser reservado à Sabedoria.

B – O Amor Conjugal encontra-se em estado de ação extrema, embora invisível para os frenologistas comuns.

C – Inversão do Amor Parental, não visível no crânio, mas perceptível no comportamento.

D – Indica uma inversão do Amor Fraternal, cujos efeitos já foram descritos.

E – O Amor Filial encontra-se relativamente inativo ou passivo.

F – Inversão do Amor Universal, deixando o indivíduo sem qualquer sentimento de veneração pelo próximo.

Esta imagem deve ser cuidadosamente comparada com a da Cabeça Modelo, para estudo e contraste.

No que respeita aos extremistas vulgares — masculinos e femininos — devo acrescentar que são os que originam as canções obscenas, histórias indecentes e livros ilustrados que se encontram nos baús da juventude desorientada. A escritora Harriet Beecher Stowe ofereceu-nos retratos fiéis dessas almas em personagens como Legree, Haley e Loker.

O extremista vulgar do sexo masculino, ou filho de um, é fácil de identificar pela fisionomia, fala e comportamento. Tem um rosto baço, voz áspera, andar desleixado. Ri para cada mulher que passa, e as suas palavras são tão imundas que não se podem repetir. Os seus pensamentos e emoções, pesados como chumbo morto, não sobem à superfície da expressão civilizada. Pouco disto se aplica aos inversionistas.

A extremista vulgar do sexo feminino faz o coração adoecer. As visões dessa condição dolorosa na Terra forneceram a Swedenborg o material para descrever os seus “espaços infernais”. A total ausência de delicadeza e graça da verdadeira feminilidade; a inversão mental da gentileza e da sensibilidade física; a falta de

emoções elevadas e sábias; as palavras rudes, entrecortadas por blasfêmias; o rosto contraído, as roupas sujas e descuidadas; o andar desleixado — o carácter inteiramente animal — tudo isto compõe a mais repugnante de todas as condições humanas.

Tais mulheres descem à sepultura como um navio solitário no mar. Sobre elas, a Humanidade chora em profundo luto. Só na cidade de Nova Iorque existem mais de duas mil extremistas femininas, completamente distintas da classe polida.

E onde está o clérigo que se atreve a condenar as condições sociais das quais essas mulheres são vítimas? A sociedade sai ilesa, e as vítimas são marcadas para a perdição — porque a Igreja julga ver, no coração humano, a origem de todas as calamidades.

Os extremistas polidos e os vulgares apresentam, cada um, o que consideram ser um argumento justificativo. Permitam-me enunciá-lo...

O argumento dos extremistas polidos assenta numa hipótese: a de que a morte do corpo destrói a alma. Imperturbável, no fim da nossa jornada agitada, ergue-se “a Morte” — implacável, incansável, inexorável — fechando para sempre os “olhos sonolentos do amor” e relegando tudo às trevas de Plutão ou ao esquecimento. Nos antigos poetas — Homero, Virgílio, Horácio — encontramos essas visões sombrias. A morte é o fim!

Daí que o extremista se apresse a desfrutar os prazeres da vida “enquanto duram”, e a ser feliz “enquanto pode”; pois a morte virá cedo demais para fechar a boca e apagar a consciência do ser. O fim e o objetivo da vida é o prazer. Apenas a sensação é segura — tudo o resto, incerto.

Arístipo, fundador da escola cirenaica e precursor do epicurismo, formulou vários argumentos em defesa de se fazer do prazer o fim da existência. A ideia socrática de felicidade e sofrimento era, para ele, demasiado vaga. Arístipo reduziu toda a lei e toda a vida a prazer e dor; fez da sensação o critério de julgamento e a regra de ação. Assim pensam os extremistas: *“Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos.”* Esse era o seu lema, a sua filosofia, o seu evangelho.

Oh, se a sabedoria lhe tivesse aberto os olhos para as realidades sublimes de uma vida eterna! E, no entanto, há verdade na doutrina de que a Felicidade é a recompensa do justo, e a Miséria, o resultado do erro — um padrão fiável para avaliar a qualidade das nossas ações e da nossa vida.

Surge agora uma pergunta importante: O que constitui um extremista? Qual é a lei?

Esta é uma questão de clima e constituição individual. O que é “extremo” para uma

pessoa, é “moderação” para outra. Deixarei a resposta para a palestra sobre a “Origem, Natureza e Missão do Casamento”. Por agora, penso que todos reconhecem que existem extremos no mundo conjugal — e é para os males desses extremos que peço agora a vossa atenção.

Os males da ação extrema do Princípio Conjugal:

1. Em primeiro lugar, produz fraqueza muscular e origina doenças escrofulosas e cutâneas. A firmeza, beleza e elasticidade do corpo são comprometidas. A pessoa fica inapta para o trabalho, exceto com dor e fadiga. Esta condição é transmitida dos pais aos filhos.
2. Em segundo lugar, leva à charlatanice médica. Médicos tentam, em vão, negociar com a Natureza. Em jornais citadinos, multiplicam-se anúncios de produtos milagrosos para “fraquezas masculinas e femininas”. Isto é o mesmo que dizer ao mundo que se pode violar o princípio conjugal impunemente. Mas eu afirmo: Não! A Natureza é demasiado justa para abdicar das suas consequências diante dos truques e poções da medicina mercantil.
3. Em terceiro lugar, conduz à inconstância de propósito. Os extremistas práticos são volúveis nas suas atrações: hoje aqui, amanhã ali. Um homem não consegue manter o foco numa só mulher tempo suficiente para casar com ela. O mesmo se aplica às mulheres extremistas — como Ninon de l’Enclos, por exemplo, que nunca amou fielmente ninguém. Para ela, a variedade era sinónimo de harmonia. Quando os vossos filhos, irmãos ou irmãs começarem a mostrar inconstância nos afetos, é tempo de lhes oferecer conselhos filosóficos e amorosos.
4. Em quarto lugar, destrói a sacralidade e beleza do casamento espiritual. O princípio conjugal deixa de ser venerado. O amor passa a ser considerado uma paixão trivial e efêmera — um atributo da carne, sustentado apenas por fantasia e loucura. Quando o amor é assim degradado, não há verdadeira fé nem na virtude, nem na inocência humana — nem no homem, nem na mulher.
5. Em quinto lugar, gera fraqueza moral e impede o verdadeiro desenvolvimento da Sabedoria. A vítima já não acredita em nada que seja verdadeiramente alto ou divino. Os seus ideais são terrenos e sensuais. A mente humana — criada para brilhar acima das estrelas — traz os seus afetos para o plano mais baixo e procura nas sensações do corpo todas as suas bênçãos. É como ver anjos, de vara e isco na mão, a pescar nutrição celestial num charco — olhando para baixo, e não para cima, por amor e pelo Céu.
6. Em sexto lugar, produz grosseria mental e desleixo nos modos. Entre casais extremistas, provoca desafeição e afastamento. Qualquer excesso sexual — seja

dentro ou fora da legalidade — gera inevitavelmente indiferença prática. Muitos casamentos precoces estão cheios de infelicidade devido a essa causa insuspeita, mas poderosa, que mina a pureza do afeto.

7. E, finalmente, transmite os piores vícios e feridas à posteridade. Apelo agora tanto à vossa Sabedoria como ao vosso Conhecimento. As prisões, as forcas, os asilos, os hospitais, são meios usados pelo mundo para castigar quem? Os efeitos de uma geração inconsiderada! Sim, a estrutura da sociedade gera muitos males — mas afirmo-vos com toda a verdade: os albergues, penitenciárias, manicômios e instituições para surdos, mudos e cegos, são os recetáculos necessários para crianças concebidas no erro e nascidas na iniquidade.

Queixamo-nos dos extremistas vulgares, mas quem os criou? Que respondam os extremistas polidos e casados!

Chega de falar da “maldição de Deus”! Basta de explicações imaginárias para os sofrimentos humanos! Tragam as verdadeiras causas e a filosofia do mal! Quando vos perguntam, na escola dominical: “*Quem te criou?*”, respondeis com sinceridade: “*Deus.*” Mas foi Deus quem criou os bêbados, os ladrões, os mentirosos, os assassinos?

Longe disso. Estes infortunados inimigos da sociedade não foram criados por Deus — mas pelo mau uso do princípio conjugal por parte dos extremistas! Milhares de crianças nascem com males pelos quais os pais nunca foram sequer questionados.

Onde estão os verdadeiros criminosos da Terra? Estarão nas prisões? Nas masmorras? Nos asilos? Nas casas de prostituição ou nos antros de jogo? Não! Esses lugares e os seus ocupantes são efeitos. Onde estão as causas? Onde estão os que deram existência a estas almas deformadas, física e moralmente?

Observem bem: encontrá-los-eis livres, pelo mundo fora — sem grilhões, sem culpas, ricos, titulados, honrados — nos parlamentos, nos palácios, como juízes, padres e reis — aqueles que, com a bênção da lei, rebaixaram o amor a mero instrumento sensual!

As crianças nascidas com tendências à vingança, à crueldade, ao egoísmo e à infelicidade são filhas dos extremistas. Estes, casados ou solteiros, causam os mesmos males e transmitem as mesmas feridas às gerações futuras. Por isso, merecem a denúncia que aqui fazemos — e devem escutar os apelos comoventes da Humanidade.

PALESTRA VI

CARACTERÍSTICAS E VÍCIOS DOS INVERSIONISTAS

É essencial, para compreendermos adequadamente este tema tão melancólico, perceber que os alicerces de toda a mente estão no Princípio do Amor.

Na linguagem comum, a palavra "Amor" é usada de forma leviana — aplicada a caprichos e fantasias da mente, a sensações passageiras que habitam temporariamente os corações jovens e inexperientes — uma paixão febril que tantas vezes conduz a casamentos infelizes, e que acaba por morrer na cruz da provação e da desilusão.

Mas, com base em tudo o que já foi dito, creio que o leitor começará agora a atribuir a esta palavra um significado mais profundo, amplo e elevado.

Na Filosofia Harmónica, o termo “Amor” é a palavra divina para VIDA — esse Princípio de Vitalidade Universal que *“vive através de toda a vida, estende-se por toda a extensão”* — o elemento fundamental da alma humana. Elevamos, pois, esta palavra do pântano da linguagem comum à dignidade e divindade de um Princípio.

O tema que tratamos diz respeito a todas as pessoas. Os jovens de ambos os sexos, e também os que já não são jovens, estão igualmente envolvidos, porque igualmente afetados. Mas ninguém poderá compreendê-lo de forma inteligente e proveitosa, sem antes reconhecer a verdadeira fonte e base da vida.

O que é que planta o germe da vida humana? É a Lei do Amor.

Essa lei pode, num determinado momento, manifestar-se apenas no plano físico; pode apresentar-se de forma baixa ou elevada — extrema ou invertida — mas, independentemente disso, a causa parental do germe humano é a Lei do Amor. Por conseguinte, esta lei é o fundamento e o princípio orientador de todo o desenvolvimento que se segue.

Não me vou deter agora a descrever a correspondência exata entre o desenvolvimento do indivíduo e o grau ou a condição da Lei do Amor nos progenitores, quando foi lançada a fundação da sua existência imortal. Mas deve ser claramente afirmado, perante os pais e os que se preparam para o ser, que nenhum indivíduo pode agir em contradição com as condições interiores e genéticas que lhe foram dadas — como se fossem mestres-de-obras e carpinteiros espirituais encarregados da edificação do seu templo material. Os elementos do carácter e da disposição são entregues à criança; e o crescimento e cultura subsequentes podem modificá-los, mas não erradicá-los.

A lição fundamental que devemos aprender sobre a nossa existência é esta: todo o

nosso ser assenta sobre a Lei do Amor. O que causa a coesão dos átomos no sangue? É o amor entre esses átomos. O que provoca a gravitação das partículas subtis de matéria de uma parte do corpo para outra? Porque é que podemos comer, beber, respirar e sentir alívio? Porque esses elementos "reconhecem-se" na nossa constituição. Os químicos chamam a isso afinidade. Mas qual é a causa da afinidade? Há apenas uma resposta: AMOR.

Amor no sangue, amor nos músculos, amor nos nervos, amor no coração, amor no cérebro — amor em toda a constituição! Só há uma explicação. O Amor, quando em estado extremo, causa excitação, febres, inflamações — tanto no corpo como na disposição. Quando em estado invertido, causa frieza, apatia e crueldade. Assim é, porque há apenas uma força que dá vida ao osso, ao músculo, ao tecido e ao nervo, ao coração e à mente. Esse poder homocêntrico é o Alfa e o Ómega da Vida.

Tendo agora estabelecido a ideia de que corpo e alma dependem do Princípio do Amor — que é por meio da ação dessa lei que todas as partes do nosso organismo se desenvolvem — passamos à consideração direta do nosso triste assunto.

Características dos Inversionistas

Ao descrever as características dos inversionistas, espero expor os seus vícios à luz da consciência, e apontar a cada um o caminho reto e feliz do arrependimento pessoal.

Neste momento, os inversionistas estão protegidos pelas nuvens da ignorância. Pais e professores, tendo pouco ou nenhum conhecimento das leis da natureza, **são incapazes de identificar as vítimas do inversionismo**. Os jovens acabam por se desviar permanentemente no amor conjugal, tornando-se transgressores diários da mais importante das leis da vida — enquanto a Ignorância lança sobre eles o seu manto noturno, protegendo-os até do mais leve olhar de suspeita.

Chegou a hora de **rasgar as vestes da velha Ignorância**, e **expor as suas vítimas ao olhar compassivo da Humanidade**, que clama incessantemente ao homem: *“Cessa de fazer o mal, aprende a fazer o bem.”* Cada um deve ser **guardião do seu irmão**. Pois se o meu irmão ou irmã mais nova perturbar a Lei da Vida, **ninguém poderá prever onde, ou em que margem do universo infinito, essa perturbação terá fim**.

Uma metáfora do Inversionismo

Observai aquele nobre navio, ao sabor da brisa! Cada parte sua é forte e majestosa. Um verdadeiro espetáculo! Ele cavalga o oceano como "um ser vivo". Como simboliza tão bem a beleza e a grandeza prometida da maturidade, assente nas esperanças e aspirações da juventude! Mas eis que o rei da tempestade convoca os

seus exércitos para batalha. O seu trovão rasga os céus. Os elementos, em fúria descontrolada, desferem os seus raios sobre o navio — e a sua estrutura é abalada até ao núcleo! É triste ver regressar essa embarcação rasgada e despedaçada. As velas já não se erguem. As bandeiras já não dançam ao vento. Os mastros, outrora vibrantes, gemem agora ao som fúnebre da destruição. E ainda que nenhum passageiro se tenha perdido, a outrora orgulhosa e bela nave já não é o que foi.

Mas — quanto mais triste é ver a juventude, destroçada pelas paixões, chegar à idade adulta truncada nas suas proporções — fraca, doente, naufragada e temerária — transportando dentro de si passageiros morais e intelectuais que só sabem falar de remorsos ocultos e misérias profundas!

O jovem — rapaz ou rapariga — precisa apenas de conhecer as consequências do vício. Precisa apenas de olhar o monstro nos olhos, para sentir uma repugnância indescritível por tudo o que não está em harmonia com a verdadeira felicidade e dignidade humana.

Outra metáfora: A planta jovem e o réptil escondido

Num jardim está uma planta jovem e bela. Segundo a ordem da natureza, está destinada a dar fruto. Mas parece enfraquecida; não desabrocha com vigor. A sua beleza inicial e frescura parecem dissipar-se no ar.

O jardineiro, pouco experiente, não descobre a causa. Dá-lhe água, cuida do solo, esforça-se por restaurar a sua planta favorita — mas esta murcha lentamente, até desaparecer.

Mas, se olharmos mais profundamente, veremos: junto à base da planta, num recanto escondido, vive um réptil destruidor. Todos os dias, alimenta-se da constituição daquela jovem vida. A planta, ignorante, luta por crescer bela como as outras — mas não consegue esmagar o destruidor invisível.

E se isto é triste — que dizer da alma humana?

Inversionismo: definição e perigo

O inversionismo é um vício tão antigo quanto a humanidade. Devo esclarecer que, ao empregar palavras como “vício”, “mal”, “crime”, “transgressão”, refiro-me apenas a substituições ou aplicações erradas das leis que regulam o corpo e a alma. As suas causas serão analisadas em breve.

É difícil afirmar se o inversionismo é mais ou menos prejudicial do que o extremismo; mas é certo que ambos devem ser evitados absolutamente, pois são os inimigos mais insidiosos da humanidade.

Pais, educadores, diretores de escolas e universidades — todos os que são responsáveis pela formação do carácter humano — devem conhecer, intelectualmente, a origem e as consequências desses crimes silenciosos.

O inversionismo é mencionado no capítulo 38 do Génesis. Ignorância e inversionismo coexistem e espalham-se lado a lado. A Roma pagã estava repleta deste vício. Os templos erigidos a Vénus eram, muitas vezes, cenários de tais desvios. Mas não precisamos vaguear pela História à procura dessas misérias inenarráveis — a nossa geração já escreve páginas suficientemente negras sobre este tema.

Descubramos os recessos ocultos do inversionismo à nossa volta. Com uma investigação adequada, qualquer pessoa pode identificar as vítimas e ajudar na sua libertação.

O inversionismo, como já foi dito, é o oposto do extremismo. Este último é o estado febril do amor conjugal; o primeiro é o estado de arrefecimento.

Nos inversionistas, o princípio conjugal atua descendentemente, sobre o plano físico da vida. Nos extremistas, atua projetando-se para fora, no plano social — procurando prazeres de curta duração e colhendo misérias de longa vida.

As características dos inversionistas podem ser observadas a partir de dois pontos de vista: o físico e o mental. Existem também dois temperamentos nos quais os sintomas diferem significativamente — um é positivo, o outro negativo; ou seja, um mais ligado ao sistema nutritivo, e o outro ao mental. Nenhum verdadeiro estudioso da natureza pode ignorar estas distinções essenciais. Pais e tutores jamais deveriam permitir-se permanecer ignorantes dos sinais exteriores deste mal (ou desvio), nos jovens que lhes estão confiados.

O Estado Mental de um Inversionista Masculino

A ilustração acima (no texto original) pretende representar o estado interior de um inversionista do sexo masculino:

A – Amor-próprio em posição dominante.

B – Amor Conjugal subvertido, em desvio.

C – Amor Parental presente, mas moderado; revela algum carinho pelas crianças.

D – Amor Fraternal invertido; tendência à misantropia.

E – Amor Filial em estado extremo; carácter sombrio, mas sem religiosidade.

F – Amor Universal cheio, mas desorientado; sonha com a felicidade da humanidade, de forma vaga e idealista.

Aos cinco anos de idade, quando o corpo ainda atingiu apenas cerca de um sexto do seu peso total, muitas crianças — sobretudo filhos de extremistas — começam já a experimentar as emoções físicas do Amor Conjugal. Durante a transição da infância para a juventude, começam a manifestar-se as características progenitivas.

Estatisticamente, o corpo humano não atinge o seu peso máximo antes dos trinta e cinco anos. Durante todo esse tempo, o organismo desenvolve-se sob a ação da Lei do Amor, que está na base da vida. Esse processo é especialmente crítico entre o nascimento e os vinte anos.

Quão necessário, portanto, que os jovens não sofram qualquer desvio nesta faculdade! O bem-estar do adulto exige o repouso completo das funções procriadoras durante o período da juventude.

É significativo observar que quase todas as grandes almas nasceram de pais com mais de 35 anos de idade. Voltaremos a este ponto numa palestra futura. Entre os nativos americanos, os filhos de pais idosos eram escolhidos para chefes e líderes guerreiros. Mas, infelizmente, muitos de nós fomos lançados à vida por pais mal preparados para transmitir constituições saudáveis. Filhos de pais jovens tendem a ser nervosos e delicados — muito brilhantes e promissores no início — mas mais interessantes antes dos vinte anos do que depois. Com frequência tornam-se inversionistas.

Nas grandes cidades, este vício começa quase na infância — por vezes aos três ou quatro anos. É universal entre os oito e os vinte anos — e quase nenhum pai é capaz de identificar qualquer traço disso nos filhos. Ainda assim, os pais surpreendem-se com a fraqueza e irritabilidade dos filhos mais velhos.

O inversionismo, na sua marcha trágica, destrói mais juventude, prostra mais energias, dissipa mais esperanças do que talvez qualquer outro mal. Nenhum guerreiro ou déspota ganancioso jamais foi responsável por carnificina tão diabólica; nenhuma força destruidora foi tão consistentemente vitoriosa em concentrar desgraças sobre as suas vítimas.

Características físicas do Inversionismo

As marcas físicas do inversionismo são invisíveis nos primeiros anos, exceto para observadores muito atentos da natureza humana.

Mesmo os médicos, por vezes, não conseguem detetar os sinais até que o vício tenha deixado a sua marca de morte — e mesmo então, nem sempre o diagnóstico é certo.

1.º sinal: Um apetite insaciável. O processo digestivo é anormalmente rápido. Duas ou três horas após uma refeição abundante, o jovem tem fome novamente, devorando tudo com avidez. Este sintoma é frequentemente confundido com vermes intestinais — e muitas vezes é mesmo esse o caso — mas é mais frequentemente um indício de que o organismo está a sofrer uma perda anormal de substância, o que estimula o estômago a procurar compensar. No entanto, o estômago nunca poderá fornecer ao Amor os seus elementos próprios.

2.º sinal: O jovem torna-se febril e extremamente irritável — ou, pelo contrário, torna-se negligente e distraído. Conheci um homem, inversionista de longa data, que frequentemente esquecia o próprio nome ao ir buscar uma carta ao correio.

3.º sinal: Queixas de mãos e pés frios, gosto pelo calor do fogo, sensação de ser “frio por natureza”, como se diz. Sente-se afetado pelas mudanças de clima — alternando entre euforia e melancolia. Com isto, ocorre um súbito fluxo de sangue da periferia para o cérebro — o rosto cora intensamente, seguido de palpitações nervosas. Tudo isto decorre diretamente da inversão do Amor Conjugal.

4.º sinal: Sintomas de dispepsia, manifestados por desejo constante de comer ou beber líquidos estimulantes como chá, café ou bebidas fermentadas; ou ainda por uma sensibilidade no estômago, como se as paredes internas estivessem feridas ou doridas. Estes são sintomas muito comuns.

5.º sinal: Aparecimento de borbulhas pequenas no rosto, ou excrescências carnudas nas mãos. Ao cumprimentar um inversionista, sente-se uma pele ou muito seca e fria, ou húmida e viscosa — o que causa uma sensação de repulsa.

6.º sinal: O hálito do inversionista é, na maioria do tempo, tão fétido quanto o próprio pecado. Em vez de ser fresco e perfumado como feno recém-cortado, exala um vapor mefítico, carregado de humidade pestilenta — semelhante aos vapores de um poço onde matéria vegetal e animal se decompõe. Qualquer perturbação do sistema afetivo afeta a digestão — e esta, por sua vez, altera o odor do hálito. Além disso, tenho a firme convicção de que ninguém que se alimente de carne pode ser tão puro como quem vive de luz solar, vegetais e frutos da Terra.

7.º sinal: Os olhos. Pais devem estar especialmente atentos às alterações nos olhos.

Nenhum jovem pode entregar-se a vícios secretos sem anunciar, involuntariamente, a sua culpa a qualquer observador atento. Sinal quase infalível de inversionismo: vermelhidão nas pálpebras inferiores — ligeiramente inchadas e caídas. Outro sinal claro: círculos azulados profundos ao redor dos olhos, como meias-luas. Os culpados raramente os escondem.

8.º sinal: Em certos temperamentos, há emagrecimento extremo; noutros, uma rápida acumulação de carne grossa e flácida. Um parece pálido, magro e esgotado; o outro, pesado e indolente. Nos temperamentos ativos, a desobediência à Lei do Amor causa exaustão e cansaço doloroso. Nos temperamentos passivos, a mesma perturbação provoca excesso de peso, uma espécie de conforto suinamente preguiçoso e uma imbecilidade moral.

Estes são alguns dos sinais físicos do inversionismo prático. Nos muito jovens — especialmente filhos de pais jovens — estes sinais são quase invisíveis. Mas os olhos são os primeiros a revelar a culpa. Sim, círculos escuros sob os olhos podem ser apenas sinal de fraqueza geral. Mas quando surgem em jovens, cuja saúde é de outro modo estável, podeis ter certeza de que a marca é autêntica.

Agora, peço a vossa atenção para as características mentais desta classe...

Características mentais dos inversionistas

Em primeiro lugar, nota-se frequentemente uma surpreendente aptidão intelectual. O pai ou a mãe ficam encantados ao ver tanto juízo “maduro” no filho ainda jovem. Ele parece bem informado sobre assuntos que normalmente só dizem respeito a adultos. Além disso, é motivo de orgulho o facto de preferir ficar em casa a ler, em vez de se dedicar aos jogos habituais das crianças.

Estas peculiaridades variam consoante o temperamento. Alguns jovens tornam-se muito sérios e contemplativos. O desenvolvimento prematuro do Amor Conjugal — especialmente na sua forma invertida — é a principal causa desse aspeto religioso e meditativo que alguns jovens adquirem. São elogiados pela sua inclinação para uma vida devota, mas nem eles, nem os pais, suspeitam da causa interior desse comportamento. Parece evidente que a gravidade prematura nasce muitas vezes de causas anómalas.

Em segundo lugar, a memória começa a deteriorar-se, geralmente entre os 12 e os 20 anos. As faculdades intelectuais tornam-se menos rápidas. As ideias surgem brilhantes, mas logo se esfumam, mergulhando em nevoeiro e obscuridade. O jovem não precisa que lhe voltem a dizer que o Amor é a base de toda a vida — pois se esta Lei for infringida, toda a estrutura mental e emocional será inevitavelmente afetada.

Este facto foi recentemente confirmado por descobertas científicas. Fisiologistas observaram os efeitos destas alterações sobre o funcionamento mental. Os médicos franceses não hesitaram em estudar e apresentar os dados ao mundo. Mas os pais, mais pudicos do que sábios, escondem dos filhos os livros que explicam os grandes processos reprodutivos da natureza humana. A ignorância tem sido sempre a maldição da humanidade. Milhares choram hoje, por não terem sabido, na juventude, as consequências funestas do inversionismo.

Em terceiro lugar, o inversionista sofre de remorsos agudos e artificiais de consciência. Muitos jovens são levados a imaginar que participam no pecado de Adão e Eva, por terem desvirtuado a própria masculinidade através da prática do inversionismo. O resultado é o enfraquecimento do raciocínio e o surgimento de uma consciência doentia e sentimental, facilmente manipulável por excitações exteriores.

Em quarto lugar, o inversionista revela-se pelo seu gosto por solidão e pela aparente contemplação. Torna-se tímido e evita a presença feminina. Embora pareça pensativo, a mente está quase vazia. Rejeita os prazeres racionais e as conversas animadas. Vive dias de profunda tristeza, sem interesse pelo que o rodeia. Em tudo o que faz, nota-se uma certa desajeitação e ausência de presença de espírito. A graça natural cede lugar a movimentos grosseiros e desarticulados.

Caminha com os pés voltados para dentro, os joelhos tocam-se, as mãos mergulhadas nos bolsos. A sua postura assemelha-se a um cruzamento entre um autómato e um boneco de borracha. Os olhos olham para o chão, sem brilho nem energia. A boca é impura e sensual, semelhante à entrada de um esgoto. Os dentes estão escurecidos e apodrecidos. A pele do rosto tem aspeto de couro. A testa franzida. Ai, pobre e lastimável vítima da ignorância! Como caíste tão fundo na escala da existência — uma nau destroçada e prestes a afundar!

Este ser é escravo de um despotismo miserável — mais absoluto, mais irresistível e mais horrendo do que o próprio erro.

Em quinto lugar, as características do inversionista são opostas às do extremista. O Amor Conjugal, quando invertido, afasta-se da presença do sexo oposto; mas, em estado extremo, só encontra prazer nessa convivência. Os extremistas são elegantes e talentosos; os inversionistas, desajeitados e algo débeis. Os extremistas têm grandes pulmões e sentimentos corajosos; os inversionistas têm peitos estreitos e são, geralmente, tímidos.

Os mórmones representam a posição dos extremistas; os shakers, a dos inversionistas. Não digo que um ou outro sejam moralmente culpados de desvio conjugal. No entanto, como as posições destas seitas contradizem as leis imutáveis da Natureza, é razoável esperar delas efeitos proporcionais. Todas as circunstâncias

anti-naturais produzem resultados anti-naturais.

Os extremistas fornecem à sociedade animais humanos vistosos. Os inversionistas, quando se casam, povoam o mundo de doenças.

Mas verdadeiros homens e verdadeiras mulheres só podem nascer de pais que vivem em harmonia com a Lei Conjugal.

Os Vícios do Inversionismo

São quase demasiado horríveis para uma análise imparcial.

De onde vêm as terríveis doenças contagiosas que afligem a humanidade? Como surgiu a doença?

Resposta: da má direção do Princípio do Amor, que está na base de toda a vida e felicidade.

Como surgiram essas más direções? Por transgressão ignorante de uma Lei soberana do nosso ser.

Mas, se o homem já conhece essa Lei — por que continua a violá-la? Porque as tendências hereditárias são mais fortes que o juízo e que o mero medo da ignorância.

Como escapar aos vícios do inversionismo? Resposta: dando às nossas crianças — os pais do futuro — constituições mais robustas e melhor informação.

Todo o abuso do Princípio do Amor será cobrado na Constituição. A Natureza honra todos os vossos “cheques”, mas cobra cada um com juros. No início, sentindo-se satisfeitos com o “crédito”, muitos tornam-se extravagantes nos seus desejos — e abusam do privilégio.

Quase todos os jovens acreditam que podem escapar ao pagamento das dívidas contraídas no Banco da Natureza. Erro fatal! Ainda que a Natureza não puna o ato de imediato, o vosso organismo guarda registo exato de todas as transgressões. Mais cedo ou mais tarde, sereis convocados ao “tribunal” da vossa própria alma, para ser julgados *“segundo os atos praticados no corpo.”*

Ao olhar para a sociedade americana, vejo inúmeras desordens com origem nas funções reprodutivas.

Inversionistas! A Humanidade tem contra vós acusações das mais terríveis. Na juventude, imaginais que os vossos pequenos prazeres privados não têm qualquer efeito sobre o mundo. Mas olhai à vossa volta! Observai os nascimentos, as vidas de centenas! Que vedes? Homens, mulheres e crianças que são apenas metade do que

poderiam ser.

Fisicamente: que deformidades! Onde estão os músculos fortes, os nervos firmes, o peito largo, o cérebro equilibrado, o corpo livre de doenças e deformidades?

Espiritualmente: que vazio! Onde estão as mentes que unem força e simplicidade, coragem e modéstia, amor e sabedoria — aquelas que ficam entre a humanidade e os anjos?

Este mundo está povoado por mentes concebidas no erro e nascidas na ignorância. Se assim não fosse, por que existiriam tantos seres defeituosos?

Os vícios dos inversionistas estão por toda a parte — quer olheis ao espelho, quer para a sociedade.

As crianças absorvem os males fisiológicos com a mesma inocência com que brincam. Não têm intenção maliciosa. Procuram apenas prazer. Caminham em direção à maturidade como rosas murchas ainda em botão.

Em vez de uma maturidade nobre e encantadora, cada jovem infeliz torna-se um ser vulgar moldado pelas circunstâncias. A mente já não aprecia os prazeres elevados — se é que alguma vez os conheceu — e volta-se para temas baixos e destrutivos.

Dispepsia, doenças do fígado, histeria, reumatismo, problemas de coluna, escrofulose, sífilis, tuberculose e inúmeras deformações físicas — tudo isso teve origem nos inversionistas.

Paulo, na sua opinião, dizia que o casamento, ainda que não bom, era melhor do que o inversionismo. E, por isso, aconselhava tais pessoas a casarem-se.

Consequentemente, milhares rebaixaram o casamento ao nível dos remédios farmacêuticos — usando a mais sagrada de todas as relações como antídoto para os males do inversionismo.

Lamento que Paulo não tenha compreendido melhor as Leis da Natureza. Mas lamento ainda mais que tenha sido autoridade para tantos, levando-os a pecar contra a Humanidade sem qualquer sentimento de culpa ou necessidade de reforma.

Quando um inversionista entra no casamento

Quando um inversionista entra na relação matrimonial, leva consigo os crimes silenciosos da sua juventude. Os seus filhos nascem já amaldiçoados com a fraqueza e os defeitos do seu estado interior; tornam-se presas fáceis do mesmo vício, e das doenças anteriormente mencionadas. Poderia facilmente demonstrar, pelas leis da fisiologia, que todas essas enfermidades têm origem e são intensificadas por más

direções do amor conjugal.

Mas que diremos aos inversionistas, quando, ao observarmos as penitenciárias, vemos tantos vítimas do sensualismo? Homens e mulheres encerrados entre as paredes sombrias das prisões — filhos de pais jovens e irrefletidos!

De tempos a tempos, os jornais noticiam casos de suicídio por “causas desconhecidas”; ou falam de cavalheiros que se envenenaram, ou tiraram a própria vida com uma arma de fogo, por “loucura momentânea”. Pois digo-vos, com toda a verdade: oito em cada dez casos de suicídio têm origem em distúrbios do amor conjugal.

Às vezes, a vítima infeliz do inversionismo torna-se maníaca permanente. Os manicômios revelam a mesma terrível origem como a raiz de muitas insanidades confirmadas. A memória começa a falhar, a razão perde o seu domínio, a alma vagueia solta por desertos de tristeza e degradação.

É uma acusação grave, sim — dizer que doenças escrofulosas, catarrais, tuberculosas, e desequilíbrios mentais têm origem no inversionismo. Mas é uma acusação sustentada por milhares de experiências pessoais, e pela atenta observação de médicos e professores.

A clarividência é uma força veloz em direção ao conhecimento. Da minha secretária, consigo “ver” através de paredes e portas fechadas — posso olhar para os lugares solitários onde o Amor Conjugal jaz assassinado pelas mãos da juventude. Vejo os baús de rapazes que leem autores obscenos, em vez de estudarem obras edificantes como *A Constituição do Homem*, de George Combe. Vejo-os absorvidos em narrativas vulgares e versos torpes — quando poderiam estar a aprender com os Pensamentos das Montanhas da Natureza, que, como brisas da alvorada celestial, elevam a esperança de estrela em estrela!

Ah, os erros da ignorância!

Se eu fosse um desses pregadores trágicos, que acreditam em infernos de enxofre e tormentos eternos, apelaria ao vosso medo, pintando em tons fúnebres os cárceres da perdição em que acabaríeis para sempre. Mas graças a Deus, não estou aqui para proclamar doutrinas que insultam o Divino e ferem o Humano.

O único caminho seguro

Há apenas um caminho seguro, meus jovens irmãos: um apelo ao Deus da vossa própria natureza — à sabedoria do vosso ser — ao Salvador da vossa alma e do vosso corpo.

O Céu e o Inferno não estão fora do homem; pertencem ao seu estado físico e mental. Inferno é discórdia. Céu é harmonia.

Podeis transportar um ou outro convosco para onde quer que vão — para Boston, para Nova Iorque, para casa, para a cama, para o leito de morte, e até para o vosso lar no mundo espiritual.

Desejo que compreendam esta grande verdade — e que se tornem seus discípulos para sempre.

Os vícios dos inversionistas

Os vícios dos inversionistas são, por vezes, tão ocultos que escapam a qualquer descrição direta — porque vivem em pessoas e lugares aparentemente insuspeitos.

Na América, vejo cerca de 15 em cada 100 raparigas, e 75 em cada 100 rapazes com menos de 20 anos, como devotos práticos do inversionismo. Esse inimigo insidioso penetrou os recintos da vida de solteiro — e é, em parte, responsável por tantos evitarem o casamento.

Contudo, em justiça aos não casados, devo dizer que a principal razão do “bachelordom” é a enorme dificuldade em encontrar o verdadeiro Equivalente ou Contraparte.

Pais, preparai-vos!

Pais! Vós que tendes filhos — ou que os podereis vir a ter — armai-vos com o conhecimento da Lei do Amor, que é a própria vida. Assim como as flores que nascem nas encostas da montanha trazem as qualidades da terra que as alimenta, também os vossos filhos serão o reflexo das qualidades do vosso íntimo — da fonte onde beberam os primeiros fios da existência.

As grandes leis imutáveis do universo são harmoniosas como o pulsar musical do peito de um anjo. Estudai-as! Para que os vossos filhos lhes possam corresponder em beleza e verdade.

Sobre a origem das crianças

Quando os vossos filhos vos perguntarem de onde vieram, peço-vos: **falai-lhes com verdade — ou calai-vos para sempre.**

“Quem te criou?” pergunta o catecismo. “Deus”, responde a criança.

Mas eu digo: Afastai os erros sagrados da antiguidade! Afastai as falsidades disfarçadas de delicadeza! Afastai a hipocrisia da civilização moderna! Respondam

com verdade e com amor. Pois foram mais os pais que, sem querer, estimularam a imaginação dos filhos rumo ao vício experimental, do que os que os protegeram com conhecimento claro e direto.

Jovem mulher...

Jovem mulher! Não aceites por esposo nem um extremista, nem um inversionista, enquanto corpo e alma não tenham passado pelo crivo da purificação total.

Tal como as nuvens escuras toldam o céu de verão, também os vícios ocultos obscurecerão o teu horizonte de esperança. Como um verme oculto no fruto, ou uma serpente no ninho do rouxinol, assim se manifestarão as consequências do inversionismo nos teus filhos.

Jovem mulher! Com milhares e milhares de espíritos que vivem, velam, avisam e esperam por ti, eu rogo: sê firme e corajosa na senda do bem! Tu não sabes o alcance do teu poder. O poder é silencioso. Se uma fábula atribui à mulher a perdição da humanidade, eu sei que a Verdade pode fazer dela a sua salvação.

Jovem homem... Jovem homem! Para ti resta apenas uma exortação: "VAI, E NÃO TORNES A PECAR."

PALESTRA VII

AS CAUSAS SECUNDÁRIAS DA MÁ DIREÇÃO CONJUGAL

As causas primárias do extremismo e do inversionismo, no domínio conjugal da natureza humana, foram já explicitamente apresentadas nas palestras anteriores. Elas nascem de fontes hereditárias — isto é, os primeiros desvios conjugais, tal como qualquer outra deformidade, podem ser rastreados até às influências predominantes dos progenitores no momento da concepção.

Esta verdade começa a ser indiscutivelmente compreendida por homens e mulheres inteligentes, e por todas as mentes que estudaram as leis da natureza humana. É, por isso, de esperar que em breve surja no mundo uma raça mais elevada e harmoniosa de seres humanos. A matéria molda-se segundo a mente dominante. Quando esta lei for aplicada conscientemente à reprodução humana, os resultados serão imediatamente mais racionais e saudáveis. A importância de tudo isto revelar-se-á cada vez mais à medida que avançamos.

As causas secundárias

O nosso tema agora são as causas secundárias. Com este termo, refiro-me àquelas influências e hábitos individuais e sociais que contribuem diretamente para o desenvolvimento dos males discutidos: os extremismos e inversionismos do Amor Conjugal em ambos os sexos. Ao trazer estas causas ao vosso conhecimento, tenho apenas um objetivo: a reforma imediata e incondicional de todo aquele que ama a humanidade.

Quando sou movido apenas pela simpatia — quando a minha alma fecha os olhos ao mundo, e o meu afeto se dirige apenas aos hábitos dos amigos — sou tentado a dizer: “Desfruta como melhor puderes. Que os teus hábitos te façam feliz, se conseguirem. Não te perturbarei.”

Mas, quando penetro nas causas ocultas dos males presentes, quando sigo as linhas sinuosas da experiência humana e vejo centenas de doenças físicas e mentais nutridas por hábitos bem vistos tanto pelos cultos como pelos ignorantes — sinto-me irresistivelmente impelido a escrever e partilhar as ideias que constituem esta palestra. Pelo bem da Humanidade, faço este apelo aos indivíduos. Pois, em grande parte, a reforma do todo depende da reforma das partes.

A literatura de ficção e os vícios conjugais

Quando um jovem ministro inicia o seu trabalho num novo país, ou começa a pregar numa nova comunidade, é hábito que comece por uma série de sermões dirigidos à juventude, sob o título: “Sobre a formação do carácter.” Entre as várias “armadilhas de Satanás”, que supostamente desviam os jovens do bom caminho, ele menciona três em particular: o baile, o teatro e os romances.

O baile é frequentemente considerado incompatível com a religião. O teatro é condenado como prejudicial à moral. E os romances são vistos como absolutamente contrários ao desenvolvimento religioso. Quanto ao baile e ao teatro, não me alongarei agora. Mas sobre os romances, tenho algumas observações importantes a fazer.

A invasão dos romances nas casas religiosas

A literatura de ficção tem vindo a substituir rapidamente os tratados científicos e religiosos. Os habitantes da América do Norte estão, na sua maioria, absorvidos por empreendimentos comerciais. As crianças devem ser educadas de forma útil, e não ornamental. Especialmente nos estados da Nova Inglaterra, onde o espírito da ortodoxia ancestral ainda governa os lares, essa educação prática e utilitária continua em voga.

Os únicos romances permitidos nessas famílias religiosas são os das bibliotecas da escola dominical, como: "O Filho Único", "Piedade Precoce", "O Apelo de Baxter aos Não Convertidos", "A História de José e os seus Irmãos", e o clássico "O Peregrino".

Essas obras, embora contenham alguma ficção suficiente para manter viva a veia poética do ser humano, não alimentam o intelecto com frescura nem satisfazem o coração com o alimento afetivo de que carece. Consequentemente, surgiu uma procura por romances históricos, como os "Romances de Waverley", de Sir Walter Scott — e assim eles apareceram. Vieram para refrescar o intelecto.

Depois, surgiu uma outra procura: romances afetivos, como "Os Filhos da Abadia", "Alonzo e Melissa", "Charlotte Temple" — e esses também vieram, para nutrir os afetos. Alguns pais piedosos permitiam, ocasionalmente, que os filhos lessem essas obras.

Aos poucos, a poesia e prosa de Walter Scott encontraram lugar nas gavetas inferiores das bibliotecas religiosas, seguidas pelas obras menos clássicas de Fenimore Cooper, ainda que em comunhão distante com as ficções sagradas de Milton e Pollok, e mais próximas, talvez, das obras mais humanas e sinceras de Shakespeare, Byron, Pope e Moore.

Assim, a literatura novelística invadiu silenciosamente os lares religiosos.

O leitor moderno e a superficialidade crescente

Mas o anglo-saxónico moderno — o "yankee" determinado, prático, cheio de energia, que quer "abandar o mundo inteiro" — sente-se demasiado factual, demasiado ocupado, para ler os grandes autores clássicos com prazer. Não tem tempo para procurar palavras no dicionário.

Deita fora os romances da escola dominical — porque não lhe refrescam o espírito. Deita fora os clássicos — porque exigem demasiado esforço. E grita: "Dêem-nos algo que se possa ler!"

A multidão junta-se a ele, e acrescenta: "Mas não cobrem muito por isso!"

O apelo ecoa por todo o mundo: "Deem-nos histórias emocionantes, simples, baratas e fáceis de entender."

E eis que surge uma torrente de literatura popular — romances emocionantes e acessíveis — de autores como Dumas, Dickens, Reynolds, Marryat, Thackeray, Mary Howitt, entre muitos outros. Eles responderam (e continuam a responder) à chamada por uma literatura que divirta o intelecto e aqueça o coração. À medida que o povo

mergulha em negócios e ações práticas, dedicando seis dias por semana ao lucro, abandona o profundo e o duradouro, e torna-se mais superficial. Mas o povo vai continuar a ler.

A natureza humana precisa de poesia, de alguma forma. Se um homem de negócios não tem tempo para caminhar pelos campos, ouvir os pássaros, contemplar as fontes ou maravilhar-se com a beleza do mundo, ele procurará o escritor mais simples que o faça por ele — e que lhe conte histórias de romance e novidade.

E então, o que fazer? São os romances prejudiciais? Respondo: não — a menos que sejam lidos em exclusividade, em detrimento da ciência e da história. Aí sim, está o perigo.

Na sociedade americana, vejo muito sensualismo e distorção conjugal causados pela leitura excessiva de romances. Nem todos os romances provocam este efeito. Mas a leitura exclusiva e constante dessas obras é uma causa secundária da aberração conjugal. Os romances devem ser lidos como sobremesa após a refeição: um suplemento ornamental a alimentos mais substanciais.

Assim como os doces, se ingeridos em excesso, prejudicam o estômago, os romances, lidos em excesso, afetam a saúde mental. Portanto, não se deve repudiar os romances populares, mas sim lê-los com moderação, como forma de recreação intelectual. Eles estimulam o lado poético do ser humano, e a mente mais verdadeiramente poética é também a mais espiritual — pois toda poesia emana da fonte interior do espírito. E quando a sociedade americana adotar métodos mais harmoniosos e organizados de alcançar a prosperidade, veremos uma revolução literária: menos superficialidade, mais profundidade — mas sempre com o encanto e a novidade do romântico.

O USO IMODERADO DE BEBIDAS QUENTES E ESTIMULANTES

Outra causa secundária dos males conjugais A primeira, e ainda assim menos prejudicial ao sistema reprodutivo, é o chá. Penso que todos concordaremos com esta ideia: só há um verdadeiro luxo na vida — e esse é a SAÚDE. Nada mais pode ser considerado luxo. Saúde perfeita do corpo e da mente é o único Céu possível ao ser humano. Doença, física ou mental, é o seu Inferno mais cruel.

O consumo habitual de chá é contrário à harmonia natural. Mesmo em pessoas saudáveis, o chá gradualmente mina essa saúde. É comum que os seus malefícios sejam atribuídos a tudo menos aos hábitos diários que se praticam sem questionar.

Dores de estômago, apetite caprichoso, tonturas, sensação de nó na garganta,

depressão nervosa, irritações brônquicas, sensibilidade ao clima, asma, reumatismo, neuralgia, nervosismo, e mau humor: estes são os sintomas que costumam seguir o consumo frequente de chá.

Mesmo assim, o bebedor insiste. Reclama... e toma mais uma chávena. Um bebe chá porque se sente bem; outro, porque se sente mal; outro porque está com frio; outro porque está com calor; outro porque lhe dói a cabeça; outro porque está triste ou fraco...

As justificações são tão numerosas quanto absurdas.

Mas afirmo com convicção: não há provação na vida que o chá constante não agrave de forma dolorosa.

O efeito no intelecto e no sistema reprodutivo

O chá afeta, em primeiro lugar, as faculdades intelectuais. Pessoas antes apagadas, após beberem uma chávena forte, ganham brilho nos olhos, agitação nos gestos, e soltam a língua com entusiasmo — especialmente quando o assunto é falar de terceiros ausentes. Estou convencido de que incontáveis boatos, mexericos e calúnias nasceram sobre chávenas de chá, enquanto a bebida intoxicava os seus consumidores. Mas o seu efeito não se limita ao cérebro. O segundo impacto é no sistema reprodutivo.

Tanto extremistas como inversionistas tendem a procurar bebidas estimulantes — como forma de compensar o desequilíbrio interior. A pessoa saudável não precisa de mais excitação do que aquela que sente ao ver o sangue feliz a correr nas veias.

Já alguma vez viste um pássaro cantor procurar um fluido mais exaltante do que o seu próprio sangue saudável? Claro que não. Só o ser humano, quando em desarmonia, procura — por ignorância — fluidos excitantes que perturbam ainda mais a sua essência, transformando-o num campo de batalha de dores, ansiedades e paixões confusas. O chá como causa insidiosa de sofrimento humano

Não é parte do meu propósito transformar este planeta num cenário de provações e de cruces a carregar pelos seus habitantes. Antes pelo contrário: estou profundamente convencido de que o mundo está tão admiravelmente adaptado à constituição humana, tanto material quanto espiritualmente, e esta tão harmoniosamente unida àquele, que a felicidade e os prazeres elevados são os frutos naturais e legítimos da nossa existência presente.

A dor e o sofrimento são efeitos de transgressões, mas é à ignorância que cabe a responsabilidade por todas elas. Onde a ignorância prolifera, ali crescem ainda mais os pecados, com a sua terrível comitiva de males.

Por isso, com o antigo romano, posso dizer: onde quer que veja miséria em lugar de felicidade, ou dor onde deveria haver prazer saudável, ali "a minha voz é sempre a favor da guerra" — uma guerra contra a Ignorância e a sua detestável descendência.

O hábito disfarçado que corrói a saúde

Leitor, perguntas-te se exercitas as tuas faculdades para benefício do mundo? Refletes de facto? Meditas, ou razoas com firmeza, do efeito à causa? Organiza, como um exército, as tuas experiências e observações. Olha em redor, entre os teus conhecidos. Quem se queixa mais? Quem vive a lamentar-se das pequenas contrariedades da vida? Quem suspira com mais frequência nas orações públicas, ou verte lágrimas em sermões que nem sequer compreende? Quem sofre de dores de cabeça, palpitações, perda de apetite, dentes frágeis, fadiga constante, e sensibilidade extrema ao frio ou à mudança de clima?

Resposta: O bebedor habitual de chá.

Poucos acreditam que o seu estado de saúde se encontra afetado apenas por beber chá. Mas é verdade, ainda que subtil no início. Os primeiros males são discretos, quase impercetíveis; mas os efeitos mais tardios são notoriamente evidentes.

O chá — com um encanto peculiar, quase talismanesco — infiltra-se silenciosa e magneticamente por todo o corpo, chegando ao domínio da vitalidade e sujeitando todo o organismo a um estímulo pernicioso.

Mas acredita-se? Acreditas nisto? Não, evidentemente. Porquê? Porque, desde que tens memória, tens bebido infusões de "Hyson", "Imperial", "Gunpowder", "Bohea" — em várias intensidades — e nunca sentiste mal imediato.

Não te tira o sono, não te deixa nervoso, nem te impede de trabalhar. Mas então, diz-me: De onde vem esse apetite caprichoso? Aquela dor vaga no estômago ou no diafragma? Aquela tontura súbita, ou os conhecidos "diabinhos azuis" que te assombram? A bola na garganta, a irritação brônquica, o sobressalto quando uma porta bate com o vento, o desconforto com correntes de ar, as dores reumáticas, o cansaço inexplicável?

Achavas tudo isso resultado de uma constituição frágil, talvez herdada? Pensavas: “A mente está fatigada; a vida é assim mesmo.” Mas, digo-te com conhecimento: não há provação na vida que o consumo constante de chá não agrave profundamente.

O chá: estimulante, narcótico, veneno silencioso

O chá é um narcótico suave, um adstringente potente, um estimulante vigoroso — e tomado constantemente, é um veneno silencioso, insidioso, incompatível com o

estômago de homem ou animal. A aplicação contínua de um adstringente como o chá às mucosas gástricas impede a boa saúde. O chá estimula de imediato, enquanto que as bebidas naturais, como a água ou o vinho puro, demoram a produzir uma exaltação normal e saudável.

O poder do chá é silencioso. Como um inimigo discreto, dirige-se diretamente ao princípio espiritual, que, embora invisível, circula pelos canais nervosos e influencia os órgãos do cérebro frontal, inspirando uma espécie de agilidade artificial. Pode ser que as minhas palavras desagradem à Companhia das Índias Orientais, ou que perca a simpatia de certos agentes do comércio do chá, mas a verdade vale mais do que dinheiro ou amizade. E, por isso, declaro: a mercadoria que promovem é nociva, e tanto mais perigosa quanto mais for consumida.

O engano da excitação fácil

É verdade que, em alguns estados doentios, especialmente em condições biliosas ou negativas, o chá pode atuar como medicamento. Mas isso mesmo proíbe o seu uso em pessoas saudáveis. E não há país onde o consumo de chá verde (*viridis*) e chá preto (*bohea*) seja tão excessivo como nos Estados Unidos da América. Na Europa, consome-se muito chá — especialmente na Rússia e na Holanda — mas em nenhum outro país proporcionalmente tanto. Por isso, é aqui que os seus efeitos nocivos mais se fazem sentir. Para certos temperamentos, o chá atua como um opiáceo. Noutros, os seus efeitos são idênticos ao álcool ou a líquidos fermentados.

Há quem diga: “Preciso mesmo de uma boa chávena de chá, senão não consigo viver!” Sente-se exausto, melancólico, sem energia. Mas em todos os casos, o chá intoxica, excita artificialmente os nervos e o cérebro, e leva facilmente à intemperança. Quem o bebe habitualmente acaba por recorrer também ao tabaco, ao álcool e a outras substâncias igualmente perniciosas.

A mentira da criatividade estimulada

O efeito do chá é rápido e traiçoeiro: acelera o coração, agita o pulso, alvoroça os nervos, ilumina artificialmente o intelecto, e inflama a imaginação com brilho ilusório. Simultaneamente, o estômago, o coração, os nervos e o cérebro são feridos por essa intrusão.

Com uma definição filosófica em mente, afirmo: o chá é um mal, porque impõe reações ao organismo que resultam em fadiga, apatia, e queda das forças naturais. Depois do estímulo, vem sempre a prostração.

Escravidão do hábito

O bebedor inveterado de chá não consegue sentir alegria verdadeira sem a sua dose habitual.

Entre escritores, críticos de teatro, editores de jornais, artistas e compositores — não são raros os casos daqueles que só produzem algo sob o “incentivo” do chá, ou de bebidas ainda mais degradantes. Alcott, o médico, conta que um dos grandes nomes da literatura americana, após uma fase de depressão e melancolia (sem dúvida causada pelos antigos hábitos), retomava o chá com entusiasmo, e conseguia produzir em poucos dias uma quantidade prodigiosa de trabalho intelectual. Mas logo a seguir afundava-se de novo num estado letárgico, como um animal hibernante.

O Chá – um Estímulo Disfarçado de Conforto

Centenas de advogados e pregadores dependem do chá — ou de alguma outra bebida “estimulante” semelhante — para grande parte da sua eloquência e imaginação.

Pessoas e famílias criteriosas, que prezam a saúde e os seus deleites inestimáveis, há muito abandonaram o consumo de chá verde (*viridis*), por o considerarem prejudicial. No entanto, a maioria substituiu-o por fortes infusões de chá preto (*bohea*), consumidas tanto por pais como por filhos. Quão errado — quão monstruosamente errado e cruel — é estragar o estômago juvenil e perverter o apetite virgem com bebidas escaldantes, apenas tornadas toleráveis ao paladar infantil com a adição de açúcar e natas!

O chá preto não é muito melhor do que o verde. Em certos aspetos é até mais prejudicial; noutros, um mal menor. As perturbações orgânicas provocadas por ambos são, no essencial, idênticas — variando apenas no tempo de ação. O chá preto demora mais a provocar a exaltação nervosa e a exuberância mental, mas fá-lo com uma química perversa, que altera e enfraquece os fluidos, os tecidos e todas as forças nervosas do organismo.

Não quero, com isto, afirmar que uma chávena de chá preto, tomada ocasionalmente e com moderação, seja tão nociva quanto o uso regular do chá verde. O problema está na frequência e no hábito.

Os Malefícios do Chá no Corpo e na Alma

No nosso clima e sociedade, o consumo de chá é muito mais prejudicial ao desenvolvimento saudável da masculinidade do que em países mais a norte da Europa, ou na própria China, onde a planta do chá é preparada com tempo e parcimónia. Por cá, produz-se debilidade muscular e, consequentemente, fragilidade constitucional.

Causa, pelas suas propriedades aquecedoras, fraqueza nas gengivas, cáries dentárias e hálito fétido. Nas mulheres, provoca sintomas penosos como inchaço interno, acidez, gases, sensação de calor e distensão abdominal — originando desordens crônicas e múltiplas variantes de histeria.

Nas crianças, transmite-se por herança um temperamento escrofuloso, uma precocidade nervosa e uma maturação prematura do corpo, que cedo degenera em envelhecimento precoce. Afeta o cérebro com excitação irregular — o sangue acorre-lhe com rapidez — provocando, sobretudo nas mulheres, mãos e pés frios, perda de apetite e fragilidade digestiva, tornando os bebedores de chá notoriamente "pouco comilões".

Induz dispepsia e má assimilação dos alimentos, promovendo a tendência para doenças brônquicas e a tuberculose. Relaxa excessivamente os tecidos, dissolve a gordura corporal e, por isso, torna os seus adeptos extraordinariamente sensíveis às variações atmosféricas. Cria uma sensibilidade mórbida em todo o sistema nervoso, enfraquecendo as funções mentais que antes estimulou. Daí advêm o medo da dor, a timidez, e a pusilanimidade de tantos consumidores habituais. Conduz à exaustão mental e predisposição para o delírio — de onde emergem os hábitos incoerentes, os gestos erráticos, e a constante ansiedade de quem anseia por mais uma chávena que "acorde os sentidos", tentando reencontrar algo indefinível, que em lado nenhum se encontra.

O Efeito Ilusório e o Custo Oculto

Estes e muitos outros efeitos podem ser traçados, por qualquer fisiologista atento, à planta narcótica de onde os nossos compatriotas extraem forças e ânimo ilusórios. Mas repito: o chá tem valor medicinal em certas condições do organismo. É precisamente essa qualidade terapêutica que o torna perigoso quando usado como bebida habitual. Faz com que as operações vitais ultrapassem, momentaneamente, o ponto saudável. Mas logo depois, o organismo inteiro mergulha abaixo da linha de equilíbrio e harmonia orgânica. Quantos vejo a sofrer destes extremos!

Os Sinais Visíveis da Estimulação Artificial

Os efeitos imediatos do chá são fáceis de notar: aumento repentino (ou gradual, se o hábito já estiver enraizado) da força física; energia impetuosa, mas ilusória; alívio da sonolência e da fadiga; rosto afogueado; olhos brilhantes; imaginação exaltada e artificialmente estimulada.

E por fim, a libertação (ou "desenfreno") da língua! Muitas pessoas, sob o efeito mental do chá, perdem o domínio de si mesmas. Cerca de 75% das conversas de mesa regadas com chá — as chamadas “conversas de chazinho” — são moralmente

danosas, tanto para quem as profere como para os que são objeto das mesmas. Estas consequências primárias são seguidas por efeitos secundários: prostração do corpo e da mente, bocejos, apatia, e o desejo angustiante por “mais uma chávena”, para reacender aquela agitação anterior — e reencontrar a leveza mental, muitas vezes confundida com inspiração.

Um Chamado à Reforma

“Vai, e não peques mais.” Talvez o hábito esteja já firmemente enraizado em ti. Mas, com toda a seriedade, admoesto-te: arrepende-te e reforma-te. Quem está preso a um hábito inútil, é, na mesma proporção, um ser escravizado. A sua força natural e a sua verdadeira humanidade estão comprometidas, trocadas por um vício miserável.

Irmão, irmã, amigo — ouves-me? Em nome do teu bem-estar, digo-te: NÃO BEBAS MAIS CHÁ!

O Café – Um Mal Que se Impregna Mais Ainda

Outra causa secundária de desordem conjugal, e de impacto ainda mais profundo, é o CAFÉ. O café escraviza milhares. E como todo escravizador, tem os seus defensores. O corpo humano habitua-se àquilo que recebe constantemente. Uma pessoa habituada à estimulação escravizante do café, sente-se quase miserável sem ele.

Centenas não estão aptas para o convívio, para o trabalho, ou para qualquer atividade útil, sem antes beberem o seu café.

Homens e mulheres tornam-se dependentes da “bondade” deste senhor de cor acobreada — e se lhes falta o café ao pequeno-almoço, ficam indispostos, rudes, distraídos, e incapazes de pensar ou falar com harmonia.

Muitos pastores só conseguem escrever ou pregar com a ajuda do café. E os seus fiéis, por sua vez, bebem café para conseguirem manter-se acordados durante o sermão.

Sim — clérigos inspiram-se nas vapores do café. Sem ele, a oração soa “abaixo do esperado”, e o sermão, mesmo bem escrito, parece desprovido de alma — ainda que o tema seja a moderação.

Quão desprezível um homem deve parecer aos seus próprios olhos quando se sente escravizado por um hábito! Quão incapaz se torna de impulsos elevados e nobres, cheios de coragem e desafio, como aqueles que “conseguem sorrir diante da fúria de Satanás e enfrentar um mundo carrancudo”. Quero que sejas livre – na mais nobre e profunda aceção da palavra: **LIVRE!** Se o chá ou o café te mantêm dentro do seu círculo de influência, então és um escravo – curvado diante do altar de um

despotismo miserável e autoimposto; proferindo palavras amáveis em sua defesa e tentando mostrar alegria enquanto sofres os seus castigos diários, como um rapaz teimoso que, ao ser repreendido pela mãe, grita entre soluços e orgulho ferido: “Não dói nada!”

Poderia encher até ao trono da Razão argumentos fisiológicos e lições extraídas dos profundos poços da experiência humana, sustentando as acusações que lanço contra o uso do café. Quem é inconstante e desregulado nas suas emoções? Resposta: o bebedor de café! Quem tem um rosto amarelado, como coberto por uma pele translúcida de carneiro, com um tom acastanhado que lembra a própria cor da bebida? Resposta: o bebedor de café! Quem enche as conversas de histórias licenciosas? Quem é o maior dos extremistas ou o mais rebaixado dos pervertidos? Novamente, a mesma resposta: o bebedor de café!

Importa frisar que não pretendo questionar o valor intrínseco do grão de café como planta do reino vegetal de Deus. Não o faria – e, com a luz e compreensão que me foram dadas, não posso falar com desrespeito de coisa alguma. A Fonte é doce, e por isso não pode jorrar águas amargas. A Causa eterna é boa e, portanto, não pode gerar o mal. Definidas assim as minhas posições, prevejo que o leitor e o autor não entrarão em desacordo, nem se mal entenderão sobre uma simples questão de bem e mal – antes procurarão, juntos, em todos os aspetos da vida, escolher o que é salutar e rejeitar o que é pernicioso.

Ao escrever contra o hábito de beber chá, já me vi na necessidade de apresentar várias críticas. Mas agora, ao examinar os efeitos do café, percebo que são necessárias palavras ainda mais duras. A marca original da nossa natureza, a integridade e firmeza do nosso pensamento reflexivo, a coragem e nobreza do carácter – tudo isso se dissipa perante a influência poderosa desta bebida doméstica.

É certo que, como espécie, progredimos apesar dos maus hábitos e vícios: avançamos da barbárie para o patriarcado, deste para a civilização – do mal para o melhor. Mas quem poderá descrever os inúmeros sofrimentos, perplexidades e irritações insignificantes – como picadas de mosquito – que tornam a jornada penosa, embora desnecessária, devido a causas triviais que milhares de pessoas enfrentam diariamente?

Em cada articulação do corpo – e, portanto, em cada função da mente – vemos os maus hábitos a encararem-nos de frente. O bom fisiologista reconhece-os exteriormente; o psicólogo prático vê-os por dentro. E entre estes dois observadores da natureza humana, cedo ou tarde será revelada toda a combinação de relações falsas – de modo que, de facto, “até quem corre pode ler” o vício ou hábito de uma pessoa, por mais que esta tente escondê-lo do mundo. Certos políticos e juristas acreditam que o homem pode ser reformado apenas através de leis. Mas o homem é

feito para seguir atrações positivas – não pode ser forçado, nem sequer a entrar no Reino dos Céus. Se eu conseguir envolver a alma do leitor com razões poderosas, atrativas e positivas, ele seguiu-las-á tão certamente como respira. Mas dizer que o homem não deve beber café, ou chá, ou bebidas fermentadas – e impor isso com penas e castigos – seria apenas garantir que se cometam os mesmos atos que se deseja evitar.

Tal abordagem apenas despertaria aquela coragem ousada e firmeza tremenda que existem na alma humana, capazes de enfrentar os perigos do mar, os terrores do Vaticano, a dor da morte e até os supostos tormentos eternos do Inferno, sempre que o espírito do homem é desafiado.

Mostra o erro com amor – e plantaste uma semente que nem as aves do céu podem destruir. Mas força-o – e digo-te sinceramente, que se não tiver sido esmagado desde criança por um despotismo político, ele rebelar-se-á com toda a sua força, tornando-se pior por causa do método. O homem precisa primeiro de instrução através da razão, depois, da sabedoria – e assim, a alma é salva. Já descrevi a diferença entre o Conhecimento, que informa a mente, e a Sabedoria, que a salva. Agora prossigo, acrescentando que, se eu conseguir convencer vinte pessoas com capacidade para serem pais a abandonarem o uso de qualquer estimulante, a minha satisfação será igual à recompensa que receberem.

Não tenho nada contra o grão de café como produção do jardim de Deus. A sua destilação apropriada é um excelente medicamento, útil em processos químicos e com aplicações em várias áreas da vida. Mas quando usado como bebida à mesa – seja em infusões fortes ou fracas – é o mais certo inimigo da saúde, da beleza e da verdadeira humanidade. Se conseguir apresentar este facto com clareza e desenvolver razões suficientemente atrativas para que o café seja abandonado por todos os que amam o ser humano e a imortalidade, terei feito o bem. Estou determinado a tentar esta experiência.

O café é um bom remédio. Em certos distúrbios nervosos, como a hipocondria e a histeria, é particularmente eficaz. Contudo, como remédio tomado por uma pessoa saudável, provoca calor febril, palpitações, batimentos irregulares, choques súbitos, fraqueza na visão e até apoplexia. É antiespasmódico e pode ajudar em alguns tipos de asma. Não estou a prescrevê-lo, apenas a mostrar o que o café pode fazer no organismo. Linneu descreveu o café como sendo “seco, excitante, curativo, expelente, carminativo, diurético, antiveneriano e anti-helmíntico.”* Mas estou certo de que, quando usado como bebida em estado de saúde, não é curativo nem expelente – e muito menos antiveneriano. Os fatos reais aparecem quando comparamos os efeitos do chá e do café.

*** (N.T.: Anti-helmíntico (ou anti-helmítico) é o nome dado a medicamentos usados para tratar infecções por vermes (helminthos) no corpo humano ou animal.**

As infusões de chá, ao serem ingeridas por um corpo saudável, atuam diretamente sobre o princípio espiritual que circula no sistema nervoso; daí, a influência estende-se ao cérebro frontal, sendo momentaneamente revigorante para o corpo e intelectualmente estimulante para a mente.

Já as infusões de café atuam diretamente sobre o “espírito do sangue”, e a sua influência atinge temporariamente o cérebro posterior, fortalecendo por algumas horas o sistema muscular e tornando a mente mais animalizada.

O chá, portanto, atua sobre as funções intelectuais através do espírito nervoso; o café atua sobre as funções animais, através do espírito sanguíneo. O primeiro desperta sensações delicadas; o segundo, imaginações vulgares e sensuais. O efeito do chá é mais espiritual; o do café é mais carnal. E, no entanto, há pessoas com temperamento sanguíneo que dependem do café para manter a sua religiosidade e sentimentalismo.

Um conhecido clérigo em Nova Iorque não prescinde da sua chávena de café forte ao domingo de manhã; sem ela, as suas orações seriam insípidas, as leituras sem fluência ou ênfase, e os sermões desinteressantes. Mas até que ponto o espírito humano pode ser verdadeiramente religioso sob o efeito semi-intoxicante de um narcótico poderoso é uma questão por resolver. Pessoalmente, não acredito em poesia, música, orações, sermões ou revelações que surjam da influência falsa e degradante das bebidas artificiais.

Os efeitos primários do café são nocivos – especialmente nas crianças, pois excitam precocemente o desejo sexual, muito antes da maturação natural. Pais que dão café aos seus filhos estão a semear o sensualismo. Estas crianças crescem atrofiadas, com sistemas nervosos frágeis, incapazes de esforços viris – tornam-se um fardo para si mesmas e para a sociedade.

O primeiro efeito do café é extremamente sedutor – e enganador. A pessoa sente-se melhor! Os pensamentos fluem facilmente para as palavras! “Imediatamente após o café”, escreve um autor, “as memórias saltam para a língua; e a tagarelice, a pressa e as confissões indesejadas são consequências frequentes.” Faltam moderação e prudência. A seriedade refletida dos nossos antepassados, a firmeza das suas decisões e julgamentos, a robustez dos seus movimentos físicos – tudo isso desaparece diante desta bebida medicinal, cedendo lugar à pressa, à precipitação, a decisões imaturas, levandade, inconstância, tagarelice, e todos os males fisiológicos que o café, ironicamente, poderia ser usado para tratar.

A ação imoral do café sobre a mente já foi observada por diversos homens de

ciência. “Estou bem ciente,” diz um deles, “de que o alemão precisa de café para se entregar à jovialidade, para tecer romances frívolos e criar leves jogos de espírito; e que a mulher alemã precisa de café para brilhar e ser sentimental nos círculos da moda. A bailarina, o improvisador, o charlatão, o ilusionista, o vigarista e o banqueiro de jogo precisam de café, tal como o virtuoso musical das modas modernas, para manter a sua vertiginosa rapidez, e também o médico da alta sociedade, sempre presente, quando deseja fazer noventa e nove visitas numa manhã.” Outro comenta, falando dos adeptos do café e do tabaco: “não conseguem esperar até estarem rodeados pelo fumo das regiões infernais, e por isso envolvem-se, por vontade própria, em fumo, e bebem um veneno [café] que Deus fez negro para que pudesse levar a cor do próprio diabo.” Não subscrevo esta última afirmação; mas, noutro sentido, a ideia é demasiado boa para ser desperdiçada.

Os malefícios do consumo de café já foram reconhecidos por centenas de pais, os quais, com louvável força de carácter moral, aboliram o uso desta substância nas suas famílias.

Os pais não imaginam como despertam precocemente as emoções do amor conjugal nos seus filhos ao darem-lhes café. O café penetra diretamente no espírito do sangue. Estimula o lado físico do amor ou da vida. Isto demonstra-se pelo facto bem conhecido de que quem bebe café sente-se revigorado durante duas ou três horas. Sente-se mais físico, mostra mais energia, apresenta, momentaneamente, mais virilidade. Mas quão triste é pensar que a tua energia, atividade e masculinidade estão sob domínio de um tirano – e que não és nada digno de menção, a menos que inundes o teu interior com fortes infusões de chá ou café!

Queres que os teus filhos sejam felizes; e por isso ensinas-lhes, com a ajuda do leite e do açúcar, a beber as tuas bebidas venenosas! Fá-lo-ás por bondade, mas essa bondade assenta na ignorância! Assim, provocas, muitos anos antes do tempo apropriado, o despertar das paixões nos jovens e em desenvolvimento membros da tua família. Isto é, evidentemente, errado. A ação precoce e antinatural do amor conjugal é causa de vários males. Dá-nos juventude séria quando a infância ainda é o mais desejável, e substitui a juventude por uma precocidade e maturidade indesejadas. Enfraquece o desenvolvimento de um carácter verdadeiramente sólido.

Apesar disto, o hábito cresce rapidamente na América. O interesse comercial no café é agora muito forte. Centenas vivem do comércio do chá, café, tabaco e álcool, e acumulam fortunas com a venda de substâncias que nunca deviam cruzar o limiar do estômago – salvo em certos distúrbios espasmódicos, asmáticos ou nervosos do organismo. Numa fase da evolução humana em que o apetite domina a razão, o sensualismo suplanta a espiritualidade, e os impulsos físicos vencem a pureza e a iluminação mental, torna-se essencial que os Reformadores, pelo menos, rejeitem

tudo o que degrada e perturba, a fim de mostrarem, por fora, a verdadeira vida que vem de princípios internos. E não apenas por essa razão, mas também para o desenvolvimento e refinamento pessoal, insisto em que abandones o uso de café, chá, tabaco e todas as bebidas artificiais – consumindo apenas aquelas que brotam das fontes da Natureza, belas e simbólicas das grandes e gloriosas verdades que descem à Terra do Sol Nascente do alto.

Poderiam juntar-se a estas razões outras tantas, quase infinitas. Mas abstenho-me. Basta saber que as nossas leis fisiológicas e psicológicas protestam contra o uso de estimulantes. Tensões artificiais dão prazer e brilho momentâneos, mas a reação há de vir – e aí reside o verdadeiro mal. O café é um medicamento; e isso, como no caso do chá, já é razão suficiente para a sua rejeição. Todo o excesso é vicioso.

Quem deseja abençoar-se a si mesmo, ao mundo com o exemplo, e à posteridade com a transmissão de qualidades saudáveis e nobres, deve ser temperado em todas as coisas. O luxo da saúde é superior ao luxo de qualquer hábito. Sê forte, meu irmão! Levanta-te na tua força. Sê bela, minha irmã! E abandona todas as bebidas que te tiram o brilho dos olhos, desfiguram os traços e te dão uma pele de couro. Pais! Deixai que vos alerte: salvai-vos a vós mesmos e aos vossos filhos dos males do café.

O CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS ANIMAIS – Outra causa secundária de desvio do amor conjugal surge agora, “seguindo as pegadas da anterior.” Refiro-me ao uso excessivo de carne. Ambos os sexos entram na arena gladiadora e levantam as mãos a favor do abate generalizado de animais. É o suficiente para afastar o anjo da pureza dos lares humanos. Os antigos adoradores de deuses mitológicos ofereciam bois, carneiros e cordeiros em sacrifícios fumegantes para agradar aos poderes superiores. Mas nós, embora mais civilizados e menos sujeitos à mitologia, revelamos um gosto não menos exagerado em destruir os animais para apaziguar os deuses que reinam nas vísceras abdominais!

Os altares do extremismo e da perversão parecem literalmente cobertos de sangue e saturados pelos vapores das oferendas sacrificiais. Os milhões de toneladas de carne animal que descem pela garganta humana e vagueiam pelas veias e artérias são suficientes para expulsar a harmonia do corpo e proclamar, assim como manter, o domínio absoluto do sensualismo. O mundo animal exige gratificação animal. A carne dos animais serve para fortalecer a soberania do carnalismo no homem, porque correspondemos àquilo que nos sustenta.

Não pretendo opor-me ao consumo de matéria animal sob forma de carne – não quero ensinar que a alimentação exclusivamente vegetal é a única adequada ao ser humano – mas a lição que cada um deve aprender é esta: a carne não deve constituir a base da nutrição humana. Ela contribui para fomentar e desenvolver prematuramente as manifestações físicas do amor conjugal. Segundo as minhas

investigações sobre as necessidades corporais do homem, afirmo que nenhuma pessoa – nem mesmo o trabalhador – necessita de mais do que uma refeição por dia com carne como elemento associado. Essa refeição deve ser o almoço.

O pequeno-almoço e o jantar devem ser sempre compostos por alimentos provenientes do mundo vegetal. Chegará o tempo, creio, em que o homem será mais uno nos seus hábitos: um só trabalho, uma só refeição, uma só brincadeira, um só sono, um de tudo por dia – girando a cada vinte e quatro horas como o próprio globo sobre o seu eixo. As crianças desenvolvem-se precocemente ao consumir carne, pois os seus efeitos incidem principalmente sobre as funções reprodutivas – de forma benéfica ou prejudicial, conforme a quantidade. As crianças não devem comer carne antes dos quinze anos; depois disso, o uso moderado é benéfico.

Quando o corpo se habitua a depender de alimentos estimulantes, surge o desejo por líquidos do mesmo género. Quase todo o consumidor de carne sente vontade de beber chá, café ou álcool. Um leva ao outro. Pertencem à mesma família. Muitas pessoas, com vida desafogada, entregam-se ao brandy, champanhe ou vinho – sobretudo após um farto jantar de carne. Como resultado, o princípio conjugal degrada-se. Volta-se apenas para baixo, para os desejos físicos, em vez de se elevar, como deveria, em direção ao amor parental e à felicidade conjugal.

Outra causa secundária de desvio conjugal, portanto, é: **A PRESENÇA DE ÁLCOOL NO SANGUE**. Nenhum homem ou mulher pode sentir a pureza do amor conjugal sob o efeito de qualquer estimulante artificial. O primeiro impacto do álcool manifesta-se no sangue. Este elemento, como demonstrarei adiante, desempenha uma função misteriosa na natureza humana – função essa que os fisiologistas ainda não descobriram.

Não me parece necessário advertir pessoas inteligentes a manterem-se “puras e imaculadas” — evitando todos os líquidos excitantes que fluem pelos canais da vida moderna e da moda quotidiana. Nenhuma mente sente atração natural por álcool, a menos que tenha nascido de pais escravizados ao seu poder soberano. E, ainda assim, em diferentes constituições, não é difícil cultivar um gosto por ele. Mal sei que monstro preferiria ver lançado sobre um irmão — o Rei Álcool, com os seus venenos irresistíveis, ou a Morte, chegando antes do tempo, montada no seu cavalo pálido, prestes a disparar uma flecha no coração da vida. O primeiro rouba-me a virilidade do meu irmão; o segundo leva-o apenas para além do alcance do meu olhar físico. Ambos os acontecimentos provocariam lágrimas; mas a queda da virilidade, três vezes mais do que a morte, espalharia um luto mais profundo e uma desolação mais negra.

Quando um homem vive com temperança, pode não atrair atenção. Pode assemelhar-se a uma árvore num jardim que, por crescer de forma harmoniosa, é ignorada em

favor de outra mais excêntrica. “O carvalho cresce silenciosamente na floresta durante mil anos; apenas no milésimo ano, quando chega o lenhador com o machado, se ouve o eco nas solidões — e o carvalho anuncia-se com o estrondo da sua queda!” Assim é com a tua virilidade. Quando cai sob o peso do álcool, um eco ressoa, alto e prolongado, através das inúmeras avenidas da sociedade.

BEBER DURANTE AS REFEIÇÕES.

Convido-te a prestares atenção às tuas condições físicas! Detalhes aparentemente insignificantes dos teus hábitos escondem-se por detrás das causas da tua saúde imperfeita. Não consegues digerir bem os alimentos, sentes desconforto no estômago, uma pressão na cabeça. Qual será a causa? Pode haver muitas, é certo, mas uma delas está na raiz de inúmeras dispepsias e desordens abdominais — e é mais comum do que se pensa.

Refiro-me ao hábito universal de beber líquidos durante as refeições. Este é um costume exclusivamente humano; todo o reino animal segue a Natureza e bebe **depois** de comer. Há várias razões fisiológicas contra este hábito, mas apresento-te a mais essencial.

A principal objeção é esta: **a diluição inevitável dos fluidos salivares e gástricos.** Só recentemente se começou a compreender que o líquido segregado pelas glândulas parótidas, submaxilares e sublinguais — situadas em redor da boca e da língua — é essencial ao processo digestivo. E, a julgar pelos galões de saliva cuspidos por veteranos mascadores de tabaco e jovens inconscientes, que fazem dos Estados Unidos um grande escarrador coletivo, percebe-se que este conhecimento precisa de ser muito mais difundido e valorizado. A saliva é essencial para uma boa digestão.

Contém uma quantidade significativa de oxigénio; é alcalina e tem uma polaridade negativa em relação ao fluido gástrico, que é ácido e positivo. Durante uma única refeição, produzem-se cerca de 100 ml desta substância. No entanto, esta relação complementar é grandemente comprometida ao beber qualquer líquido enquanto se mastiga. Água, chá, café, bebidas fermentadas ou qualquer outro fluido — todos são impróprios para o estômago durante a mastigação dos alimentos. Qualquer bebida, salvo água ou vinho, é desnecessária e inadequada — exceto em casos de doença.

A maioria das pessoas bebe entre meio litro e um litro de líquido durante uma refeição. Acreditam que poupam tempo ao “empurrar” a comida com goles de água, chá ou café — hábito que nada tem de saudável ou correto. O estômago pode aguentar esta agressão durante anos, sem aviso; mas o “dia do ajuste de contas” chega, e a vítima sofre e vive com dor até pagar até ao último cêntimo. O plano fisiológico correto é: comer ao ritmo necessário para que a própria saliva baste para humedecer e engolir os alimentos. Podes estar com sede — mas resiste, e, como o

diabo quando é repellido, ela fugirá.

Lembra-te, caro leitor: a fisiologia ensina — “Não bebas enquanto comes, mas depois, se ainda tiveres sede.” Beber é, na maioria das vezes, um hábito — e um hábito muito prejudicial para o estômago, a cabeça e os intestinos. Muitas vezes, um simples copo de água, uma chávena de chá ou café, podem fazer flutuar os alimentos no estômago, travar a digestão, diluir os sucos gástricos, causar gases, dispepsia, inchaço, dor abdominal e turvação da mente. Tu desejas, às vezes, viver em harmonia com as leis da Natureza — eu sei que sim; rezas (por vezes) para seres completamente bom e feliz — eu sei que sim; então volta a tua atenção para estes pequenos hábitos, que, como fios invisíveis, estão tecidos no próprio tecido da tua existência.

O USO DE ERVAS NARCÓTICAS.

Outra causa secundária do desvio do amor conjugal é: **o uso do tabaco.**

Neste momento, não sinto necessidade de apresentar objeções químicas ou fisiológicas. Dirijo-me à tua Sabedoria, não apenas ao teu conhecimento, dentro dos princípios da Reforma da Harmonia. Seria uma gloriosa recompensa se a tua sabedoria ganhasse força suficiente para te elevar à verdadeira plataforma da virilidade; e que, ao lá chegares, te fosse dada a visão dos múltiplos males que o teu exemplo — abaixo da dignidade do homem — inevitavelmente desperta nos jovens. Falo agora apenas aos que sentem que sacrificaram a sua virilidade no altar da ignorância — um sacrifício custoso em nome de um hábito tão atroz quanto aceite socialmente.

O tabaco é o mais diabólico dos senhores de escravos — precisamente porque é o mais contemptível. O homem olha sempre com repulsa para o dia em que, perante os anjos e contra as advertências da sua própria alma, se manchou com a planta do tabaco! E, se um dia a renunciar — se deixar de ser planta alimentada por vermes nauseantes e reclamar novamente a sua masculinidade — esse momento torna-se um marco na sua história. Lembrá-lo-á como um feito valente e heroico. Se quiseres ver dois dos mais impiedosos rufiões — apresentados a reis e rainhas, bem recebidos em grupos da moda, elogiados por clérigos e servidos por milhares em todo o lado — contempla o Álcool e o Tabaco. Como gémeos satânicos, vivem num abraço demoníaco — ligados por um laço de afinidade que só pode ser quebrado com risco de morte para ambos.

Estes são os dois ladrões entre os quais a virilidade humana é crucificada. E mesmo no auge da sua agonia bárbara, essa virilidade, por vezes, vira os olhos para um dos ladrões — o Tabaco — e exclama: “Hoje estarás comigo.” Pois é notoriamente verdade que criminosos e pessoas insanas, habituadas a este vício repugnante,

renunciariam a tudo para obter apenas uma pequena dose. Na verdade, é difícil encontrar alguém numa prisão ou penitenciária que não consuma este narcótico. Homens protestam com fúria, como se fossem tempestades, quando privados do tabaco. Loucos revelam fúria de tempestade ou tristeza que beira o suicídio quando não lhes é dado este inimigo da virilidade e da pureza. Dirijo estas palavras aos jovens, aos homens mais velhos, e aos pais, que têm filhos para educar e conduzir à vida.

Associado ao tabaco está outro “amigo abusado” do homem: o ópio. O seu uso popular, quer em medicina quer fora dela, é prejudicial à saúde. O seu efeito é tão sedutor quanto destrutivo.

A coca da América do Sul é outro exemplo. “Os índios do Peru têm grande afeição pela folha de coca. Esta planta, semelhante à videira, é despojada das folhas na estação apropriada, secas e embaladas em sacos. Têm um sabor amargo e aromático. Os mineiros mastigam-nas e estas produzem efeitos semelhantes ao ópio — eufóricos, mas sem sonolência ou torpor. Contudo, como todos os estimulantes, enfraquecem o corpo e provocam uma desordem nervosa que, crescendo gradualmente, acaba por dominar a vítima — que sucumbe.”

Sobre os efeitos nocivos da planta da coca e outros hábitos viciantes

As seguintes informações sobre esta planta intoxicante podem ser de algum interesse. São baseadas em observações feitas pelo Dr. Poepig durante as suas viagens pelo Chile e Peru. A planta em questão é a **coca** — que, apesar da semelhança do nome, nada tem a ver com o coqueiro, nem se lhe assemelha em qualquer aspeto.

A coca é um arbusto com cerca de dois a dois metros e meio de altura, semelhante ao espinheiro-negro, com inúmeras flores brancas e folhas de um verde vivo e brilhante. Estas folhas, depois de colhidas e cuidadosamente secas, tornam-se num produto de comércio bastante ativo. O seu uso é tão antigo quanto os primeiros registos da história do Peru. Trata-se de um estimulante que atua sobre o sistema nervoso de forma semelhante ao ópio. Infelizmente, o seu consumo degenerou num vício aparentemente incurável.

Os indígenas das Américas, especialmente os dos Andes peruanos, mesmo rodeados de civilização, parecem ter uma vaga consciência da sua própria deficiência irremediável. Por isso, procuram alívio para esse sentimento através de estímulos violentos — o que explica não só o uso da coca, mas também o enorme fascínio por bebidas alcoólicas, num grau difícil de encontrar noutras culturas. Para o peruano, a coca é fonte de prazer supremo; sob o seu efeito, o habitual estado de melancolia desvanece-se, e a imaginação oferece imagens e sensações que nunca experimentaria no seu estado natural. Embora não produza os estados de exaltação extrema

provocados pelo ópio, conduz o utilizador a uma condição semelhante – tanto mais perigosa quanto menos intensa, mas de duração bem mais prolongada.

Este efeito, contudo, só se revela após observação continuada. Um recém-chegado, por exemplo, pode notar com surpresa as múltiplas doenças que afetam várias classes da população peruana, mas dificilmente as associará à coca. Basta, porém, olhar para um verdadeiro *coquero* (viciado em coca) para entender o fenómeno: incapaz de lidar com os assuntos sérios da vida, é escravo da sua paixão, ainda mais do que o alcoólico comum, e expõe-se a perigos extremos só para satisfazer o vício.

Como o poder da planta só se manifesta plenamente quando a mente se liberta das obrigações do quotidiano e da convivência social, o verdadeiro *coquero* retira-se para a escuridão solitária ou para o mato, mal o desejo se torna irresistível. Quando a noite desce sobre a floresta sombria, permanece deitado sob uma árvore escolhida, sem lume que o aqueça, ouvindo com indiferença o rugido das feras. Mesmo quando a trovoadas ribomba, a chuva cai em torrentes e os ventos arrancam árvores centenárias, ele mantém-se imóvel. Passados dois dias, regressa pálido, trémulo, com os olhos encovados – um retrato assustador de autoindulgência descontrolada.

Aqueles que se deixam apanhar por esta paixão e vivem em ambientes que a favorecem estão, em termos práticos, perdidos. O autor ouviu no Peru relatos verdadeiramente lamentáveis de jovens oriundos de boas famílias, que em visitas ocasionais ao campo experimentaram coca por passatempo, acabando por se viciar e recusando regressar à civilização, como se estivessem sob um feitiço maléfico. As suas famílias acabavam por os encontrar em aldeias remotas, e arrastavam-nos de volta, apesar das lágrimas. Mas estes infelizes preferiam a vida no mato e fugiam logo que podiam – transformados em semi-selvagens, alheios ao seu estatuto de brancos, acabando por morrer precocemente devido ao uso excessivo desta planta intoxicante.

Tal como o tabaco é extremamente repugnante para o paladar não corrompido, também se torna quase impossível de abandonar depois de se adquirir o gosto. Destrói o prazer verdadeiro dos sabores e exerce, como a coca, uma estranha fascinação sobre o cérebro. Quando domina um homem – seja ele genial como Shakespeare ou forte como Webster – ele já não é ele mesmo sem ele. Torna-se um miserável escravo da sua influência narcótica. Vence a decência e a sensibilidade, e destrói o amor pela pureza a tal ponto que se veem cavalheiros, respeitáveis na sua vida social, cuspirem saliva nauseante em salas de estar, igrejas, comboios ou até para o rosto de quem se encontre na direção do vento. Tudo isto em violação da Lei do Amor Conjugal, que exige doçura e apreço pela beleza e pela verdade.

Um homem dominado pelo tabaco chega a apegar-se mais a ele do que à sua mulher ou filhos. Pode viver sem estes. Mas se o privarmos do seu vício, cai na impotência e

debilidade. Estas consequências aplicam-se a todas as formas de tabaco. A expressão vazia da juventude moderna é um reflexo do uso do cigarro. Algumas raparigas até acham o cheiro do charuto encantador – mas bastaria uma curta convivência para perceberem a irritabilidade do fumador.

Uma questão essencial a considerar é o efeito nocivo do tabaco nas funções reprodutivas. Não é difícil perceber que crianças concebidas a partir de corpos viciados em chá, café, carne, álcool e tabaco não podem tornar-se adultos tão saudáveis como os filhos de pais com sangue puro e sem excessos conjugais. O Dr. Adam Clark dizia que, se tivesse de oferecer um sacrifício ao diabo, seria “um porco assado recheado com tabaco.” E no entanto, muitos pais preparam diariamente esse mesmo sacrifício – crianças geradas a partir de todos os condimentos da intemperança moderna!

Outro fator secundário, mas não menos prejudicial, é o hábito de comer tarde da noite. Esta prática, por vezes recomendada por pessoas de bom senso noutras áreas, é um erro grave. Quantos se entregam ao excesso antes de se deitarem, substituindo a lei da abstinência pela da gula, e acordam no dia seguinte com uma lista de queixas que um fisiologista, conhecendo a origem, só pode ignorar.

Pode servir para criaturas brutas, que vivem como porcos e não pensam, deitar-se depois de comer e risonhar. Mas para homens e mulheres, cuja existência deveria ser uma preparação para destinos mais sublimes, imitar os animais inferiores é, no mínimo, lamentável. Alguns dizem sentir-se melhor com uma pequena refeição antes de dormir. Acredito. Mas que crimes contra a alma e o corpo terão cometido para que tal hábito se tornasse reconfortante? Pequenos pecados, para grandes pecadores, são apenas entretenimento.

Se alguma vez chegar ao ponto em que violar uma lei da vida me dá prazer momentâneo, estarei a caminho da morte. E, pior, estarei a plantar a semente do suicídio na minha família – ensinando, pelo exemplo, o caminho certo para a miséria conjugal.

Pode parecer estranho, mas um simples jantar tardio pode ser causa de desequilíbrios conjugais, mesmo em pessoas moderadas. Se pudéssemos olhar para o início das nossas vidas, muitos descobririam que a sua conceção se deveu não a um amor puro, mas ao estímulo fisiológico causado por um jantar pesado e fora de horas.

Pergunta-se por vezes porque é que certos clérigos, apesar de talentosos e exemplares, não têm filhos superiores à média. A resposta está no desrespeito pela Lei Conjugal. Após os sermões da noite, muitos comem em excesso, e o resultado manifesta-se na natureza dos seus filhos. O mesmo se aplica a atores famosos: não comem antes do espetáculo, mas compensam no fim, com chá, álcool, carne e tabaco

– e assim se planta a semente da desordem emocional e da decadência.

Por fim, outro fator que contribui para o desequilíbrio físico e emocional é o **hábito moderno de trocar o dia pela noite**. Nas cidades, homens e mulheres participam igualmente nesta violação das leis naturais, sem verem mal nisso. Não digo que prefiram as trevas por terem más intenções, mas a verdade é que, quando o dia termina, muitos se entregam a excessos que destroem o corpo e a alma.

Se desejamos saúde, beleza, e um carácter nobre – se queremos viver num mundo mais justo e harmonioso, onde o lar seja o centro sagrado da sociedade – então devemos começar por nós mesmos. Devemos viver de acordo com a sabedoria da natureza e agir sempre como a razão e o bom senso ditarem.

Correspondência entre o Homem e o Globo – A Lei Solar da Natureza

Interroguei a Natureza sobre a forma de regular as ações e os hábitos do homem, e, em resposta, ela transmite ao mundo o seguinte episódio revelador do sistema da Verdade: o nosso globo experimenta, diariamente, sob a influência do Sol, uma ação positiva e uma ação negativa. A ação positiva do Sol aumenta progressivamente até atingir o ponto máximo do seu poder magnético – ou seja, até ao início da ação negativa – o que ocorre, invariavelmente, em todos os países e latitudes, quando o Sol ultrapassa a linha do meridiano.

Com a ação negativa (ou elétrica) observa-se a mesma progressão, que aumenta à medida que o Sol declina, prolongando-se até à meia-noite, momento em que a ação positiva recomeça. Em outras palavras: o ponto de máxima positividade ocorre ao meio-dia, e o de máxima negatividade à meia-noite – com a mesma precisão que rege a rotação da Terra. Esta ação invisível do Sol flui e reflui sobre a Terra, e através de tudo o que nela existe, como as marés.

Existe uma bela correspondência entre o homem e o planeta que habita. E a descoberta e aplicação deste Código Solar da Natureza poderá contribuir mais para a "paz na Terra" do que todos os mandamentos – podendo ser mais benéfico para a moralidade do que os próprios testamentos religiosos alguma vez foram.

Durante o período positivo – que começa à meia-noite e aumenta até ao meio-dia – todos os fluidos vitais e forças reguladoras nas plantas, nas árvores, nos animais, nas aves e no homem, encontram-se a desempenhar as suas funções mais elevadas, nos seus papéis mais nobres dentro da criação. Quando o Sol estende os seus braços dourados de poder e manipula, por assim dizer, toda a face da Natureza, tudo entra num estado quase clarividente: os minerais passam por processos de acoplamento, fecundação e proliferação; os vegetais crescem, multiplicam-se e enchem a Terra; e os animais, incluindo as aves, vivem o seu momento máximo de alegria, obedecendo

às leis que também regem os reinos inferiores.

Durante o período negativo – que se inicia ao meio-dia e termina à meia-noite – essas mesmas forças vitais passam a exercer funções mais secundárias, mas não menos necessárias: reconstrução, reposição de matéria, manutenção do equilíbrio. Nesses momentos, essas atividades devem decorrer sem interrupções.

O ser humano deveria regular a sua vida e os seus hábitos segundo estas leis solares da Natureza. Na proporção em que "transforma a noite em dia", o corpo torna-se fraco e negativo; e a mente, grosseira e sensualista. Todos os pensamentos gerados à noite são noturnos e efêmeros; todos os livros escritos durante a noite transportam em si o princípio da sua decadência. Toda a criação ensina ao homem esta lição sublime. Os animais e as aves obedecem com precisão admirável à lei solar! Não será preciso provar que, salvo raras exceções, as pessoas mais saudáveis, belas, longevas, felizes, e úteis à humanidade, são aquelas que seguem o Sol nos seus ritmos de comer e dormir.

Se pudéssemos ver os habitantes dos planetas superiores, onde a Religião Solar da Natureza é vivida no quotidiano, não restariam dúvidas. A lei, em suma, é esta: **as maiores e mais nobres obras do ser humano devem ser realizadas antes do meio-dia**. O seu dia deve começar quando o Sol começa a atuar positivamente.

Correspondência Entre o Homem e o Globo

Um diagrama (referido no texto) ilustra as analogias específicas entre o meio-dia e a ação máxima no homem; entre a meia-noite e o descanso profundo; entre a luz da manhã e a atividade intelectual; entre o cair da noite e os prazeres sociais. Tudo na Natureza é regido por movimentos periódicos. A Terra manifesta periodicidade nas estações, nas marés, nos ventos, nas eletricidades e em princípios subtis e imponderáveis. Afirmo que o ser humano deve viver em harmonia com essas leis eternas, que regem tanto a Terra como as esferas superiores com infalível precisão.

A ciência médica pode convencer um homem de que o álcool é um veneno, mas, ainda assim, em seis casos em cada dez, ele continuará a bebê-lo. Por mais errados e nocivos que sejam o chá verde, o café forte e o tabaco em todas as suas formas, é triste e desanimador ver que, mesmo conhecendo os malefícios, muitas pessoas continuam a consumi-los. Será isso uma perversidade da natureza humana? Explica-se por um suposto pecado original? Creio que não. Porque o **conhecimento** não salva a alma. A maior parte da nossa natureza é sentimento (ou consciência), e sobre ela o conhecimento exerce apenas um controlo parcial.

Os fisiologistas podem provar o mal dos jantares tardios; os educadores podem explicar as razões com lógica cristalina; mas as pessoas continuam a seguir os seus

impulsos, cometendo os mesmos erros. Já ouvi muitos dizerem que preferiam "sacrificar dez anos de vida" a abdicar de certos prazeres prejudiciais. E acredito sinceramente que, mesmo se apresentássemos com clareza os vícios monstruosos, odiosos e destrutivos da juventude e da maturidade, o "dilúvio" dessas práticas não cessaria. O conhecimento, por si só, não salva o jovem nem o homem viciado – não impede a reincidência no erro, nem as suas consequências devastadoras.

É certo, no entanto, que o conhecimento desenvolve a prudência, sugere políticas de contenção. Mas, mesmo assim, essa prudência não salva a sociedade do crime, do sofrimento, nem da discórdia. Pessoas que sabem, por experiência própria, que certos alimentos lhes fazem mal, continuam a comê-los quando a tentação é forte. Se o conhecimento não salva, então a pergunta impõe-se: O que salva?

Resposta: a Sabedoria.

Nenhum homem, por mais versado em ciência e saber que seja, é salvo de hábitos destrutivos senão por um princípio de Justiça, a que chamamos Consciência, que pertence ao departamento executivo da alma. Quem se abstém do erro apenas por saber que ele é nocivo, vive prisioneiro das leis e das precauções – sem experimentar a liberdade voluntária e bela que brota da Natureza. Na medida em que o conhecimento evita um erro, o homem está submisso ao medo e à sua influência. Esta ideia pode parecer estranha, mas convido-te a refletir sobre ela.

Aplicação da Doutrina à Vida Diária

Aplica esta doutrina à tua experiência quotidiana. Se abandonares o hábito de fumar tabaco apenas porque o teu julgamento despertou a tua cautela em evitar os males pessoais que dele resultam, então sentes uma verdadeira liberdade nesse abandono? Deixas de praticar o mal por um amor sincero e uma atração genuína pelo bem? Ou fazes o bem apenas porque o teu julgamento te ensina a temer as consequências do mal?

O valor moral das tuas ações será proporcional à natureza do motivo que as inspira. Uma mãe proíbe o filho de cometer certos atos, sob ameaça de castigo. Mas será que a criança sente uma liberdade, um desejo interior de deixar o erro e fazer o bem? Não. O castigo é um apelo à cautela, transmitido através do conhecimento. É o medo, e não a consciência, que impede a criança de errar. Quando o medo desaparece, desaparece também o controlo – e a criança peca com uma falsa sensação de liberdade.

Mas que tipo de liberdade é essa? Não é uma liberdade verdadeira, como aquela que uma consciência esclarecida pode proporcionar. É antes uma libertação negativa, instintiva, quase animal, face aos avisos do conhecimento e às advertências da

cautela.

Se, nas minhas palestras sobre as exigências e abusos da nossa dupla natureza, eu nada mais fizer do que expandir o vosso conhecimento e despertar a vossa cautela contra certos pecados gritantes, então, infelizmente, este trabalho prestará pouco serviço ao mundo. Pois aqueles entre vós que se abstiverem do mal apenas por conhecimento, por cautela ou por medo das consequências, estarão a fazer o bem por medo – tal como muitos cristãos seguem os caminhos da religião apenas pelo receio do castigo eterno.

Acredito que não existe verdadeira liberdade separada da **Sabedoria**. A sabedoria é o vidente da alma – a visão da **Justiça**; o juiz eterno entre o “certo” e o “errado”, tal como estes conceitos são geralmente entendidos. Quando um homem acredita que está no caminho certo, o seu poder é imenso; pode enfrentar dez mil outros que agem apenas pela prudência e pelas políticas do medo.

Suponhamos que te convenço de que certos vícios são errados. Essa convicção bastará para te livrares deles? Se essa convicção for apenas fruto do conhecimento, como uma simples relação de causa e efeito, então **não** te salvará. Mas se essa convicção for enviada pelo canal do conhecimento até ao trono da sabedoria, e aí criar raízes e crescer como uma árvore de justiça no jardim da alma, então sim – estarás salvo desses males, firme e verdadeiramente, por toda a eternidade.

É uma verdade surpreendente que um erro cometido em segredo, contra as leis de uma só alma humana, é um erro contra toda a humanidade. O teu princípio de justiça deve reconhecer isto antes que possas ser salvo, através da educação, do pecado. Uma pedra lançada num lago agita toda a superfície. Tal como as gotas formam o oceano, também os indivíduos formam um só corpo comum, fluindo num só sentido, em direção a um destino comum.

Quando vives corretamente, não serves apenas a ti mesmo; estás, pela tua benevolência e senso de justiça, a oferecer à humanidade um dom precioso. Cada vez que substituis voluntariamente uma lei natural por outra – o que se chama “pecado” – e isso te entristece, essa tristeza atua de mil formas sobre o mundo. O teu semblante carregado entristece quem está ao teu lado; a tristeza perturba a digestão, as funções físicas, e isso afeta o caráter, o temperamento; estes afetam amigos, família, vizinhos, descendência e, através das invisíveis linhas da empatia, toda a espécie humana.

Embora a ignorância possa ser considerada, com razão, o maior inimigo da felicidade e progresso humanos, vê-se claramente que o conhecimento, por si só, não é o salvador do homem. O conhecimento é externo; produto da mente racional que compreende argumentos, relações entre causa e efeito.

Um homem pode ter conhecimento suficiente para compreender os males resultantes de qualquer violação das leis do seu ser, e mesmo assim cometer os mesmos erros. Com isto não pretendo denegrir o valor do conhecimento, nem sugerir que ele seja inútil em todos os contextos; mas sim afirmar que existe no homem um princípio superior ao conhecimento, um princípio que, só ele, pode salvá-lo de cometer crimes de qualquer magnitude.

Ainda assim, o homem precisa de apoio – de associação e ajuda – para caminhar no caminho certo. Um homem tem de sentir, além de saber, que é errado cometer certos crimes, antes de ter força suficiente para resistir à tentação. O termo metafísico para esse sentimento é Consciência; mas a história da humanidade mostra que a consciência é, em grande medida, educada, e não inteiramente inata. Por isso, esta sensibilidade interior ao que é justo deve ter uma origem diferente – e um nome diferente.

Ao analisar a constituição da mente humana, observo nela certas grandes leis gerais: de regularidade, ordem, precisão e equilíbrio. Estas leis controlam o germe do nosso ser e regulam todos os seus desenvolvimentos. Não são externas à mente; estão entrelaçadas com ela, como sangue e carne. E, quando plenamente desenvolvidas, essas leis criam o que podemos chamar de faculdade da Justiça. Esta reside nas regiões superiores do cérebro e, quando está no seu auge, reina sobre o conhecimento e sobre todos os afetos e motivações que animam o nosso ser.

Essa Justiça é o verdadeiro Salvador da mente.

Na sua forma mais básica, procura o bem-estar e preservação do indivíduo. Neste nível, apela ao interesse próprio, ao prazer pessoal, ao desenvolvimento individual. Através do conhecimento, que reconhece as relações de causa e efeito, essa Justiça ensina à mente os seus verdadeiros interesses, os meios de alcançar conforto e alegria – sons para os ouvidos, imagens para os olhos, sabores, sensações, experiências, amizades. Assim, como um bom médico prescrevendo para o seu paciente favorito, a justiça pessoal guia e orienta o indivíduo.

Mas ainda assim, a mente não está salva. Porque essa Justiça precisa de se desenvolver de forma mais ampla e nobre, para conseguir elevar a mente acima das tentações mais fortes.

O conhecimento não salva, porque vê, mas não sente. É produto do ceticismo passado. Já a verdadeira Justiça – esse sentimento profundo e nobre de responsabilidade para com o amigo, a família, e o mundo – é produto das leis imortais que habitam o nosso ser.

Em contraste com o conhecimento, essa Justiça da mente deveria chamar-se

Sabedoria. A Sabedoria é a faculdade da intuição – de saber sem investigar, de prever sem perceber, de sentir corretamente ao longo das linhas telepáticas da empatia, sem precisar de experiência exterior. Esta é a verdadeira salvadora da alma – a faculdade mais profunda e mais elevada da constituição mental.

Pela ação desta força, o homem é salvo tanto de pequenos como de grandes pecados, porque ela eleva o seu espírito acima da mera gratificação pessoal. Ela abre-lhe os olhos, como a Paulo, para as inúmeras consequências que um único mau hábito pode espalhar por toda a família humana. Nenhum vício secreto permanece confinado ao local onde é praticado. Ele imprime-se nos nervos, nos fluidos, na estrutura corporal. Estes, perturbados, afetam a mente; a mente, afetada, altera o rosto, a fala, os sentidos.

E assim, quando essa pessoa encontra o seu amigo, não tem para ele um pensamento tão puro, nem um olhar tão sereno, nem uma palavra tão rica. Não é capaz de propor encontros elevadores, nem de partilhar o melhor de si. O seu corpo perturbado, a sua mente agitada, a sua sensibilidade doente, o seu semblante turvo e o seu discurso vacilante – tudo isso gera estados semelhantes nos outros. E estes, por sua vez, propagam esses estados, inconscientemente, aos que os rodeiam – de amigo para amigo, de família para família, de sociedade para sociedade, de nação para nação, como uma corrente contaminada.

Afirmo de novo: seria preciso uma clarividência angelical para ver até que ponto – em que margem da eternidade – termina o efeito de um único pecado. Isto não é exagero.

Sobre a verdadeira reforma e a natureza da sabedoria

É extremamente difícil determinar até que ponto os efeitos fecundantes e proliferantes de um único hábito se fazem sentir. Se, na tua sabedoria e justiça fraterna, conseguires compreender que, ao cometeres um erro contra ti próprio, estás também a cometer um erro contra o universo, então acredito que deixarás de pecar!

Um sentimento ampliado de justiça para com toda a humanidade salva-nos dos maus hábitos com muito mais eficácia do que o simples conhecimento experimental da relação entre causa e efeito. A justiça concede-te o poder sublime e divino do **autocontrole**. O conhecimento, por sua vez, apenas te informa sobre as consequências das tuas ações. Um único mau hábito ou ação dos nossos antepassados continua hoje a circular no nosso sangue – inclinando-nos, em momentos de fraqueza ou distração, a repetir o mesmo erro.

Um autor disse com sabedoria:

“Uma pedra num riacho pode mudar o curso de um rio; uma gota de orvalho numa planta tenra pode deformar um carvalho para sempre.”

E Pope, o poeta filosófico, desenvolve o mesmo princípio ao falar da tendência expansiva da virtude:

“O amor-próprio serve para despertar a mente virtuosa, como a pequena pedra agita o lago sereno; o centro move-se, e segue-se um círculo, outro e mais outro, sempre a crescer; amigo, pai, vizinho, primeiro são tocados, depois o país, e por fim toda a raça humana; e a mente, transbordando, abraça todas as criaturas; a Terra sorri em abundância, e o Céu vê-se refletido no seu seio.”

É, pois, do nosso mais alto interesse pessoal sermos guardiões dos nossos irmãos. O sofrimento deles é o nosso; a sua felicidade, também. A sua elevação moral é a nossa. A obediência justa de um homem é a justiça de todos – tal como a saúde do corpo é saúde da mente. Não existe separação entre estas leis ou os seus interesses.

Se eu não conseguir fazer com que as pessoas sintam – através da sabedoria – o quão errado é praticar o mal, falharei totalmente na apresentação dos meios para a sua salvação. Um homem não deve apenas saber que certas ações são erradas pelas consequências que trarão para si. Deve também sentir-se nobre demais, justo demais, respeitador demais dos seus semelhantes, para permitir-se pecar contra a luz e o conhecimento.

Evito repetir-me, mas a novidade da nossa proposta frenológica (relativa à estrutura cerebral) leva-me a reforçar esta ideia: O Conhecimento, produto da parte frontal do cérebro, é ateu; A Sabedoria, produto da parte superior, é teísta; O Amor, vindo da parte posterior do cérebro, é idólatra.

Uma pessoa com o cérebro posterior predominante é, invariavelmente, impulsiva e adora alguma coisa – seja a si mesma, o cônjuge, os filhos, a casa, os amigos, os lugares... até chegar à adoração de uma ideia, sentimento ou fonte de prazer. A Sabedoria, como já foi definida, é o sentimento que equilibra, que intui, que crê, que prevê. É a faculdade divina da mente. Ela acredita em Deus, não sem razão ou conhecimento, mas com a ajuda deles e pelo seu uso pleno. O Conhecimento, por outro lado, é cético – é a força masculina que duvida de tudo para aprender tudo, que só acredita mediante prova absoluta – anulando, assim, a própria fé.

Alguém com excesso de desenvolvimento nas partes frontais e posteriores do cérebro, mas com déficit na parte superior, será ora idólatra, ora destruidor de ídolos – cheio de impulsos e adoração num momento, e de dúvida e frieza noutro. Já aquele cuja parte superior do cérebro é dominante, mesmo com pouco poder analítico e afetivo, terá uma fé profunda em Deus, no homem, na Natureza, no Universo.

Acredita sem saber porquê, sem conseguir explicar racionalmente as suas convicções. Sente, age, e confia nas forças supremas – mesmo sem uma única verdade científica ou justificação lógica. Essa fé vem de uma intuição pura, que reconhece as leis da causa e efeito sem ter aprendido sobre elas.

Não creio que esteja totalmente ao alcance de um homem reformar-se apenas pela força de vontade. A vontade é consequência de causas. As intenções podem ser boas, mas, ao tentar corrigir hábitos, vê-se com frequência que o homem:

“Resolve, torna a resolver... e morre na mesma.”

Quantas vezes vemos a vontade ser anulada e paralisada! É fácil pregar reforma ao homem perdido, mas é difícil dar-lhe força para abandonar os seus caminhos. Afirmo, sem receio de ser contrariado, que a vontade, por si só, nunca é suficiente para transformar vício profundo em virtude vibrante.

A força de querer só nasce depois de adquirir conhecimento; e este, por sua vez, deve ser elevado à sabedoria. Quando um homem destrói o seu princípio de sabedoria, perde uma fortuna. Fica falido! Um elevado sentido de respeito próprio, originado nas regiões mais nobres do cérebro, tem mais poder transformador do que mil votos de resolução.

Mais respeito por ti próprio, mais amplitude na tua justiça para com o mundo, farão mais pela tua reforma do que qualquer promessa. Ainda assim, ninguém reforma-se sozinho. A companhia e o estímulo dos outros são essenciais. Isolado, mesmo o mais forte pode falhar.

Diretrizes para a cura do Extremismo ou Inversão

Depois de tudo o que foi dito sobre as causas primárias e secundárias, não parece necessário alongar-me muito sobre os métodos de cura. O leitor inteligente perceberá que a cura depende de uma rejeição incondicional e imediata de todas as causas que conduzem a tais efeitos atroz.

No primeiro volume desta série, *O Médico*, podem encontrar-se várias orientações – especialmente sobre o uso adequado da alimentação, da água, do ar, da luz, da eletricidade e do magnetismo. Se estas sugestões forem seguidas, mesmo que parcialmente, e forem acompanhadas por uma oração constante e sincera por saúde e pureza, a cura, embora lenta e por vezes aparentemente duvidosa, será segura e satisfatória.

Alimentos e Substâncias a Evitar Durante o caminho da tua condição atual até ao pacífico Império da Saúde, deves evitar, segundo fontes de autoridade:

Carnes e peixes fumados e salgados;

Enchidos, carne de porco gorda, gansos, patos, mariscos e peixes sem escamas;

Carne de animais jovens;

Sopas, molhos, bolos e pastelaria muito condimentados;

Manteiga e queijo rançosos;

Pão com bicarbonato, sal amoníaco ou fermentos químicos;

Mel e rebuçados coloridos de confeitaria;

Rábano, cebola, pimenta, mostarda, noz-moscada, cravinho e condimentos semelhantes;

Bebidas alcoólicas, fermentadas ou espirituosas;

Águas minerais artificiais ou naturais, vinagre e ácidos minerais diluídos;

Café, chá, chocolates condimentados;

Tabaco em todas as formas, cânfora e todos os perfumes.

Sobre o Cuidado com a Alimentação, a Vontade de Reformar-se e a Procura da Cidade Eterna

Pacientes em estado debilitado devem ter especial cuidado com a alimentação e a ingestão de água. Não devem comer nem beber nada imediatamente antes de se deitarem ou dormirem – mesmo que o estômago, sensível e doentio, implore por “algo” que ofereça uma sensação momentânea de conforto.

O sal amoníaco (salæratu) é considerado prejudicial ao organismo humano. Muitos afirmam que é responsável pela morte de milhares de crianças – e até de alguns adultos – todos os anos. Em New Brunswick, vizinho do Maine, os médicos dizem que metade das crianças morre por causa do salæratu. Este mal está a espalhar-se rapidamente por toda a União. Famílias de tamanho médio já consomem entre cinco e dez quilos por ano. Comerciantes antigos afirmam que, antigamente, compravam três ou quatro pequenos barris por ano para abastecer uma aldeia. Hoje, compram várias caixas grandes, de 250 a 350 quilos cada.

Grandes quantidades são usadas para fazer pão – o alimento mais comum e consumido por todos. O leite deveria substituí-lo nesse papel. Muitas pessoas têm o hábito de adicionar um pouco de salæratu a quase todos os tipos de pastelaria. O

New England Farmer comentou: “Estamos inclinados a acreditar que estas advertências contêm muita verdade. Não sabemos até que ponto os efeitos do salæratu podem ser neutralizados por outros ingredientes usados na comida. Mas os químicos sabem-no, e deveriam explicá-lo ao povo.”

Mas o que é o salæratu? A madeira é queimada até virar cinzas. As cinzas são lixiviadas, produzindo lixívia. Esta é fervida até que reste um sal negro. Este sal é então purificado pelo fogo, produzindo potassa. Por outro processo, transforma-se essa potassa em *pearlash* (potassa refinada). Este pó é colocado em sacos sobre tanques de fermentação em destilarias, onde absorve o ácido carbónico libertado, solidificando-o. O produto torna-se mais pesado, seco e branco do que a potassa – é agora salæratu. A questão permanece: quanta lixívia e ácido carbónico pode um estômago humano suportar sem perder a saúde?

Os inversionistas debilitados poderão levar um ano inteiro para atravessar o caminho até ao Éden da saúde física e do autorrespeito. No percurso, encontrarão inúmeros obstáculos – desvantagens de nascimento, de profissão, ou mesmo a convivência forçada com pessoas negligentes e de hábitos grosseiros. Mas momentos de tristeza não devem ser vistos como derrotas: tal como as nuvens de outono anunciam o inverno, também garantem a chegada de uma primavera grandiosa e bela.

Não desistas de fazer o bem, mesmo que as marés da adversidade uivem à tua volta com cânticos de dúvida e desespero.

“Ah, este belo mundo,” disse Longfellow, “não sei o que pensar dele. Às vezes, é só alegria e sol – e o céu parece tão perto; e depois muda de repente – tudo se torna escuro, triste, e as nuvens tapam o firmamento. Na vida até dos mais tristes de nós, há dias em que sentimos que podíamos abraçar o mundo inteiro. E depois... vem a hora sombria, quando o fogo não arde no coração nem no lar, e tudo, por dentro e por fora, é frio, escuro e desolado. Acredita, todo o coração carrega consigo as suas dores secretas.”

Mas lembra-te, mesmo nas horas mais negras, os céus curvam-se sobre ti, cheios de amor.

Esforça-te por fazer o bem, por te tornares uma Mulher Verdadeiramente Bela, um Homem Puro e Harmonioso – e os mundos superiores hão de batizar-te com águas doces e vivas. Neste vasto planeta, repleto de seres conscientes, não há um só que não possa beber profundamente da fonte inesgotável do Amor. A humanidade, como uma caravana de homens e cavalos pesados, continua a sua marcha. Mas esta procissão pode tornar-se muito mais rápida, e a Era da Paz Universal pode ser alcançada com maior certeza, se os jovens de ambos os sexos, em ambos os hemisférios, viverem obedientemente à Lei do Amor Conjugal.

O teu desejo de alcançar o melhor estado possível será, por si só, um guia precioso nesse caminho. E, talvez agora, permita-me...

Contar-te uma Parábola

Certo jovem, apaixonado por geografia e história, encontrou nas suas leituras a descrição maravilhosa de uma “Cidade Eterna”. A imagem cativou-lhe o espírito como se fosse encantamento.

Diferente de todas as cidades terrenas, a Cidade Eterna era feita de infinita beleza e variedade. Espalhava-se como uma videira em flor diante do seu olhar. As ruas ramificavam-se em todas as direções, e cada ramo brotava em incontáveis lares felizes. Os habitantes floresciam em harmonia, formando grupos alegres e unidos.

À sua volta, a paisagem era grandiosa. Lagos esplêndidos repousavam entre montanhas gigantes; fontes jorravam pelos campos férteis; e a harmonia era tal que raios de sol e riachos pareciam dançar juntos. O perfume das flores e o canto das aves subiam ao céu, e até as folhas mais pequenas pareciam vibrar de prazer. A terra e o céu formavam um só quadro de beleza, bondade, glória e alegria.

O jovem decidiu procurar essa Cidade Eterna. Mas o seu espírito ficou inquieto, pois ninguém lhe indicava o caminho. Leu muitos livros de viagens, mas tudo o que descobriu foi uma breve e vaga direção:

“Estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz à vida, e poucos são os que o encontram.”

Tomado por momentos de desalento, o jovem pensava e repensava essa frase, sem conseguir encontrar nela uma orientação clara. Não dizia se a cidade ficava a norte ou sul, a leste ou oeste – ou se se alcançava por baixo ou por cima.

Sem saber para onde ir, saiu para meditar, caminhando sozinho pela beira da estrada. Não tinha ido muito longe da casa dos pais, quando foi abordado por um velho, de aparência sábia, que lhe disse:

“Para onde vais, jovem? Que tristeza curva o teu espírito? Por que olhas o chão com olhos sombrios? Esta não é idade para tanta meditação. Anda! Levanta a cabeça; deixa que o sol ilumine o teu rosto. Vês como te inclinas, como quem carrega o peso de anos mal vividos. Fala, jovem.”

O rapaz levantou os olhos e respondeu:

“Li sobre a existência de uma Cidade Eterna. As suas casas pacíficas, a sua perfeição, a sua limpeza e harmonia, atraem-me com força irresistível. Quero abandonar as

discórdias da Terra e seguir o caminho estreito que leva até lá. Tenho estudado muito, li muitos relatos de viagens, mas ainda não encontrei o caminho.”

O velho exclamou:

“Ambicioso jovem! Não consegues seguir o caminho que outros, mais velhos que tu, já te mostraram? Deverias dedicar-te a muitas orações, a ler muitas Escrituras, e a frequentar os sermões regularmente.”

Mas o jovem, em paz com a sua consciência, respondeu:

“Há uma voz dentro de mim que me diz que estás errado! Diz-me que orar demasiado, ler demasiado, ouvir demasiados sermões... oprime a alma, impede-a de crescer por dentro e de praticar por fora. Essa voz soa-me como o sussurro de um anjo, e anseio por me libertar de todas as amarras – para poder, ao longo de toda a minha vida, obedecer apenas a ela.”

O velho, ao perceber que o jovem colocava a voz interior acima da sua autoridade, ficou vermelho de raiva. O sangue aflorou-lhe ao rosto, e os seus cabelos já alvos como a neve, esvoaçando na brisa, pareciam empalidecer ainda mais. Quando a sua justa indignação quase se extinguia, exigiu reconhecimento da sua autoridade:

— *“Eu sou o Reverendíssimo Dr. Sempre-Certo”, disse com ênfase. “Estudei as Escrituras; expus os seus ensinamentos; declarei que são totalmente suficientes para o homem; dediquei longos anos ao estudo das profecias; escrevi um livro a provar que a ‘porta estreita’ representa a igreja e que o ‘caminho apertado’ é o trilho que o pastor escolhido traça para o seu rebanho.”*

— *“Existe uma voz dentro de mim”, respondeu o jovem, “que invalida e nega tudo o que afirmas sobre o caminho para a Cidade Eterna.”*

Mais uma vez, o rosto do velho incendiou-se de cólera com a recusa do jovem em reconhecer a sua autoridade.

— “Essa voz dentro de ti, jovem, é o sussurro de Satanás!”

A estas palavras, o jovem sentiu um abalo em todo o seu ser. Nunca antes tinha ouvido a sua voz interior ser tão severamente atacada e difamada. Perguntou ao velho se, na sua juventude, não tinha também escutado a voz da Intuição, insurgindo-se contra as verdades herdadas. O erudito admitiu que, em tempos, ouvira sim essa voz interior, mas fora dissuadido por um pastor da aldeia que o advertira contra o risco de usar a razão em assuntos divinos. Confessou ter aprendido, ainda jovem, a crucificar os impulsos da sua natureza interior, curvando-se perante a autoridade exterior e arbitrária. Caminhava desde então pelos trilhos traçados pelos seus antepassados,

temendo que nenhum outro pudesse levar à vida eterna.

O jovem afastou-se do velho, que ficou encostado à sua bengala, e seguiu o seu caminho com passos firmes, seguros, confiantes e humildes.

Contudo, não tinha andado muito quando encontrou uma multidão a viajar por um caminho sinuoso, desviando-se para a esquerda. O chefe do grupo, visivelmente um sacerdote, perguntou-lhe para onde ia.

— *“Procuro o caminho estreito que conduz à Cidade Eterna”*, respondeu o jovem.

— *“Então segue-nos”*, disse o sacerdote, *“pois é para lá que vamos.”*

— *“E para onde leva este caminho aqui à minha frente?”*, perguntou o jovem, apontando.

— *“Esse é um caminho cheio de perigos e inúmeros percalços. Leva à destruição. Todos os naturalistas e céticos por aí seguem, e nenhum escapa. Tem cuidado, jovem. Evita o caminho largo, e junta-te a nós.”*

O jovem hesitou. O caminho à sua frente seguia para sul. Estava vazio de gente, mas cheio de campos férteis, árvores frondosas, frutos tentadores e todas as formas encantadoras da criação. A sua voz interior disse-lhe: *“Vai em frente!”* E, embora os habitantes da Terra fossem guiados por outros caminhos, escolhidos por líderes religiosos, decidiu prosseguir. A Natureza, com todos os seus encantos, abençoaria a sua jornada e far-lhe-ia companhia.

Não muito depois, viu outro grupo a marchar por uma vereda tortuosa à direita. O líder, ao avistá-lo, gritou:

— *“Jovem! Vem por aqui – aquele caminho leva à morte! É o caminho da mera Natureza. Vem, sê batizado e purificado de todos os crimes de Adão e da sua companheira!”*

Ainda assim, obedecendo à voz interior, o jovem prosseguiu o seu caminho, confiante e sereno. E, à medida que caminhava, o seu espírito tornava-se mais feliz e mais seguro. As árvores pareciam sussurrar-lhe volumes inteiros de sabedoria – via *“sermões nas pedras e bondade em todas as coisas”*. Pensava na Cidade Eterna, quando vozes no ar lhe sussurraram:

— *“Sê justo e não temas.”* — *“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.”* — *“A cidade edificada sobre o monte... Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.”*

E a cada frase pronunciada, a sua voz interior respondia: “*Amém e amém.*”

Em êxtase, ouviu ao longe a voz fria e implacável de João Calvino. Olhou e viu este grande líder, seguido por uma imensa multidão, a caminhar por um trilho áspero e espinhoso, quase em direção oposta. O povo parecia triste e exausto. Os pés feridos por pedras e silvas.

O jovem, cheio de compaixão, perguntou ao líder por que não tomava o caminho da paz e da alegria.

— “*É necessário carregar a cruz, jovem,*” disse o chefe. “*Esta vida é um vale de lágrimas. O coração purifica-se com sofrimento longo e paciente. Arrepende-te ou serás condenado eternamente. Junta-te a nós e confia no julgamento de Deus. Ele terá misericórdia de quem quiser, e endurecerá o coração de quem escolher.*”

Apesar de tantos avisos para evitar o seu caminho, o jovem manteve-se firme. A coragem espiritual crescia dentro de si. Encontrou, ao longo do percurso, muitas outras multidões em trilhos divergentes, todas a tentarem desviá-lo. Mas ele **prosseguiu, jubiloso.**

O caminho tornava-se cada vez mais belo, mais luminoso, mais cheio de sabedoria. A sua mente abria-se. As suas capacidades iluminavam-se. Os seus dons resplandeciam como velas num santuário. E o seu ser unia-se a tudo: planta, ave, animal. As colinas, os vales, os oceanos e montanhas pareciam ser seus irmãos.

E não só isso – também um **reino espiritual** se lhe revelava. Espíritos deixavam pensamentos no seu coração, e a cada dia acrescentavam uma nova joia ao cofre aberto da sua alma.

No final de um belo dia – o sol a pôr-se num mar de nuvens douradas, as flores a fecharem-se para dormir, os pássaros a recolherem-se – o jovem avistou **as cúpulas e torres da Cidade Eterna!** Estava perto. Exclamou:

— “*Eis, enfim, a Harmonia Permanente que sempre procurei!*”

Apressou-se, entrou na cidade gloriosa. Rostos felizes sorriram-lhe e saudaram-no. Sentiu-se profundamente bem-vindo.

Logo começou a participar nas harmonias, alegrias e perfeições da Cidade – e descobriu que tudo o que tinha sonhado **foi superado** pelo que agora via e vivia.

Os habitantes mostraram grande alegria pela sua chegada, não só pela sua perseverança, mas por ter entrado livremente, com júbilo, pelo caminho que escolhera com o coração. A seu pedido, ele contou-lhes tudo: como os vários líderes

religiosos o tinham advertido a desviar-se, como cada seita lhe oferecera, de forma sedutora, uma rota alternativa para chegar à Cidade Eterna.

Falou com entusiasmo sobre as delícias da sua jornada – de como toda a Criação o acompanhara: as árvores, flores, aves, animais, todos o ajudaram a elevar e enobrecer a alma. E, à medida que ele avançava, percebia como os diferentes grupos religiosos **se afastavam cada vez mais da sintonia com as leis e harmonias da Natureza.**

Quando terminou o seu relato, um dos abençoados habitantes abriu a boca e disse...

Muito bem. Foste fiel à luz interior - a Luz que ilumina todo o homem que vem ao mundo. Todos os caminhos acabam por conduzir a esta Cidade, e nenhum peregrino, embora se afaste muito da verdade, está alguma vez perdido. Todo o mal é, em última análise, superado pelo bem. Mas tu seguiste a Natureza; por isso, permaneceste em harmonia com as leis da Natureza, e assim, a tua vida foi fiel ao Deus da Natureza.

O mundo compreende mal o significado profundo desta sentença: "Estreito é o caminho, e apertada é a porta, que conduz à verdadeira vida da alma, e poucos são os que a encontram." Tão poucos são os que seguem a Natureza, que tu percorreste o teu caminho sem o convívio dos teus irmãos terrenos. As seitas abrem e percorrem a "estrada larga" que leva à "destruição" da felicidade, integridade e espontaneidade da alma - contudo, tão verdadeiro é o universo que todos acabarão por encontrar o caminho certo.

Que desta Cidade Eterna - que significa Amor Espiritual, Sabedoria e Liberdade - saia o evangelho para todas as pessoas: que o "caminho estreito" é a Harmonia Pessoal, e a "porta apertada" é a Razão Pura.

PALESTRA VIII

SOBRE A ORIGEM E DEPENDÊNCIAS DO AMOR

Se me perguntassem: "Qual é a maior maravilha do mundo?" responderia sem hesitação: "O Homem!" Porque ele é "um mundo, e tem outro que o acompanha". Porque, resumindo, ele é o clímax para onde todas as coisas incessante e espontaneamente aspiram! O riacho sinuoso não corre mais naturalmente para o mar do que cada corrente de vida invisível busca a mais estranha e poderosa de todas as atrações: o Homem!

O Homem encontra-se no topo da existência; ele atrai toda a criação após si. Nos seus incontáveis caminhos, guiados pela voz infalível da Natureza, à qual obedecem

sem questionar, vemos todos os seres vivos ambicionar ser como o Homem, subindo com precisão matemática e passo filosófico a estupenda ascensão do Ser, aspirando instintivamente a perderem-se na sua mente imortal!

Filósofos e religiosos podem discordar eternamente sobre inúmeras hipóteses e dogmas; contudo, existe um ponto central onde todos se encontram harmoniosamente: o Homem é a maravilha do mundo! Poemas antigos chegam carregados com os evangelhos da humanidade, cantando devotamente ao Poder criador, de onde o homem derivou a sua natureza espantosa e maravilhosa. Salomão, David e Isaías tornaram-se inspirados ao contemplar a existência humana.

Embora esses poetas transmitam pouco conhecimento útil sobre o homem, frequentemente apelam ao seu princípio de sabedoria. Falando pelo Poder formativo, Isaías diz: "Perguntai-me sobre os meus filhos e sobre as obras das minhas mãos... Eu criei a terra e criei o Homem sobre ela... Eu levantei-o para a justiça, e dirigirei todos os seus caminhos... Farei o homem mais precioso que ouro puro, mais do que o ouro fino de Ofir... Eu formei-o, sim, eu fiz o Homem."

Assim, o Homem é o foco central de todas as preocupações. Para os religiosos, ele é o tema principal. Eles abusam da sua natureza, difamam o seu ser moral, denunciando-o como desesperadamente perverso e insignificante; contudo, pelo homem, ou através dele, afirma-se que o mundo está desordenado e que o Soberano de todos os mundos e da vida morreu para tornar possível, novamente, a harmonia primordial.

Os animais dos campos, embora fisicamente mais fortes e mais belicosos que o homem, parecem nunca ter causado problemas ao Criador. Com a criação do homem, diz um mito antigo, veio a tristeza do Criador. Quão poderoso, portanto, e temível é o Homem! Ele pode virar o mundo ao contrário e derrubar o próprio Todo-Poderoso do seu trono.

Antes da criação do homem, quão pacífica e deliciosamente o Criador devia viver nas cortes celestes! Pelas solidões imperturbáveis do universo imensurável, quão silenciosas deviam ser as pulsações do coração de Deus! Mas quando lhe ocorreu criar a Terra, fazer do sol, da lua e das estrelas os seus servos, espalhar plantas e animais por toda parte para decorar e animar o cenário, que pena imensa que não tivesse previsto, na sua onisciência, o vórtice infinito e sem margens de problemas em que quase todo o seu império seria inevitavelmente mergulhado!

Bastou pensar que a criatura se tornou tão temível e poderosa a ponto de fazer o Criador descer do seu Templo, o efeito superando a causa, obrigando-o a "afligir-se em seu coração" por ter feito o homem, e com sentimentos mistos de vingança e impaciência, a "amaldiçoar o solo por sua causa" – o suficiente para despertar, em cada mente bem-intencionada, ideias mais elevadas sobre a capacidade integral do

homem tanto para um bem quanto um mal impressionantes.

Todas as mitologias têm por objetivo ampliar as nossas ideias sobre o ser humano. Segundo alguns povos, o mundo sofreu as mais terríveis catástrofes provocadas por divindades enfurecidas - tudo por causa do Homem! Muitos astecas acreditam que os deuses provocaram quatro grandes mudanças universais – eras de fogo, vento, água e fome – todas para purgar a terra dos seres humanos. Mas, logo que os deuses limpavam o mundo, o homem ressurgia ainda mais forte. Algumas tradições falam de uma guerra constante entre deuses e homens. Mas o homem tem invariavelmente saído vencedor!

A célebre guerra de Troia, por exemplo, que arrastou até os bem comportados deuses, foi toda por causa de uma mulher. Contudo, a bela Helena, esposa do rei de Esparta, embora tenha causado batalhas sangrentas e atrocidades, não se compara à bela Eva, esposa do rei do Éden. Helena de Troia provocou uma guerra entre amantes ambiciosos, na qual deuses e deusas foram envolvidos; mas Eva do Éden colocou toda a criação em conflito e lançou o Criador em dificuldades eternas e dolorosas.

Mas não nos queixemos. Pois não há fábula ou mito no mundo que não sirva para exaltar a ideia que temos do género humano. Sócrates, Platão, Aristóteles – também os filósofos de tempos ainda mais antigos – dedicaram todos os seus ensinamentos à humanidade. Tornou-se assim um lema: "o estudo adequado da humanidade é o homem."

Estudemo-nos então a nós próprios. Conhecer o homem é conhecer tudo; pois ele é, em miniatura, todo o universo.

Começaremos por perguntar: "Qual é a origem do amor?" Frequentemente defendi a ideia de que o amor é idêntico à vida, de que onde existe vida, há amor. O amor é apenas uma manifestação externa da vida, e a vida é o fundamento do amor. O amor provém da essência da vida. No ser humano e fora dele, isto é sempre verdade. Nos mundos e nas árvores, nas flores e nos pássaros, nos animais da terra ou nos peixes do mar, a mesma Lei universal manifesta-se sempre, ou seja, Vida e Amor, ou Sensação e Afinidade. A vida das árvores circula desde a base até ao topo, os raios solares descem e brincam sobre a terra – assim também a alma livre do homem explorará a origem do amor.

A questão, bem sei, é abstrata e, contudo, parte integrante da nossa consciência mais essencial; é também metafísica, mas nunca poderá ser separada da experiência humana. Requer menos esforço observar o vapor de água escapar da chaleira do que inventar uma máquina para regular a sua força. Da mesma forma, muitos encontrarão mais facilidade momentânea na indulgência inconsciente do princípio do Amor do que na análise intelectual e regulação dos seus misteriosos atributos. Contudo, creio

que a nossa experiência vale mais por ser estudada até às suas fundações profundas e amplamente estabelecidas.

Por todos os rios da vida, através do mar da experiência, auxiliado pela sua razão, o Homem deveria guiar a sua embarcação mental, destemido quanto às consequências, e rastrear todos os mistérios e supostos milagres até à sua fonte original. A ignorância e os medos sombrios que dela derivam podem ser dissipados através do uso legítimo do princípio da Razão. A razão pura, quando tocada pela varinha mágica da Sabedoria, tem o poder de olhar em todas as direções. Pode penetrar profundamente nas leis da natureza e erguer-se bem alto, longe, até aos fenómenos sublimes dos céus. O Homem procura todas as coisas, em baixo e em cima, porque é de todas as coisas que deriva o seu ser.

Existe uma "simpatia" que flui para e do Homem, pois toda a criação é animada por um só princípio vital, que é o mesmo em essência, em todo o lado, modificado apenas pelas diferentes combinações da matéria. Em cada mineral, vegetal, animal e elemento, há algo do Homem! Talvez o venerável sacerdote tenha sido repentinamente inspirado por esta grande verdade quando, meditando sobre um burro, exclamou: "Somos feitos de forma admirável e maravilhosa."

Todas as formas da criação não são senão partes do ser humano. Os desenvolvimentos orgânicos são como pedras no templo humano. O Homem é, portanto, em todos os sentidos imagináveis, um "filho da Natureza". "Todas as coisas são bondosas para a nossa carne", diz o bom Herbert; "as ervas curam-nos alegremente porque encontram afinidade connosco."

Relativamente à origem e, mais especificamente, aos aspetos fenomenais do amor, o mundo está cheio de conceções e afirmações contraditórias. "Existem tantos tipos de amor", afirma Voltaire, "que mal sabemos a qual deles prestar atenção ao tentar defini-lo. Alguns aplicam ousadamente o nome 'amor' a um capricho de poucos dias, uma ligação sem apego, uma paixão sem afeto, aos fingimentos do galanteio, a uma frieza de hábito, uma fantasia romântica, um gosto rapidamente seguido de desgosto. Aplicam o nome a mil quimeras."

Se alguns filósofos estiverem inclinados a investigar profundamente um tema em si tão pouco filosófico, poderão recorrer ao Banquete de Platão, onde Sócrates, o digno e honrado amante de Alcibíades e Agáton, conversa com eles sobre a metafísica do amor. "Lucrécio fala dele mais como filósofo natural; e Virgílio segue o exemplo de Lucrécio: Amor omnibus idem."

É o bordado da imaginação sobre o tecido da natureza. Se desejás formar uma ideia do amor, observa os pardais no teu jardim; contempla as tuas pombas; vê o touro ao aproximar-se da novilha; observa o cavalo vigoroso e impetuoso, que dois tratadores

levam até à égua que o espera pacientemente e com evidente prazer pela sua aproximação; repara no brilho dos olhos dele, na força e intensidade dos seus relinchos, nos saltos e piruetas, nas orelhas erguidas, na boca que se abre em convulsivos arquejos, nas narinas dilatadas, na respiração de fogo, na crina levantada e ondulante, e no movimento impetuoso com que corre para o objeto que a natureza lhe destinou. Não tenhas, contudo, ciúmes da sua felicidade; antes reflete nas vantagens da espécie humana, que oferecem ampla compensação no amor por todas aquelas características que a natureza conferiu exclusivamente aos animais – força, beleza, agilidade e rapidez.

Existem, porém, algumas classes de animais totalmente desconhecedoras da associação sexual. Os peixes não têm este prazer. A fêmea deposita milhões de ovos no lodo das águas, e o macho que os encontra passa sobre eles e comunica-lhes o princípio vital, sem se associar ou talvez até sem perceber a fêmea a que pertencem.

A maior parte dos animais que copulam experimenta prazer apenas por um único sentido; e quando o apetite é satisfeito, tudo termina. Nenhum animal, além do homem, conhece os abraços; todo o seu corpo é suscetível; os seus lábios, particularmente, experimentam um prazer que nunca cansa e que é exclusivo da sua espécie; finalmente, ele pode entregar-se em qualquer época às carícias do amor, enquanto os animais têm apenas períodos limitados. Se refletires nestas elevadas prerrogativas, concordarás prontamente com a afirmação do conde de Rochester de que o amor levaria toda uma nação de ateus a adorar a divindade.

Como os homens foram dotados com o talento de aperfeiçoar o que a natureza lhes deu, aperfeiçoaram também o dom do amor. A limpeza, o cuidado pessoal e a atenção à saúde tornam o corpo mais sensível e aumentam, assim, a sua capacidade de prazer. Todos os outros sentimentos afáveis e valiosos entram depois no amor, como os metais que se amalgamam com o ouro; a amizade e a estima voam rapidamente em seu apoio; e os talentos do corpo e da mente tornam-se novos e poderosos laços.

«Porque, por vezes, a própria mulher consegue, com as suas ações, modos agradáveis e cuidado asseado do corpo, habituar facilmente o homem a viver a vida consigo.» LUCRÉCIO, iv. 1275. É o amor-próprio, acima de tudo, que aproxima estes diversos laços. Os homens orgulham-se da escolha que fizeram; e as inúmeras ilusões que os envolvem constituem o ornamento de uma obra cujo alicerce foi firmemente estabelecido pela natureza. Tais são as vantagens que o homem possui sobre as diversas espécies de animais. Mas, se ele goza de prazeres que lhes são desconhecidos, quantas amarguras e desgostos não enfrenta, por outro lado, e dos quais os animais estão livres!

O mais terrível destes males é causado pela natureza ter envenenado os prazeres do

amor e as fontes da vida em três quartos do mundo com uma doença horrível, a que só o homem está sujeito; nem acontece com esta pestilência o mesmo que com outras doenças, consequências naturais dos excessos. Esta doença não foi introduzida no mundo pela devassidão. As Frinés e Laíses, as Floras e Messalinas, nunca a contraíram. Originou-se em ilhas onde os homens viviam juntos na inocência, espalhando-se depois por todo o Velho Mundo. Se a Natureza pudesse alguma vez ser acusada de desprezar a sua própria obra, frustrar o seu próprio plano e contrariar os seus próprios objetivos, seria neste flagelo detestável que poluiu a terra com horror e vergonha. Poderá então este ser o melhor dos mundos possíveis?

Se César, António e Octávio nunca tiveram esta doença, não teria sido possível impedir Francisco I de morrer dela? Não, diz-se; as coisas estavam assim ordenadas "tudo para o melhor"; estou disposto a acreditar nisso; mas é infeliz para aqueles a quem Rabelais dedicou o seu livro. Os filósofos do amor têm frequentemente discutido se Heloísa poderia realmente amar Abelardo após este se ter tornado monge e mutilado.

Uma destas condições prejudicou muito a outra. Consola-te, Abelardo, foste realmente amado; a imaginação socorre o coração. Os homens não sentem prazer em permanecer à mesa, mesmo quando já não podem comer? Será isto amor? Simples recordação? Amizade apenas? É algo composto de tudo isto.

Um sentimento confuso, semelhante às paixões fantásticas que os mortos conservavam nos Campos Elísios. Os heróis que brilharam nas corridas de carros durante a vida continuavam, após a morte, a conduzir carros imaginários. Heloísa viveu contigo de ilusões e substituições. Por vezes acariciava-te, e com tanto mais prazer quanto, após ter jurado no Paracleto que não te amaria mais, as suas carícias se tornaram mais preciosas à medida que se tornavam mais culpáveis.

Uma mulher jamais pode apaixonar-se por um eunuco, mas pode manter o amor pelo seu amante depois de ele o ter tornado, desde que permaneça amável. O caso é diferente quando um amante envelhece ao seu serviço; a aparência exterior já não é a mesma: rugas assustam, sobranceiras grisalhas repelem, dentes deteriorados causam repugnância, enfermidades afastam.

Tudo o que resta é ter a virtude de ser paciente e enfermeira, suportando o homem que outrora se amou, o que equivale simplesmente a enterrar os mortos. A diferença entre a Filosofia Harmónica e os seus numerosos antecessores materialistas, pelo menos sobre este assunto, manifesta-se claramente nas observações anteriores sobre a natureza do Amor. Quase todos os autores com tendências metafísicas, como Voltaire, escreveram algo sobre isso. As nuvens do misticismo e do materialismo pesam sobre as suas especulações. O meu objetivo é banir estas obscuridades especulativas. Mas se terei sucesso, ou tornarei as trevas ainda mais visíveis, é uma

questão que permanecerá em aberto por algum tempo. Qual é a origem do amor? Resposta: o amor desenvolve-se a partir do sangue. Agora, sem qualquer toque de superstição ou fanatismo, examinemos esta proposição. Se é verdade que o amor nasce do sangue, então há mais beleza e mistério contidos na corrente escarlate do coração do que até agora os médicos imaginaram. Ao analisar quimicamente o sangue humano, segundo o mestre alemão Liebig, verifica-se que ele contém carbono 51,96%; hidrogénio 7,25%; nitrogénio 15,07%; oxigénio 21,30%; cinzas 4,42%.

Por outras palavras, o sangue saudável compõe-se de oitenta por cento de líquido e vinte por cento de matéria sólida. A parte líquida chama-se soro, por ser aquosa; e a sólida denomina-se crassamentum, porque coagula. Podemos passar anos a raciocinar sobre a análise química do sangue, mas este nunca revelará os seus segredos ocultos da vida. Podemos descobrir e registar nos nossos livros que o sangue saudável consiste em água, fibrina e albumina, e que os seus sais incluem cloreto de sódio e potássio, carbonato de sódio, fosfato de sódio, cal e magnésia, peróxido de ferro e sulfato de sódio; contudo, o que realmente sabemos do princípio invisível que reuniu originalmente tais combinações de matéria no campo aberto da vida e da reprodução?

A vida tem uma origem química? Poderá uma eletricidade persistente, agindo sobre um muco salino, criar os maravilhosos atributos da mente? Será possível acreditar que instinto, afeto, razão, imaginação e memória evoluíram da ação química dos elementos que compõem o sangue?

É minha convicção cuidadosamente formada que a mente não é criada por processos químicos; no entanto, estes processos sustentam o seu desenvolvimento. Observem, por favor, a distinção que faço entre "criação" e "desenvolvimento". Cuvier, o filósofo sistemático, argumentou profundamente que a vida não poderia ter origem química. Porém, tem havido uma constante confusão destes termos: "origem" e "desenvolvimento".

A educação, por exemplo, pode desenvolver as faculdades da mente humana; mas será que as cria? Quando afirmo que o amor nasce do sangue, não quero dizer que o sangue seja a causa ou o criador do amor, mas, pelo contrário, que o amor emerge da essência última do sangue, tal como a bela e graciosa Vénus, a deusa da Beleza, emergiu mitologicamente da espuma do mar. Muitos investigadores defenderam esta ideia como a origem de toda a vida orgânica. Maillet, fundador de uma escola progressista, avançou a teoria de que as ervas, plantas e grãos tiveram origem no mar.

Esta teoria é desenvolvida de forma mais plausível e demonstrativa pelo Professor Oken. "Toda a vida", diz este filósofo alemão, "vem do mar. Onde o organismo marinho, através da auto-elevação, consegue atingir a forma, daí surge um organismo superior. O amor surgiu da espuma do mar. As primeiras formas orgânicas emergiram das partes pouco profundas do oceano." Creio que Oken tocou num ponto

vital de verdade. Estas afirmações são fortemente combatidas pelos defensores da Bíblia como especulações heréticas. Contudo, o Génesis parece não entrar em conflito com a teoria segundo a qual "a vida emergiu do mar."

Aqui tens o texto traduzido para português europeu, apresentado em formato corrido e adaptado para maior clareza:

A terra firme não surgiu antes do terceiro dia. «E disse Deus: ajuntem-se as águas que estão debaixo dos céus num único lugar, e apareça a terra seca. E assim foi.» Se o espírito vitalizador agiu primeiro sobre a superfície das águas profundas, então podemos facilmente acreditar no resultado extraordinário que decorre diretamente dessa vitalização: toda a massa foi impregnada com as tendências progressivas da vida. Não tento reconciliar estas questões.

O Génesis nada prova ao conhecimento humano que se apoia apenas em evidências; mas a coincidência entre o Génesis e a verdade é talvez agradável; contudo, para mim não mais agradável do que o mito grego segundo o qual a bela Vénus surgiu da espuma do mar — analogia esta que combina agradavelmente com a afirmação anterior, sobre a qual agora nos debruçamos, de que o amor é desenvolvido a partir do sangue.

Os médicos não estão preparados para contradizer esta afirmação. Pelo contrário, todo o seu conhecimento sobre o sangue reforça esta verdade. Sabe-se bem que o sangue é o fluido circulante dos animais. A partir dos materiais que o compõem, todas as partes do organismo são produzidas e continuamente reproduzidas. É o elemento nutritivo de todos os seres dotados de órgãos e funções. Cada animal é, portanto, vivificado pelo sangue. Como pode um elemento possuir a capacidade de dar vida sem conter em si a própria essência da vida?

Se o sangue possui vida, então, retomando a nossa proposição original, perguntamos: não serão a vida e o amor idênticos? Sem ele, não poderia haver existência. O sangue é o principal agente da nutrição, processo de uma beleza extraordinária. Digestão, decomposição, circulação, absorção, combinação, atenuação e respiração são apenas elos separados da corrente mágica da nutrição. A quebra de um único elo pode trazer consequências desastrosas.

O sangue nem sempre é necessariamente vermelho; varia conforme os organismos. Em certos peixes é quase branco; amarelo em répteis; transparente nos insetos; nas aves por vezes é azul. No sistema sanguíneo humano encontram-se todas estas cores e nuances intermédias. Tendões, ligamentos e o próprio cérebro são formados e nutridos não pelo sangue vermelho, mas por aquele que é branco, transparente e belo. Já alguma vez pensaste que elemento maravilhoso é o sangue humano? É o oceano místico secreto onde desaguam regatos e rios.

O sangue de peixes, répteis, aves, insetos e animais — em suma, todo fluido nutritivo encontrado nos reinos inferiores da natureza — circula através do coração humano e dos seus belos anexos. O sangue do homem é assim um composto de todas as correntes vitais da Natureza. Consequentemente, nas veias e artérias humanas encontram-se as qualidades, essências e propriedades dos animais. O corpo humano é comparável a uma Câmara de Representantes, onde todos os estados da natureza animada têm representação. O reino dos peixes, répteis, aves, e outros acima e abaixo deles, têm representação no sangue do homem — e, portanto, também na sua forma, nos seus órgãos, funções e, em maior ou menor grau, no seu temperamento.

Podemos, então, afirmar que o homem é a maior maravilha do mundo. Na verdade, é necessário o mundo inteiro para fazer um homem! Para concretizar esta obra complicada, todas as plantas, árvores, flores, peixes, aves e animais trabalham incessantemente, cada um como um órgão, preparando essências e elementos necessários à elaboração e perpetuação da constituição humana. Isto pode ser demonstrado de mil maneiras diferentes.

Após apresentar os contornos principais desta proposição, passo a concentrar-me na questão principal: já viste, através da minha recapitulação, aquilo que os químicos descobriram no sangue humano. Contudo, deixam intocados os verdadeiros segredos deste elemento. Afirmando isto sem receio, pois enquanto eles detetam apenas soro, fibrina, substâncias salinas e albumina, eu vejo no sangue vivo todas as qualidades e essências de um ser humano, sim, até de uma multidão de seres humanos, nadando inconscientemente nos glóbulos e células desta corrente escarlate.

Por outras palavras, tudo aquilo que vês, sentes e conheces de ti próprio, organizado e pensante, encontra-se dissolvido no teu sangue. Posso então afirmar, em verdade, que cada homem ou mulher carrega no sangue elementos suficientes para dar origem e sustentar vários tipos independentes da nossa espécie.

O poder dominante move-se nas duas condições do sangue — venoso e arterial, que frequentemente chamo de «negativo e positivo»; ou, por outras palavras, feminino e masculino. Pensas que a ciência contradirá isto? Não, a ciência vê apenas o visível. Autoridades médicas reconhecem-no. O Dr. Gardner, no seu dicionário, afirma: «Apesar da acentuada diferença de cor e capacidade de sustentar a vida entre o sangue venoso e arterial, nada se conhece com certeza sobre as suas diferenças químicas.» Os médicos, portanto, não estão preparados para refutar as minhas proposições.

Tudo o que sabem sobre o sangue humano constitui uma confirmação adicional. Observam no corpo dois conjuntos de vasos: nutritivos e absorventes, que se antagonizam mutuamente. Um conjunto constrói, o outro destrói a estrutura humana. É por esta construção e destruição simultânea — esta incessante renovação e

inovação — que se mantêm a forma, integridade e beleza do organismo. Esta ação recíproca também ocorre no mundo moral. Conservadores e progressistas, ao antagonizarem os esforços uns dos outros, impulsionam o trabalho da reforma universal.

Que o sangue contém toda a essência e substância de um homem é provado pelo facto de que, ao aproximar-se de um órgão, as partículas apropriadas abandonam imediatamente a corrente para se misturar com a substância que as atrai. Aqui manifesta-se a primeira indicação do amor! A lei conjugal é obedecida a cada instante. O sangue é lançado agora pelo coração. Se pudesses observar o processo, verias o casamento de mil átomos com os seus pares congeniais. Átomos do sangue com afinidade para os ossos vão para os ossos, os musculares unem-se ao músculo, os nervosos ao nervo, cérebro ao cérebro. Como podes compreender, o sangue não poderia formar e nutrir os vários órgãos se não contivesse em si tudo o que posteriormente se desenvolve a partir dele.

A doutrina de que o amor reside na essência do sangue foi uma vez belamente ilustrada: uma jovem sensível sofreu uma grave lesão, quase morrendo por perda de sangue. Um jovem saudável doou-lhe sangue, o que lhe salvou a vida, sem que ela o tivesse visto. Meses depois, sentiu uma estranha inquietação: sonhava frequentemente com um jovem desconhecido, cuja ausência nos sonhos lhe provocava tristeza profunda, como se lhe faltasse parte da alma. Este mal-estar diário e o cansaço dos sonhos prejudicaram rapidamente a sua saúde.

Aqui tens o texto traduzido e adaptado para português europeu, num formato corrido, mantendo fluidez e clareza:

O médico da família, o cirurgião, foi chamado para examinar a sua condição. Observou-a e prescreveu tratamento, mas ela continuava a manifestar cada vez mais sintomas de um mal desconhecido. Desejava algo que não conseguia descrever. Finalmente, o médico aconselhou o pai a procurar o jovem que lhe havia doado sangue e trazê-lo à sua presença. Assim fez o pai, e quando o jovem entrou no quarto onde a rapariga jazia doente, ela reconheceu-o imediatamente como a pessoa que aparecera frequentemente nos seus sonhos. Sentiu-se atraída por ele com uma força irresistível, e não queria separar-se dele. Ele acedeu aos seus desejos, permaneceu junto dela durante a doença, lendo-lhe livros para distraí-la. A sua recuperação foi rápida e permanente.

O que causou a inquietação indescritível da jovem? A resposta é que era a essência do princípio amoroso de outra pessoa dentro dela, chamando as suas afinidades através do seu coração. É esta lei que aproxima o pai e o filho numa amizade profunda. A essência amorosa da natureza materna flui no sangue do filho. Embora Salomão não tenha sido um fisiologista, não posso deixar de admirar a sua sabedoria

intuitiva quando disse: «Guarda o teu coração com toda a diligência, porque dele procedem as fontes da vida.» Noutra passagem antiga está escrito: «Deus, que fez o mundo, deu a vida a todos, e fez de um só sangue todas as nações para habitarem a face da Terra.»

O amor do sangue possui muitas propriedades cabalísticas. Uma delas é a sua natureza temporária e mutável, que Voltaire descreveu admiravelmente. Nenhum amor é estável exceto aquele que estabeleceu residência na substância cerebral, ou seja, uma progressão do amor sanguíneo para o amor espiritual. Esta dimensão espiritual do amor não recebe reconhecimento por parte dos filósofos materialistas. Devido ao carácter mutável do amor do sangue, a ligação entre parentes próximos não pode permanecer a mesma ao longo do tempo.

As leis da consanguinidade são imutáveis, mas o amor não pode ser controlado por essas leis. Estranhos podem amar-se como irmãos, enquanto irmãos podem tornar-se como estranhos. Filhos adultos ainda sentem amor pela fonte parental, pelo amor sanguíneo do progenitor. Porém, alguns encontram os seus verdadeiros pais entre estranhos quando atingem a maturidade. Em todas as esferas, pode verificar-se que o amor espiritual é eterno, enquanto o amor do sangue é temporário e identifica a humanidade com o mundo animal. A experiência aponta para esta verdade misteriosa: a diferença inequívoca entre o amor sanguíneo e o amor espiritual.

O sangue pode ser futuramente considerado o fluido da vida. Da vida provém a sensação; desta surge a inteligência. Tal como Vénus transcendeu a espuma do mar que a gerou, também o elemento do amor eleva-se acima do materialismo do sangue e estabelece a sua corte de virtude na substância cerebral. A localização do amor no cérebro é definida por vários diagramas. O amor ocupa essa posição no cérebro porque através dele todo o organismo, físico e mental, é vitalizado e elaborado.

Não te lembras da proposição feita numa palestra anterior, segundo a qual toda a natureza do homem não apenas se baseia, mas é absolutamente alimentada, nutrida em todas as suas partes, estimulada, construída e perpetuamente gerada através do Departamento do Amor? O sangue é como o oceano Atlântico; assim como o oceano é o meio de comércio entre continentes, o sangue é o elemento intermediário da relação entre a alma e o corpo. Uma pessoa com escassez de sangue tem pouco amor físico; o mesmo ocorre se o cérebro frontal e superior for grande e ativo.

Pode agora aceitar-se como lei fundamental que o amor conjugal é a base da vida. Os princípios masculino e feminino, positivo e negativo, são as leis fundamentais da existência. Percorrem lado a lado, de mãos dadas, o domínio do ser. Estas forças masculina e feminina estão subjacentes a todos os fenómenos da natureza, circulam através do ar, entre orbes, através da vida das árvores, entre átomos, em todas as funções animais, e, finalmente, ascendem num triunfo eterno até ao cume da

natureza, estabelecendo residência na alma do homem.

Quando compreenderes, em sentido amplo, estas leis na sua plenitude, possuirás então a «pedra filosofal» ou, melhor dito, a chave que desvendará todos os mistérios imagináveis no mundo, convertendo ciência, moral, religião e espiritualidade em fatos harmoniosos.

Perguntas: «Onde tiveram origem estas leis?» Respondo que elas nunca começaram a existir; são, como já foi dito, atributos de Deus, ou, como diria o racionalista, «princípios inerentes ao Universo». Na fonte divina, estas leis femininas e masculinas são Amor e Sabedoria; no sol, são Calor e Luz; na matéria, são Atração e Repulsão; na mecânica, são Centrípetas e Centrífugas; na química, são Positivas e Negativas. Numa palavra, são o Alfa e o Ómega de toda a produção e geração: uma unidade copulativa, fecundante, prolífica, produtiva.

Quando percorreram toda a cadeia do ser, penetraram cada centro, circundaram todas as circunferências, subiram todas as alturas, sondaram todas as profundidades, vitalizaram cada germe e energizaram toda a vida, então, como que exaustas pelos seus trabalhos através do Universo carregado com um peso inconcebível de mundos, concentram as suas forças, terminam temporariamente a sua marcha extraordinária, trazendo consigo os resultados da sua missão infinita, e reproduzem, neste globo, a imagem e semelhança da sua fonte original na organização dos departamentos do Amor, da Sabedoria e do Conhecimento manifestados pela alma humana.

Voltando à proposição inicial, o leitor poderá perguntar: «Como é obtida a essência última do sangue?» Se a pergunta se refere ao processo fisiológico, respondo que a essência espermática, esse fluido misterioso que encerra e transmite as propriedades e inclinações do ser futuro, não é obtida diretamente do sangue comum no sistema circulatório. Como então? Resposta: a vitalização do sangue material é realizada única e diretamente pela super-operação do amor espiritual sobre ele. Isto é algo místico. Pedes uma explicação adicional? Sim, explicarei brevemente:

Este princípio superior e mais sagrado no domínio mental, o Amor Espiritual, ao agir sobre os átomos sanguíneos mais subtis e atenuados do sistema nervoso, espiritualiza-os. Não só isso, mas autoriza-os e delega-lhes a tarefa de embelezar e perpetuar a afeição conjugal entre os verdadeiramente casados. Este é o seu resultado mais grandioso e essencial. Contudo, como consequência desta elevada função, estes átomos espiritualizados, formando o veículo do amor no corpo, dedicam-se também à produção do tipo humano através da reciprocidade sexual. Sobre isto, porém, falarei mais adiante.

Mas a questão sobre como é obtida a Essência Última do fluido sanguíneo pode ainda ser respondida de modo moderno, dizendo-se que o cérebro é uma glândula

vascular, nervosa, fibrosa e viscosa; uma espécie de composto derivado em parte dos fluidos e substâncias aeriformes do organismo inferior. Inúmeras pequenas glândulas nervosas existem no cérebro, distribuídas harmoniosamente em toda a sua estrutura. Estas, em conjunto, formam um empório que absorve o princípio do amor, como as flores absorvem luz e calor dos raios solares. Isto permite-lhes realizar a função vitalizante ou espiritualizante já descrita, criando a «essência última» ou menstrum espermático, que cumpre a dupla função: fortalecer o afeto conjugal e gerar descendência.

Aqui tens a tradução adaptada para português europeu, apresentada num formato corrido e de fácil leitura:

Estes flóculos ou glândulas nervosas são fisiologicamente adaptados para a vitalização do sangue. Realizam um trabalho mais subtil, elevado e sagrado neste sentido do que aquele que pode ser executado pelos pulmões ou por qualquer outro órgão. O sangue entra primeiro pela superfície superior do cérebro, precisamente sobre aquilo a que chamo as faculdades da Sabedoria. Dali filtra-se, por assim dizer, em direção ao centro, passando necessariamente pelas glândulas floculares que intercetam o caminho.

Estas glândulas atuam sobre o fluido de uma forma semelhante ao funcionamento do estômago sobre os alimentos. Estes «estômagos cerebrais», mais numerosos do que os cabelos na cabeça, não só digerem como também vitalizam (ou espiritualizam) o sangue que por eles passa. Assim promovido e transformado, o fluido carmesim torna-se belamente cristalino, branco e puro como o leite mais puro, claro e transparente como água cristalina.

Ao atingir este estado extremamente subtil e semitransparente, o sangue torna-se imediatamente o nutriente que constrói e refina o sistema nervoso. Na nossa filosofia, o princípio nervoso é nada menos que o espírito nervoso, uma capa externa que protege o Espírito Mais Íntimo, ligando-o delicadamente ao mundo objetivo. O sangue, ao alimentar este «espírito nervoso», gera a Essência Última, tema que estamos a abordar.

Esta essência é a energia sagrada. Todo o gasto excessivo da essência amorosa resulta na perda de uma parte do osso, do nervo, do músculo, enfim, da própria vitalidade humana. Tal é inevitável, pois, como já demonstrei, o sangue contém todos os elementos do ser humano; e isto é ainda mais verdadeiro no extrato eficiente que o amor obtém do sangue.

Que os jovens se lembrem disto: uma das mais importantes exigências do amor é a beleza física. Mas esta beleza é impossível sem a preservação casta da essência amorosa. Os encantos, as belezas e os poderes do corpo e da mente dependem

igualmente da integridade do amor. A essência amorosa, quando devidamente distribuída, proporciona formas arredondadas ao corpo, bem como integridade e simetria à alma. Mas se desejás conhecer a razão de tantos corpos magros, ossudos e angulosos, ou de tantas mentes limitadas, vulgares e tacanhas, examina então a condição empobrecida da sua essência amorosa.

O amor sanguíneo dirige-se para o culto da beleza física. Se me permites uma breve digressão, mencionarei a influência do amor sanguíneo entre as nações orientais. Os Improvisadores de Itália, os Trovadores de França e os músicos da Pérsia tinham a juventude física e a beleza evidente como base da sua inspiração. «Acerca da condição das mulheres», diz um autor, «prevaleceram durante muito tempo na Europa várias noções erradas. Entre outras, acreditava-se que o Alcorão ensinava que as mulheres não tinham almas como os homens, mas eram apenas criaturas do apetite, perecendo como animais criados somente para a satisfação masculina.

Maomé, porém, embora afirmasse que as mulheres são inferiores aos homens, não lhes negou entrada no Paraíso, desde que consideradas dignas, e decretou para as mulheres perversas os mesmos castigos reservados aos homens reprováveis. Alguns muçulmanos pensaram que o Paraíso feminino não seria igual ao masculino, provavelmente devido à promessa feita aos crentes de que as suas esposas seriam belas houris vestidas de verde. Estes intérpretes do Alcorão imaginavam que as mulheres virtuosas iriam para um lugar separado de felicidade onde desfrutariam de todo o tipo de prazeres, mas não está decidido se isso incluiria a companhia de esposos criados especificamente para elas, como as donzelas do Éden criadas para os homens.

Pelo Alcorão e pelas tradições preservadas das palavras de Maomé, infere-se que os jardins das delícias seriam iguais para ambos os sexos. Uma lenda relatada por Sale parece satisfatória a este respeito. Ao ser solicitado por uma velha senhora que intercedesse junto de Deus para garantir a sua entrada no Paraíso, o Profeta informou-a que nenhuma velha poderia lá entrar. Vendo-a chorar, Maomé explicou que, ao entrar no Paraíso, ela voltaria a ser jovem.»

M. Lane apresenta uma análise admirável da beleza árabe: «A jovem cuja beleza inspira as expressões mais apaixonadas na poesia e prosa árabe é celebrada pela sua figura esbelta. Ela é como a cana entre as plantas, elegante como um ramo de salgueiro oriental. O seu rosto é como a lua cheia, contrastando fortemente com o cabelo negro profundo que desce até ao meio das costas. Um leve rubor cobre o centro de cada face, e um pequeno sinal na pele é considerado um charme adicional. De facto, os árabes são particularmente extravagantes na admiração deste sinal natural de beleza, comparado, conforme a localização, a uma gota de âmbar numa taça de alabastro ou num rubi. Os olhos da beleza árabe são intensamente negros,

grandes, alongados, com a forma de uma amêndoa.

São brilhantes, mas suavizados por pálpebras ligeiramente baixas e cílios longos e sedosos, conferindo uma expressão doce e lânguida cheia de encanto, que dificilmente poderia ser melhorada pela adição do Kohl negro (um pó utilizado pelas mulheres orientais para escurecer o contorno das pálpebras). Esta adorável jovem aplica-o mais por moda do que por necessidade, pois já possui o que os árabes chamam de Kohl natural. As sobrancelhas são finas e arqueadas; a testa ampla e clara como marfim; o nariz reto; a boca pequena; os lábios de um vermelho brilhante e os dentes como pérolas inseridas em coral.” O seu busto é comparado a duas romãs, “a cintura é estreita, as ancas largas e cheias, os pés e as mãos pequenos, os dedos afilados, com extremidades tingidas do vermelho-alaranjado profundo proporcionado pelas folhas de hena.

Quem possui tais encantos evoca a imagem da 'Aurora de dedos rosados'. O seu amante desconhece noite ou sono em sua presença, e as constelações celestes desaparecem para ele à sua aproximação. A idade mais encantadora situa-se entre os catorze e dezassete anos, altura em que a feminilidade geralmente alcança o auge da sua beleza, embora muitas raparigas de doze anos já possuam encantos suficientes para fascinar todos os jovens ou homens que as vejam.»

M. Lane conclui este relato com um resumo de um autor oriental: «Quatro coisas numa mulher devem ser negras: o cabelo, as sobrancelhas, os cílios e o centro dos olhos; quatro brancas: a pele, o branco dos olhos, os dentes e as pernas; quatro vermelhas: a língua, os lábios, o meio das faces e as gengivas; quatro arredondadas: a cabeça, o pescoço, os antebraços e os tornozelos; quatro longas: as costas, os dedos, os braços e as pernas; quatro largas: a testa, os olhos, o peito e as ancas; quatro finas: sobrancelhas, nariz, lábios e dedos; quatro grossas: lombar, coxas, gémeos e joelhos; quatro pequenas: orelhas, seios, mãos e pés. A estas características junta-se metaforicamente que quatro coisas devem ser curtas: mãos, pés, língua e dentes.» Esta apreciação da beleza e proporção física é valiosa, se orientada pelo elevado padrão do amor espiritual.

IMAGEM DE UMA PESSOA

GERADA PELO AMOR SANGUÍNEO

Por vezes, os casais sentem repugnância um pelo outro. Observa-se frequentemente uma falta de cortesia entre eles—a esposa dirigindo ao marido palavras ásperas, e o marido respondendo-lhe com olhares duros e palavras ofensivas. Não suspeitas da causa disto? Em muitos casos, estou bem ciente, a causa é a incompatibilidade de feitios ou a ausência de afinidades associativas. Oh, esta é realmente uma triste causa! Mas a causa mais frequente é o excesso—a perda daquela essência vital do

amor, onde residem a graça, a vivacidade, a beleza do pensamento, o calor emocional, a espontaneidade, a cortesia para com o parceiro conjugal, a juventude e todos os encantos que tornam a vida uma bênção inefável! O desamor entre casais muitas vezes surge da intemperança; o excesso, na sua fase reativa, enche a mente de repugnância e desgosto. O homem e a mulher harmoniais vivem numa verdadeira e constante devoção mútua. A harmonia conjugal é a mais elevada felicidade afetiva da alma.

IMAGEM DE UMA PESSOA GERADA PELO AMOR ESPIRITUAL

Os exemplos acima ilustram o efeito de duas condições diferentes de afeto. São irmãos pelo sangue, mas não pelo espírito. A criança inferior nasceu enquanto os pais eram jovens e agiam sob a influência da intemperança conjugal; a criança com cérebro superior nasceu anos depois, quando um afeto puro e belo já havia substituído permanentemente o excesso na fonte parental. Talvez não exista registo mais tocante da ternura conjugal sentida por alguém moralmente perturbado do que a:

CARTA DE THOMPSON À SUA ESPOSA

Esta carta foi escrita por Thompson, apelidado pelo mundo de «Thompson, o Zarolho», pouco antes de tomar veneno. Foi dirigida à sua esposa e acompanhada por uma nota para o guarda da prisão, solicitando que lhe fosse entregue:

«Esposa da minha alma, divindade dos meus afetos, minha paciente, dedicada, gentil e carinhosa Mary—Antes que leias estas linhas, espero que o repouso eterno já tenha caído sobre o teu infeliz marido. Se esta nova acusação fosse o meu único tormento, certamente poderia superá-la. De todas as queixas feitas contra mim, esta seria a mais fácil de refutar, pois precisamente na hora em que Gates jura ter-me visto em Nova Iorque, eu estava na loja do Dr. Rice, como ele bem recorda, e uma hora antes, como tu e outros sabem, estava em Brooklyn. Mas, minha Mary, estou cansado da vida—a tal ponto que já não consigo continuar a suportá-la. Perdi toda a esperança de ser útil a ti e aos nossos pequenos—uma esperança que sozinha sustentou anos de existência miserável, permitindo-me suportar e superar dificuldades maiores do que muitos homens na minha situação poderiam enfrentar.

Sei, minha querida Mary, que sofrerás algum tempo pela minha perda. Não só pelo afeto que tens por mim, querida, mas porque sobre ti recairá o cuidado da nossa família. Coragem—não desperdices tempo lamentando alguém indigno de ti. Foi um destino cruel que uniu as nossas vidas. Quando eu já não estiver aqui, amigos bondosos proteger-te-ão. A tua reputação nunca foi questionada, e nenhuma mulher possuiu uma natureza mais pura e digna, como todos os que te conhecem testemunharão. Não aumentes o teu sofrimento imaginando que os meus últimos

momentos terão sido particularmente dolorosos.

Quase me contenho, minha doce esposa, em dar expressão ao meu afeto, preferindo escrever de forma fria por receio de te perturbar excessivamente. Tenho mais consideração pelas tuas lágrimas do que pelo meu próprio sangue; e, se pudesse, aceitaria uma eternidade de tormento se, ao fazê-lo, garantisse a tua felicidade. Repito que a morte, para mim, excluindo a preocupação contigo e com os nossos filhos, não traz terror algum. Não tenho medo dela, e entrego o futuro ao Mistério Divino que me criou, perante o qual não sinto qualquer responsabilidade. O meu destino cumpriu-se, e o Grande Criador não pode errar nos propósitos da sua criação.

Sobre o meu peito, perto do coração que bateu só por ti, coloca uma madeixa do teu cabelo, junto à que guardei do meu pai e dos nossos filhos, para que ao meu pó se misture o pó daqueles que tanto amei.

Gostaria de ser sepultado em Nova Jersey, no cemitério do meu tio, mas não importa—não gastes dinheiro desnecessariamente com o meu corpo—pois lembra-te que todos os lugares lhe serão igualmente indiferentes.

Doce esposa, lembra-te que a duração da vida humana não passa de uma pequena gota no oceano da eternidade. Dentro de poucos anos, todos os que agora vivem terão desaparecido—tu, minha querida, incluída. Não desperdices tempo em queixas inúteis; vive pelos teus filhos—e os filhos de uma mãe como tu serão sempre uma bênção para ela.

Este meu último ato poderá parecer egoísta—deixar-te sozinha a lutar por ti mesma num mundo duro—mas não é assim. Sei e sinto que, a longo prazo, será melhor para ti. O amor é força, e o poder da bondade é mais eficaz. Eu combati o mundo com violência e perdi, mesmo quando venci. O meu juízo falhou; a minha filosofia estava errada. A culpa foi da minha organização e educação; felizmente, a tua natureza é diferente. Tu concilias e conquistas todos os que se aproximam de ti; quando este dragão estiver fora do caminho, os amigos não hesitarão em provar-se como tal.

Os poucos momentos de felicidade que tive, devo-os a ti. Apenas na tua presença encontrei a vida suportável. Não te peço que perdoes ou esqueças as minhas faltas para contigo—tu já o fizeste.

Aos nossos filhos, aos meus rapazes—ouçam as palavras e sigam o conselho de um pai moribundo. Cuidem da vossa mãe; obedeçam-lhe e sigam as suas orientações. Minha doce Rebecca, faz da tua mãe o teu modelo. Meus filhos, lembrem-se sempre que fiz tudo para inculcar nas vossas mentes o amor à verdade—independentemente de como o mundo me julgue, sabem que fui um pai afetuoso e atento. Jamais vos disse uma mentira, e se forem dignos dos cuidados que vos dediquei, então a minha

vida não foi em vão. Amem-se uns aos outros. Nunca vos permiti acusarem-se mutuamente, pois isso gera ódio e rancor; quando estiverem inclinados a discutir, que a minha memória vos traga de volta à razão.»

Aqui está a tradução adaptada ao português europeu num formato fluido e contínuo:

«O mundo irá perseguir-vos durante algum tempo por minha causa, mas não deem importância a isso—tenham paciência, provem que são honestos e verdadeiros, e todos os homens bons vos apoiarão. Lembrem-se de que sempre vos ensinei que qualquer desvio da virtude e da correção traz consigo punição inevitável—seja por fomentar maus hábitos, pensamentos errados, ou por atrair sobre vós a condenação dos vossos semelhantes. Já expliquei tudo isto muitas vezes; se me amam, provem-me que não o esqueceram. O meu último suspiro é para ti e para a tua mãe. A minha única amargura é a ansiedade que sinto por vocês. Adeus, meu Richard, Billy, doce Rebecca e o meu corajoso pequeno Josey. Que Deus vos ajude e proteja!

Doce esposa, enquanto escrevia, um capricho passageiro fez-me falar sobre Jersey. Imploro-te que ignores isso—dispõe do meu corpo da forma mais económica possível. Tu, que estás viva, precisas dos poucos recursos que ainda tens—eu não preciso de nada. Doce companheira, adeus—fica bem. Pensa em mim o menos possível, ocupa a tua mente com outros assuntos.

Por ti, peço a amizade deles, e peço ainda mais um ato de bondade para comigo: que perdoem alguém cuja loucura não provinha de um coração mau, mas sim de uma mente desequilibrada.»

WILLIAM H. THOMPSON

O que poderemos nós dizer? O mundo, sem a nossa filosofia de compreensão e compaixão, é duro e implacável. Os mestres e seguidores de uma religião triste, que acreditam que o «pecado» é um inimigo a combater, não têm palavras gentis para o nosso irmão falecido. Comovente e tristemente, William implora ao mundo, pela sua esposa, que «perdoem alguém cuja loucura não provinha de um coração mau, mas sim de uma mente desequilibrada». O primeiro diagrama, representando uma pessoa gerada pelo amor sanguíneo, é um espelho da infelicidade do nosso irmão.

Observem a deficiência no cérebro superior! Deveremos dizer que a sua vida é mais um facto que apoia a doutrinação de que o Conhecimento, por si só, não salva o homem? Ele possuía talento. Contudo, existe um talento superior, um princípio conservador que nele estava subdesenvolvido. Chamaremos a isto Sabedoria? William afirma: «O meu julgamento falhou; a minha filosofia estava errada». Qual

era a sua filosofia? Era mosaica, europeia, americana, popular! Em resumo: não era um não-resistente; acreditava sinceramente na utilidade da guerra. E que testemunho deixou ele para a humanidade? «Combati o mundo golpe por golpe e saí a perder, mesmo quando venci!»

E devemos nós erguer-lhe um monumento? Que pensamento blasfemo, dirá o mundo! Porquê? Porque “Thompson, o Zarolho” era apenas um vulgar canalha! Oh, se ele ao menos se tivesse distinguido de forma colossal! Se ao menos tivesse massacrado alguns mexicanos ou índios—comerciado com carne humana—ou tivesse ascendido ao topo da aristocracia orgulhosa da sua riqueza, desapossando artesãos endividados através de hipotecas executadas; ou, se ao menos tivesse sido um especulador magnífico em farinha ou um banqueiro de sucesso—poderia então ter ocupado um alto cargo público; poderia até ter sido candidato ao trono da nação—talvez presidente da nossa República, a impor leis que perseguiriam escravos fugitivos, julgando a natureza humana à luz das instituições e não as instituições à luz da natureza humana!

William, não foste um filho da Fortuna! Terá o mundo um monumento para ti? Nem pensar! Esperei por ti, mas o mundo não deu sinal algum de perdão. Perdoa tu ao mundo, William, pela sua falta de caridade. Os veneráveis mestres disseram:

«Vejam! Lá vai o pecador envelhecido, Carregado de culpa e angústia profunda, Descendo às regiões da morte eterna, Sob maldições que nunca findam.»

Eu sei, William, que agora tu podes perdoar estas ideias. Agora compreendes a extrema imperfeição dessas crenças; vês que são incompatíveis com as concepções sublimes e exaltadas daquele que dirige os movimentos universais da Natureza—cujas forças infatigáveis sustentam as inúmeras esferas que flutuam melodiosamente pelo espaço! Sim, eu sei que tu perdoarás ao mundo a sua ingratidão para contigo! Alheio a isso, porém, o órgão da igreja lamentou-se por ti, e o coro ortodoxo foi levado a cantar:

«Lá longe, no profundo onde habita a treva, Na terra do horror e do desespero, Ergueu a Justiça um lúgubre inferno, E guardou ali vinganças sem fim.

Pragas eternas e correntes pesadas, Tormentos cruéis e brasas ardentes, E dardos que causam dores imortais, Tingidos no sangue das almas perdidas.»

Quem pode deixar de perceber no autor desta carta o indício daquele elemento mais profundo, o princípio do amor, embora acompanhado de uma organização mental desequilibrada? Esta ternura, num quadro tão rude, dá testemunho do afeto que sentia: flui calorosamente para a esposa e para os filhos. Em vez de citar a opinião da igreja, diria antes, independentemente do veredicto cruel do mundo, que—

«O seu amor está oculto, tal como as nascentes Que repousam secretas no fundo da Terra, E murmuram mil coisas que ninguém ouve E ninguém lá em cima conhece ou percebe.

Está oculto, não enterrado! Sem som, Sem luz, sem limites, de dia e de noite, Como nascentes na sombra profunda, Corre constante, sem fim, sem nunca minguar!»

Aqui está a tradução para português europeu, apresentada num texto corrido e fluido:

O mais gentil e feminino dos homens que já viveram, o doce Nazareno, disse: «Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros.» Mas será possível amar aquilo que nos repele? Podemos admirar aquilo que não é admirável? Na verdade, precisamos de um mandamento ainda mais novo: «Preparai-vos para vos amardes uns aos outros!»

Como será isto alcançado? Que preparação precisamos fazer? Apenas isto: tornarmos-nos amáveis. Que cada um se torne o mais adorável possível. Ninguém pode reduzir o amor a uma questão legal. O sangue flui sem a vontade, sem processos de razão. Assim é também o amor humano. Se o amor e as aversões fossem sujeitos à nossa vontade, então faria sentido comandá-los; mas o amor é um atributo espontâneo, como o génio, que obedece apenas às suas próprias leis.

Uma das leis de que depende o amor é a Beleza. Como já foi dito, a beleza física atrai a parte do amor que reside no sangue; mas o coração do amor, aquele que reside no cérebro, é atraído unicamente pela beleza do espírito. Se desejas ser verdadeiramente amado de forma duradoura, cuida para não deformares a tua natureza espiritual. A beleza física nunca garantirá para si mesma um amor mais permanente do que o amor sanguíneo do extremista. No entanto, se desejas ser amado, o teu ser físico não deve apresentar deformidades.

A beleza mental consiste num temperamento gentil, calor emocional, espontaneidade racional, coragem, consciência ética, génio e discernimento—sem vulgaridade, sem profanidade, sem timidez excessiva—mas sim modéstia e castidade enquadradas por maneiras masculinas e femininas refinadas. A beleza física reside na simetria das formas, numa pele limpa e suave, na graciosidade de movimentos, nos dentes puros e num hálito agradável. Mas tudo isso nada valerá para a felicidade se não estiver associado à beleza mental acima descrita.

Os crentes na Filosofia Harmónica podem facilmente tornar-se belos na forma e jovens em espírito. A idade e as circunstâncias, após atingido um certo ponto, têm pouca influência sobre este processo. Que as vossas mentes estejam calmas; confiem nas leis divinas do vosso ser; obedeçam-nas religiosamente, e a juventude e a beleza irradiarão de cada rosto—e, sem esforço, acabareis por «amar-vos uns aos outros».

Todos os jovens, homens e mulheres, para permanecerem jovens e cheios de beleza, devem obedecer à lei conjugal. Nada de excessos, nada de inversões; nada de destruir a essência amorosa, a única capaz de preservar a beleza, a juventude e a dignidade humana.

A prática popular de tomar medicamentos para «purificar o sangue» é ridícula. Há apenas um método certo: a reforma dos hábitos alimentares e pessoais. O processo é lento, mas infalível. Quanto mais carne se come, mais desconforto se experimenta. Pela sobre-estimulação, o sono é perturbado, os sonhos tornam-se terríveis, o hálito desagradável, e a tristeza e o tédio dominam a sensibilidade. Que cada pessoa coma, beba e durma de acordo com as exigências da sua atividade.

AMOR versus CONHECIMENTO. De uma forma semelhante à gravidade específica dos sólidos, as almas são atraídas e repelidas umas pelas outras, segundo uma lei universal de afinidade afetiva, intelectual ou moral. Quando duas pessoas de sexo oposto se aproximam, um observador atento pode facilmente perceber qual a qualidade ou a fonte do poder que as atrai. Se a atração for intelectual, aproximam-se naturalmente, com confiança, prontidão e alegria, «face a face»: um prazer digno ilumina-lhes o rosto, as suas línguas não hesitam em trocar cumprimentos apropriados e, talvez, como nalgumas partes da Europa, o cavalheiro deposita um beijo na testa da senhora. Esta é a expressão natural do respeito intelectual e do amor fraternal.

Mas quando a atração é afetiva, e nenhum olhar crítico os observa, as manifestações são muito diferentes. Aqueles que se movem por um amor puro e genuíno aproximam-se com timidez semelhante à das corças. Neste caso, quando predomina o amor espiritual, juventude e maturidade agem da mesma forma: ambas, sem o perceber, tornam-se gentis, alegres e graciosas. São os olhos e os traços faciais, radiantes e expressivos, não a língua, que comunicam os pensamentos mais íntimos da alma. Ama um ser humano com pureza e calor, dizem, e amarás toda a humanidade.

O coração, neste paraíso puro, como o sol viajante, nada vê, da gota de orvalho ao oceano, senão um espelho que aquece e preenche. Os amantes intelectuais naturalmente cumprimentam-se com um aperto de mão; mas aqueles cuja atração é afetiva fundem os seus lábios e vidas. Para estes últimos, num primeiro encontro, todas as palavras são tão impertinentes quanto impossíveis. Há algo inferior no encontro de dois amantes que conseguem cumprimentar-se apenas com mãos e palavras, sentindo-se satisfeitos assim. As manifestações do cérebro anterior sempre diferem das do posterior; porque Sabedoria e Amor são diferentes.

És aconselhado a viver de tal maneira que o amor em ti se eleve acima do sangue, do qual se desenvolve. Limpeza e atenção à saúde aumentam grandemente a tua

capacidade para a alegria. O amor sanguíneo é apropriado apenas aos animais. Tem apenas um sentido—e, quando este é satisfeito, tudo termina. O homem, pelo contrário, quando não reduzido às atrações do domínio sanguíneo, encontra a sua mais alta felicidade nas ternuras do amor. Os deleites inesgotáveis do abraço espiritual, o beijo—esse selo da vida partilhada—são totalmente desconhecidos no mundo animal. Os animais têm apenas períodos limitados para satisfazer o amor sanguíneo; o homem, porém, sendo fiel à sua natureza, pode entregar-se a qualquer momento às alegrias da afeição virtuosa.

A maior e mais terrível maldição que um pai pode trazer sobre um filho é incapacitá-lo de inspirar amor nos outros. Os extremistas e os que se entregam a inversões, ao casarem-se, às vezes transmitem esta desoladora sina aos seus filhos! Oh, pensa nisto: uma pessoa tão mal formada que só inspira desgosto, talvez até no próprio pai ou mãe! Lembras-te de como Shakespeare fez o rei Ricardo refletir e amaldiçoar a sua deformidade hereditária? Já vi naturezas nobres literalmente morrerem pela falta de amor.

Herdaram dos progenitores, através do amor sanguíneo, formas desagradáveis e traços mentais pouco atraentes. Nada tinham que inspirasse amor nos outros. Muitos abandonaram a sociedade—por se sentirem demasiado desajeitados para competir com outros na conquista de afeto—e seguiram, em vez disso, o caminho da perversidade e da misantropia.

Já foi dito: a vida sem amor é pior do que a morte! Quão vazios, inúteis e sem frutos parecem todos aqueles esplêndidos acidentes da existência pelos quais os homens lutam, sem este encanto essencial e abrangente! Que é o mundo sem um sol? Sem esta transcendental simpatia, riqueza e posição social, poder e fama não passam de joias colocadas numa coroa de chumbo! Que a palavra então circule por todo o mundo: «Preparai-vos para vos amardes uns aos outros».

PALESTRA IX
REFLEXÕES SOBRE OS DIREITOS
E INJUSTIÇAS DA MULHER

Inúmeras palavras foram criadas para exprimir a admiração do homem pela Mulher! Os poetas têm vasculhado incansavelmente os recantos mais pitorescos e reservados do universo literário em busca de pensamentos e comparações, dizendo à mulher que é um anjo, um serafim, uma divindade—até que ela própria começa a acreditar-se um brinquedo da fantasia, a «mais perfeita criatura entre inúmeras flores», ou então, por uma espécie de consciência latente de que não é tudo o que os poetas afirmam, adquire ceticismo quanto à capacidade do homem para perceber, ou à sua disposição para expressar, a verdade simples a seu respeito.

O mundo recebe, geração após geração, os resultados de três tipos de mentes: o génio, o homem talentoso e o extremista. O primeiro escreve poesia, o segundo prosa, e o último versos vulgares. O primeiro vê anjos por todo o lado; o último, por não os ver, é obrigado a fabricá-los. No entanto, raramente estes visionários ou criadores fazem justiça à mulher. Elogiam-na demasiado e exageram. Contudo, acredito convictamente que a glória da beleza e a grandeza da alma, que pertencem tanto à mulher como ao homem por herança, nunca foram realmente vistas nem celebradas na Terra. Os verdadeiros poetas sempre viram na alma da mulher um poder mágico—na sua mão um cetro misterioso—uma influência sobre o homem que ele jamais conseguiu verdadeiramente resistir ou evitar.

Mas não disponho de tempo para seguir e criticar especulações poéticas. No que diz respeito aos direitos e injustiças da mulher, não direi tanto como seria necessário caso ela não tivesse já uma «voz persuasiva» para explicar a sua constituição, para expor a natureza e alcance das suas atrações, para revelar as suas capacidades para várias posições sociais e políticas; para defender, eloquente e firmemente, os seus direitos e liberdades, seja dentro ou fora do casamento. A minha perspectiva, nesta exposição, partirá do plano exterior das causas e efeitos. Para começar, afirmo que a constituição feminina em geral a expõe a muito menos perigo no amor conjugal, em si mesmo, do que aquele a que o homem está exposto; contudo, na estrutura atual da sociedade, ninguém sofre mais com os desvios do casamento do que a mulher. Mas não poderei expor ao leitor a filosofia da reforma neste assunto sem antes considerar até que ponto a condição da mulher a obriga a infringir a verdadeira relação matrimonial.

A mulher é igual ao homem; ou, melhor dizendo, o homem é igual à mulher; mas não nas mesmas esferas. Haverá sempre uma diferença fisiológica e psicológica entre ambos—o que, porém, não justifica qualquer antagonismo de interesses nem

fundamenta o dogma da inferioridade feminina ou supremacia masculina.

Um homem, comparado a uma mulher, é totalmente masculino; e uma mulher, comparada a um homem, é totalmente feminina. A alma feminina preenche o corpo feminino; a alma masculina preenche o corpo masculino. Cada um é uma organização independente, adaptada a existir sozinha na Terra; porém, mais do que isso, cada um está adaptado a vivenciar aquela metempsicose da vida e da individualidade conhecida como mudança ou troca de alma que ocorre num casamento verdadeiro.

Ambos são como duas metades de um globo—o hemisfério sul e o hemisfério norte—destinados pela organização a encontrar-se, unir-se, fundir vida com vida e formar um mundo. Ainda assim, física e espiritualmente, há uma diferença radical ou essencial entre eles, oferecendo atrações distintas, sem separar os seus interesses, adaptando cada um a posições e ocupações diferentes; sem gerar necessariamente o menor conflito ou justificar a sujeição de um pela força circunstancialmente concedida ao outro pela tradição.

Da América à China, entre todas as raças, de polo a polo, existe uma diferença constante entre o masculino e o feminino. Os ossos da mulher são mais pequenos que os do homem; os músculos dela têm menor resistência. Os seus membros são mais simétricos, mas menos adaptados ao trabalho pesado. Ainda assim, em certos países, a mulher não é menos ativa ou energética que o homem na realização de determinadas atividades físicas.

Como já afirmei, fisicamente a mulher é menos forte, menor no tamanho e peso do organismo, menos capaz de enfrentar os trabalhos gigantescos do campo e da floresta; por isso, ela tem sido universalmente, e continua a ser, a principal vítima daquela doutrina teológica que ensina que «a força faz o direito». A ignorância e a superstição de séculos obscuros exerceram uma influência deplorável sobre a natureza feminina. Ela sofreu todo tipo de injustiças baseadas na teoria perversa de que o forte tem o direito de oprimir o fraco—"mantém tudo o que obtiveres e obtém tudo o que puderes"—a doutrina de reis, tiranos e chefes religiosos.

Os homens, sendo fisicamente mais fortes, fizeram leis para governar as mulheres de acordo com a sua vontade. Isso é especialmente evidente em certos países onde as leis feitas por homens permitem que um homem tenha várias esposas, mas negam a liberdade inversa à mulher. Contudo, séculos de sofrimento e escravidão finalmente revelaram à mulher os seus poderes e as fontes dos seus sofrimentos; e revelaram-lhe igualmente a sua soberania pessoal e o seu direito natural e igualitário à busca da felicidade.

Até no campo militar, a história demonstra a existência de mulheres corajosas e

determinadas. No campo de batalha, em meio ao tumulto e carnificina, a mulher combateu com entusiasmo heroico, por vezes mais corajosa do que o homem, e menos egoísta nas suas motivações.

Os homens geralmente aprendem e praticam a arte da guerra com a esperança ambiciosa de serem um dia promovidos à honra e ao reconhecimento. As mulheres, pelo contrário, lançaram-se nos perigos e privações do combate com nobre altruísmo, como amantes, esposas ou mães; nunca como egoístas em busca de reputação vã, mas para socorrer ou vingar um amado, um marido, ou um filho injustiçado; jamais pela glória da vitória, nem para obter aplausos ou fama histórica.

Margarida, esposa do rei Henrique VI de Inglaterra, lutou com coragem inigualável em dez batalhas para libertar o seu infeliz marido. A sua perseverança incansável e discernimento são sem precedentes na história feminina. Embora existam relatos extraordinários sobre as amazonas do Termodonte, uma tribo de intrépidas guerreiras, estes relatos são provavelmente ficções orientais—assim como milhares de outros relatos milagrosos transmitidos pela história oriental como verdadeiros. Aquilo que sai do curso estabelecido da natureza raramente é verdadeiro.

Joana d'Arc foi uma extraordinária demonstração de coragem feminina e força de carácter sob a convicção de inspiração divina. Libertou a cidade de Orleães, comportando-se ao longo da batalha como alguém habituado ao uso das armas e às estratégias militares.

Jeanne Hachette, a defensora de Beauvais, também protagonizou grandes atos de bravura. «Quando o exército da Borgonha», diz um historiador, «cercava Beauvais, Jeanne, à frente de várias mulheres, resistiu ao assalto durante muito tempo, arrancou o estandarte a um inimigo que se preparava para colocá-lo na brecha, lançou-o na trincheira e deu tempo às tropas reais para chegarem e salvarem a cidade.»

A condessa de Montfort é outro exemplo de valor feminino. A sua habilidade na montaria era uma lição de graça e destreza até para os oficiais mais experientes do exército. Lutou cara a cara, corpo a corpo, com os mais ousados; em terra e no mar exibiu igual coragem.

Centenas de exemplos poderiam ilustrar a alma profunda, determinada e corajosa da mulher. A história árabe está repleta de registos muito prováveis sobre conquistas femininas. A época das cruzadas revelou todo um grupo de mulheres guerreiras, mas nunca motivadas por egoísmo. Na verdade, raramente encontramos mulheres movidas por interesses pessoais ao pegar na espada ou na lança.

A mulher já provou amplamente a sua capacidade de enfrentar grandes e violentas provações de força e coragem!

Aqui está o texto traduzido e adaptado para português europeu num formato corrido e fluido:

Na arena literária, a mulher é quase invariavelmente vitoriosa; raramente falha em estabelecer uma reputação pela sua habilidade e amplitude de pensamento. Podemos olhar para a Polónia, Alemanha, Itália—para cantos remotos do mundo civilizado—e encontrar uma legião de mulheres eruditas.

Em França, há muito tempo, existiram mulheres muito talentosas; e em Inglaterra e na Escócia também surgem exemplos notáveis. Madame de Staël foi talvez a mais talentosa escritora durante o reinado de Napoleão. Depois dela, devemos reconhecer a erudita Madame de Genlis. A esplêndida dicção e as imagens magníficas de Burke, a calma e profunda força de Bacon, e a harmoniosa serenidade de Shakespeare não deixam de ter paralelos nas obras de célebres autoras femininas.

As primeiras tentativas literárias das mulheres eram como o murmúrio de um regato. A sua canção era suave, fraca e doce. Mas hoje ouvimos também uma voz poderosa, semelhante a um oceano de grandes pensamentos. O mundo espera constantemente novidades intelectuais vindas da mulher, simplesmente porque ela já ensinou o mundo a acreditar na sua capacidade.

Frances Wright demonstrou a capacidade feminina para lidar com os temas mais profundos do pensamento, alcançando perfeita vitória. Harriet Martineau traduziu do francês a obra profundamente científica "Filosofia Positiva" de Auguste Comte, mostrando uma acuidade e uma amplitude de raciocínio extraordinárias. E poderia citar muitos exemplos nobres da inteligência feminina nos nossos próprios países.

Mas já basta para o nosso propósito. Quando a mulher entra na arena literária, detetamos também alguns sintomas (comuns a certos homens) de ambição egoísta; uma aspiração à fama e à aprovação popular. Ou, quando ela se dedica ao teatro ou sai do isolamento juvenil para a ousada publicidade da vida mundana, o mesmo orgulho egocêntrico e gosto pelo aplauso tornam-se mais ou menos evidentes; um sinal claro de superficialidade espiritual, tão comum nas chamadas «classes superiores», onde se considera mais honroso que uma mulher viva numa dependência ociosa do que ganhar o seu próprio sustento e independência.

DIREITOS E INJUSTIÇAS LEGAIS DA MULHER

Em todas as épocas do mundo e entre todos os povos, pagãos ou cristãos, a mulher foi uniformemente subjugada pela vontade indisciplinada e pelas leis egoístas feitas pelos homens, sendo vista mais como propriedade do que como ser humano! Diz-se que o Cristianismo trouxe consigo, entre inúmeras bênçãos, a esperança e meios de elevação para a mulher. Contudo, em que medida ela foi realmente emancipada e exaltada exclusivamente pela influência desta religião não é claro. Na verdade, o progresso das descobertas científicas e o poder da imprensa para espalhar educação e inteligência pelo mundo inteiro—desenvolvendo ideias mais amplas sobre a Natureza e inculcando princípios humanitários—fizeram por ela e pelos seus filhos muito mais do que qualquer outra coisa até agora.

Mas a mulher, mesmo vivendo sob o sistema cristão, ainda é vista pela maioria dos homens reputados esclarecidos através da luz turva de épocas bárbaras.

A natureza feminina não é mais respeitada na era do Novo Testamento do que foi sob a teocracia judaica. Ela continua, tal como então, adaptada às conveniências masculinas. Foi mantida em escravidão pela insensatez preconceituosa e pela legislação egoísta do seu irmão homem; e continua mantida nessa escravidão pela mesma causa, embora de forma algo modificada por uma civilização vigilante.

A mulher sempre foi a favorita do homem—sempre foi tratada com ternura e protegida como uma companheira fraca, indefesa, necessária; considerada uma criatura útil, bela, desejável; subordinada às esferas mais limitadas do interesse masculino e transformada num brinquedo nas suas horas de lazer, quando é mais provável que a paixão, e não a razão, domine a alma. Como ser social e relacional, a mulher é poeticamente elevada à companhia dos anjos; mas, como indivíduo e colaboradora do homem, quase nenhuma palavra até recentemente se ouviu em seu favor.

Como ser de amor ilimitado—profundo e fiel—recebeu atenções superficiais e tolas dos homens; como irmã verdadeira e terna, foi investida de encantos transcendentais; como esposa, compartilhando igualmente das grandezas e infortúnios do marido, foi retratada em cores celestiais e deslumbrantes; como mãe, cheia de afeto pelos filhos, incansável nos seus cuidados, sempre pronta a confortar no leito de doença, cheia de misericórdia e altruísmo, com uma voz tão doce e angelical que raramente falha em recuperar do mundo o filho que se desviou—nesses papéis, vista de mil pontos de vista poéticos e práticos, foi exaltada pela história e adorada como a deusa celestial de virtudes transcendentais.

Como ser dependente e relacional, repito, a mulher é universalmente admirada, adorada, protegida. Mas é mantida em toda parte sob uma injustiça política. E o

Cristianismo não alterou esta situação! O Cristianismo deu à mulher uma igualdade com o homem no acesso à religião e às bem-aventuranças da vida imortal, mas não quebrou o jugo legal a que ela há tanto tempo e submissamente cedeu. Paulo, com o seu laivo pouco saudável de ascetismo farisaico, nega a soberania da alma feminina. Antes e depois do Cristianismo, a mulher governou ocasionalmente tronos políticos—em quase todos os governos hereditários da Europa. Semíramis, Cleópatra, Isabel de Castela, Margarida da Escócia, Isabel de Inglaterra, Maria Teresa da Hungria e muitas outras demonstraram claramente a sua capacidade para ocupar posições de responsabilidade.

Embora vivamos sob o mais alto desenvolvimento do Cristianismo, ainda é perentoriamente negada à mulher a sua individualidade política. Os que atualmente lutam pelos direitos da mulher e pela correção das suas injustiças geralmente não defendem qualquer forma específica de fé religiosa; são pessoas, de ambos os sexos, que reconhecem e defendem princípios divinos de amor e justiça, independentemente de qualquer esquema sectário de reforma.

Sem sequer mencionar o crime atroz da escravidão negra, permitido e cometido pelo nosso governo republicano, avancemos diretamente para o facto de que o nosso governo trata a mulher politicamente como propriedade; considera-a incapaz de ocupar cargos públicos; vê-a como uma nulidade política, uma menor fraca e dependente, incapaz de formar um julgamento correto. Porém, o seu irmão, ao atingir os vinte e um anos—embora talvez incapaz de ler e escrever a própria língua—é considerado politicamente superior a ela. Ela pode ser altamente instruída, como muitas vezes acontece, mas tem de submeter-se às leis e governantes escolhidos por eleitores que conhecem o seu candidato talvez apenas pelo odor anti-temperança da sua respiração!

Como juradas, apesar de submetidas a condições frequentemente intoleráveis e vítimas certas de injustiças variadas e graves, as mulheres estão excluídas do grande júri, onde poderiam pelo menos ajudar a identificar problemas e injustiças sobre as quais, por natureza, são muito mais sensíveis do que os homens. Diz-se que a mulher é incapaz de julgamento desapassionado. Nas condições e educação atuais, talvez ela seja demasiado impulsiva para a calma investigação; mas isto não é motivo para lhe negar o direito a ser jurada. A regra é: faz o correto e o errado desaparecerá—todos os males, assim chamados, sob condições adequadas, corrigem-se a si mesmos e beneficiam a humanidade.

O DIREITO AO VOTO DA MULHER

No nosso governo é considerado um princípio essencial que «todos os homens [no sentido genérico] são criados iguais... com certos direitos inalienáveis» para garantir os quais «são instituídos governos entre os homens, derivando os seus justos poderes do consentimento dos governados.» Ora, a mulher é governada tanto quanto o homem pelas leis e pelos legisladores dos Estados Unidos. Os homens criam leis, e a mulher, não tendo existência política, deve submeter-se aos decretos do seu senhor. Será governada pelo seu “consentimento”? A nossa constituição declara ainda que «tributação sem representação é tirania».

Mas terá a mulher qualquer «representação»? Uma mulher que possua bens é tributada tal como um homem com propriedade semelhante. A questão é: será a mulher governada pelo seu consentimento? Será tributada apenas com representação? Somos informados de que «resistir aos tiranos é obediência a Deus». Não deverá, então, a mulher resistir a todas as injustiças políticas? A sua individualidade não é respeitada entre os cristãos. É governada e tributada como menor, propriedade, escrava; embora o seu amor seja adorado, e a sua capacidade intelectual não seja inferior à de qualquer sacerdote ou político.

Todo o governo que nega o direito de voto à mulher é essencialmente corrupto e despótico. Na América, temos dois extremos: a melhor forma de liberdade e a pior fase da escravidão! Diz-se que a condição feminina aqui é superior a qualquer outro período—que ela está gradualmente a ser elevada—mas o mesmo se diz das árvores, das ações ferroviárias e de todos os ramos da indústria.

O que pedimos para a mulher é absoluta igualdade. Pedimos, pelo bem e segurança da liberdade do nosso país, que a mulher possa votar nos seus próprios legisladores e tenha voz igual na criação e construção das leis no parlamento. Açam que teríamos governantes intemperantes se as mulheres votassem? Ela rapidamente dissiparia a grosseria masculina dos tribunais, livraria os partidos políticos das suas corrupções acumuladas, e—mais segura e certamente—ELA QUEBRARIA AS CORRENTES DE TODOS OS ESCRAVOS!

Os conservadores têm muitas objeções à emancipação política da mulher. Fingem imaginar um aumento de problemas—como sempre, colocando a política acima dos princípios. Quando, há anos atrás, se debateu a questão do sufrágio universal, sobre se o homem rico e o pobre deveriam votar igualmente, a mesma classe de prudentes disse: “Não! Apenas os ricos ou proprietários deveriam votar, para que o povo não votasse para confiscar as casas e os bens dos mais afortunados.”

Qual foi o resultado? Simplesmente, após a afirmação do direito ao sufrágio universal, a sociedade protegeu-se instintivamente contra os males da ignorância

através de um sistema de escolas públicas.

Mais atrás no tempo, dizia-se: «As escrituras não devem ser confiadas ao povo em geral, para que não as interpretem mal.» E agora, como se reconhece que as reivindicações femininas são justas e importantes para o desenvolvimento humano, todas as objeções reduzem-se à afirmação pusilânime de que «a mulher não deve votar, pois não seria feminino e aumentaria bastante os problemas eleitorais».

Todas estas objeções são injustas e absurdas, embora sirvam para manter a mulher presa à escravidão política. Não se pode esconder, por mais habilidades lógicas que se empreguem, que a Lei Comum que regula o casamento destrói substancialmente a individualidade legal da mulher. Destrói-a. Assim que ela entra no estado conjugal, imediatamente o seu nome, a sua propriedade, o seu direito inalienável ao controlo e disposição do seu próprio corpo e alma são retirados dela e colocados nas mãos legais do seu autodesignado protetor.

Um amor imprudente, que sempre deseja pagar mais do que deve, poderia influenciar a alma feminina gentil a tamanha benevolência, ou talvez mais corretamente, a este ato de injustiça para consigo própria. Mas que a lei comum imponha este sacrifício, forçando esta extinção da mulher contra o seu consentimento, não é menos que despotismo. No entanto, as leis de certos estados têm-se tornado recentemente mais amigáveis às exigências femininas. Em geral, contudo, a mulher não tem direito aos produtos do seu próprio trabalho; nem sequer às roupas que veste; não tem direito aos seus filhos; nem à soberania sobre a sua própria alma; nem ao direito real à busca independente da vida, liberdade e felicidade—direito individual que assumidamente constitui a base da segurança do nosso governo!

OS DIREITOS MÉDICOS DA MULHER

Os direitos e injustiças da mulher tornam-se ainda mais evidentes no campo da educação. A educação fisiológica—o direito ou capacidade de ser médica, sob aprovação académica ou colegial—tem sido, até recentemente, quase universalmente negado às mulheres. Elas têm de depender das especulações e experiências científicas masculinas. No sagrado processo da gravidez e parto—quando acrescenta à sua condição de esposa a sagrada missão de mãe—ela depende do homem para ajuda e saúde. A sua educação exhibe claramente um abandono onnipresente neste aspeto.

Ela sabe comparativamente pouco ou nada de fisiologia patológica—desconhece quase completamente os processos belos e harmoniosos da gestação e do nascimento. Sofre porque desconhece a sua própria natureza, e porque o homem, não sendo

organicamente idêntico a ela, não pode prescrever tratamentos com segurança absoluta. Hoje é costume as mulheres mais esclarecidas comprarem e lerem, quase clandestinamente, obras sobre fisiologia, ou assistirem a palestras sobre o tema às portas fechadas.

Antes do casamento, ela obtém, através da mãe e amigas, alguns dados fisiológicos incoerentes—em muitos casos desacompanhados de qualquer explicação segundo as leis naturais. Assim, sem bússola nem leme—sem leis bem estabelecidas de autogoverno como esposa e mãe—ela embarca, cheia de entusiasmo, no vasto lago da experiência conjugal quotidiana. No início da viagem, talvez, desfruta plenamente com toda a alma. A luz prateada da lua-de-mel ilumina os seus sonhos de felicidade contínua. As suas esperanças e aspirações, cintilantes e fascinantes, parecem-lhe fios de ouro entrelaçados num bordado.

Poder-se-ia dizer que «é tolice ser sábio». Porque a ignorância da sua sublime missão como esposa e mãe—a ignorância da experiência que certamente terá—é a fonte da sua felicidade ilusória. Lentamente, sente os cuidados (que deveriam ser alegrias) da vida doméstica lavrarem sulcos profundos na sua natureza. Surgem canais profundos por onde correm as lágrimas da sua alma. A doença aproxima-se à medida que nasce filho após filho, e ela não vê libertação—exceto na indiferença estéril da velhice ou no descanso do túmulo.

O que quero dizer é isto: que a mulher, educada (ou melhor, não educada) como atualmente está, fica infelizmente exposta, no seu sistema reprodutor, aos ataques da doença; e não menos às familiares atrocidades e às supostamente necessárias, mas desagradáveis, inspeções masculinas pós-morte. Ela desconhece a sua própria natureza, daí as consequências repugnantes às quais está sujeita. Não cabe aqui expressar a aversão natural da delicadeza feminina. Considera-se suficiente chamar atenção para os fatos.

Aqui tens a tradução fluida e adaptada para português europeu, apresentada num texto contínuo e agradável à leitura:

Os médicos do sexo masculino, autorizados pelo costume e tolerados pela ignorância da mulher em relação à sua própria natureza, ocupam hoje um lugar no parto que deveria pertencer exclusivamente a mulheres devidamente educadas. As mulheres precisam tornar-se médicas e membros das faculdades. Devem familiarizar as suas mentes, naturalmente aptas à aprendizagem, com as leis e o desenvolvimento da natureza humana, através da leitura, reflexão, conferências e da prática.

Especialmente, devem substituir os homens em todas as áreas médicas relacionadas com a obstetrícia. A partir daqui, a mulher deve assumir plenamente os seus direitos na relação conjugal e honrá-los com a competência requintada e a dedicação sincera

de que é tão eminentemente capaz pela sua própria constituição. Só então testemunharemos a ressurreição normal da nossa raça, homens e mulheres gerando descendentes mais saudáveis e nobres!

Na prática médica—em si mesma um mal criado para neutralizar os efeitos das transgressões humanas—não conheço qualquer função que uma mulher bem-educada não possa desempenhar melhor do que o homem em relação ao seu próprio sexo. Cada mulher tem uma missão que lhe é própria; talvez compreendam melhor se eu disser que cada mulher é a messias de algum benefício médico para a humanidade.

Ela tem intuitivamente, ou pode ser educada a perceber, uma visão mais justa e clara da sua própria natureza—uma compreensão mais profunda das suas necessidades físicas e espirituais—do que o homem pode adquirir teoricamente ou mesmo através da associação com ela, ou através de qualquer princípio corretivo de vida que ligue indissolavelmente a existência dele à dela. Exijamos então mulheres médicas! Na doença, não há emergência para a qual ela já não tenha demonstrado superioridade pela intuição e experiência. Em breve será claro que a pureza e a perfeição são inalcançáveis para a mulher e, portanto, impossíveis para o homem, sem que a mulher possua e exerça plenamente os seus direitos e liberdades.

O QUE O HOMEM ESPERA DA MULHER

Embora a mulher esteja sujeita a múltiplas opressões sociais e civis que deformam a sua delicadeza natural e obstruem o desenvolvimento progressivo da sua profunda alma feminina, quão extravagantes são as exigências que o homem lhe impõe quanto à capacidade e comportamento! Ela deve ser pura como um anjo, imaculada e sem qualquer sombra de erro. Deve ser sempre amável. Condenada, como a maioria das mulheres, à servidão e à monotonia mecânica das tarefas domésticas—presa ao ciclo incessante entre cozinha e sala—quão irracionais são as exigências do homem de que ela exiba continuamente gentileza e afeto imutáveis!

O homem definiu o lugar da mulher. Ele determinou a sua situação e ocupação. O grande objetivo da vida feminina foi reduzido a cozinhar, lavar, coser, fiar, receber visitas, dizer trivialidades e criar filhos! Talvez nunca libertemos a mulher destas tarefas maçadoras, a menos que alteremos radicalmente o modelo doméstico atual, transformando os interesses isolados dos lares em associações familiares que combinem o trabalho com o afeto, tornando a atividade produtiva simultaneamente sinal de nobreza e fonte de felicidade.

As «obrigações» restritas da família—a natureza trivial e repetitiva das suas tarefas—tendem rapidamente a limitar as aspirações da mulher, a enfraquecer a força natural

da sua alma, a prejudicar a sua beleza física e a torná-la menos e menos aquela criatura suave e passiva que o homem deseja. No entanto, o marido exige que a esposa esteja sempre alegre. Ele próprio pode ser rude, irascível, zangar-se facilmente e querer sempre levar a sua avante; mas a mulher deve sorrir, caso contrário ele ficará ainda mais irritado. É uma imagem triste—a de um homem forte esmagando a vida de uma mulher.

Será de espantar que as nossas casas estejam cheias de mulheres irritadiças e frustradas? É verdade que elas vivem mal—antinaturalmente no comer, no beber, no dormir e no casamento; mas a preocupação contínua com trivialidades domésticas é uma fonte da sua pequenez, tornando-as mais superficiais, fracas e indefesas. Ainda assim, não lhes é permitido irritar-se ou queixar-se; não devem derramar lágrimas histéricas! Não lhes é permitido errar!

Um político pode, ocasionalmente, entregar-se à devassidão e à intemperança, e nada de especial será pensado sobre isso. Mas se um clérigo, cansado das cerimônias monótonas e artificiais de uma vida supostamente piedosa, se entregar aos mesmos excessos, imediatamente se ouvem clamores de alarme e risos de desprezo por toda a comunidade. Como é estranho que a opinião pública permita ao político o que nega ao ministro religioso! O mesmo acontece com a mulher. Por vezes ela é empurrada para situações falsas. A sua liberdade é restringida. A sua educação limita-se ao que os homens julgam ser feminino e próprio para ela. Social e civilmente, ela é indefesa. Mas não lhe é permitido errar! Se uma mulher cometer uma mínima fração do erro tão universalmente tolerado nos homens, logo varre a sociedade uma amarga tempestade—mais ainda, um vendaval destrutivo—de difamações e epítetos corrosivos.

O vício numa mulher é visto como «uma mancha na túnica de um anjo». Mas no homem, considerado senhor da criação, o mesmo vício não o impede de ser admitido na melhor sociedade. Passeia impune e sem censura, permanecendo um indivíduo desejável nos círculos sociais, sem que qualquer comentário negativo acompanhe a sua presença. Mas para ela restam, após o primeiro erro, apenas as esperanças destruídas. O escárnio de um público injusto aumenta a sua dor e desperta nela um orgulho desesperado que a conduz ainda mais profundamente à miséria. Rapidamente torna-se como:

«Uma harpa sem a sua corda principal, Um pássaro ferido, que só tem uma asa
Intacta para voar.»

Eu não defendo a diminuição do padrão da virtude física ou espiritual; mas desejo que ambos os sexos sejam igualmente sujeitos às leis da natureza, com as quais a opinião pública deveria harmonizar-se. É manifestamente injusto que um homem, reconhecido como extremista nas suas condutas, seja acolhido e acarinhado por

mulheres da sociedade, que ao mesmo tempo, devido à sua falsa educação, desprezam com total desprezo as vítimas femininas da sua conduta imoral. A simples verdade é que as mulheres, quando caem em excessos, fazem-no geralmente devido a afetos profundos ou ao poder esmagador das circunstâncias externas, e não por uma predisposição ou tendência espiritual para o erro.

Com o homem, pelo contrário, os excessos são frequentemente o resultado das suas ocupações exteriores e dos seus hábitos físicos; raramente ele pode desculpar-se, como a mulher, com a referência às irresistíveis atrações do coração. Contudo, sempre justificou os seus próprios erros enquanto condenou impiedosamente os da mulher. Ele sempre esteve pronto para apedrejar a mulher apanhada em adultério. Se não fossem as almas bondosas e justas de alguns bons homens, o crime dela seria punível com a morte.

DISPARIDADE DE SALÁRIOS ENTRE OS SEXOS

Talvez a fonte mais fértil da escravidão e vulnerabilidade feminina seja a impressionante disparidade salarial entre os sexos. Por educação e costume (não por natureza), a mulher é preparada exclusivamente para ocupações menores que exigem apenas as suas faculdades percetivas. As tarefas domésticas não requerem desenvolvimento muscular ou intelectual. Uma mulher utiliza apenas metade das suas capacidades. Excetuando a maternidade, uma rapariga de catorze anos consegue fazer praticamente todo o trabalho doméstico feminino. A história da mulher é uma história de luta constante. Ela sempre ficou em segundo plano relativamente ao homem; nunca esteve plenamente ao seu lado como igual. Está eternamente destinada às «coisas pequenas».

Trabalha entre objetos triviais, geradores de pensamentos correspondentes. Terá a sua mente oportunidade para expandir-se perante as maravilhas do universo? O que sabe ela sobre ciência? Que tempo tem para contemplar as realidades grandiosas do pensamento profundo? Se lê, será ficção popular, romances e contos do momento, e não obras clássicas de história ou filosofia. Esta é a situação da grande maioria das mulheres—aprisionadas na trivialidade. A agulha e o tanque da roupa, a cozinha e o berçário são os seus domínios decretados pelo homem. Coloquem o homem nas mesmas circunstâncias da mulher, e verão uma estreiteza ainda maior. Vale a pena experimentar: deem à mulher liberdade e oportunidades iguais e observem se o carácter masculino não será totalmente eclipsado!

Aqui tens a tradução adaptada para português europeu num formato contínuo e fluido:

Mas o mais surpreendente é que a própria mulher resiste à sua emancipação. É estranho que agora, quando a questão dos direitos femininos se apresenta claramente ao mundo, ouvimos a maioria das mulheres declarar preferência pelas decisões populares de um costume fraco e absurdo. Quando uma mulher fala contra o seu próprio sexo—quando permite ridicularizar aqueles que defendem a sua causa—vejo ainda mais claramente o quanto é necessário o trabalho legítimo dos reformadores.

Disse que «é surpreendente» que a mulher seja geralmente desfavorável aos seus próprios direitos. Contudo, na verdade não há grande surpresa nisso, pois um dos males da escravidão é justamente o esmagar até ao silêncio daquela sabedoria e daquele amor natural pela liberdade que são inatos a toda a humanidade, quando esta se encontra em condições de verdadeira liberdade.

A disparidade salarial entre os sexos é uma injustiça flagrante. As despesas da mulher são iguais às do homem. O seu vestuário custa tanto quanto o dele. Ela tem as mesmas necessidades físicas que ele, e deve pagar tanto quanto um homem para assistir a uma ópera ou peça de teatro; o mesmo preço por um lugar na igreja, pelo bilhete de comboio ou barco, e por uma viagem à Europa ou a qualquer outro local. No entanto, ela é forçada a trabalhar por míseros tostões diários ou semanais. O trabalho nas fábricas é ligeiramente mais rentável; porém, olhando o mundo no seu todo, o facto permanece claro: a mulher depende da subsistência proporcionada pelo trabalho do homem—porque não é recompensada honrosa e justamente pelo seu trabalho árduo e sacrificado.

O TRABALHO FEMININO MONOPOLIZADO PELO HOMEM

A mulher está assim dependente, porque não lhe é permitido entrar livremente nas profissões mais lucrativas. A sua educação impede-a de ocupar esses cargos. Um opositor talvez argumente que a mulher é naturalmente mais fraca que o homem e, portanto, incapaz de realizar trabalhos altamente remunerados. A resposta é que, devido à sua educação incompleta, a mulher é atualmente substituída pelo homem numa multiplicidade de profissões para as quais não é menos adaptada organicamente nem menos capacitada intelectualmente. Ela tem qualificações intelectuais suficientes para várias das profissões intelectuais—todas elas monopolizadas pelos homens durante séculos, sob a presunção da superioridade mental masculina.

Muitas objeções são demasiado superficiais para merecerem atenção séria. Ninguém que conheça minimamente a história política e religiosa das mulheres pode duvidar sequer por um instante da sua capacidade de debate racional; nem questionar a sua aptidão natural para competir com os homens nas áreas mais elevadas do

conhecimento.

É evidente que, por natureza, a mulher tem mais curiosidade que o homem, é mais imitativa, comunicativa e possui uma ambição igual ou superior. Na sua condição atual, estas faculdades, que exigem muito exercício no mundo exterior, acabam por ser empregues em prejuízo da sociedade. Se a mulher fosse adequadamente empregada, as suas qualidades resultariam numa maior paz na Terra. Porém, vivendo uma vida pouco natural, ela mantém comunidades inteiras em constante conflito. A sua ânsia por saber, a sua curiosidade natural, provocam inúmeros problemas. A sua facilidade em comunicar gera conflitos domésticos, tornando-a, neste sentido, o terror de ambos os sexos. Enquanto se ocupa com trabalhos manuais que não requerem reflexão, deixa a sua imaginação vaguear pelos movimentos dos vizinhos.

Rapidamente descobre algo errado, e logo o comunica à sua confidente mais próxima. Num instante, as suas suspeitas espalham-se pela sociedade como fatos comprovados, disseminando-se como uma epidemia, de família em família. Os homens, ocupados com assuntos maiores, rapidamente se irritam e ficam desgostosos com estas frivolidades conflituosas femininas. Repito, este mal decorre de outro: a inadequada colocação da mulher na sua missão de vida. É costume dizer-se: «A melhor mulher é aquela de quem menos se pode dizer, seja de bom ou mau». É necessária uma manifestação notável de excelência feminina para redimir o sexo da sátira e das caricaturas ridículas feitas pelos homens.

Quando um homem deseja ridicularizar outro pela sua fraqueza ou tolice, quando quer envergonhá-lo e insultá-lo profundamente, compara-o a uma mulher, a uma jovem imprudente, ao símbolo feminino da fraqueza e instabilidade. O estigma da lendária Eva ainda não desapareceu. E assim a mulher continua a ser o anjo dos poetas, a escrava dos tiranos, o encanto do lar, o mistério dos filósofos, o mal necessário dos políticos, a flor da sociedade, a vítima do paternalismo masculino, a salvadora dos homens e o terror dos solteirões.

Não existem proibições legais explícitas que impeçam a mulher de ter educação ou de ingressar numa profissão. Contudo, ela é universalmente escrava de um despotismo particular: o despotismo da opinião pública! A opinião pública é a sua «regra de fé e de conduta». Ela acredita que «é preferível estar fora do mundo do que fora de moda». É este despotismo que governa a mulher. Ela não consegue distinguir entre a opinião pública e um princípio vivo.

É a opinião, não a lei, que afasta a mulher de profissões onde poderia distinguir-se pelo talento e competência, onde poderia usar as suas capacidades para o bem do mundo—capacidades que, atualmente mal direcionadas, criam tantos problemas—e onde poderia adquirir independência económica, elevando-a acima da necessidade de considerar o casamento como o único refúgio contra a pobreza. Contudo, o

casamento em si mesmo é por vezes um refúgio inseguro, mesmo em relação às necessidades básicas.

Por isso, milhares de mulheres continuam a sua luta solitária pela sobrevivência, fazendo trabalhos manuais ou dando aulas. Em alguns estados é cobrado um «imposto de solteiro» aos homens que negam às mulheres a segurança de um lar através do casamento. Talvez esta seja uma solução temporariamente justa, pois as mulheres trabalhadoras são o grupo mais vulnerável da sociedade—principalmente porque desconhecem profissões que lhes garantiriam sustento com menor esforço.

Em Nova Iorque existem cerca de trinta mil mulheres que sobrevivem exclusivamente da costura. Muitas delas são viúvas com crianças dependentes ou, o que é ainda pior, com maridos doentes ou alcoólicos que dependem delas para sobreviver. Cerca de cinco milhões de dólares têm sido pagos anualmente a estas mulheres pelos seus trabalhos.

Mas como terão estas pobres mulheres, já exaustas, sentido um aperto no coração quando o jornal Tribune anunciou, há alguns anos, «que tinha sido inventada e patenteada uma máquina capaz de fabricar vestuário com maior rapidez e economia, eliminando a necessidade de costureiras»? Se a opinião pública o tivesse permitido, a mulher poderia ter evitado este sofrimento através do acesso a profissões mais rentáveis.

Na minha opinião, as três profissões intelectuais—a jurídica, médica e religiosa—são apropriadas para as mulheres; embora Paulo, com o seu ascetismo, tenha dito (ver 1 Timóteo 2:12): «Não permito à mulher ensinar», e tenha feito outras afirmações ainda mais prejudiciais aos direitos femininos.

Como uma raça de seres desarmoniosos, doentes e religiosos—necessitando de lei, medicina e teologia—acredito que teríamos enormes benefícios se estas profissões fossem abertas às mulheres. Em geral, a sua humanidade e igualdade são negadas, embora permaneça exposta a todos os fardos da existência. Mas permitam-lhe uma educação física vigorosa para desenvolver o corpo; ofereçam-lhe liberdade suficiente para expandir a sua alma perante grandes ideias; pratiquem o princípio de «fazer ao outro o que desejas que façam a ti mesmo», e concedam à mulher todos os direitos, liberdades, vantagens e recompensas sugeridas pelas suas necessidades naturais.

Estou convicto de que, nesse caso, os «senhores da criação» deixariam de questionar a adaptação feminina às várias profissões intelectuais, que um costume despótico e o egoísmo masculino têm reservado há séculos ao suposto sexo mais forte.

O objetivo que pretendemos alcançar é dar à mulher o direito de trabalhar em qualquer área compatível com a sua natureza; livre e desimpedida por qualquer força

além das leis naturais do seu corpo e alma.

Aqui está a continuação da tradução adaptada para português europeu, mantendo um estilo fluido e fiel ao tom original:

Mas o homem suplantou a mulher, repito, em todas as profissões bem remuneradas e nos cargos públicos.

O comércio a retalho é, com toda a certeza, uma ocupação natural para a mulher. Há centenas de jovens que, embora ainda conservem algo do seu carácter masculino, desperdiçam diariamente as suas forças e o seu tempo entre fitas e tecidos, entre musselinas e dinheiro—adormecendo inutilmente à sombra, enquanto usurpam uma ocupação que por direito pertence à mulher—ao passo que a voz da terra os chama constantemente para a luz do sol e para tarefas mais viris, incitando-os a aventurarem-se nos campos e florestas e, com o seu renovado espírito masculino, a fazerem avançar a ciência da agricultura para além de todas as concepções populares! É um desperdício triste das suas forças.

Os tecidos ingleses, os popelines irlandeses, as fazendas francesas e os algodões leves são muito atraentes para a mulher tal como ela é hoje; mas, segundo o princípio de que "a familiaridade gera desprezo", se ela for exposta a esses objetos constantemente, o encanto do tecido desaparecerá. A modista dá-se pouco ao trabalho de enfeitar o próprio chapéu; o pasteleiro come pouco dos seus doces; e o médico toma pouca da sua própria medicina. Temos uma tendência natural para a variedade e procuramos algo para além do nosso meio imediato.

Os correios são, com justiça, um espaço apropriado à mulher solteira. Assim, circularia uma grande variedade de correspondência; e a sua remuneração seria mais proporcional às suas necessidades pessoais.

A banca deveria ser conduzida por mulheres; ou, pelo menos, a opinião pública não lhes deveria negar essa liberdade. Como banqueira, a mulher receberia bastantes pedidos de crédito, que saberia gerir com tanta ponderação como o homem.

A alfaiataria é uma profissão natural da mulher. Ao dizê-lo, não quero sugerir que estas ocupações sejam inferiores à cultura intelectual. Pelo contrário: há sempre uma melhor forma de praticar qualquer arte ou profissão; descobrir e aplicar essa excelência é tarefa da experiência e do génio. O que quero dizer é que nenhum homem deveria envolver-se em tarefas mais bem adaptadas à força e à habilidade instintiva, ainda que de uma mulher sem instrução—sobretudo quando, como hoje, ela sofre com a disparidade salarial e com as liberdades restritas.

A odontologia é também uma profissão para a mulher. Não há nada, nem mesmo na

parte cirúrgica, a que ela não esteja adaptada. Neste ofício teria uma oportunidade justa de "enfrentar os seus críticos e opositores"; e os dentes das crianças não ficariam "dolorosamente desconfortáveis" sem hipótese de alívio imediato. Não há mistério na estrutura dentária que ela, com as suas mãos habilidosas, não pudesse desvendar; nem dor infernal na extração dentária que a sua sensibilidade magnética não pudesse atenuar consideravelmente.

A mulher precisa, repito, de um emprego que lhe proporcione uma recompensa justa. Não pode haver independência para ela—nem o casamento será jamais resgatado dos horrores do egoísmo e materialismo—enquanto o seu campo de ação não for alargado: incluindo todo o tipo de ocupações atrativas e remuneradoras, concedidas ou não por aqueles que são preconceituosos e intolerantes.

OS MALES DA DEPENDÊNCIA

A dependência económica conduz a mulher a múltiplas desgraças. Qual é a sua causa primária? Resposta: a sua educação deficiente e parcial. Confiando na superioridade masculina há muito assumida, o homem toma para si a autoridade de decidir o que é ou não próprio da mulher. E a sua juventude é, então, educada—ou negligenciada—em conformidade com os padrões estreitos do homem.

Embora vivamos sob o mais elevado desenvolvimento do Cristianismo, o homem ainda é inconscientemente ensinado a ser o senhor da mulher. Ela deve amar e obedecer; ou, se não amar, obedecer na mesma. A lei matrimonial, tanto da Igreja como do Estado, impõe a obediência, e centenas de homens brutos e não desenvolvidos oprimem legalmente as suas esposas.

A mulher nunca está isenta da sensação de dependência em relação ao esforço masculino. Parte deste sentimento é, admito, natural e imutável—mas muito dele é também resultado da educação e das circunstâncias. Ao perceber que não pode competir com ele na luta pela vida, e tendo sido ensinada durante incontáveis séculos a reconhecer a sua inferioridade, ela cede prontamente, quase com um instinto moldado, a uma posição secundária e, portanto, imoral em relação ao homem: onde permanece presa, enfeitada e ornamental, por imposição da opinião pública.

E aqui se originam os conflitos conjugais. Peço ao leitor que considere todos estes entraves a uma reforma matrimonial harmoniosa. A relação conjugal—que deveria ser a mais essencial e espiritualmente significativa de todas as alianças humanas—foi degradada ao nível de um contrato egoísta. A mulher foi ensinada, e ainda hoje o é, a ver no casamento o destino final da sua existência. Não me oponho a essa doutrina, mas sim ao seu uso abusivo. O próprio espírito da teologia bíblica é, essencialmente,

contrário à elevação da mulher. Já o afirmei antes; agora apresento "fatos" para o demonstrar.

Diz-se que o alicerce do Cristianismo está no Antigo Testamento. E é precisamente aí que começa a obra da degradação feminina. Perguntarão: onde e como? Respondo: na criação dos sexos. Foi necessária uma porção de toda a matéria existente—orgânica e inorgânica—para fazer um homem! O homem, um ser masculino isolado, foi o primeiro grande esforço do Onnipotente. Depois, ao ver Adão sozinho na terra, ocorreu a Deus—como que um pensamento de segunda ordem—que talvez uma mulher o pudesse distrair e impedir de se suicidar. Então, o Senhor finalizou a criação, fabricando uma mulher. Encontrou material suficiente em Adão.

Lembrem-se disto! Retirou-lhe uma costela—o suficiente para fazer uma mulher—e o homem não se sentiu de todo diminuído: nem em substância nem em beleza. Daí se infere logicamente que, se uma mulher pôde ser feita sem prejuízo notável, então vinte poderiam ter sido formadas com igual facilidade a partir de um só homem. Uma velha sátira diz que “são precisos nove alfaiates para fazer um homem”—mas quantas mulheres seriam necessárias para fazer um único homem ainda não foi decidido pelos doutores em teologia. O facto de a mulher ter sido criada por último, em vez de implicar superioridade, como os poetas por vezes afirmam, sugere, antes, que ela representa um elemento acessório—como o tom da rosa ou a torre de um templo—indicando apenas que ela é um complemento, útil em posições secundárias.

Antes da alegada Queda, onde todos “pecámos”, a mulher estava organicamente relacionada ao homem—como um membro ou órgão do corpo—“sendo osso do seu osso e carne da sua carne.” Em vez de lhe servir de companhia no jardim florido de eterna ociosidade e amor, as suas faculdades inquisitivas, imitativas e comunicativas, unidas à ambição natural de ser “como os deuses”, viriam a perturbar profundamente Adão. (Não tenho dúvidas de que ele desejou que a “costela ambulante” voltasse ao lugar de origem.) É evidente que Adão se sentia superior, pois queixou-se de forma paternalista ao Senhor, que criara Eva sem o seu consentimento: “A mulher que me deste...” – o que implica que ela tinha uma função meramente suplementar.

Mais ainda: de acordo com este mito, que continua a dominar o mundo cristão, o Senhor pronunciou uma das maldições mais cruéis sobre a mulher, colocando-a ainda mais sob o jugo do homem, ao dizer: “O teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.” Aqui está a corrente que a Teologia Popular forjou para a alma feminina; e o Novo Testamento aprofunda ainda mais esta desigualdade.

Provo-o facilmente. No Cristianismo—ou em todas as suas interpretações institucionalizadas—a esposa ocupa em relação ao marido o mesmo papel que a Igreja em relação a Cristo. O marido exerce, assim, o mesmo poder sobre os sentimentos e o destino da esposa que Cristo exerce sobre a Igreja. A Igreja está

subordinada a Cristo; logo, a esposa deve subordinar-se ao marido. Essa é a analogia cristã. Nas traduções modernas dos Testamentos, vemos o toque dos doutores da Igreja sobre todos os cânticos poéticos de Salomão. Fazem-nos crer que se referem ao amor de Cristo pela Igreja. E assim, a subordinação da esposa ao marido, ou da mulher ao homem, é mais uma vez reforçada. Ela está “doente de amor”, e anseia por ele. Ele é o seu mestre, muito terno com o seu “animal de estimação”, e patroniza-a com altivez!

Hoje, compreendo a Natureza como um equilíbrio perfeito entre os sexos — em importância e em posição. Existe um equilíbrio harmonioso entre ambos, mas isso não significa que sejam iguais nas mesmas esferas da vida. Pelo contrário, relacionam-se a partir de extremos opostos do universo. Ela é o sul; ele é o norte. Ele representa o Princípio da Sabedoria; ela, o Princípio do Amor. Os seus deveres são recíprocos; os seus destinos, idênticos.

Contudo, Paulo — apesar de por vezes parecer esforçar-se por superar os preconceitos herdados do seu tempo e lugar — não conseguiu evitar dar o seu contributo contra a igualdade da mulher. “O homem não provém da mulher”, diz ele, “mas a mulher do homem”. Está aqui, evidentemente, a referir-se ao mito egípcio (mais tarde adotado pelo judaísmo), segundo o qual a mulher foi criada a partir do homem. Custa encontrar uma razão sensata para este “processo ao contrário”, especialmente tendo em conta que o método oposto tem sido usado com sucesso desde então!

E ainda assim, Paulo insiste em remeter as suas leitoras para uma origem subordinada (ver 1 Cor. 11:3-9): “O homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem.” Perante isto, pergunto: onde está, no cristianismo, o instrumento para a elevação da mulher? Paulo é o grande intérprete do cristianismo primitivo. As pessoas sabem ler e tirar conclusões. A mulher pode ver, com os seus próprios olhos, os documentos que sustentam a sua suposta inferioridade natural.

Não queremos contendas com pseudo-intérpretes da mensagem de Paulo. Não me tragam as vossas “descobertas” frescas em literatura bíblica, porque, se a Bíblia é de facto infalível, então não carece de tradução; mas, se não o é, então repudio a sua autoridade à vontade e volto-me para a Natureza com a alegria de um recém-nascido ao peito da mãe!

Na sua carta aos Efésios (5:22, 24), o apóstolo apaga as últimas esperanças da mulher, sela-lhe os grilhões, martela o prego final nestas palavras: “Mulheres! sujeitai-vos aos vossos maridos como ao Senhor; pois o marido é o cabeça da mulher, como Cristo é o cabeça da igreja. Assim, como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres devem estar sujeitas aos seus maridos EM TUDO!” Esta expressão “em tudo” é nada menos do que a subjugação da mulher; é a anulação da

sua individualidade, e uma licença em branco para que o homem disponha dela como bem entender. Sim, é o eco sombrio da voz de uma era bárbara!

E na penumbra solene dessa era, ainda vivem as instituições cristãs. De facto, seria ingénuo esperar que as igrejas se elevassem acima da origem que lhes deu forma. Surgiram das imaginações de um povo jovem, alimentadas por conjecturas tristes sobre um deus irado e a dívida do homem para com ele; e de uma concepção bárbara de um plano para saldar essa dívida com sacrifícios infinitos e penitências sem fim.

Assim, podemos descansar na certeza de que, enquanto permanecerem fiéis à autoridade bíblica, as igrejas continuarão a favorecer costumes orientais e semi-bárbaros no que diz respeito à educação e posição da mulher. Os ministros hão de opor-se à entrada da mulher no púlpito. Hão de ensinar-lhe o ideal cristão de feminilidade: que ela é inferior ao homem, sua auxiliar, sua serva “em tudo”; e, no entanto, que deve também espelhar a vida cristã em tudo — “na virtude, na paciência, na obediência, na ternura e na graça encantadora!”

Afirmo que o grande mal da dependência económica da mulher está na degradação dos seus motivos para o casamento. Por mero acaso de nascimento, ela é lançada — com toda a vastidão do seu coração amoroso — à mercê da caridade masculina. Lança-se ao mar da vida, com todas as suas mudanças e incertezas, ensinada desde menina a ver no casamento o seu único porto seguro, a única âncora para a alma perdida na tempestade.

E no entanto, nesta ideia escuto a voz imutável da Natureza: o casamento é o grande mensageiro entre os sexos! “Na verdade, as nossas almas podem repousar num princípio tão natural e autoevidente!”

Mas o mal que aqui denunciemos é este: o casamento legal — e não o casamento da alma — é o refúgio da mulher contra uma miséria ainda maior. Assim, o amor mais sagrado da sua alma acaba por ser dominado por um materialismo avassalador. Daí que, entre mulheres superficiais e infelizes, se veja frequentemente um extremismo no amor conjugal.

Confinada pelos decretos do costume ao espaço estreito da vida doméstica, e habituada a ocupações que a rebaixam e desgastam, como poderá uma jovem lutar sozinha, contra tais probabilidades, na busca por independência económica e mental? Não pode! O fracasso é inevitável! Algumas já perceberam isso e rebelaram-se. Aparecem em Convenções, a afirmar os seus Direitos. Algumas mantêm-se suaves; outras tornam-se ríspidas e desafiadoras.

Mas há outras, menos fortes, que seguem outro caminho. A jovem está sozinha. Os pais partiram — e ela já não sabe para onde; não sente a sua presença espiritual; não

ouve as suas vozes no além. Trabalha sem cessar, mas o fracasso é certo. O irmão, esse, pode vencer — com metade do esforço, metade da poupança. Ela deseja boa companhia; mas não tem acesso à única chave: boas roupas. Nem sequer ao conhecimento de etiqueta necessário para os círculos elevados. Desfalece na batalha; corre em busca da proteção de alguém mais forte. Convida-o! Pelo Amor, está disposta a trocar a sua alma. Meia desesperada, entrega-se a seus pés. Anseia por um lar; quer ser amada por alguém; procura uma rocha onde se sinta segura. E o resultado? Acaba casada legalmente ou, o que não é muito melhor, troca afeto por anéis, roupas e ouro.

AS QUATRO CLASSES DE MULHERES

A estrutura social atual cria quatro tipos distintos de situações femininas: a mulher elegante e a mulher-escrava; a dona de casa nobre e a mulher abandonada. A existência da mulher elegante tem como contraponto a mulher-escrava: esta faz demais porque aquela faz de menos; ambas acabam por sair prejudicadas. A dona de casa inteligente e virtuosa teria sido abandonada, se desde o início não tivesse tido sorte nas circunstâncias e influências.

NÃO HÁ INDIVIDUALIDADE NO AMOR

Os males da dependência económica da mulher culminam na degradação do casamento; mas a causa primeira desse mal é a sua educação. Ela é educada para a opinião pública, moldada por ela. E, quando vista na sua relação com o homem, a sua educação é quase inútil! Veja-se o exemplo da Sr.^a Brocado, no seminário da aldeia — é meticulosamente treinada. Obriga-se a estudar todo o catálogo de “qualidades femininas”: gramática, aritmética, desenho, música, bordados, francês e um pouco de composição prática. O seu espírito é empurrado de classe em classe. Estuda sem parar. Para quê? Para entreter companhia. E casar-se! Apenas dois fins: entreter e casar. Esta é a sua “terra prometida”, o fim de tudo.

Mas, nesse momento tão crucial, depois de ter recebido uma “educação completa” e ter refinado ainda mais a sua graça e beleza naturais, nega-se-lhe um tipo muito notável de liberdade. Ao sair do seminário, regressa a casa como uma jovem elegante, mas quase inútil — e extremamente dispendiosa. Ali deve permanecer, à espera de ser “descoberta” por algum jovem aventureiro! Um costume doentio e artificial traçou-lhe o caminho, chamando-lhe “decoro feminino”. Depende inteiramente dos seus encantos — a sua sala deve, de facto, ser um verdadeiro salão — caso contrário, acabará como uma flor...

“Nascida para corar sem ser vista, E desperdiçar o seu perfume no ar do deserto.”

Quantas mulheres desejaram ser homens! Simplesmente porque um costume ridículo

lhes rouba a liberdade social. Descubrem que o seu sexo as impede de usufruir da liberdade de caminhar na rua à noite. Quase não podem ir a lado nenhum sem a companhia de um homem. Como admirar-nos que algumas mulheres de espírito forte tenham rompido os grilhões e endurecido os corações contra as setas do ridículo e da zombaria?

Que sociedade tão atrasada é esta que limita as liberdades sociais da mulher! Ela não tem sequer o direito de manifestar primeiro a sua afeição por um espírito afim do sexo oposto. Se uma mulher ousasse visitar um homem e declarar-lhe o seu amor, toda a comunidade a condenaria de imediato, murmurando que “não é nenhuma santa”. E duvido que os homens sejam ainda suficientemente bons e sábios para honrar uma mulher por tal independência, por tal fidelidade às leis da natureza. Mas chegou o tempo da liberdade da mulher — e homens e mulheres devem, juntos, preparar o caminho.

Tal como está hoje, a mulher nada tem senão os seus atrativos pessoais, as suas fascinações espontâneas de estilo e conversa, como meios de atrair para o seu coração ansioso o amor de uma alma verdadeiramente masculina; e é com este fim que a sua educação é orientada, segundo os costumes absurdos da civilização.

Mas voltemos ao nosso exemplo: dois anos após sair do seminário, Miss Brocado é inesperadamente “descoberta”! Estava num baile, quando pela primeira vez cruzou o olhar com o do devoto Sr. Patchouly. Ora, o Sr. Patchouly, embora naturalmente inteligente e bem-educado, encontrava-se em pleno delírio poético. As jovens dançarinas, resplandescentes de brilho e beleza, haviam exaltado a sua imaginação até ao ponto máximo — um grau abaixo da combustão espontânea.

Mas Miss Brocado, para ele, superava infinitamente todas as outras belezas femininas. Acendera-lhe no coração uma fogueira de amor conjugal — um entusiasmo profundo e extremado que ele não podia conter. Assim, com a imaginação em pleno fervor, derrama doces versos de amor à “encantadora criatura”. Ele deixara de viver em si mesmo —

“Ela era a sua vida — O oceano do rio dos seus pensamentos, O seu destino final.”

Mais um ano, e Miss Brocado torna-se a Sra. Patchouly. Que deliciosa loucura é a fictícia Lua-de-Mel! Os milhares de termos ociosos, as incontáveis expressões piegas e sentimentais de um amor sem filosofia, iniciadas no primeiro encantamento, continuam a passar entre ambos. Não conseguem viver separados. Em espírito, isto é sempre verdade para os casais harmoniosamente unidos.

Seis meses depois, porém, a Sra. Patchouly definha sob o peso da negligência. Acredita que o marido já não a ama. Ele procura agora outras companhias, sai,

frequenta o clube, e de tempos em tempos, brinda com um sorriso. O que se passa? Simplesmente isto: assim que o Sr. Patchouly recuperou da loucura nupcial (uma espécie de febre que dura cerca de quatro semanas e é natural em temperamentos instáveis), as suas faculdades superiores começaram a ansiar por algo mais substancial ou intelectual. Tendo lido os clássicos, começou a falar sobre “as belezas da literatura”. Mas a Sra. Patchouly não o compreendia; ou respondia com evidente desinteresse e ignorância. Falou-lhe dos avanços da ciência, fez-lhe perguntas sobre filosofia — mas ela era uma mulher “elegante” e não sabia responder.

Ai dela! Era uma jovem cara, com uma educação meramente decorativa — e por isso não conseguia manter o respeito intelectual do marido. A sua total dependência, a falta de profundidade intelectual, a ausência das qualidades que inspiram amor e sustentam o respeito, foram a verdadeira razão do afastamento do Sr. Patchouly; embora esse afastamento tenha sido agravado por um amor excessivamente físico e instintivo. Talvez ele não a abandone, mas o que é ainda mais doloroso, talvez a trate com uma bondade condescendente, nascida da compaixão.

Casamentos assim, puramente físicos, são comuns — e os seus efeitos corroem muitos corações. Nada pode ser mais impiedoso ou mais profano, mais prejudicial à descendência ou mais brutal na prática, nada mais desumaniza o homem e rebaixa a mulher, do que um casamento por conveniência ou por paixão cega. Digo isto a ambos os sexos. Mesmo sem reflexão, o casal sente que cometeu um crime contra as Leis da Natureza. Violou-se a verdadeira união matrimonial — substituiu-se o que deveria ser uma ligação espiritual e duradoura por uma conexão passageira e puramente física.

É tempo de formar uma consciência pública contra as causas de tais uniões cegas e destrutivas. Estas causas, segundo me parece, residem sobretudo na condição social e política da mulher. Cada um desses casamentos é um pecado contra a sociedade — um insulto à mulher — um crime contra as gerações futuras. Estou certo de que a “questão dos direitos da mulher” não poderá ser resolvida sem uma discussão livre e uma profunda reforma da relação conjugal. É nessa relação que se encontra a esperança do mundo.

Centenas de homens, encorajados pela opinião pública, procuram mulheres não só com os motivos elogiados por Paulo, mas também como bens valiosos e legítimos — “obedientes em tudo!” Este costume é extremamente pernicioso. Casar com uma mulher pelo seu valor material, como “dona de casa” ou “costureira”, ou como mera conveniência temporária, é igualmente degradante para o homem e para a mulher — e prejudica tanto o marido, como a esposa e os filhos!

Mas devo concluir, deixando muito por dizer.

Mães! Não entrareis nesta batalha contra a ignorância e o preconceito? A mulher já lutou com bravura em muitos campos. Não continuará a manifestar o seu poder heroico, transformando o despotismo da opinião num elemento de liberdade? Que a mulher seja firme e corajosa no Caminho do Justo!

“Sede livres, com a força do Herói, Quando pisa os tronos com ira; Que as Nações rejubilem no teu trilho, Que caiam as prisões à tua passagem. E não detenhas os teus passos, nem guardes a espada, Até que o Amor reine em cada terra jubilosa, E coração se una a coração, e mão se una a mão, E uma voz, como a do mar,
RESPONDA: ‘ESTÁ CONCLUÍDO’, ao comando do Pai, E a Terra, como o Céu, seja LIVRE!”

Há muita sabedoria na máxima de que a mulher maneja a alavanca de Arquimedes, cujo ponto de apoio é a infância, cujo comprimento é o tempo, cujo peso é o mundo, e cujo alcance é a eternidade!

PALESTRA X

UMA REVISÃO:

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DO CASAMENTO

O nosso tema alcançou finalmente uma posição a partir da qual a filosofia da harmonia do casamento se torna o assunto legítimo a tratar. A situação da mulher na civilização atual — a seguir à ignorância do homem quanto aos seus próprios interesses verdadeiros — constitui o maior obstáculo ao progresso da ciência nupcial.

Ao apresentar o esboço que se segue, creio estar a contribuir para a causa da Reforma Universal. As visões razoáveis, justas e saudáveis dos reformadores raramente são compreendidas pelo mundo antes de muitos anos após a sua morte. Por isso, aqueles cuja natureza os qualifica para combater o erro — aqueles que, por impulso interior, sentem-se compelidos a trabalhar pelo bem e pela elevação da nossa raça comum — sofrem frequentemente desnecessariamente. Se, portanto, antes da dissolução física de certos reformadores e figuras públicas, eu puder acrescentar uma palavra que ajude o mundo a compreendê-los de forma mais correta e prática, o meu labor não terá sido em vão, e a recompensa será, por si só, suficiente.

Henry Clarke Wright, natural deste país, ofereceu ao mundo um livro sobre o Casamento e a Paternidade. Como essa obra será, em parte, analisada nas páginas seguintes, passo a apresentar ao leitor algumas impressões sobre as características do seu autor.

As minhas impressões ao observá-lo objetivamente: O seu corpo físico é sólido e bem estruturado; mais muscular do que nervoso; mais vital do que muscular; de grande porte, de constituição quase quadrada, sem desproporções visíveis, e capaz de suportar longos períodos de trabalho árduo. À primeira vista, parece muito mais físico do que mental, e apenas moderadamente dotado de faculdades espirituais. A substância do seu cérebro é sensível e elástica, mas tão firmemente construída que nenhuma influência externa o perturba facilmente nem quebra o seu domínio próprio.

O seu porte é audaz, viril, resoluto, equilibrado e imponente. O seu caminhar é firme e decidido — revelador do seu carácter mais íntimo. No seu rosto vêem-se, de imediato, traços de pai, mãe, irmão e amigo. A sua fisionomia expressa uma profunda capacidade de sentir alegria ou tristeza, bem como coragem moral. A bondade está gravada nos seus lábios; com alguma ironia, sem sarcasmo, e com uma tendência para a crítica direta e o julgamento franco. Por vezes, parece o coração puro de uma “criança crescida”; noutras, assemelha-se a um guerreiro destemido, imperturbável e indomável.

É intenso, entusiástico, decidido no seu propósito. Nenhum esforço de Aníbal, tentando abrir passagem aos seus exércitos pelos Alpes, fundindo as rochas com solventes, foi maior do que o esforço deste homem para vencer a ignorância e combater o sofrimento e os erros da humanidade.

Nunca viste Henry C. Wright? Então ainda te falta ver alguém memorável! Quando fala diante de um público, sobre um tema que sabe ser controverso, assemelha-se a Vulcano na sua forja — mas forjando trovões não para Júpiter, mas para a Justiça. Os seus olhos brilham com uma intensidade que desperta a alma; não olham apenas para ti, mas através de ti — procurando não o que pensas, mas um lugar onde depositar as ideias vitais que borbulham dentro dele. O que tu pensas, para ele, tem importância secundária.

Com o braço e punho direito, dá peso às suas afirmações. E digo “peso” com razão — pois não há, arrisco-me a dizer, um pacifista convicto neste país com punhos mais robustos. Amparado por esse corpo vigoroso e mente decidida, poderia facilmente reduzir um opositor ao silêncio com argumentos “manuais”; e, no entanto, este homem defende a doutrina do “beijo em troca da agressão” — e vive fielmente essa filosofia.

Tem o ar de um Juiz bem-intencionado e consciencioso — por vezes como um velho Magistrado “de olhar severo e barba bem aparada” — sentado em julgamento honesto contra o mundo.

As minhas impressões ao observá-lo socialmente: Possui uma forte capacidade de ternura. Com esta disposição social, sente como uma criança — é afetuoso, sensível,

magoa-se e irrita-se com facilidade; cheio de calor e entusiasmo, embora sem ostentação ou gestos exuberantes. É extremamente recetivo às influências formativas do ambiente doméstico. No entanto, quando observamos a totalidade da sua personalidade, percebemos que a ideia de um “lar fixo” não exerce sobre ele grande atração.

O seu amor fraternal é ativo, amplo e abrangente — deseja incluir muitos. Mas não consegue desfrutar da presença de muitos ao mesmo tempo. A solidão tem, por vezes, um encanto especial para ele; ainda que prefira a companhia de ideias e pensamentos à dos campos ou paisagens.

Não é egoísta, exceto numa interpretação elevada do termo — o seu bem-estar pessoal está ligado ao bem-estar e felicidade dos outros. Enquanto houver um ser humano a gemer sob o jugo da opressão injusta, este homem não encontra conforto nem repouso verdadeiro. De facto, não pode estar fisicamente tranquilo nem mentalmente estagnado — e, ainda assim, parece ser feito precisamente para isso. Mas tem de seguir em frente; descobrir novos caminhos e lugares; não repousa nem nos seis dias, nem sequer no “sétimo dia” de labor — pois sente-se constantemente impelido pela missão de redenção. Tem de visitar alguém para abrir a mente, ou escrever uma carta para derramar o coração, ou então subir a um púlpito e dar voz às suas ideias reformadoras.

Com os amigos íntimos, é comunicativo, terno, atencioso, confiante; mas raramente é totalmente compreendido, mesmo pelos que mais estima. Na presença de inimigos, é franco e firme; mas sente um impulso de reserva, embora raramente ceda a ele. Em relação às pessoas em geral, sente mais simpatia do que amor; mais preocupação pelo seu bem-estar do que se poderia deduzir do seu discurso ou comportamento. Está cheio de sentimento — de impulsos fortes e pensamentos intensos — mas raramente explica bem o seu verdadeiro interesse pelo mundo dos indivíduos. Se o mundo não tiver olhos para ver isso na sua vida e obra, então passará por ele sem que este lhe reconheça o valor recebido.

Enquanto as multidões correm para os anjos registadores, ansiosos por inscrever os seus nomes como “os que amam o Senhor”, este homem, à semelhança de Abou Ben Adhem, diria:

“Rogo-te, então, Que me escrevas como alguém que ama os seus semelhantes.”

Quanto ao Amor-Próprio, já foi dito o suficiente; agora abordemos o Amor Conjugal. O seu amor pela Esposa é profundamente sagrado, poderoso e idealizado. Neste aspeto, é bastante peculiar. Não nasce de um impulso sensual ou de mera atração sexual; é como um raio solar vindo das mais elevadas conceções do seu espírito. Brota e transborda por toda a sua natureza. Não só agita as profundezas do seu ser

mais íntimo, como constitui a força central da sua personalidade, moldando-o como o oleiro modela o barro húmido; ou como o raio solar, ao tocar nas flores, dá origem às cores e fragrâncias que encantam a Terra.

Por causa do sensualismo e da vulgaridade da vida conjugal comum — e das concepções sobre o Amor Conjugal que a maioria dos homens e mulheres absorve a partir de visões semi-bárbaras da relação matrimonial e dos seus propósitos procriativos — ele corre o risco de ser profundamente incompreendido neste campo, e as suas melhores ideias poderão ser esmagadas pela roda da opinião pública, ainda assente numa ignorância profunda sobre as verdadeiras capacidades, necessidades e leis imutáveis da Natureza humana.

Para ele, o elemento conjugal é a fonte central da vida; a essência de toda a mente; o encanto da imortalidade. Se, por desventura, naufragasse numa ilha deserta, fustigado por tempestades selvagens, bastar-lhe-ia estar ao lado da expressão viva deste Amor para sentir-se seguro, firme e capaz de enfrentar qualquer provação. Mas se, por outro lado, sentisse a ausência desse espírito essencial da Vida — se sentisse que, em todo o imenso Universo de Deus, não existe Alguém destinado a oferecer-lhe esse amor pela sua alma sedenta — então, cairia como o carvalho fulminado, entre espinhos e cardos; sem salvação, sem vida, fora do alcance daquela voz que poderia erguer-lhe o espírito à plenitude da masculinidade e restaurar-lhe a coragem natural.

O seu amor conjugal — como encarnação de um Princípio divino — é de uma ternura tão fina quanto intransigente na sua força e determinação. A reverência auto-regulada de Goethe por Bettina é ultrapassada, nesta alma, pela sua veneração abstrata, filosófica e platónica pela instituição do Verdadeiro Casamento. Se houvesse um altar diante do qual se ajoelhar, seria esse. Não ama de cima para baixo, mas de baixo para cima; não com o corpo, mas com a alma. No entanto, uma interpretação materialista poderia julgá-lo mal — e injustamente. Mas toda a verdadeira Reforma do Casamento terá os seus mártires, e é necessário suportar tribulações.

Tão firme, centrado, amplo, resoluto, terno e profundo é este Amor em si, que é provável que lhe atribua um papel de importância primordial e uma influência modeladora no destino de toda a natureza humana. Talvez até exagere esta questão. A utilidade e a necessidade de casamentos verdadeiros e virtuosos — e os terríveis efeitos herdados de ligações falsas e sensuais entre homens e mulheres — ocuparão sempre, inevitavelmente, os seus pensamentos.

Do seu espírito o mundo pode esperar algo como o evangelho do Verdadeiro Casamento; pois a sua alma vive para esta missão. Está suficientemente inspirado por esta concepção da sua importância suprema, da sua sacralidade essencial, e do seu poder formativo, para penetrar, iluminar e demonstrar esta relação encantada —

inspirado o bastante para dar ao mundo a "lei da salvação através do Casamento", e insistir na sua aplicação universal em todas as nações civilizadas. Mas, se conseguirá ou não tornar os seus ensinamentos compreensíveis e praticáveis, dependerá, naturalmente, da sabedoria e adequação das suas faculdades intelectuais e morais à tarefa de expor tais ideias — e não do tema em si.

O Amor Paternal de Henry C. Wright é vasto e ativo; nutre um amor sincero e apaixonado por crianças — sobretudo pela infância em si: pela sua simplicidade, espontaneidade, recetividade e franqueza desarmante. Na companhia de crianças, este homem de grande estatura torna-se ele mesmo como uma criança. Uma criança inspira-lhe a alma. Ama respirar o espírito da infância, pois nele encontra renovação do seu amor por Deus e pela Humanidade.

Oh, como ele as ama! As crianças não o cansam nem o perturbam. Nas suas lágrimas, vê rostos de anjos; olha fundo nos seus olhos, dentro dos seus corações — e vê onde vivem os anjos. O que o Universo seria para o Músico sem música, ou o mundo para o Poeta sem beleza — isso seria o mundo para este Homem sem crianças: frio, estéril, sem Deus, desolado.

Sente vontade de agradecer a Deus pelas crianças. Sentiria vontade de amaldiçoar o mundo, se elas não existissem. Com elas, esquece os grandes poderes que lhe pertencem por natureza; entra nos seus jogos (física e emocionalmente), e elas esquecem que ele é mais velho, maior ou mais sábio. Rapidamente o amam — como companheiro, irmão, amigo. Com toda a alma, deseja ver-se expandido ou representado nas crianças; para ele, uma criança possui um significado quase sobrenatural ou metafísico. Diria, então, que ama as crianças em geral através da sua idealidade, embora nutra especial afeto por algumas mais próximas e confiantes — não como quem ama um animal de estimação, mas sim como quem vê nelas a imagem e semelhança do Homem.

É, por natureza e constituição, um verdadeiro filantropo — um amante do ser humano enquanto tal. De facto, admira e quase venera a imagem do homem; e ainda mais a adora, quando nela vê o seu ideal da “semelhança” divina e celestial. Da sua organização social e da ordem peculiar do seu desenvolvimento, retiro uma única avaliação abrangente: **AMOR** — profundo, sério, modelador.

As minhas impressões ao observá-lo intelectualmente: O seu cérebro, sendo sensível mas firme, confere-lhe um intelecto de valor e segurança acima da média. Apresenta uma independência curiosa face às circunstâncias e aos acontecimentos externos. Intelectualmente, busca dentro de si o alimento para o pensamento.

Mas, em todas as situações da vida, sente algo semelhante a um “Destino” ou “Necessidade”. Compreende com facilidade a relação entre causa e efeito — de

forma tão absoluta que se sente preso a uma cadeia de causalidade — infinita, fixa, eterna. E, no entanto, sente-se livre.

A ciência atrai-o, porque é prática e rica em fatos bem estabelecidos; mas nunca se tornaria propriamente um cientista — pois tem amor em demasia. Assim, a ética, a teologia e as reformas sociais são as que mais o fascinam. O seu ponto forte é o argumento. Mostre-se-lhe a necessidade de algo, e a sua mente elaborará razões convincentes.

Assume posições intelectuais com precisão e cuidado consciencioso; mas depois exprime-as e partilha as suas conclusões pessoais com certa pressa — e denuncia dogmatismos com um tom tão assertivo, que acaba, por vezes, por desconcertar os seus oponentes sem sequer ter intenção disso. Neste aspeto, precisa de mais sabedoria; pois, em vez de convencer pela razão e inspirar os interlocutores com a sensação de que fala a verdade, acaba por despertar o espírito de contradição e levar muitos a contra-argumentar por puro impulso.

Ele não retira os seus argumentos das circunstâncias exteriores do caso, mas sim das exigências urgentes e intransponíveis da sua natureza amorosa, que para ele são como muitas "vozes angélicas" a ressoar no reino interior; ainda assim, recorre frequentemente aos fatos mais simples e familiares para ilustrar os seus pontos. O seu intelecto trabalha com vigilância e diligência ao serviço da alma. Sempre que o afeto apela ao trono da Razão, esta responde com reverência, como se escutasse um "mandamento de Deus", e apressa-se a cumprir as suas condições — ou, no mínimo, deseja ardentemente fazê-lo. Neste aspeto, também Henry C. Wright é singular.

Mas esta obediência intelectual às exigências da sua natureza afetiva está longe de o colocar, enquanto indivíduo, sob o domínio de meros impulsos ou paixões. Ele é disciplinado. O seu intelecto é dominante, e poderia, em qualquer momento, silenciar as necessidades emocionais e as vozes do amor da sua alma; contudo, tal é a sua devoção à simplicidade e verdade da infância, e tão profunda a sua reverência pelo "espírito de Deus manifestado na carne", que não se detém (nem deseja deter-se) a consultar as convenções exteriores, os costumes existentes, quanto à legitimidade intelectual de dar expressão plena ao Amor.

Não é, portanto, um mero racionalista. Diríamos antes que é mais profundo, mais elevado, mais vasto e mais intenso. Esta natureza e o mundo jamais poderão estar de acordo. Ele vive em conflito com as regras do mundo; e este há de chamá-lo excêntrico, há de interpretá-lo mal nos seus aspetos mais essenciais.

A impressão geral que emana da sua constituição intelectual é: **Luz**, ou o desejo profundo de mais conhecimento.

As minhas impressões ao observá-lo moralmente: A forma e o desenvolvimento da sua estrutura moral são marcadamente característicos, e têm afinidades com o modelo de Garrison (William Lloyd Garrison); e, ainda assim, há diferenças notáveis. Em vários aspetos fundamentais, a sua Consciência assemelha-se à de Garrison; mas noutros, a sua individualidade é, se possível, ainda mais vincada e distinta.

Tudo, para ele, tem peso; ele próprio dá-se por inteiro. Nessa Consciência — sem imaginação ou devaneios — vê-se o zelo de um Herói, a coragem de um Chefe, a fidelidade de um Patriarca e, por vezes, a satisfação pessoal de um Santo glorificado. Não teme nada; a sua Vontade é tremenda. Estimulado por essa Consciência imperiosa e autossuficiente, ousa, independentemente de exemplos ou tradições, “trabalhar pela sua própria salvação”, sem temor nem hesitação.

Sendo naturalmente benevolente e altruísta, rejeita qualquer ideia de salvação individualista ou pessoal, seja de que situação for. Está disposto a unir o seu “destino” ao de toda a humanidade; por isso, clama pela salvação universal — ou condenação universal — pois não admite que algumas pessoas sejam escolhidas para um destino e outras para outro. Ele e o mundo devem permanecer ou cair juntos. Sofre pelo mundo — e, nesse sofrimento, compadece-se também de si mesmo.

A sua relação com o mundo tem algo de profundamente religioso e sagrado. Um certo autor exprimiu-o bem: “ainda que haja algo de doloroso, até terrível, em sentir-se envolvido na grande engrenagem da sociedade, que gira sem cessar, esmagando milhares a cada volta, é precisamente nessa relação entre o indivíduo e o todo que ocorre o mais severo e assustador conflito entre Necessidade e Livre Arbítrio; e ali onde há conflito, deveria haver harmonia — e haverá.”

“Afasta da tua alma,” diria Henry C. Wright, “todo o desejo de retaliação, todos os pensamentos de ira, toda a inclinação para vencer (pela força física) ou humilhar o adversário, e estarás certo de que já fizeste muito para abolir forcas, correntes e prisões — mesmo sem teres escrito ou falado uma só palavra sobre o código penal.”

Admoestar-te-ia contra a vingança e a ira. Se visse em ti inclinações para essas paixões indignas, provavelmente perguntaria, com palavras semelhantes às de Volúmnia a Coriolano:

“Achais digno de um homem nobre recordar continuamente as ofensas?”

Falei já das exigências imperiosas que a sua natureza afetiva impõe ao seu intelecto; mas, no seu organismo moral, essas exigências manifestam-se de forma ainda mais profunda e solene. Ama sinceramente a verdade, e sente prazer em partilhar as suas convicções emocionais; e nada — nem a condenação pública, nem o ridículo ou o

escárnio — o poderá impedir de declarar os seus sentimentos.

REFLEXÕES SOBRE O ÚLTIMO LIVRO DE H. C. WRIGHT

Que bênção é encontrar uma mente que mantém uma relação íntima e harmoniosa com o próprio coração! Uma mente assim bebe diretamente das fontes da Vida. A alma ascende, e o intelecto sacia-se. Estas águas da Vida fluem eternamente, e o Entendimento renova-se nelas. Começamos a descobrir, nas almas humanas, fontes de vitalidade inesgotáveis!

De facto, para muitos é uma descoberta recente o facto de o homem possuir um organismo psicológico verdadeiro, vivo e eterno — uma alma que pode ser e fazer, pensar e agir, através dos ciclos infinitos das eternidades sem fim!

O livro de Henry C. Wright sobre “Casamento e Paternidade” — quando estou em sintonia prática com os princípios que nele são defendidos — faz-me pensar no Puro, no Justo, no Verdadeiramente Harmonizado. Na verdade, o conteúdo desta obra modesta assemelha-se ao código da Nova Jerusalém. Quando a Vontade de Deus for feita na Terra como no Céu, então veremos “Nina” e “Ernesto” por toda a parte — o eterno Casamento entre o Amor e a Sabedoria; a união nupcial entre o Calor e a Luz; a perfeita harmonização do Coração com a Mente.

Mas, nas relações sociais atuais, não devemos esperar testemunhar os efeitos devastadores dos casamentos sensualistas? Quantos nascidos dessas uniões estão organicamente condenados a “uma infância ansiosa e sem alegria, uma maturidade nervosa e desconfortável, e uma velhice austera e sem coração”? Nunca viste os olhos de um bebé com uma tristeza tão antiga como se já tivessem chorado muito? Rostos que nos perseguem com um olhar precoce, sério e doloroso?

Sim, esses efeitos das uniões matrimoniais antinaturais estão diante de nós, em todas as comunidades. Não há amor conjugal verdadeiro e sagrado entre os legalmente casados! Não há veneração mútua pelas qualidades físicas e espirituais! Não se vê manifestação divina em nenhum dos dois! O marido não é um homem divino, mas um simples animal; a esposa não é um ser sagrado, mas uma fêmea subordinada àquele que, segundo a Igreja e o Estado, “foi designado para reinar sobre ela”.

Pois bem — com toda a força da sua organização firme e imperiosa — Henry C. Wright rebelou-se corajosamente. Proclama o Evangelho eterno, a saber: “O uso correto do Elemento Reprodutivo no Homem, como meio da sua elevação e felicidade.” A sua vasta e atenta observação da humanidade convenceu-o de que homens e mulheres, casados ou não, são quase universalmente ignorantes nesta área essencial da existência.

Reconhece — e tem a coragem de o declarar — que o uso inadequado ou o desperdício do “Elemento Reprodutivo” conduz à degradação e infelicidade humanas. Considera este Elemento como o “meio designado pelo Céu, não apenas para perpetuar a raça, mas para a refinar, elevar e aperfeiçoar.”

E assim dedica-se a estudar o efeito deste elemento sobre o corpo e a alma quando retido no sistema; expõe o que considera ser o único objetivo natural e legítimo da sua utilização; e demonstra como pode este ser usado para melhorar o carácter humano e a organização pessoal.

Em tudo isto, somos profundamente tocados por uma visão renovada da verdadeira masculinidade e da verdadeira feminilidade — e não há alma que não se sinta elevada, purificada, amadurecida e fortalecida pelo estudo atento dos sentimentos e ideias contidos neste livro tão bem-vindo.

Foi escrito a partir de um estado elevado — uma realização espiritual do verdadeiro Casamento. É, por isso, mais sábio do que o mundo dos homens, dos maridos e dos pais; e também mais casto do que o mundo das mulheres, das esposas e das mães. Os que ainda são jovens, bem como os que já não o são, devem ler este Novo Testamento. Ele desceu diretamente do Deus do Homem; diretamente do Céu da Alma.

O livro está dividido em duas partes. A primeira, o Departamento Fisiológico, em que o autor — baseando-se principalmente nas deduções científicas do Dr. William B. Carpenter — procura introduzir homens e mulheres, pais e mães, aos fatos e princípios reprodutivos da sua existência. A segunda parte é o Departamento do Casamento, onde, com o auxílio de uma correspondência muito direta entre um casal modelo, conjugado em verdadeira união, o autor inculca os fatos e princípios daquilo que considera a verdadeira aliança matrimonial.

Na primeira parte, encontra-se informação suficiente para salvar a mulher do abuso ignorante da sua natureza, e o homem dos excessos e agressões a que, por nascimento e pelos costumes alimentares e sociais, está quase universalmente inclinado. Na segunda parte, encontramos a exposição mais verdadeira, completa e elevada da hipótese de um casamento indissolúvel e eterno. Aqui testemunhamos um fenómeno que não é raro: a mente declarar, com convicção, que os desejos do coração cultivado podem e devem ser infinitamente satisfeitos. De facto, Wright demonstra uma fé profunda na lei de Charles Fourier: “as atrações são proporcionais ao destino” — ou seja, a própria existência de certos desejos espirituais profundos é, por si, uma prova da sua futura realização.

No entanto, o Departamento Fisiológico contém algumas afirmações que não estão solidamente fundadas nos princípios da Natureza. Não iremos rever todas — mas

uma merece destaque: a função da Mulher no processo reprodutivo. É afirmado que a mulher é negativa, passiva; um simples recipiente para os espermatozoides masculinos. Isto pode ser verdade entre os animais, mas o ser humano não é comparável com eles. Esta suposta “lei científica e universal” só se aplica quando a mulher é reduzida às obrigações e liberdades atrozes de uma união legal com o homem — sem Amor. E os frutos de tal união são físicos e animais, concebidos em pecado e gerados em iniquidade.

Na maioria dos casos — talvez em todos os observados por Hipócrates, e confirmados por Boerhaave, Haller e Dr. Carpenter — esta passividade feminina pode ser um facto. Mas existe um casamento mais verdadeiro entre os sexos — já prenunciado por esta obra — em que o elemento feminino, movido por um Amor profundo que só os verdadeiramente casados compreendem, participa activamente no processo de inscrever o selo da Beleza Espiritual e da Divindade no corpo e alma da criança. A essas crianças, concebidas assim, elaboradas assim, acolhidas assim na Vida, depositamos a nossa esperança para os alicerces da grande Era Harmónica do futuro neste mundo.

No Departamento do Casamento, encontro muito que eleva a alma. Os aromas doces da primavera não são mais refrescantes para os sentidos do que estas revelações conjugais para o espírito. As almas devem libertar-se dos laços meramente legais; emancipar-se de todos os convencionalismos; e a divina **Lei da Atração** deve, doravante, reger a alma humana. Aqui, a verdadeira mulher pode encontrar o verdadeiro homem; e o casamento entre ambos é sancionado — ou não — pela lei da afinidade espiritual.

As principais posições defendidas são:

1. Todo o casamento que não se baseie numa atração material e espiritual inerente é nulo e sem validade. Deus une pelo Amor, não pela Lei. Uniões legais sem Amor são imorais.
2. O Casamento por Amor é eterno; nada pode separar os verdadeiramente unidos — são um só em todos os planos da existência.
3. Os dois, assim associados, não podem experimentar atração conjugal por outros; nenhum outro Amor pode ser admitido entre eles.
4. A mulher tem o direito exclusivo de controlar todas as manifestações físicas do Amor; o homem deve estar consagrado ao refinamento e elevação da mulher, à produção e perfeição da sua descendência.
5. A reprodução da espécie humana, e não o prazer, é o único objetivo legítimo para

o qual o elemento sexual — o esperma — pode ser utilizado. O prazer é sempre secundário em relação à reprodução. Esta é um dever; o prazer é como o sabor dos alimentos — tomado em função da manutenção da Vida. O autor parece converter toda a existência numa combinação de deveres solenes e imperiosos, quase ao ponto de destruir a espontaneidade espiritual.

6. Se um homem ou uma mulher, após entrarem na relação de marido e mulher, se aperceberem — por diversos meios — que não representam o Ideal um do outro, então não estão verdadeiramente casados; estão, sim, divorciados; e ambos têm o direito natural de procurar a verdadeira encarnação do seu ideal afetivo.

7. A legislação humana não pode proibir que voltem a casar-se; os homens não têm o direito de controlar arbitrariamente os desejos mais puros e profundos da alma — os direitos e elevações do verdadeiro casamento.

Há ainda outras posições menores, mas deixamo-las à consideração do leitor.

A alma profunda e sincera de Henry C. Wright ergue-se com majestade, dever e individualidade em cada frase. Escreve com o coração. A mente luta para acompanhar — mas guia, com nobreza, as rédeas da paixão. É, inequivocamente, um monogamista. Não acredita em variedade no Amor conjugal. Para ele, o verdadeiro casamento é eterno.

Disse que o seu livro desceu do Céu da Alma. Mas é preciso lembrar que, como lei psicológica, ao passar do interior para o exterior, toda a ideia se enfraquece e turva — o divino é sempre, em parte, obscurecido pelo humano; e isso deixa bastante trabalho por fazer à humanidade, para se aproximar, cada vez mais, dos verdadeiros princípios da Verdade eterna.

Ora, embora a poligamia seja repugnante ao amor conjugal de uma alma bem desenvolvida, não encontramos neste livro nenhuma garantia contra ela. Como poderá a humanidade encontrar os seus companheiros eternos? Onde está essa lei? Não pergunto por mim, Henry; esta questão é colocada por aqueles cujas almas foram despertadas para a importância dos casamentos baseados em Amor absoluto.

Neste último livro, apresentas as leis para regular os verdadeiros unidos; descreves os deveres mútuos e os deveres para com os filhos. Mas onde encontramos a regra que possa impedir, desde já, as uniões erradas?

Opões-te ao sistema do "amor livre" — à antiga doutrina da poligamia — e agradeço-te por isso; mas não ofereces ao mundo um critério concreto para a evitar. Na página 119 dizes:

“Tal como o definimos, o casamento é a fusão real de duas almas distintas, atraídas

uma pela outra por uma força sobre a qual nenhuma delas tem controle, enquanto permanecerem dentro da esfera dessa força de atração... Não se colocaram voluntariamente nessa relação, portanto não se podem retirar dela voluntariamente. Sendo assim, se as condições relativas sob as quais a união foi formada se mantêm, a união também se mantém.”

Mas... essas condições não podem mudar? Respondeste: “Podem, por ignorância ou negligência.” Segue-se, então, que essas pessoas nunca estiveram verdadeiramente casadas.

Isto é, na prática, “amor livre”: os dois separam-se para poder encontrar o seu companheiro ideal. Na página seguinte dizes:

“Se uma das partes deseja a separação, então já não há casamento verdadeiro no coração. Onde há verdadeiro casamento, a experiência universal testemunha o anseio por uma perpetuidade sem fim; e a própria existência desse desejo demonstra, para mim, que a Natureza destinou essa união a ser eterna. A necessidade é natural, e a Natureza não cria nenhuma necessidade sem criar também o seu correspondente suprimento.”

Daqui parece resultar que o teste do verdadeiro casamento se baseia exclusivamente na experiência — como qualquer outro tipo de “conhecimento”. Casamentos legalizados podem parecer perfeitamente adequados a mentes pouco desenvolvidas. Ou os supostos “unidos verdadeiros” podem descobrir, ao fim de trinta ou quarenta anos de convivência, algo repulsivo um no outro. Se essa repulsa for profunda, então já não estarão verdadeiramente casados.

Quem determinará a Lei segundo a qual um homem e uma mulher possam decidir sobre a sua afinidade essencial — ou a sua ausência — independentemente de todos os impulsos ou inclinações enganosas a que todos, mais ou menos, estão sujeitos neste estado rudimentar de desenvolvimento?

No teu próximo livro sobre este tema sublime, Henry, oferece ao mundo um princípio prático, uma prova segura, que não dependa de experiências intermináveis, para que esta questão seja resolvida. A felicidade e a elevação dos sexos assim o exigem; a descendência não poderá ser verdadeiramente melhorada até que as pessoas certas entrem na relação do verdadeiro casamento.

Henry C. Wright é, de forma clara e convicta, um monogamista — acredita fiel e corajosamente num **ÚNICO E VERDADEIRO CASAMENTO PARA A ETERNIDADE**. Contudo, o tema começa a ocupar as mentes em todos os níveis de desenvolvimento, e o debate fundir-se-á com a questão dos Direitos da Mulher — e então surgirá a luta mais desesperada entre o coração e a razão, entre o Amor e a Lei!

O Dr. T. L. Nichols, no seu jornal de 13 de maio de 1854, declarando-se defensor da reforma humana em todos os domínios da vida, apresenta a seguinte crítica à obra em questão:

“Concordamos plenamente com algumas das posições do autor; mas somos obrigados a discordar de outras. Concordamos que o verdadeiro casamento é a união do amor mútuo, que nenhuma lei humana tem o direito de regular ou controlar. Afirmamos o direito supremo da mulher sobre o seu próprio corpo, e especialmente sobre a função da maternidade — o direito de escolher o pai do seu filho.

Mas não verificamos, na nossa observação e experiência, que todo amor verdadeiro seja eterno, ou que exclua todos os outros. Não acreditamos que a monogamia indissolúvel seja a lei invariável da humanidade; nem que a produção de descendência seja o único objetivo do amor consumado.”

“Mr. Wright descobrirá que, por mais bela que esta teoria pareça aos sonhadores sentimentais, não pode ser imposta à humanidade como uma lei. Quem já amou e deixou de amar, tem experiência suficiente para contradizer a eternidade do amor; quem já amou duas pessoas ao mesmo tempo tem prova prática de que, pelo menos uma vez, a teoria monogâmica falha. O mundo está cheio dessas exceções.

Duvidamos que exista algum homem ou mulher, realmente capaz de um amor apaixonado, que o tenha mantido durante toda a vida por um único objeto. Segundo esta teoria da monogamia indissolúvel, todo amor presente prova a falsidade dos amores passados. A infidelidade torna-se impossível. Enquanto um homem ama uma mulher, não pode amar outra; mas se deixou de amar a primeira, está livre para amar outra — ou, melhor, errou ao supor que amava a primeira. Se o amor verdadeiro é, por natureza, eterno, então todos os amores que cessam eram falsos; se o amor verdadeiro é exclusivo, só pode haver um único. Ter dois significa que ambos são falsos.”

“As cartas do livro supostamente foram escritas por um casal modelo — ERNESTO e NINA — unidos num casamento de amor eterno e exclusivo. Se Ernesto sentir qualquer atração por outra mulher, isso prova não só que já não é marido de Nina, mas que nunca o foi verdadeiramente. Se qualquer um deles amar outro, está livre para o fazer — o próprio facto prova que não pertencem um ao outro. Que teoria do ‘amor livre’ é mais livre do que esta? Se o divórcio é simplesmente a cessação do amor, e se o amor verdadeiro não pode cessar, então não existe divórcio possível; um novo amor parece substituir o antigo, mas apenas demonstra que o anterior não existiu. Tais são os absurdos de quem adota teorias em vez de observar os fatos.”

“A teoria de que o objetivo final do amor é apenas a reprodução parece-nos tão infundada e absurda quanto a anterior. Mr. Wright parece hesitar neste ponto, mas

insiste nele com alguma teimosia. Afirmar que os homens mais fortes e enérgicos foram notáveis pela continência. Isso não é verdade nem para indivíduos nem para povos. As nações mais intelectuais e avançadas não são as mais castas; e se analisarmos os homens mais notáveis de qualquer país, cidade ou aldeia, não os encontraremos entre os mais virtuosos neste aspeto. Quase não existe génio cuja reputação neste campo corresponda ao ideal moralista. Embora a moderação seja benéfica para a saúde, pode-se razoavelmente duvidar de que a abstinência total, em qualquer dos sexos, não cause danos. Caso contrário, monges e freiras seriam os seres mais notáveis do mundo, e celibatários e solteironas seriam notoriamente superiores aos casados.”

Ao apresentar ambos os lados do debate matrimonial, podemos estimular a reflexão — e essa reflexão é agora universalmente necessária. É evidente que, neste estágio da experiência humana, a teoria poligâmica (ou “multi-casamento”) responde mais de perto às carências atuais — mas não às necessidades — da humanidade. Contudo, num estado mais avançado de desenvolvimento, a filosofia monogâmica (do “um só casamento”) tornar-se-á predominante; pois cada coração procura o seu verdadeiro complemento, não entre muitos, mas **num só**.

Como está hoje o tema, a descoberta dessa alma correspondente é, infelizmente, **experimental** — e esta, a meu ver, é a grande falha do último livro de Henry C. Wright.

Assim, proponho introduzir uma série de discursos, com o objetivo de promover casamentos verdadeiros — uniões de alma que sejam **congêneres e absolutamente homogêneas** — através da aplicação das leis de harmonia temperamental. Estou certo de que nenhum homem verdadeiramente cultivado, nem mulher verdadeiramente refinada, deixaria de responder positivamente à maioria das proposições de Henry.

A consagração mútua — do homem à mulher, da mulher ao homem — para elevação mútua, para a reprodução e perfeição dos filhos, e, portanto, para a **harmonização final da raça humana**, é uma doutrina gloriosa, belissimamente apresentada por Henry C. Wright. Estou certo de que centenas de mulheres, no mais íntimo de si, lhe agradecerão por defender com tanta nobreza as suas naturezas espirituais ocultas — os seus desejos, as suas atrações conjugais, as suas capacidades de abençoar... e também de amaldiçoar a fraternidade masculina.

Apenas com o apoio de mulheres de espírito nobre poderão os reformadores verdadeiramente influenciar o mundo em direção à PAZ PRÁTICA E À JUSTIÇA DISTRIBUTIVA.

PALESTRA XII

OS USOS E A UNIDADE DO CASAMENTO:

O TRANSITÓRIO E O PERMANENTE

Ó Natureza! Através de ti, a minha alma aprende de Deus — quão belas e saudáveis são as tuas lições. Ó Mãe, a quem a minha alma ama, os teus ensinamentos são o meu deleite. Perante a altura, a profundidade e a largura — e a inefável sublimidade das tuas instruções — dissipam-se todas as dúvidas, dispersam-se todos os medos; a luz, surgindo na escuridão, eleva a minha alma aos céus; a alegria, perseguindo a tristeza; a vida, abrindo o túmulo; e como enviados dos tribunais eternos, as Verdades vêm até mim; removem a pedra do sepulcro da Razão, e os mortos em ignorância ressuscitam para uma vida sem fim.

A Terra desvanece, e os mundos espirituais revelam-se à minha visão com uma beleza e magnificência sagradas. As coisas do tempo, as barreiras do espaço — tornam-se nada. O todo eterno da criação irrompe na percepção da minha alma: é vasto e luminoso; profundo e elevado; grandioso e belo. Com esta manifestação clara e plena, a minha compreensão é renovada. E pela minha alma, rola um oceano de vida; as suas ondas poderosas, em calma majestade, ondulam em redor da cidadela do meu ser mais profundo.

Igrejas, seitas, credos — que pequenos parecem! Quão imenso é Deus — ou melhor, quão onnipresente e onipotente é a VERDADE INTELIGENTE E AMOROSA! É este Deus que eu adoraria na sua imensidão. Por toda a eternidade, eu viveria e aprenderia; receberia e partilharia; absorveria o calor divino do Amor e refletiria a luz celeste da Sabedoria. Sinto-me inspirado com grandiosidade; e, contudo, a minha alma não impõe limites a esse Conhecimento — nem fronteiras à riqueza dessa Sabedoria — que desejo acumular. Mas não para mim apenas — quero enriquecer espiritualmente para os outros. É mais abençoado "dar do que receber", e a minha alma deseja, na sua própria identidade, ser abençoada.

Por isso, ó amada Natureza, sê tu a minha mestra eterna. Revela à minha alma os princípios mais íntimos. Todo o meu entendimento espera, em amor e gratidão, para aprender de ti o que é firme e o que é infinito. Como um presente de Deus tu és — um pulsar do Coração Divino — uma promessa da Alma da Verdade Suprema. Com reverência por essa Verdade, e com um amor profundo e inexprimível por ela, a minha alma anseia ajoelhar-se junto de ti, ó Natureza, desejando acompanhar os teus incontáveis mensageiros até esferas mais luminosas da existência. Embora impaciente por avançar, estou reconciliado com os caminhos imutáveis do Deus da Natureza. Oh, que nada separe o entendimento da minha alma dos teus princípios mais internos — e assim seguirei o meu caminho repleto de alegria... e espalhando

alegria.

A origem do Princípio da Atração — que causa, soleniza e regula a relação conjugal — não é questão mais inútil do que o problema da origem da Divindade. Já demonstrei que o casamento é coextensivo com a vida e a organização — que o funcionamento dessa grande lei se manifesta nos mundos animal, vegetal e mineral; e de forma ainda mais perfeita nos planos humano, espiritual e angélico.

Mas procurar a origem da instituição do casamento levaria a mente, sem proveito algum, a regiões demasiado vastas — a períodos da eternidade passada demasiado remotos — para que a nossa compreensão os alcance. O cristão vê o casamento como algo instituído arbitrariamente no jardim do Éden, após a criação dos sexos. Mas no volume da Natureza lemos que, nos princípios essenciais que regem o universo, o casamento é imutável.

Matéria e mente são eternas; e pelo casamento propagam os mundos que povoam a infinitude. Assim, o cérebro frontal do homem está “casado” com o seu cérebro posterior, e dessa união geram-se todos os pensamentos do ser humano, fixando, com igual certeza, a individualidade da alma.

Das profundezas do seio de mundos ainda por formar, jorrou — eterna na sua fonte original e pura na sua essência — uma corrente suave mas vigorosa. Deste oceano nascente de forças matrimoniais, prolíficas pela virtude da sua mútua impregnação, surgiram sistemas incontáveis, cada um assumindo forma, dimensão e posição conforme o grau de perfeição — em harmonia com os princípios da gravitação ou atração, determinando posições, magnitudes e organizações de acordo com a densidade ou delicadeza dos seus componentes.

Assim, a Fonte universal — a Primavera eterna de todos os princípios — impregnou a matéria inerte com poder de movimento; e, por essa ação, mil criaturas respirantes e imperfeitas despertaram das profundezas oceânicas onde reinava apenas o silêncio.

Esses novos seres, com o tempo, emergiram para as margens próximas, multiplicando-se e distribuindo-se pelos vales já habitados por fetos gigantesco e pinheiros de crescimento perene — vegetação apta a fornecer sustento à nova criação.

E gradualmente, esses animais oriundos do mar, tornando-se menos apegados à fonte que os gerou e atraídos por novos impulsos vindos das florestas e montanhas, alastraram-se até que os desfiladeiros irregulares e os montes escarpados, antes cobertos apenas por vegetação, se viram literalmente invadidos por aquilo que hoje chamamos animais terrestres.

Foi assim que a vida orgânica aquática, em forma de lagarto e de sauriano, saiu originalmente do mar; e, motivada por novas atrações e adotando novos hábitos, começou a animar a crosta terrestre.

E assim voltamos ao alfabeto do casamento, para provar que esta relação não é arbitrária nem meramente sexual. Toda a criação se desenvolveu — e continua a desenvolver-se — através da atividade matrimonial das forças elementares. O movimento manifesta-se como um princípio inseparável de toda a matéria. Este casamento entre matéria e movimento é, por toda a parte, perfeito. E o mundo, recebendo o certificado da união eterna, conjuga causa com efeito — fornecendo vida e animação a todos os departamentos do ser.

Assim surgiram os peixes e vermes, os répteis, as aves e os animais. Primeiro vieram os organismos marinhos; depois, os anfíbios; e por fim, os seres totalmente adaptados à luz solar e aos campos abertos. Os primeiros eram negativos; os segundos, passivos; os últimos, positivos — pois em tudo encontramos uma espécie de trindade.

O universo está atado por um cordão imortal. É uma série infinita de esferas organizadas, tanto materiais como espirituais, ligadas e conectadas por uma cadeia interminável de elos incontáveis.

Nos seus movimentos graciosos e energéticos, os princípios eternos desempenham um papel harmonioso; e o atributo supremo — a sabedoria, contendo em si os elementos femininos e masculinos do ser — une o corpo universal a uma alma divina. A isto chamamos a Harmonia da Natureza — o casamento entre o Princípio da Mente e o Princípio da Matéria. O resultado dessa união é a unidade universal e o sistema, bem como a variedade e a liberdade. Considerando tudo em conjunto, chamamos a isto, em linguagem teológica, Deus — operando sobre um oceano de elementos materiais.

Mas, formulemos como quisermos, tudo se resolve, de forma irresistível, nisto: a dependência mútua da Mente Eterna e da Matéria Eterna, como dois em um só — nenhum pode existir sem a presença sustentadora do outro.

“O quê? Ensinam espiritualismo materialista?” Aqui brota o mistério do profundo sistema da vida humana; que, sendo contemplado com serenidade, suscita esta interrogação: como foram concebidos, desde o início, os planos ou como foram ativadas as leis que, ao operarem sobre uma vasta congregação de mundos inabitados, desenvolveram o corpo humano — esse templo maravilhoso, santuário apto para nutrir, santificar e elevar o espírito humano, que é ele mesmo a concentração de todos os motivos e mistérios?

Antes de se chegar à forma humana — que contém tanto da Divindade — há quase uma série infinita de desdobramentos progressivos, cada um com os olhos voltados para o seu futuro objetivo: a elaboração e desenvolvimento da Alma Humana! Mas, enfim, o mundo humano surge sobre os reinos inferiores; e de imediato se desvela o mais maravilhoso capítulo do “Livro da Vida”.

Tal como há muitas inteligências humanas individualizadas, assim há muitos caminhos a percorrer — todos conduzindo a mundos de vida mais elevados e sagrados. Uma vara misteriosa, chamada Lei da Atração, guia o viajante. É invisível, mas sempre sentida; imutável, mas sempre variável. A sua ação é dupla: dá liberdade, mas é inexorável. Nas suas primeiras manifestações, como já vimos, é mundana e grosseira; mas, nos seus graus mais elevados, é eminentemente espiritual, e arrebatada o espírito rumo à imensidão.

Assim, a mesma lei, ao ascender na escala da existência, conduz o espírito humano às regiões celestiais. Mas, por não compreender a certeza dessa verdade, a mente, nas suas faculdades de conhecimento, torna-se por vezes dolorosamente cética. Então o céu desvanece, a vida imortal parece um sonho, e a alma, como uma criança perdida que não encontra o lar, cai — espiritualmente — sobre a terra. As esperanças, como sombras vazias, vêm e vão, disfarçadas com a roupa da tristeza.

A sabedoria não se desenvolve, e o conhecimento cético vê a terra como a única herança — um túmulo frio e lacrimoso, ávido por engolir tudo o que é belo e desejável na vida. Oh, que trevas de meia-noite! Para muitos, as revelações dos mundos espirituais são apenas poemas efêmeros de mentes férteis; e até estes se dissipam, como fios de seda que não sustentam nada — e, em seu lugar, a alma descrente contempla apenas uma noite interminável de adormecimento mental!

Esse estado angustiante foi descrito por Richard Howitt:

“Misterioso, muitas vezes me parece, Como vim a ser, eu, um ser que sente, Quando, ao longo de miríades de anos passados, Sóis nasceram e se puseram — e eu não vivia.

O indescoberto, o indefinido, Em regiões do coração e da mente; Onde o pensamento nunca voou, Reinos onde o poeta jamais entrou.”

“Ao meditar nisto – para o ouvido, coração, olhos – Parece misterioso que o homem deva morrer, Tão semelhante a Deus, em alma suprema, E, ainda assim, tão efêmero como um sonho.”

A natureza inteligente e cultivada vacila perante uma representação tão assustadora como o esquecimento absoluto; mas a alma rapidamente recupera o seu centro de

gravidade. Uma luz celeste brota espontaneamente, reavivando o brilho juvenil das afeições deprimidas e despertando novas esperanças, voltadas para a realização da unidade nupcial da vida.

E então, por via da intuição, reconhecendo a mundus anima, a alma remete-se a um ponto primordial, quando — das profundezas dessa fonte viva, transportada pela maré das leis onipotentes — a sua essência e inteligência emergiram para uma existência individualizada.

A alma, recuperada da descrença, começa então a reviver a sua própria vida. Sobre uma estrela giratória chamada Terra, movida por esse fluxo incessante de leis invariáveis, inicia-se a jornada da experiência.

Para alguns, é crença religiosa que incontáveis corações angélicos batem em harmonia melódica ao redor do trono radiante da sabedoria; onde, revestido de atributos ao mesmo tempo paternalmente atraentes e majestosa e terrivelmente justos, se encontra o rei onnificente do céu e da terra. A esse soberano, os anjos cantariam eternos Te Deums. Os que creem na preexistência da alma humana afirmam que um dia cada um se lembrará das estranhas e diversas cenas pelas quais passou, desde as mãos do Criador até à Terra.

Mas toda essa especulação nasce do esforço inútil de compreender a origem do ser.

Cansada por tais reflexões vastas e estéreis, oprimida por fardos exteriores e pela solidão, a alma sente uma necessidade interior que se vocaliza e exige a relação conjugal; e o elemento do amor conjugal ousa enviar pensamentos trémulos, procurando expressão através de palavras impotentes — na esperança de que alguma alma afim os ouça e responda — e ora para que lhe seja permitido depositar os seus tesouros mais profundos no seio de uma natureza irmã, alguém que chore com ela, partilhe as feridas e vicissitudes da peregrinação terrena, inspire pensamentos mais belos, e traga à vida uma doçura, plenitude, alegria, força justa e, acima de tudo, um equilíbrio nas atrações, que só os verdadeiramente casados podem sentir e representar.

Deste modo, cada alma cultivada concebe e cria para si um Companheiro Ideal. Esta noiva ou noivo ideal surge muito antes da manifestação exterior. É o resultado de uma necessidade constitucional. Ao contemplar esse Ideal, a alma ganha força e alegria.

Não há, sobre a Terra, um único ser que não tenha já sussurrado, mesmo que involuntariamente, uma prece vinda do centro mais íntimo do coração, para que a alma possa encontrar o ser puro e verdadeiro — o seu par espiritual — em torno de cujo espírito as fibras das afeições mais puras possam entrelaçar-se, com amor e sem

reservas.

Talvez, no casamento convencional, essa necessidade profunda não seja sentida. Talvez as ocupações e os costumes do mundo impeçam a alma de procurar ou encontrar esse par. Talvez essa união perfeita nunca ocorra para todos enquanto estamos na Terra, pois o Ideal pode não ser encontrado. Mas na nossa morada luminosa, para além da sepultura, certamente abraçarás nos teus braços amorosos a noiva ou o noivo ideal — aquele ser afim que procuraste com tanta persistência, que desejaste com tanto fervor, que entronizaste e amaste com tanta ternura nas profundezas mais puras do teu espírito.

OS USOS DO CASAMENTO

Os verdadeiros usos desta relação estão, no presente, sepultados no túmulo do sexualismo. Precisam ser desenterrados... e então, ressuscitados.

Quem tocará o sino de uma nova era? O mundo anseia por uma manifestação prática de novas relações sociais. Há uma Grande Ideia a ser concretizada através da relação conjugal — mas quem a desvelará? Quem a ajustará de modo a extrair os melhores frutos da sua prática?

O princípio do casamento ultrapassa os limites da história humana. Vai mais fundo que o mar, mais largo que as associações familiares, mais alto que as estrelas. Mas tem circulado pelo mundo através de canais escuros. Em quase todas as épocas, teve os seus heróis... e os seus mártires.

Pela liberdade política, milhares deram generosamente o seu sangue — morreram para que uma grande ideia de Liberdade tivesse expressão prática. Mas quem sangrará pela liberdade do amor?

O amor só pode ser livre quando totalmente emancipado da devassidão. O amor nunca será puro até que a Sabedoria levante sobre ele a bandeira da liberdade. Mas os inimigos são poderosos; possuem as grandes correntes da opinião pública onde navegam à vontade os seus navios de guerra; possuem igrejas orgulhosas, com torres e campanários elevados. Ainda assim, tomemos coragem — pois temos os Princípios de uma Natureza superior para proclamar na prática. E embora hoje sejamos poucos, a nossa coragem superará aquela que fundiu as estátuas do Rei Jorge em balas e lançou caixas de chá no porto de Boston!

O Amor precisa ser libertado da teia da Ignorância. Precisa ser elevado, e venerado como o espírito de Deus no Homem! Já existem almas grandiosas suficientes para iniciar essa obra — não para lutar contra os servos do erro, mas para proclamar e

viver um princípio — oferecendo ao mundo aquilo que a América ofereceu às nações: uma imortal Declaração de Independência! Quando escuto com atenção, ouço vozes ocultas de rios de amor, alegrias interiores, música brotando de inúmeros corações — todos despertados pela simples ideia de serem, um dia, emancipados das corrupções do sensualismo e das causas da tristeza.

As concepções populares sobre os USOS do casamento raramente vão além da lida doméstica, nem acima da ordem: "crescei e multiplicai-vos".

Os casamentos populares são contratos civis; uma forma delicada de formar uma parceria para gerir a casa e ter filhos — e que dura enquanto os dois tiverem existência corpórea tangível. As responsabilidades são pesadas — e, ainda assim, quase todos estão dispostos a assumi-las (e mil deveres mais pesados), desde que sejam devidamente recompensados com afeição incansável. Isto é ainda mais verdadeiro para a mulher do que para o homem. Há, e sempre houve, homens que fogem às provas monótonas do matrimónio — mas nunca tiveram por mulheres estima superior à de outros homens.

Entre os muitos homens ilustres que viveram uma vida de chamada "solteirice abençoada", citam-se Newton, Galileu, Miguel Ângelo, Locke, Hume, Pope, Bacon, Voltaire e Cowper. Esses homens julgavam, evidentemente, que os assuntos matrimoniais impedir-lhes-iam o livre exercício dos seus talentos. Temiam, sem dúvida, as provações exteriores do casamento exterior.

O casamento tem três usos fundamentais (todos os benefícios menores estão neles contidos):

1. Desenvolver o poder e a unidade individuais;
2. Ajudar na elevação e perfeição individuais;
3. Perpetuar e harmonizar a raça humana.

Quanto à missão do casamento, muito ainda há a dizer: o verdadeiro casamento é uma relação muito mais divina do que qualquer outra. É interna, sagrada, espiritual, eterna. Não está apenas na base da vida e da alegria — na base de toda a posteridade — mas encontra-se no vestíbulo de toda a virtude e de todo o céu. Não exagero: do trono cerebral do amor espiritual, falo-vos apenas das declarações da Natureza. O casamento exterior e a parentalidade exterior, embora fundamentais para o desenvolvimento da humanidade e para a sua progressiva harmonização, são, em última análise, secundários em relação à missão que o casamento é capaz de cumprir na alma.

Os verdadeiramente casados não são apenas as pessoas mais felizes do mundo, mas

também as mais aptas a avançar para conquistas cada vez mais elevadas. A missão do casamento é mais para a alma do que para o corpo; mais para o desenvolvimento do espírito do que para ambos. Nenhuma mulher é verdadeiramente feliz fora da relação matrimonial; o mesmo se aplica ao homem. Refiro-me aqui ao casamento verdadeiro — baseado na afinidade mental — porque todos são mais felizes fora de uma relação que se baseia apenas no exterior.

A grande tarefa, agora, é: espiritualizar o mundo de modo que apenas os hemisférios certos se unam. Cada indivíduo, considerado em abstração, é uma unidade — um mundo — incluindo em si atributos masculinos e femininos; mas, em termos relativos, cada ser é apenas um hemisfério — meio mundo — ao qual deve unir-se o seu correspondente natural, outro hemisfério, segundo as leis da Natureza, para formar um mundo inteiro de alegria.

A justa união dessas metades afins — homens e mulheres — constitui o único casamento verdadeiro e abençoado. A isto chamamos UNIDADE DO CASAMENTO; a consumação do amor cultivado; ou, a conjugação feliz do Amor com a Sabedoria. Esse é o estado que não admite invasões viciosas: é o reino conjugal do Céu sobre a Terra.

Mas existem casamentos menores. Eles surgem tanto à esquerda como à direita do estado monogâmico. Aí encontramos a “variedade no amor”; e o facto de que a mente facilmente pode confundir todos os tipos de amor, chamando-os todos de “conjugais”, sem outra lei senão a atração não iluminada a regulá-los.

Mostrei que o departamento do Amor no ser humano se divide em SEIS princípios de vida atuantes, distintos entre si; cada um com a sua própria forma de ser e agir. Cada um tem a sua própria atração — e, por isso, procura uma satisfação distinta. Destes seis Amores emanam seis atmosferas diferentes. Cada atmosfera é composta por átomos de formas distintas, com afinidades e manifestações também diferentes. Contudo, essas seis emanções acabam por se misturar e fundir-se numa única atmosfera geral, que envolve o indivíduo como o ar envolve a Terra.

Essa esfera aromática da alma é o que as naturezas sensíveis percebem ao aproximar-se de certas pessoas — sentindo atração ou repulsa, prazer ou desconforto, sem causa aparente. É essa atmosfera que um cão reconhece no rasto do seu dono.

Cada amor tem também uma atmosfera com cor distinta. Este facto, em conjunto com a forma dos átomos, define e marca a individualidade.

E cada tipo de amor gravita para o seu semelhante. As partículas que compõem o Amor-Próprio são angulosas; por isso, sente-se facilmente o espinho do egoísmo. O Amor Parental é composto por átomos mais esféricos; por isso, crianças, cavalos,

gatos e cães sentem a sua presença. Os animais domesticam-se com facilidade sob a influência deste amor. Os estranhos sentem o aroma do Amor Fraternal; a sua atmosfera é mais fina, as suas partículas mais suaves e penetrantes.

Também se pode perceber, em certas pessoas, o tipo de Amor Conjugal que possuem — se é de nível inferior, ou se já atingiu fases mais elevadas. As suas partículas são grosseiras ou refinadas, consoante o crescimento interior do sentimento.

O Amor-Próprio é, por natureza, bigamista — quer sempre “duas porções”; é uma expressão típica do egoísmo. O Amor Parental é poligâmico — deseja múltiplos afetos ou produções. A sua atração inclina-se para muitos filhos, e abraça muitos com mais entusiasmo do que um só. Os Amores Fraternal, Filial e Universal são, por natureza, omnigâmicos — amam uma variedade incontável de objetos e sujeitos. Nas suas simpatias sempre em expansão, abraçam milhões ao mesmo tempo. Chegará uma era gloriosa — e pacífica — quando estes “amores” puderem ter pleno desenvolvimento prático.

Mas o Amor Conjugal, o princípio do casamento, nas suas fases juvenis ou imaturas, abrange todos os anteriores — é bigamista, poligâmico, omnigâmico, inconstante... mas, com a maturidade e desenvolvimento civilizado, surge o poder de amar apenas UM único correspondente.

Quando atinge esse estado, os átomos do Amor Conjugal tornam-se espiralados — a atmosfera feminina entrelaça-se com a masculina; um flui para dentro do ser do outro.

É notável que cada amor tem uma atração oposta. O Amor Parental olha do pai para a filha, e da mãe para o filho. A mulher tende a procurar o homem como amigo; o homem deseja uma mulher com ternura fraterna. De facto, quase todo o amor conjugal começa na amizade. E quão feliz seria se pudéssemos dizer, neste ponto, que o casamento civil nunca decai para além da amizade, rumo aos domínios da animosidade...

Os amores da alma humana são como flores num jardim: cada um com os seus espinhos e fragrâncias. Como a brisa suave do sul, cada um é capaz de “dar e roubar perfumes”; por isso, anseiam constantemente pela reciprocidade. Nenhuma alma encontra plena satisfação sem ela.

A Sabedoria é o anjo da guarda do amor. A Sabedoria é como um para-raios: não tem atmosfera própria, mas atrai luz e calor dos céus. O Conhecimento, também sem atmosfera, é como um armazém: nele a alma regista as experiências externas e as observações da vida.

A manhã, do amanhecer ao meio-dia, é a estação natural para o exercício da Sabedoria e do Conhecimento — ou seja, para ocupações intelectuais e práticas. A tarde (e não a noite) é o período natural para o gozo dos afetos do amor. A noite serve apenas ao descanso físico e espiritual.

Que alegria se espalhará pelo mundo quando as estruturas sociais estiverem alinhadas com as Leis da Natureza! Com a divisão do tempo tal como sugerido acima, o mundo não seria menos rico, mas sim infinitamente mais bom, mais sábio e mais feliz.

CASAMENTOS TRANSITÓRIOS E PERMANENTES

Creio ter demonstrado claramente que o casamento é uma manifestação natural da Lei da Atração. Mas é agora necessário mostrar que todos os casamentos menores são transitórios — embora não menos benéficos ao desenvolvimento progressivo da humanidade.

Existem dois hemisférios nas relações conjugais: Um é o Amor de Sangue (ou físico); O outro, o Amor do Espírito (ou da afinidade). Tal como na Natureza externa encontramos o mais imperfeito nos níveis inferiores, assim também, nas relações internas, existem casamentos progressivos — sendo o mais baixo aquele que se baseia apenas na atração sexual.

Cada casamento é, à sua maneira, puro; diversas manifestações, sim, mas regidas pelo mesmo princípio. Ao observar esses casamentos progressivos, identifico sete formas distintas. E, para seguir fielmente o sistema da Natureza, apresento-as na escala ascendente, começando pela mais baixa.

A ESCALA DO CASAMENTO

1. O Sexual
2. O Circunstancial
3. O Intelectual
4. O Religioso
5. O Espiritual
6. O Celestial
7. O Harmónico

Dentre estas formas de casamento, apenas a sétima — o Harmónico — é absolutamente permanente.

E ainda assim, reconheço que é possível aos casamentos transitórios alcançar a união mais elevada, se ambos os parceiros dirigirem os esforços da vida conjunta em direção ao cume da harmonia mútua. O espiritual é a base do eterno. Deixem que descreva as formas transitórias:

PRIMEIRO: O Casamento Sexual

O casamento sexual é a forma mais baixa de atração entre seres humanos. Já descrevi as suas bases e objetivos, e não encontro melhor termo para os caracterizar do que “extremismo”. Este casamento é inteiramente transitório. O motivo que leva a tal união é físico, finito e perecível. Swedenborg referiu-se a ele como “amor escortatório”, que “busca incessantemente vítimas, agarra-as sem piedade, seduz sem remorso, devora sem horror, e abandona os restos ainda vivos com repulsa”. Este amor é a “luxúria” contra a qual Jesus e Paulo pregaram, e o “homem do pecado” que os shakers modernos evitam ou procuram crucificar em si mesmos.

Todo casamento baseado nesta atração é brutal, egoísta, fictício, inconstante. E ainda assim, quatro em cada dez uniões no mundo civilizado — pelo menos do lado masculino — têm origem exclusivamente em impulsos libidinosos. Esse amor inverte-se rapidamente: rejeita o objeto do seu desejo logo após a satisfação. Alterna entre bigamia, poligamia e omnigamia; acredita no “amor livre”, em relações passageiras entre os sexos, e equipara intercâmbio promíscuo à “liberdade das afeições”.

Mas a Natureza é clara: o libertinismo jamais pode abençoar ou libertar o amor conjugal. O amor conjugal deveria dominar os impulsos inferiores e unir-se à sabedoria num vínculo eterno. O pecado não pode casar-se. O pecado pode coabitar com o pecado, e reproduzir a sua própria imagem; mas não há casamento entre dois desejos escortatórios, pois nada neles é curativo ou saudável.

SEGUNDO: O Casamento Circunstancial

Também transitório, porque fundado em motivos externos. Muitas vezes, as atrações de natureza fraterna são confundidas com amor conjugal, e assim acontece que “amigos” casam, e vivem razoavelmente contentes e felizes. Mas, em certos momentos — quando a alma se eleva às torres espirituais da contemplação — surge um sentimento de insatisfação, e com ele, uma voz que sussurra a promessa de relações de amor mais profundas e elevadas.

Porém, é talvez uma bênção que a alma, frequentemente, se salve de perceber com

demasiada força a falsidade do casamento em que está, descendo das alturas do pensamento à planura da experiência comum. É preferível casar-se por amizade profunda do que por atração sexual; embora, em ambos os casos, o desenvolvimento da alma fique limitado, e os filhos, em geral, sejam espiritualmente menos desenvolvidos.

O casamento circunstancial é o casamento predominante da nossa época — resultado das injustiças sofridas pela mulher, das limitações do homem, e de uma estrutura social deformada. Homens e mulheres casam-se para alcançar riqueza, estabilidade ou liberdade doméstica; por razões físicas ou sociais externas — mas o grande princípio do casamento é ignorado, e as consequências estão visíveis por toda a parte, gravadas nos filhos e na sociedade.

TERCEIRO: O Casamento Intelectual

É a união de dois seres através da apreciação intelectual. Certos temperamentos e estruturas mentais só se sentem atraídos pelo sexo oposto por meio do conhecimento. É um amor que passa pela mente — mas que nunca satisfaz plenamente a alma. A admiração intelectual não é verdadeira atração conjugal; mas centenas de pessoas, na sociedade civil, vivem casadas apenas assim. O resultado: respeitam-se mutuamente e, com base numa atração fraterna, toleram-se no exercício dos direitos do casamento. Mas são como o casamento de dois raios solares — luz sem calor.

Napoleão viveu esta relação quando rejeitou Josefina, que lhe era mentalmente superior, por outra menos dotada. Este casamento é a doutrina de Platão — é a ciência do amor, não o amor em si. É casto por repressão, não pela liberdade de uma pureza interior e inconsciente. É um platonismo prático — ensinando que o sexo é universal e não local; que a castidade é uma virtude não de lugar, mas de essência.

Foi dito de Swedenborg que ele “exagerou o tema do casamento” e, embora visse falsos casamentos na Terra, “idealizou uma escolha mais sábia no Céu”. Para o intelectualista, no entanto, essa “escolha sábia” parece uma forma de escravidão espiritual. Diz-se que, nas almas progressivas, todos os amores e amizades são momentâneos:

“Amas-me? — significa: vês a mesma verdade? Se sim, somos felizes com a mesma felicidade. Mas, assim que um de nós alcança uma nova verdade — divorciamo-nos. E nenhuma força natural pode manter-nos unidos.”

Tal é o destino do casamento intelectual — não necessariamente, mas provavelmente, no curso do progresso. Por isso o chamo de casto, mas sem amor; respeitoso e civilizado, mas desfavorável à harmonia individual, e ainda mais à geração de filhos saudáveis e belos.

QUARTO: O Casamento Religioso

É a união por dever. Muitos homens e mulheres, por obediência a teorias religiosas sobre o matrimônio, foram falsos a Deus e à Natureza. Casam-se sem amor, porque assim são ordenados. Acreditam que Deus criou o macho e a fêmea apenas para manter a espécie.

Mas é evidente que um casamento sem atração conjugal verdadeira é uma prostituição legalizada — uma ofensa aos grandes princípios de integridade que sustentam o universo. Sem obediência a esses princípios, o homem não pode ser bom, nem sábio, nem feliz.

As leis hebraicas do casamento são profundamente errôneas e corruptoras. Elas permitem o casamento sem amor como um dever religioso. No capítulo 25 do Deuteronômio lemos:

“Se dois irmãos morarem juntos, e um deles morrer sem filhos, a esposa do falecido não se casará com um estranho, mas o irmão do defunto tomá-la por mulher, e cumprirá o dever de cunhado.”

Aqui se sanciona o “casamento sexual”, sem consideração pela alma, nem pelos seus desejos mais santos. E se a viúva amar um estranho? Deverá, religiosamente, crucificar o anjo da sua natureza, e unir-se, por dever, ao cunhado.

Que filhos nascerão de tal união desértica e forçada? Serão frutos do amor? Ou, pelo contrário, “filhos do pecado”? Se Deus é Amor, então só os filhos do Amor são filhos de Deus. E os filhos do casamento religioso, como tantas vezes vemos, são profundamente tristes, infelizes, ou propensos aos desvios descritos anteriormente.

QUINTO: O Casamento Espiritual

Este é o primeiro que promete permanência e progresso.

No segundo volume da *Harmonia* encontra-se uma descrição completa desta união. Cada alma nasce casada — ou seja, cada uma tem um contraparte espiritual. Mas esse par não é predestinado. Não existe uma lei fixa que determine que determinado homem acabará por se unir eternamente a determinada mulher. O casamento, como todas as relações, é progressivo — e pode passar por várias etapas de disciplina antes que os verdadeiros correspondentes se encontrem... para nunca mais se separarem.

O casamento espiritual é a mais elevada das relações humanas. Baseia-se na atração mental, não física; nasce da afinidade de pensamento, e traz à alma lar, harmonia e repouso. Os espiritualmente casados não estão necessariamente unidos eternamente — é apenas uma expressão mais elevada de um princípio eterno. Mas é perfeitamente

possível que, vivendo um para o desenvolvimento do outro, esse casamento transitório se torne permanente e indissolúvel.

É igualmente possível que esses unidos se separem sem mágoa, encontrando-se no futuro apenas como amigos. Se o casal progride em conjunto, ajudando-se mutuamente na subida pela montanha do crescimento espiritual, a união permanente será o seu coroamento natural. Mas se um deles insiste em permanecer apenas nos planos do casamento sexual, circunstancial, intelectual ou religioso, a Natureza apresenta rapidamente o seu "Auto de Divórcio", declarando a relação como fictícia, falsa, nula e sem efeito.

SEXTO: O Casamento Celestial

É a conjugação do Amor com a Sabedoria. Superior ao casamento espiritual, porque é mais do que afinidade ou harmonia de atração. A harmonia não é o selo do casamento eterno — é apenas a evidência de que essa união é possível. Por isso, vejo na harmonia a promessa escrita de Deus-Natureza: de que, com cultura mútua e avanço recíproco, o casamento permanente pode ser alcançado pelos amantes espirituais.

O Amor, Símbolo da Eternidade

Diz-se que o amor é o símbolo da eternidade. Ele confunde todas as noções de tempo: apaga da memória a ideia de um começo e afasta o temor de um fim. Imaginamos que sempre amámos o objeto da nossa afeição, tão difícil é conceber como poderíamos ter vivido sem ele.

Por vezes, nos casais espiritualmente unidos, pode dizer-se que os gostos não são os mesmos, que as opiniões raramente coincidem, que as inclinações externas raramente se entrelaçam — e, no entanto, no centro de cada alma habitam mistérios afins, oriundos de uma mesma fonte divina. Existe entre eles uma semelhança secreta, por assim dizer, que atesta uma mesma essência — embora modificada pelas circunstâncias exteriores.

O Casamento Celestial está acima das relações transitórias baseadas apenas na harmonia. Esta relação não é tanto o casamento entre Amor e Sabedoria, mas sim a harmonia entre impulso e inteligência — e revela com ainda mais clareza o que é possível alcançar.

As almas elevadas reconhecem intuitivamente a possibilidade de conquistar um casamento permanente. Já afirmei que o “casamento espiritual” é a mais elevada relação humana — e mantenho: pois é o vestíbulo a partir do qual a alma contempla as possibilidades infinitas do futuro. Quanto à união celestial, não nego a sua

percepção consciente na Terra. Pelo contrário: a alma estende os seus anseios infinitos, e sente o fluir dos acontecimentos por vir, mesmo de épocas ainda não nascidas.

Os espiritualmente casados são verdadeiros representantes de um princípio eterno. Superaram o egoísmo isolado da vida doméstica, fecharam a alma aos encantos da convenção, e não menos ao murmúrio constante do “o que dirão?”. Trazem no peito as estrelas da Legião de Honra — e, unidos pelas fibras de um princípio eterno, abrem a visão às realidades imortais, até que a eletricidade da Verdade, numa só chama contínua, ilumina o caminho em espiral que conduz do casamento espiritual até ao cume sublime onde Amor e Sabedoria se conjugam eternamente, e o universo de harmonias nupciais ressoa como um mar de música eólia!

Esta relação celestial não está além da capacidade humana de apreciação, repito — e o desejo por ela é já, por si, uma prova interior de que será um dia alcançada.

SÉTIMO: O Casamento Harmónico

Como já afirmei, o Casamento Harmónico é a união absolutamente permanente. A palavra “harmónico” contém em si todas as formas anteriores de desenvolvimento e coroa-as com um significado celeste. O “casamento espiritual” baseia-se na harmonia de atrações entre duas almas, mas não implica, necessariamente, uma união eterna. O “casamento celestial” é a harmonia entre amor e sabedoria, mas também não garante uma unidade indissolúvel.

Já o Casamento Harmónico é mais do que a harmonia de atrações externas, mais do que a harmonia entre amor e sabedoria: É a fusão absoluta de duas almas, de tal forma que nenhuma influência externa pode dominar ou corromper a atração interior. Esta relação é acessível a todos os que estão, ou que venham a estar, espiritualmente unidos. Todos, portanto, têm um trabalho a fazer!

Diz-se que o “verdadeiro amor” é o impulso da vontade para o Bem, e a atração da inteligência para a Verdade. Se assim é, então o Amor, a Vontade e a Sabedoria devem agir em conjunto.

Se queremos amar o Bem, devemos amar o Homem. Mas nenhum homem pode amar verdadeiramente, creio eu, sem uma esposa verdadeira; E nenhuma mulher pode amar verdadeiramente, sem um esposo verdadeiro. Cada um é o messias do outro.

Amar é trabalhar pelo desenvolvimento físico e espiritual daquele que amamos; É ajudar-se mutuamente... para sempre. Fora desta relação, para os temperamentos sensíveis, não há verdadeira religião. Nos casamentos transitórios, vê-se um estranho misto de crueldade e ternura, mas não há repouso, nem adoração.

Swedenborg estava, sem dúvida, iluminado quando contemplou a beleza sublime dos verdadeiramente e permanentemente unidos: Eles surgem mais belos, mais etéreos, envolvidos numa atmosfera de pureza e amor perfeccionador.

“Embora ele tenha visto que as virgens no céu eram belas, as esposas eram incomparavelmente mais belas, e tornavam-se cada vez mais belas com o tempo.”

Esta superioridade do estado matrimonial em relação ao solteiro é tão natural como uma flor o é em relação à sua semente.

Versos sobre o Casamento Harmónico

(De J. Stanley)

“Ó doce, vibrante chama sentida, Que funde em um as nossas vidas; Ó santo Amor!
Em ti começa O Céu na Terra — com certeza!

“E terá fim tal união? Esta chama extinguir-se-á, então? Ou as nossas almas gêmeas,
unidas, Fundir-se-ão por eras infinitas?

“Ó pensamento glorioso! esperança abençoada! Ó plano sábio — maravilha
encantada! A ideia é vasta demais para o homem alcançar, A esperança é funda
demais para a mente sondar!

“Então, ó alma minha, sossega e contenta-te: Nem a morte vos poderá separar, Pois
almas afins, uma vez entrelaçadas, Vivem num só grande coração a pulsar!”

OS DIFERENTES TIPOS DE ATRAÇÃO DOS DIFERENTES TEMPERAMENTOS

COMO EVITAR A UNIÃO TRANSITÓRIA

E ASSEGURAR O CASAMENTO PERMANENTE

A doutrina dos “temperamentos” não tem origem moderna. Os filósofos antigos e os astrólogos obscuros estavam consideravelmente familiarizados com a existência de diferentes combinações materiais na organização do homem, que lhe moldavam mais ou menos a disposição e determinavam o poder. Diversos médicos Caldeus, Egípcios e Gregos deixaram ao mundo as suas observações e experimentos sobre a natureza humana relativos ao temperamento. Já a descoberta e a afirmação da importância prática dos “temperamentos,” é inteiramente de data moderna.

Com um encanto quase inefável reconhecemos nós o século XIX como estando em

dívida e obrigação para com Gall, Spurzhiem, e Combe, assim como Fowler e diversos outros industriais eruditos da sua escola, não só por exercerem as suas energias Sansonianas na chacina de poderosos erros e superstições tacanhas, mas mais especialmente, pela apresentação prática de “Fatos” que revolucionaram o mundo, associados aos próprios Princípios imutáveis da Natureza. A doutrina dos Temperamentos constitui um ramo legítimo da fisiologia. Contudo, parece-me a mim, não existe tal possibilidade já que a sua separação da psicologia, ou frenologia — a ciência e o estudo da mente.

Todos os observadores da natureza humana percebem as requintadamente diminutas e incontáveis relações que subsistem entre o corpo e a alma. E é visto que devemos estudar a forma e o tamanho do corpo abaixo, assim como a forma e o tamanho da cabeça acima para descobrirmos o verdadeiro carácter e poder do princípio de outra forma invisível e oculto, que constitui o ser humano vivo. A mente é manifestamente influenciada, e moldada de forma incipiente pelas diversas combinações da matéria no organismo envolvente. Podemos em verdade dizer que o corpo constitui uma expressão externa da mente interna - que se influenciam mutuamente, dependem mutuamente um do outro, e se expressam um ao outro

A filosofia dos temperamentos é saudável e magnificamente prática. A título de definição diria que o temperamento constitui a FORMA da atração mental. As atrações do Amor e do Intelecto e da Sabedoria expressam-se somente através do Temperamento. Em resumo, sem os temperamentos, a alma seria inexpressiva. Lembrar-se-ão da nossa proposição, de que os princípios essenciais de todas as almas são os mesmos; não existe diferença intrínseca, radical, entre os homens; de que a Natureza é justa, democrática, imparcial com os seus filhos.

Como poderemos, pois, explicar as inúmeras variedades existentes entre os habitantes terrenos? Tal questão respondi assim: existem duas causas capazes de explicar as dissimilitudes humanas — primeiro, uma desproporção na quantidade da essência espiritual nos homens — segundo, diferentes arranjos ou combinações dos mesmos átomos componentes, que produz aquilo que designo por “diferentes Temperamentos.”

De acordo com o arranjo ou relação desses temperamentos uns com os outros no homem, a mente procederá à suas manifestações. Por auxílio da comparação, poderão ver que o Temperamento determina a forma da expressão do princípio plástico mental — tal como o motor corrige e dá forma de ação do poder do vapor interior. Mas é uma excelente boa-nova que essas formas de expressão estejam sujeitas à modificação pelo cultivo ou hábito da mente

Esses temperamentos eram designados pelos antigos como "Humores" e eram divididos em *secos* e *húmidos*. Alguns atribuíam teologicamente a sua existência ao

predomínio da influência espiritual, boa ou má, de acordo com o carácter do indivíduo; outros, menos supersticiosos e mais metafísicos consideravam-nos astrologicamente — as diferentes estrelas nos céus, em diferentes conjunções por altura do nascimento de um mortal, produziam e fatalmente fixavam as diferenças das disposições e destinos humanos.

Aristóteles, um ótimo estudante da Natureza, ensinou a existência de quatro "humores" no corpo. Cada um, dizia ele, era provido de uma sede central de governo orgânico;

PRIMEIRO, O **COLÉRICO** - LOCALIZADO NO FÍGADO:

SEGUNDO, O **MELANCÓLICO** - CENTRADO NO BAÇO.

TERCEIRO, O **FLEUMÁTICO** - QUE TEM O SEU LUGAR NA CABEÇA.

QUARTO, O **SANGUÍNEO** - COM SEDE NO CORAÇÃO.

Os frenologistas modernos parecem ter seguido até um ponto indefensável, as justificações e classificações dos antigos. Os temperamentos, dizem eles, "denotam certos estados ou condições do corpo; ou a relativa atividade de classes particulares de órgãos corporais." Conquanto limitados nisso, ainda assim prestarem um inefável serviço à humanidade - ao assinalarem praticamente a dependência que a mente tem do temperamento; ao mostrarem, filosoficamente como e quando a alma perde ou ganha um pureza e poder. Mas o programa nervoso, bilioso, sanguíneo e linfático dos temperamentos tem um odor próprio irresistível que lembra um dos temas da Astrologia — dos dias em que os "humores" e os "Vapores" eram sugeridos por Aristóteles — quando a doutrina da influência demoníaca era aceite como evangelho da verdade pelos grandes intelectos.

Porém, não digo isto em tom de depreciação com relação ao desenvolvimento das modernas escolas de frenologia (século XIX, evidentemente). Antes pelo contrário, a grande importância está em que todas as investigações humanas têm um certo paralelismo ou semelhança ao longo de todas as eras do mundo - que implica a identidade de todos os princípios; e que indicam não menos o progresso que o homem faz na "Ciência da Explicação" - à medida que ele passa para os planos Teológico e Metafísico para os planos Científicos do desenvolvimento mental e descoberta.

A mente humana aborda a verdadeira região das causas naturais (de todos os efeitos visíveis) muito gradualmente, tal como uma criança progride rumo à maturidade. por essa ser a ordem imutável da Natureza — a sensação antes do pensar; rastejar antes de caminhar; chorar antes de desenvolver a linguagem; a blasfêmia antes da cultura;

a superstição antes da observação intelectual; e a experiência antes da Sabedoria. Não reclamamos, pois, quando descobrirmos, nas classificações das modernas escolas, as peugadas do erro passado, e os vestígios da imperfeição oriental.

Em virtude de cuidadosas pesquisas interiores, descobri justamente a existência, entre os homens, de sete Temperamentos individuais radicais. Passo a descreve-los conforme eles ocorrem na sua ordem natural - começando pela base, como uma árvore cresce, melhorando à medida que avança. O leitor começará, pois, a escala ao contrário do costume, por baixo, que, na natureza representa a ordem do crescimento - o inferior e o mais baixo primeiro.

7 - O HARMÓNICO

6 - O MENTAL

5 - O MENTAL

4 - O MUSCULADO

3 - O MOTOR

2 - O SENSITIVO

1 - O NUTRITIVO

As diferentes atrações dos diferentes temperamentos são estudos importantes - mais especificamente, quando vistos em ligação com o casamento e a consequente linhagem humana.

Primeiro - O **TEMPERAMENTO NUTRITIVO** é o primeiro e o mais baixo. Toda a vida orgânica tem início e é elaborada através desse temperamento. O coração, com os seus apêndices multiformes, é o primeiro órgão formado na economia animal. Daí procedem as inúmeras artérias e as veias; procedendo desse órgão até às diminutas ramificações da circunferência. Por meio desse canal é transmitida matéria apropriada; e com a bela precisão da atração, depositada aqui e ali para a realização do corpo.

Além disso, o temperamento Nutritivo superintende o subsequente desenvolvimento de todos os órgãos - cuidadosa e carinhosamente, qual parente do amor, fornecendo-lhes os meios apropriados de crescimento e perfeição. Por isso, este temperamento repousa e abarca todos os órgãos internos - coração, pulmões, baço, fígado, rins, doto o aparelho digestivo, e todas as funções da vitalidade. A interminável cadeia dos processos vitais - cujos elos se traduzem pela absorção, secreção, digestão, respiração e reprodução - encontram-se graciosamente suspensos no pescoço desse

temperamento. Todo tipo de peixe, certos animais inferiores, em especial a preguiça, e certos seres humanos, representam uma ilustração.

Segundo - O **TEMPERAMENTO SENSITIVO** vem a seguir na economia animal. Não pode haver formação independente sem sensação. Nós suprimos os nossos órgãos com alimento somente por sentirmos a sensação da fome. Imediatamente após a formação do coração, passa a existir um sistema nervoso; o qual tem início na circunferência e avança rumo ao centro; e torna-se a estrutura e base do temperamento Sensitivo. Concede sensibilidade às várias partes do corpo; e torna essas partes individuais e discriminatórias. Por exemplo: o olho tem uma sensação, o ouvido uma outra, a língua uma outra, e assim por diante em relação a todos os órgãos internos - de acordo com o que, cada parte e órgão tem as suas próprias necessidades individualizadas, atrações, e suprimentos.

O temperamento Sensitivo acha-se, pois, baseado e abrange todo o sistema nervoso; sistema esse que é composto de cérebro, nervos cranianos, espinal medula, nervos espinais, e nervos simpáticos. Esses, todos, constituem fios telegráficos no organismo - que conduzem o princípio de vida do cérebro a todas as partes do organismo, e os resultados, portanto, de volta, fielmente e na perfeição, como os funcionamentos recíprocos do amor e da sabedoria na constituição da Natureza.

Terceiro - O **TEMPERAMENTO MOTOR** vem a seguir. Tão logo a sensação é organizada e as suas funções estabelecidas, então manifestam-se os agentes do movimento e do poder. Esses agentes fazem a sua aparição na forma, e com o título de ossos, tendões, ligamentos, membranas, e uma variedade de ligações menores. Em diversos animais da floresta esse temperamento prepondera sobre o nutritivo e sensitivo. Por exemplo, vejam o antílope, a zebra, a rena e o galgo doméstico.

Quarto - O **TEMPERAMENTO MUSCULADO** aparece a seguir na escala. Os músculos não constituem os agentes legítimos e exclusivos do movimento como os filósofos supuseram. Por um certo efeito nunca ser visto separado de uma certa causa, não se torna por isso legítimo concluir que a causa seja levada a produzir esse efeito apenas; por a causa poder conter certas propriedades que outras, não tão facilmente determinadas. Desse modo, o sistema muscular de um homem - que informa a mente que o move.

Os ossos constituem a armação do templo humano; mas os músculos, igualmente madeiros na habitação, são muito diferentes dos anteriores nas propriedades e função. Existem no homem duzentos e quarenta e oito ossos; e mais de quatrocentos músculos. Músculos macho e fêmea, ou positivos e negativos são vistos por toda a parte. Primeiro, aqueles mais próximos da superfície; segundo, aqueles mais perto dos ossos. Os médicos designam-nos como "superficiais" e os "profundamente entranhados." Muitos quadrúpedes possuem esse temperamento mais forte do que o

nutritivo, sensitivo ou motor.

Por exemplo: vejam o touro entre cães, e o touro entre as vacas, o boi, o tigre, a pantera, a hiena, o urso, o elefante e o leão. O leão mostra a sua preponderância na largura e na altura dos ombros, no rugido da sua voz; e não menos no poder prodigioso exercita ele tão facilmente noutros ocupantes do deserto e nas montanhas.

Quinto - O **TEMPERAMENTO MENTAL** vem a seguir na escala. Constitui temperamento comum tanto nos animais como no homem. Descende do cérebro e por isso pertence-lhe em exclusivo. O cérebro possui dois departamentos. A porção maior, o cérebro propriamente dito, é composto pela matéria esbranquiçada; e a parte menor, o cerebelo, dotado e de uma matéria acinzentada; o todo possui uma margem de um material de cor diferente. É um composto de diversos elementos; repleto de glândulas, ou centros galvânicos infinitesimais. internamente, é fibroso e nervoso; externamente, macio e gelatinoso. É enviado mais do que sete vezes sangue para o cérebro do que para qualquer outra porção do sistema.

O Cérebro humano representa ao mesmo tempo o mistério e o mestre do mundo. Constitui um excelente magneto - ao atrair sem pensar a vida circundante do próprio globo - uma fábrica, por assim dizer, onde é produzida e individualizada a sensação, o pensamento, o movimento, a memória; tudo quanto na natureza do homem é simples, belo, complicado e sublime.

Sexto - O **TEMPERAMENTO ESPIRITUAL** vem a seguir. Afastamo-nos agora do mundo animal e voltamo-nos somente para o humano. O cérebro é agora visto em três departamentos. Por trás fica o império do Amor; o Conhecimento reina em frente; entre eles e acima deles situa-se a Sabedoria. Este temperamento separa o mundo humano do mundo animal. Podemos descobrir, entre os animais, o temperamento Mental - quer dizer, as faculdades do conhecimento; mas as faculdades da Sabedoria, o temperamento espiritual, pertence unicamente ao homem. Alia-o ao mundo angélico sublime - testifica de forma inconfundível a existência desse temperamento. É discreto e interno; constitui a última coroação da mente, daí que raramente se manifeste na sua pureza. Contudo, vive e opera, mais ou menos de forma visível, em todos os homens.

Por exemplo: O homem, no seu conforto e na sua ostentação física esteve certa vez muito abaixo do urso polar. Enquanto vivia frio e nu, o urso achava-se envolto em vestes ricas e quentes de pelo. Mas o homem, ouvindo as incitações do seu temperamento latente, não só se vestiu no luxo, como construir grandiosas e belas mansões. O urso permanece, em tudo, exatamente onde estava no começo; mas o Homem! Quem poderá computar os multiformes degraus do seu progresso passado?

Esse temperamento confere elevação e dignidade, amor e aperfeiçoamento e

refinamento, atrações no sentido da poesia, música e da religião espiritual. Nas suas primeiras manifestações, sugere anseios por esplendores externos - belas casas e mobílias, motivos de prazer, pinturas ornamentais, elegâncias da moda e modos refinados. À medida que as influências desse temperamento se desdobram e se dispersam pelo exterior, passa a admirar o Belo na Natureza - paisagens, cascatas, flores, montanhas, oceanos; e encantos no testemunho de ventos soltos.

É esse temperamento que traça a linha de demarcação entre o reino humano e todos os mundos abaixo. Em vão poderemos procurar entre as inúmeras gerações de hienas por um Homero, ou um Patrick Henry. Ursos ricamente vestidos muito antes do homem no mundo, não podem dizer respeito a um Lord Byron, ou a um Burns democrata. Tampouco pode a família das vacas remeter-nos a um Correggio, a um Casanova ou a um Chalmers. Pensamento sublime e expressão suave, por todo o vasto mundo, indicam o temperamento espiritual. Porém, nesta era é particularmente exibido nos requintes físicos da arte - em todos os atos de cortesia, que distinguem o homem culto dos animais e dos habitantes do mundo inferior.

Sétimo - O **TEMPERAMENTO HARMONIOSO**, o mais elevado na escala, é visto no equilíbrio, no acordo, entre as funções subordinadas e as faculdades mentais. Nisto encontramos todos os temperamentos igualmente misturados; e progressivamente elevados pela ordem de desenvolvimento. É concreto - um compêndio - o florescimento! Porquanto a harmonia permanente o Amor, a Vontade e a Sabedoria - por a senda da verdadeira grandeza e de uma felicidade acima do mundo - por o verdadeiro génio e consistência de carácter - esse temperamento, na devida relação com todos os seus predecessores, devia ser firme e energeticamente buscado.

Que não suponham que o temperamento harmonioso seja inteiramente confinado à mentalidade harmoniosa. Antes pelo contrário, significa um equilíbrio entre corpo e alma - tornar o indivíduo tão musical quanto uma harpa divina, a sua vida numa melodia de uma terra dourada - um equilíbrio ou unidade, entre os elementos do amor e os atributos da Sabedoria: abranger todas as excelências ascendentes e expansivas dos temperamentos que o precedem na escala da natureza.

Concluí a descrição geral. Observarão a existência de sete Temperamentos radicais comuns a todos. Entre todas as raças os seis são, mais ou menos, exibidos no carácter e hábitos. O sétimo é raro, se é que alguma vez é perfeitamente visto: é um temperamento do futuro neste mundo. Contudo, em diferentes eras, observamos vez por outra, aproximações a essa condição superior. Esses sete Temperamentos radicais ou absolutos são suscetíveis de cinco mil e quarenta diferentes, combinações separadas. Essas mudanças, conforme vocês as percebem, não incluem modificações: somente o número de diferentes posições, que os temperamentos podem ser levados a

assumir em relação uns aos outros. Existem, portanto, cinco mil e quarenta temperamentos distintos individuais no mundo.

Deixem que a ideia agora se aloje firmemente que a lei da sexualidade, do macho e fêmea, permeia e regula todos esses temperamentos. Que se querará dizer com isto?

Resposta: Que o mesmo temperamento é diferentemente tonificado no sexo oposto.

Exemplo: Um temperamento musculado é positivo num homem, mas negativo numa mulher.

Que se quer dizer com positivo e negativo? Querer-se-á dizer que o positivo seja mais forte do que o negativo?

Não; esses termos são usados a fim de expressar a diferença na mania, não no grau, do poder. Exemplo: não se pode dizer que um lado do coração seja superior em força ao outro; contudo um é positivo, o outro negativo - ou seja, igual no poder, porém, diferente no tipo de influência que um exerce no outro. Todas as leis possuem três ações - a saber: a canhota, a destra e a transitória. Por outras palavras, - a negativa, a positiva, e a passiva; ou, feminina, a masculina e a neutra.

Por conseguinte, lembremo-nos de que cada Temperamento possui três, e somente três subdivisões ou expressões naturais: Positiva - Passiva - Negativa. O antropólogo bem que poderá ampliar o conhecimento que tem se observar a tripla manifestação da lei. Essas condições triplas subjazem a toda a vida, e controlam, de modo mais ou menos óbvio, os seus subseqüentes desenvolvimentos. Se alguém detiver firmemente esta chave, e a usar com sensatez, destrancará todo o fenómeno.

Eu referi que as atrações do amor se expressam apenas através do temperamento - o que quer dizer, *que o temperamento é o meio de revelação ao mundo do carácter e o poder oculto do indivíduo*. Daí que para se descobrir o homem como ele é, somos obrigados a ler a Bíblia dos Temperamentos. Porém, esses temperamentos jamais aparecem sozinhos. Sempre surgem compostos: e são vistos em diversas combinações e relações. Contudo, em quase todas as pessoas, um de entre os sete provavelmente predominará, e exercerá domínio, com uma ligeira modificação, sobre todos os outros sub-temperamentos. Para que os vossos pareceres possam conhecê-los, vou expor resumidamente cada forma na natureza humana.

1 - O TEMPERAMENTO NUTRITIVO, quando preponderante positivamente sobre todos os demais, é indicado por órgãos vitais grandes; uma abundância de calor e humidade físicas: o abdómen mostra-se pletórico e bem desenvolvido, os pulmões grandes e robustos; uma voz sonora mas abafada; dentes curtos mas regulares, opulência de face e pescoço; cabelo acastanhado ou escuro; e olhos azuis ou cinzentos. A base do cérebro é principalmente exercida.

O **CARÁCTER** expressa-se por intermédio de um amor pelo viver voluptuoso às custas do trabalho de outrem; predileção apenas por um exercício exterior moderado; desejo de comida animal acompanhada de bebidas estimulantes; necessidade de

DIFERENTES ATRAÇÕES E TEMPERAMENTOS

porém, muito pouco entretenimento intelectual; vive em geral no plano das atrações conjugais poligâmicas. Exemplos hão de ser vistos, embora um tanto modificados, em tais como Daniel Lambert, e talvez, na justiça, de barriga bem redonda e um capão gordo forrado de Shakespeare, ou nos confortáveis magistrados de certas grandes cidades.

2 - O **TEMPERAMENTO SENSITIVO OU SENSUAL**, quando preponderante, é indicado por ossos e órgãos vitais grandes. O corpo mostra-se roliço, a carne débil ou flácida; a pele áspera, contudo sensível, e facilmente desfeada; a voz por vezes mostra-se fraca; as características tendem a mostrar-se bastante claras e grosseiras, o cabelo é cor de areia ou escuro; e os olhos de um azul aguado ou misto. A pessoa raramente é saudável. Mas mais da base do cérebro é regularmente exercitada.

O **CARÁCTER** expressa-se através do sistema nervoso e dos sentidos. Nem sempre se mostra precipitado, mas angular; ordenado e afetuoso, principalmente através do impulso. A pessoa vive, como o nutritivo, no físico; mas tem uma maior agudeza de percepção; por vezes mostra-se espirituosa e musical; possui uma variedade de desejos enérgicos. É impaciente, egocêntrica, apaixonada; recorda os supostos e os atuais erros, é orgulhosa, ciumenta e vingativa; porém adora extremamente alguns amigos e crianças. Muitos animais possuem esse temperamento amplamente desenvolvido., não menos no caso de certas raças humanas. Turcos, Malaaios, Tártaros, Argelinos, Espanhóis, Mouros, e diversas tribos das Áfricas constituem exemplos.

3 - O **TEMPERAMENTO MOTOR**, quando preponderante, é indicado por um aspeto robusto, nariz proeminente, e elevadas maçãs do rosto; traços fisionómicos grandes; expressão severa e resoluta; um rosto acastanhado ou avermelhado; movimentos fortes, rápidos, desajeitados;

DIFERENTES FATORES DE ATRAÇÃO, E TEMPERAMENTOS

e grosseiros, prolongados; cabelo curto ou ruivo, dentes e unhas acastanhadas; hálito desagradável. Esse temperamento é o de polícia. O cérebro é mais vigorosamente exercitado.

O **CARÁCTER** expressa-se pela dedicação pelos desportos e ocupações ao ar livre. A pessoa tem fortes e quase incontroláveis desejos, muita energia; é resoluta, inventiva, impetuosa; variável na amizade; inclinada a frequentar mudanças nas

associações externas; é omnigâmica nas atrações, e apreciadora de viagens tanto por mar como por terra. Este temperamento é até certo ponto exibido em diversas tribos dos Índios da América do Norte.

4 - O TEMPERAMENTO MUSCULADO, quando preponderante, é indicado por ossos grandes e músculos muito juntos, um pulso firme, traços faciais predominantes e rigidez de expressão; abundância de cabelo acastanhado ou escuro; pele negra e olhos penetrantes, ombros bem proporcionados, largos e profundos; uma configuração corpulenta, quadrada, firme que lembra uma velha fortaleza, ou navio; um abundante suprimento de sangue arterial; e todos os indícios de força e resistência. Esse é o temperamento férreo. O cérebro é mais usado; apresenta convoluções mais profundas e mais densas - que lembram as rugas do pescoço do touro

O **CARÁCTER** é expressado pela forma de energia; um poder de superar os obstáculos. A pessoa invariavelmente tem um propósito; é simples e direta na ação; move-se, caminha, fala, frequenta os negócios de uma forma forçada; possui um excelente intelecto prático; uma memória excelente, é intelectualmente simpática e ponderadamente terna; fortemente inclinada ao conservadorismo nas ideias de liderança; rígida nos hábitos, inflexível nas convicções; disposta ao dogmatismo; e, se inclinada ao progresso, é mais lenta do que segura.

Com ligeiras modificações, podemos estudar John Randolph como exemplo. Só os seus próprios pensamentos eram musculados; ele forçava intensamente os seus objetivos. Daniel Webster, também; cujos grandes pensamentos musculosos, quais as poderosas ondas do oceano, por vezes aparentemente defendidas no seu amplo seio, a Embarcação da nossa Constituição nascido na liberdade e apoiante da escravatura. Também Thomas Carlyle, da Inglaterra, cujo vigor do músculo mental iguala a todos nas nossas modernas escolas do Pensamento! H. B. Stowe e toda a família Beecher - N. P. Talmage e Edwin Forrest - representam este temperamento.

5 - O TEMPERAMENTO MENTAL, quando preponderante, é indicado por uma pessoa ligeiramente magra e alta; dotada de ossos pequenos, inclinada a ser fraca de pulmões; de expressão intelectual branda, modesta; sincera; dotada de um olhar de uma simpatia pelo homem que brota do pensamento. Esse é o temperamento platina, que encerra ferro - confere ao cérebro um pleno desenvolvimento para a frente e para trás.

O **CARÁCTER** expressa-se no carinho ou predileção por ramos sólidos do aprendizado; as ciências efetivas. A pessoa é uniformemente autônoma; calma e calculista; aprecia o pensamento difícil e contínuo; é conscienciosa e intransigente; tem pouca inclinação para o emprego ao ar livre; geralmente aprecia apenas entretenimento mental; aprecia a conversa; e filosofa sobre quase tudo quando vê e

sente.

Os exemplos são inúmeros na Escócia, Inglaterra e na Alemanha. Aqui no território também temos ilustrações disso. Jonathan Edwards, o teólogo, foi um exemplo. Horace Greeley foi outro. O Dr. Hawes de Hartford, imita fortemente esse temperamento. Quando a terra do vale se fecharem sobre tudo quanto é mortal neste ministério, as pessoas lembrar-se-ão dele, pelo menos, como um que nunca moveu uma só vírgula da linha das suas convicções. Samuel Colt, de Hartford, é um representante desse temperamento; com uma importante modificação.

Esse é o homem que empreende aparentes coisas impossíveis; e ele não conhece qualquer fracasso. Ele é ele próprio um “revólver patente,” sempre carregado e pronto para a ação. Pela ação da sua varinha mágica mental converte o trabalho em pistolas, as pistolas em dólares, os dólares em represas, e as represas em benefícios tanto locais como gerais.

Podemos referir, para uma maior ilustração, o William Lloyd Garrison, o Henry C. Wright, e Joseph Barker - homens bem conhecidos na América - cordialmente amados, e não menos odiados, pelos seus inflexíveis esforços em prole do que veem como sendo a Verdade e sentem ser a Liberdade.

O Professor Bush, editor do N. C. Repository, é uma boa ilustração deste temperamento combinado com o espiritual. Em relação a isso, estou certo, o leitor permitir-me-á que faça uma pequena digressão, a fim de responder a certos interrogatórios frequentemente feitos em certos círculos com respeito a este cavalheiro, tal como - “Que dizer do Professor George Bush?” “Estará ele a fazer alguma coisa em prole da reforma?” Com emoções agradecidas eu respondo - Este ponderado e vigoroso homem encontra-se ainda no campo da Reforma.

Ele possui muito talento nativo e independência de carácter para se tornar num sectário absoluto ou num indivíduo fanático permanente. Os meus leitores irão ficar encantados por saber que esse cavalheiro se encontra agora (isto é, desde há poucos meses, na sua publicação) envolto no debate do “Priesthood and the Kingship” - os compromissos divinos que ele nega. Essa é uma verdadeira reforma no mundo teológico moderno; embora os primitivos Discípulos e os Quakers advogassem a mesma doutrina.

Mas os seus irmãos, na Nova Igreja, são seus oponentes. Entre eles ele é um verdadeiro Martinho Lutero - ousado, firme, consciencioso, reformador. Ele diz, na série do seu Augusto do Repository (1853) “Admitimos repetidamente e afirmamos a existência de uma função sacerdotal, embora tenhamos negado, e ainda neguemos, que tal função deva ser exercida por uma ordem de homens permanentemente distintos da laicidade.” Ao que as mentes da negação com entusiasmo respondem mil

vezes, AMEN! O Professor Bush, com os seus temperamentos mental e semi espiritual é caracteristicamente gentil com os seus oponentes.

Diz ele que, “Para mudanças súbitas não somos advogados. Temos uma concepção demasiado correta do génio da doutrina da Nova Igreja nesta cabeça, para pensarmos em inovações abruptas e violentas para que os estados e os homens não estão preparados. Sabemos muito bem que de momento não estão preparados para renunciar a um sistema a que se habituaram, e por isso não o incitamos. Não quereríamos introduzir nem mudanças adicionais nem mais rápidas do que as convicções inteligentes e firmes do que os receptores da Nova Igreja solicitarem delas. Porém, nisso não nos sentimos impedidos de abordar princípios importantes. Defendemos que jamais é demasiado cedo dar expressão a ideias de reforma.”

Ao que nós também dizemos AMÉN!

Temos uma certa confiança na capacidade mental, na coragem e positividade desse Reformador, e não podemos senão entreter a crença, com ase num forte desejo, de que virá a ser bem-sucedido no derrube da predisposição do sacerdócio e do parentesco da organização da Nova Igreja. A função ministerial constitui uma realidade sagrada. Mas são verdadeiros ministros e instrutores que sentem o “supremo chamado” não da parte das considerações mundanas, mas dos círculos celestiais da administração e governo divino, ou das fontes internas da intuição e da razão pura. Clérigos assalariados, em grande medida, encontram-se numa posição imoral. Os sacerdotes separam-se em fações e sacrificam os interesses humanos à edificação de instituições que proscrevem (proíbem). Diremos “Eles não sabem o que fazem?”

Eles ensinam os homens a odiar aqueles que imaginam que Deus odeia e temem o pensamento e a ação livre, como uma deslealdade para com os sacerdotes e as igrejas. Não conseguem ser nem fazer o que querem ao entrarem na sua missão; e, por fim, perdem a coragem moral para pregar uma doutrina nova, ou para advogar um princípio impopular de reforma, antes que os seus pagadores os exonerem por todo o mundo sem alimento nem vestes. George Bush! Fazemos voto s por que vá em frente com o bom e necessário trabalho de exterminação de sacerdote e rei. *Nil desperandum* (não se desespere); a vitória está certa.

6 - O **TEMPERAMENTO ESPIRITUAL**, quando preponderante, é indicado pela esbelteza de proporções; por uma estatura moderada; cabelo claro cor de areia ou ruivo; pele clara e fina; olhos de um azul claro ou castanhos; feições regulares; uma figura um tanto arredondada; modos graciosos e joviais; um discurso agradável, e por uma voz macia, musical, persuasiva.

O **CARÁCTER** deste temperamento já foi descrito. Corresponde ao prata. O cérebro é empregue principalmente nas faculdades superiores. Ralph Waldo Emerson, Wendell Phillips, Anna Cora Mowatt são exemplos. Esse é um temperamento positivo no caso de Lucrecia Mott de Filadélfia; negativo no caso da Sr^a Sigourney de Hartford; e equilibrado, por igual no aspeto mental, no caso de Lydia Maria Child de Nova Iorque. Esta última observação é verdadeira em relação a Robert Owen, da Inglaterra; com o acréscimo do mental positivo, e do musculado.

7 - O **TEMPERAMENTO HARMONIOSO**, que quando preponderante, é indicado por um corpo bem proporcionado e uma alma harmoniosa; uma pele clara, fina e delicada; feições harmoniosas mas impressivas; um suprimento moderado de carne plástica e de odor adocicado; uma conduta firme e serena; encontrando-se na sua máxima perfeição, em todos os aspetos bela à contemplação. Esse é o temperamento dourado. O cérebro é empregue de uma forma uniforme; ou então, capaz de entreter ideias em todos as áreas. O seu perfil é pormenorizado o suficiente para transmitir a impressão desejada.

Os exemplos surgem, em certa medida, em indivíduos como Fenelon, Fourier, George Herbert, Greaves e A. Bronson Alcott, de Boston. A organização da Sr^a Alcott é favorável à exibição deste temperamento. Embora por vezes transborde de grandiosas e sublimes verdades, e bem qualificado para as enunciar na conversa, ainda assim é inteiramente abstrato e impraticável para este século musculado, mental e nutritivo. A razão da sua inadaptação está em que os seus temperamentos motivacional e musculado, em vez de serem positivos e enérgicos, são negativos, e conducentes ao retiro e à feminilidade. A despeito disso, a sua natureza é decisiva a um ponto elevado, contudo, não é harmonioso.

Não existirá, porventura, homem algum mais dolorosamente mal interpretado, no entanto, não se expõe, à semelhança de diferentes temperamentos reformistas, ao vitupério público. A sua natureza interior é rica e suntuosa - uma combinação singular do filósofo, do sábio e do vidente. Apresento-o como “efeminado” - que querei eu dizer? Que ele é demasiado requintado? Ou o mundo demasiado vulgar? O que possui o mundo não é senhor do Sr. Alcott! Ele é uma personificação - do quê? Acha-se rodeado de carne e de sangue, mas o seu estímulo de Génio molda-as em tipos de beleza celeste.

O mundo é cego para os seus interesses! Não estou equivocado, e a prova que apresento reside no seguinte: o abandono do poder do Sr. Alcott de incitar mais por questões adequadas a uma conversa, aos sentimentos profundamente estimados e ao génio oculto dos pequenos e dos jovens. Ele é um culturista do espírito - e é prático apenas no aspeto espiritual. Porém, para o trabalhador e comerciante terreno ele nem parece ser sólido nem fluído, no entanto, no profundo recolhimento do seu ser

santificado, ele encontra uma Fé inabalável naquilo que possa desenvolver no homem uma imagem Divina.

Estes sete temperamentos raramente são vistos em quem quer que seja, progressivamente desenvolvidos. Como são suscetíveis a cinco mil e quarenta e oito mudanças, ou relações mútuas, sem a menor modificação, eles dão-nos, conseqüentemente uma revelação total de todas as variedades radiais absolutas do carácter existentes. Porém, quando, para além disto, calculamos as quase infinitas permutas a que esses sete temperamentos são suscetíveis - sob o título das condições “Negativa,” “Passiva” e “Positiva,” - a nossa admiração quase insuportável. Por uma cuidadosa computação, descobrimos que as modificações negativas, passivas e positivas atingem os cinquenta e um quintiliões, novecentos quadriliões, novecentos e quarenta e dois triliões, cento e setenta e um biliões, setecentos e nove milhões, quatrocentos e quatro mil!

Existe, pois, este número desconforme de diferentes tons de carácter e diferentes formas de atração neste enorme universo. Cada tom, a dar lugar a uma atração independente, torna-se no germe de uma nova sociedade no mundo espiritual (As grandes doze sociedades mencionadas nos meus anteriores volumes subdividem-se até ao infinito). Conseqüentemente, se observarem, as circunvoluções das Atrações dos Temperamentos excedem, na sua quantidade e variedade, toda a compreensão humana.

Dando considerável latitude ao tempo - considerando cada sete séculos na nossa avaliação - achamos que nasce um igual número de machos e de fêmeas. Mas considerando cada século separadamente, e devido a causas superficiais, um sexo excede em larga escala o outro. Ainda assim, o que é bastante notável, é que cada geração fornece um equilíbrio de almas a desposar e casaduras de ambos os sexos. Estas afirmações excluem, pois, da relação do casamento toda a meninice, e todos quantos, por acidentes de parto ou por subsequente infortúnio, são inadequados a consentir com as demandas dos amores conjugais e parentais. (Esses infortúnios devem respeitar a decisão da Natureza, e encontrar o seu repouso nas suas leis; que lhes trarão, em última análise, uma plena e apropriada satisfação.

Chegamos agora à questão prática. *“Como poderão os homens e as mulheres (Aqueles agora casados, e aqueles que estão para se casar) evitar o carácter transitório e assegurar o permanente no casamento?”*

Uma vez mais direi, para início de conversa, que os únicos motivos por que a alma é impulsionada para o casamento devem-se aos seus três grandes usos -

Primeiro - Para desenvolver o corpo

Segundo - Para desenvolver a alma

Terceiro - Para perpetuar e elevar a raça

Bom, considerando o mundo civilizado, existem, a todo instante, cinco mil e quarenta machos; e o mesmo número de fêmeas solteiras. Cada qual é um meio mundo, independentemente individualizado, e permanece assim substancialmente até se unir à sua contraparte no verdadeiro casamento. Para juntar os hemisférios corretos - garantir a harmonia individual e a elevação social através da relação matrimonial - reformar e unir o mundo através das leis do Parentesco - esse é agora o grande trabalho de todo o homem.

A Lei do Verdadeiro Casamento é, por conseguinte, a lei de que o mundo mais precisa. Bem que pode exclamar "Eureka!" - Creio que o acharão. Mas tentemos explicá-lo:

Existem seis temperamentos, mais ou menos evidentes, diferentemente combinados em cada homem e em cada mulher - o Nutritivo, o Sensitivo, o Motor, o Musculado, o Mental e o Espiritual. O último, em certas pessoas, é o primeiro e o mais fraco; noutras, poderá parecer central; noutras ainda, encontrámo-lo mais robusto; e enfim, *ad infinitum* os seis temperamentos a aparecer em diferentes relações até que a variedade suplante toda a compreensão.

Mas existe um *princípio essencial* a observar e na base do que sempre deverão praticar - designadamente, que nenhum temperamento se pode harmonizar pelo casamento exceto os centrais caso positiva e negativamente unidos - ou seja, as duas do meio dos seis fatores de atração. ESTA É A LEI DO VERDADEIRO CASAMENTO. Esses *temperamentos centrais* constituem o eixo em torno do qual a alma revolve; os seus principais encantos!

O "nó" do enlace matrimonial - superior à obra de qualquer que seja a igreja ou estado - pode ser dado unicamente pelos temperamentos essenciais. (Refiro-me agora com respeito à *felicidade* no casamento, e à produção de uma *excelente* prole, sem contar com a união permanente). Os casamentos transitórios são *bons*, considerados em si mesmos, e deviam ser tornados *úteis* ao mundo. É uma lei da natureza que *todos* os temperamentos *mais baixos*, sem que impliquem impureza, hão de sugerir e exigir casamentos transitórios - por, manifestamente, eles serem essencialmente *bígamos*, *polígamos*, e *omnígamos* nas suas graças. Todavia, a Lei do verdadeiro

Casamento aplica-se-lhes como se aplica a qualquer das fases mais elevadas - ou seja, A UNIÃO DE DOIS TEMPERAMENTOS CENTRAIS. E aqueles que intendam entrar numa relação dessas, assim como os que já se encontram casados, deviam estudar e aplicar esse Princípio soberano e eterno.

Para avaliarmos o temperamento, devíamos começar pelo mais baixo e mais fraco, e ir subindo a escala, deste modo - mínimo, menos, pouco, muito, mais, o máximo. Se esta lei for razoavelmente compreendida e praticada, em breve ouviremos palavras de harmonia nos nossos lares. Exemplo:

Num baile chique, como se recordarão, a fascinante e feminina Miss Brocade foi descoberta pela primeira vez pelo extremista e intelectual Sr. Patchouly. No devido tempo os dois estavam casados; e no devido tempo também estavam insatisfeitos. Dessa infelicidade não me queixaria; seria nada menos do que profanação murmurar; por poder provir da integridade própria das leis da Natureza. Examinemos o caso:

O Sr. Patchouly era organizado no seu plano

6 - Máximo / Mental

5 - Mais / Motivacional

4 - Muito / Muscular

3 - Pouco / Espiritual

2 - Menos / Nutritivo

1 - Mínimo / Sensitivo

A Miss Brocade era organizada neste sentido

6 - Máximo / Sensitiva

5 - Mais / Mental

4 - Muito/ Espiritual

3 - Pouco / Motivo

2 - Menos / Nutritivo

1 - Mínimo / Muscular

Os seus temperamentos centrais eram o motivo e o espiritual; os dele, o espiritual e o muscular. Os temperamentos periféricos não nos preocupam tanto; porque, se os temperamentos centrais da natureza de uma mulher casarem com os atrativos correspondentes na natureza de um homem, poderemos estar certos de que, por meio de esforços moderados por uma harmonia nas coisas externas, tanto os temperamentos *sub* com *super* chegarão gradualmente a um acordo com a atração central, e os dois poderão combinar num todo inseparável.

A filosofia exata dessa união matrimonial ou temperamental, entre um homem e uma mulher, é simplesmente o seguinte: quando os dois temperamentos centrais de um homem encontram os seus correspondentes no espírito feminino, eles num instante se sentirão atraídos, e formarão um círculo magnético; os átomos de cada um interpenetram e permeiam o outro, *o negativo agarra-se ao positivo*, e vice-versa.

Se a Miss Brocade, enquanto mulher, possuíse encantos temperamentais *centrais* que correspondessem e fossem idênticos aos fascínios do Sr. Patchouly - se esse par tiver somente dois dos sete na *mesma relação central* (dois mentais, digamos, e dois musculares); ou então, se tivessem um conhecimento e fossem fieis na aplicação dos princípios harmônicos através dos quais os temperamentos discordantes possam ser mudados numa harmonia central - aí, certamente e de forma inevitável, teriam descoberto simpatias *afins*, mantendo cada qual nos braços do Amor, invulnerável a quaisquer causas superficiais de alienação.

É uma lei imutável, pois, que os temperamentos duais centrais devam ser levados a encontrar os seus pares correspondentes, sem o que não haverá uma verdadeira união. Sem essa conjunção espiritual-magnética, até mesmo uma união transitória harmoniosa se torna impossível. Todos os casamentos, *que não tiverem esse laço central magnético*, têm início no erro e no circunstancialismo; e terminam, com certeza absoluta, quer num sofrimento ativo ou numa indiferença estoica. Em qualquer dos resultados, a experiência será uma triste advertência para ambos e não menos para o mundo, para que *vão e não voltem mais a pecar!*

Tendo, conforme pensamos, divulgado a ciência da formação da verdadeira aliança conjugal, deixo a aplicação do princípio regulador a cada verdadeira alma. O Princípio é *igualmente aplicável a cada* dos sete graus do matrimônio; porque, *sendo uma lei eterna*, regula tanto a relação transitória quanto a permanente. Mostrarei isso no meu discurso seguinte.

A *promessa* natural dessa união permanente - do casamento para a eternidade - é primeiro *feito*, pela alma, no plano Espiritual. *Mas não pode haver promessa* - não, nem sequer a sombra de uma promessa de união inseparável - *sem a conjunção dos temperamentos centrais*. Segurai vós, *primeiro*, por conseguinte, essa base do "reino dos céus dentro de vós" conjugal, e todos os resultados mais elevados se seguirão naturalmente.

O tipo humano é capaz de um aperfeiçoamento indeterminado - não alteração - pelo casamento de pessoas de diferentes classes sociais o híbridos. Essa lei que alcança de forma inequívoca nos planos mais baixos da animação, é bastante imperativa entre o género humano. As consequências que variam entre a relação errada dos

temperamentos, até mesmo no mundo animal, são demasiado conspícuas para escaparem à observação inteligente.

B. J. Harvey, numa carta enviada a um Cavalheiro da Região, a narrar a sua experiência no campo da criação de ovinos, diz: "O maior erro que cometi, ou que qualquer criador de lã pode cometer, foi o de dispor das melhores ovelhas do rebanho..."

Se a advertência contida neste breve parágrafo obtivesse a atenção universal dos agricultores por toda a região, operaria um melhoramento no carácter geral do estoque, superior ao que todas as importações do estrangeiro podem conseguir sem ela.

Nós não subestimamos o valor do sangue - porém, que é que faz o sangue? Não será o cruzamento judicioso e contínuo dos melhores animais que podem ser selecionados? Além disso, nenhum sangue está isento de uma rápida deterioração, onde a regra que o tenha criado seja invertida. Peguem praticamente em qualquer estirpe, mantenham os melhores de entre os mais jovens, alimentem-nos bem e tratem bem deles, e dentro de umas poucas gerações eles produzirão uma raça razoável de animais.

Peguem nos excelentes Durhams, Ayshires, ou Devons, matem todos os bons bezeros, e deixem que os que ficarem passem fome e frio, e em poucas gerações todos os excelentes da estirpe se perderão. O mesmo tipo de gestão arruinará um rebanho de bem selecionadas ovelhas Southdown ou Merino, ou alterarão a pura estirpe de porcos (pretos) Suffolk numa vigarice.

“Que os fazendeiros resistam à poderosa tentação dos grandes preços com que o açougueiro apoia e sua agradável persuasão para transferir para o seu carro o melhor bezerro, o melhor dos porcos, a melhor ovelha, e sacrificarão miudezas e ganharão carradas. Milhares de dólares são frequentemente gastos para trazer do outro lado do oceano, animais que não valem uma centésima parte do montante que os compraria antes do abate aqui, por causa da desordem que reina. Que todos os nossos fazendeiros conservem os melhores animais novinhos, os alimente com abundância, os trate com carinho, e boas estirpes poderão passar a ver-se em todos os pastos e celeiros.”

Vinte páginas podiam ser devotadas de forma proveitosa a uma consideração dessa doutrina - especialmente, quando elevada da consideração de órgãos para a esfera da reprodução do espírito que é apropriada ao homem. Eu não mediria o homem pelos seus inferiores. Mas essa lei do aperfeiçoamento através do casamento, ou pela relação correta dos temperamentos, revela-se nos hábitos do raciocínio animais. Porque não obedecer-lhes nós próprios?

"Supor," diz o "Types of Mankind" pág 79 "que todos os homens tenham tido origem em Adão e Eva é supor que a ordem da criação tenha sido mudada no decurso dos tempos históricos e atribuir ao registo de Moisés um significado que nunca pretendeu ter. Nessa área insistimos em particular na propriedade de considerar o Génesis como relacionado principalmente com a história da raça branca, com especial referência à história dos Judeus."

Esta publicação - salvo um suporte de conclusões injustas respeitantes ao tipo Africano, calculadas para denegrir o negro e endossar o sistema escravo - constitui um grande legado às almas progressivas que pensam. Na página 78 lê-se: "A circunstância de que onde quer que encontremos uma raça naturalmente circunscrita, acha-se ligada na sua limitação, ao que chamamos, na história natural, de uma província zoológica e botânica - vale dizer que, no caso das limitações naturais de uma associação particular de animais e de plantas - demonstra de forma inequívoca a relação íntima que existe entre a humanidade e o reino animal na sua adaptação ao mundo físico.

A raça de homens do Ártico, que cobre a região desarborizada próxima aos Árticos na Europa, Ásia e América, acha-se circunscrita, nos três continentes, dentro de limites muito similares àqueles ocupados pela combinação particular de animais que são peculiares aos mesmos tratos de terra e de mar.

"A região habitada pela raça Mongol também constitui uma província natural zoológica, coberta por uma combinação de animais naturalmente circunscritos nas mesmas regiões. A raça Malaia cobre igualmente uma província natural zoológica. A Nova Holanda uma vez mais, constitui uma outra muito peculiar, em que dispomos de uma outra raça de homens.

E é mais notável ainda com respeito a isto, que as plantas e animais que agora vivem no continente de África a sul da cordilheira do Atlas, na mesma extensão em que os negros estão naturalmente circunscritos, possuem um carácter que difere amplamente do das plantas e animais das costas nortenhas da África e do vale do Egipto; enquanto o Cabo da Boa Esperança, dentro dos limites habitados pelos Hotentotes, é caracterizado por uma vegetação e uma Fauna igualmente peculiar, que difere nas suas características das daquelas por onde a raça Africana se acha dispersa.

"Tais delimitações idênticas entre os limites das duas séries de seres organizados tão vastamente diferentes nos homens, animais e plantas, e tão inteiramente desconectadas em questão de descendência, à mente do naturalista haveria de equivaler a uma demonstração a que dão origem juntos dentro dos distritos em que agora habitam. Nós dizemos que uma acumulação dessas evidências equivale a uma prova; porque, como poderia, ao contrário, supor-se que só o homem assumisse novas peculiaridades e características tão diferentes das suas características

primitivas, enquanto os animais e as plantas circunscritas nos mesmos limites continuassem a preservar as suas relações naturais com a Fauna e a Flora de outras partes do mundo?"

Um contribuinte afirma, nas páginas 375-6 dessa obra, que o próprio Morton terá sugerido a objecção que realmente vai de encontro às suas definições; por mim, eu preferiria a seguinte: ESPÉCIE - um tipo de forma orgânica que é permanente; ou, que permaneceu inalterável sob a influência de climas opostos por eras. O Árabe, o Egípcio e o Negro; o Galgo, o Turnspit e o cão selvagem - todos representados em monumentos no Egito há quatro mil anos, precisamente como existem agora na natureza humana e canina - podem ser citados a título de exemplo.

"Crê-se que a série de fatos aqui incorporada estabelecerão a natural existência dos seguintes graus de híbridos, designadamente:

"1 - Aquilo em que os híbridos jamais se reproduzem; por outras palavras, onde a progenitura mista começa e termina com o primeiro cruzamento.

"2 - Aquilo em que os híbridos são incapazes de reproduzir *inter se* (entre si), mas multiplicam pela união com a estirpe progenitora.

"3 - Aquilo em que os animais de espécies inquestionavelmente distintas produzem uma progenitura prolífica entre si.

"4 - Aquilo que tem lugar entre espécies estreitamente próximas - por entre a humanidade, por exemplo, e por entre aqueles animais domésticos mais essenciais às necessidades humanas; onde a prolificidade é ilimitada."

Na página 332 lemos uma declaração valiosa, que tem que ver com esta doutrina do tipo de temperamento. "Uma outra mudança importante é notada na relativa distribuição de animais e plantas. No início da história da terra, os mesmos animais dispersaram-se amplamente pela face do globo; quase toda a terra esteve coberta de água, e uma temperatura uniforme prevalecia por todo o lado; não existiam outros que não animais marinhos, e não havia nada que impedisse uma grande uniformidade do tipo. Na era terciária, tudo foi alterado - a superfície da terra foi diversificada com ilhas e continentes, montanhas e vales, prados e colinas; o mar, junto em bacias foi dividido por barreiras intransponíveis."

Uma atenção ao correto temperamento e circunstância adequada na qual os filhos deviam ser criados - fundada em relações puras e corretas - é manifestamente de consequência importante na harmonização dos tipos humanos fixos. A chegada de novos e distintos tipos - ou seja, a substituição das ordens existentes de homens por estruturas orgânicas mais elevadas - isso percebo ser impossível. A árvore da

Natureza produziu a mais elevada forma de fruta.

Mas a variedade de combinações, de permutas, e a extensão dos melhoramentos de que as raças existentes são capazes, através da hibridização e do correto cruzamento de casamentos parece estar bem perto de um número incontável sem qualquer limite perceptível. "Os Tipos do Género Humano" é excelentemente descrito principalmente como um livro de informação histórica, ou de observações classificadas, e de sugestões científicas. Tal como as recentes publicações de Gliddon e Layard, esta obra entende novas vistas sobre a verdade, calculadas para incrementar o conhecimento humano e acelerar a reforma Bíblica. É igualmente útil no sentido da sabedoria dos temperamentos e do aperfeiçoamento conjugal; para o que se julga que a próxima palestra seja mais sugestiva e essencial.

ETERNAS EVIDÊNCIAS DO VERDADEIRO CASAMENTO

OU COMO EVITAR UMA PROLE DE SANGUE E ACIDENTE, E OBTER UMA QUE BROTE DO AMOR E DA SABEDORIA

O casamento é regulado por uma lei tão científica e invariável quanto qualquer outra relação existente no universo. Um conhecimento prático dessa lei constitui uma salvaguarda contra o casamento *experimental* - um forte bastião contra a comissão de erros prematuros na área do amor - o salvador dos sexos da angústia insuportável e do peso de inúmeras mágoas.

Quase todos os escritores nesta questão deixaram a questão da relação conjugar exposta à intrusão e insulto dos experimentos cegos, passionais, ou experimentais. Essa é a objeção intransponível que movemos aos recentes esforços sinceros de Henry C. Wright. Ele não legou ao mundo qualquer método prático, pelo que o caminho se acha aberto a infinitos experimentos. Independentemente do que, em sua honra e louvor, precisamos lembrar que ele anunciou duas leis fundamentais - a Primeira: A da atração enquanto "base" do casamento - a Segunda: a Cultura e a "harmonia do desenvolvimento" como únicos meios de garantir a permanente união.

A primeira dessas duas importantes lições que ele anunciou na pág. 119: "Deposito a minha fé na natureza da própria união. O casamento constitui *efetiva* harmonização de duas almas distintas, *atraídas* uma para a outra por um poder sobre o qual nenhum tem controlo, conquanto permaneçam na esfera da força de atração uma da outra. *Não sabem* como nem porquê se unem dessa forma, já que não decorre da vontade própria. Como não se envolveram nela voluntariamente, não podem separar-se de forma voluntária."

Aqui o nosso autor divulga a filosofia da Atração, e o próprio desconhecimento não menor com a ciência que a envolve; o que deixa a relação conjugal desamparada e exposta às invasões não esclarecidas do impulso e do experimento superficial. O fato é que, "desconhecem como ou porquê se encontram assim unidos" - que os deixa tão cegos e estupidificados quanto dois magnetos metálicos - expõe-nos aos assaltos perpétuos da ignorância, e mais aos caprichos do sentimentalismo. A esse respeito a exposição que Henry Clarke Wright faz quanto à relação do casamento é manifestamente deficitária e inútil.

Talvez, para uma visão mais alargada, o nosso desenvolvimento e exposições possam parecer merecer uma crítica não menos desfavorável. Mas penso que tenhamos demonstrado de forma incontroversa não só a Lei do casamento, como o inequívoco método científico por que duas almas podem harmonizar-se inteligentemente e progredir numa união de harmonia.

Em razão do que elevamos a instituição do casamento acima das regulações arbitrárias, e em segurança além do experimento aventureiro.

A segunda destas importantes leis, que o nosso autor divulga nas páginas 118 e 120: "Creio que o casamento foi projetado como uma relação duradoura entre dois indivíduos... Conquanto desejarmos que a nossa união matrimonial dure, ela durará. *Porém, a sua perpetuidade depende de nós...* O poder que *atraiu* cada qual para o outro precisa ser perpetuado e constantemente *renovado, ou a união extinguir-se-á!*"

Esta é a mais significativa e essencial proposição que se verifica neste volume: a lei da cultura mútua como meio de tornar eterna uma união (primária) transitória! Mas aqui encontramos de novo uma deficiência. Ele não revelou os passos progressivos do casamento, nem asseverou a *base espiritual como o único e verdadeiro ponto de partida* para o começo das fundações da superestrutura imortal; em vez disso, denuncia todos os casamentos inferiores como quase implicitamente maus, e considerou a união espiritual como alcançável somente através da rígida disciplina da obediência e sacrifício próprio.

A lei dos temperamentos, aplicada a uma prática de seleção das relações conjugais, impedirá os casamentos falsos. Primeiro examinem a relação temperamental que têm com aquele por quem experimentam um interesse espiritual, e a seguir determinem se estão verdadeiramente casados ou não. Talvez descubram uma quantidade de temperamentos centrais que correspondam aos vossos; se assim for, então a vossa oportunidade de formar uma relação benéfica e permanente será muito maior do que o da maioria das pessoas.

Porém, não se deixarão desencorajar, nem ceder os vossos afetos por uma pessoa, mesmo que os temperamentos existentes entre vós não se centrem; porque, por um

sistema de cultivo espiritual mútuo, com a harmonias conjugal como objetivo a alcançar, possam mudar e transpor os vossos temperamentos, até que a felicidade vos coroe os esforços.

Na presente constituição da sociedade existem muitíssimas barreiras que se interpõem a uma associação pura e verdadeira dos sexos. A dificuldade implícita à descoberta do nosso complemento (congénere) de acordo com a atração central do temperamento, é muito grande.

1 - A falsa relação da mulher para com o homem

2 - As oportunidades limitadas de que a maioria das pessoas dispõe de estabelecerem conhecimentos

3 - A dissimulação de carácter sob a aparência da correção e do bom gosto.

Essas são as causas proeminentes de muitas das uniões de carácter inferior. Ambos os sexos dão por si frequentemente coagidos, por motivos externos, a entrar numa relação de matrimónio com uma consciência latente de incompatibilidade. Pensam cuidadosamente "pesar as implicações" e desse modo resolvem assumir o risco e a responsabilidade. Mas não conseguem fazer nenhuma dessas coisas. Quem poderá assumir a responsabilidade de *restringir* o desenvolvimento da alma? Quem poderá assumir o risco de trazer à existência uma prole deficitária? Tais efeitos certamente seguem-se a um enlace de cariz sexual ou circunstancial. A sociedade é coberta por toda a parte por fortalezas de ignorância - consolidando, às suas partes constituintes ou indivíduos, as causas de casamentos fictícios ou desastrosos.

Como remédio contra as decepções que surgem da dissimulação do carácter, apresentei a lei dos temperamentos. Ninguém consegue ocultar as *evidências* do temperamento; nem o carácter com que essas evidências constituem indícios inequívocos. Um homem ou uma mulher verdadeiramente inteligentes e exaltados, nos primeiros trinta minutos de uma conversa com uma pessoa do sexo oposto quase podem de forma infalível decidir o grau matrimonial para que estão adaptadas, se algum; e não somente isso, como chegará um momento em que conseguirão determinar, com uma precisão que chega a suscitar a exatidão da demonstração matemática, o carácter geral da sua descendência, caso se venham a unir pelo laço do matrimónio.

Não precisam de nenhum *experimento* com relação a isso; porquanto a *ciência* do temperamento ser absoluta. Disparidade de casta ou fortuna, desigualdade da idade e educação, não precisam militar contra a formação de verdadeiras alianças; apenas na medida, obviamente, em que essas causas operarem externamente como barreiras superficiais a um conhecimento apropriado inicial.

O costume em certas nações de propaganda pública destinada a uma união conjugal, é o resultado, em parte, das *falsificações* da sociedade - ou seja, a quase impossibilidade de terem ingressar nas famílias e de estabelecerem um conhecimento em que a verdadeira relação possa ser descoberta. Não precisa haver qualquer erro significativo, contudo, caso o *pretendente* e o *pretendido* compreenderem a lei dos temperamentos. O casamento pode ser tão verdadeiramente científico quanto a química.

Porém, os casamentos populares carregam a mesma relação em relação à verdadeira filosofia da felicidade que os experimentos semi científicos da alquimia sustentam quanto aos positivos resultados da química moderna - praticamente tão próximas da verdade e do benefício público a velha astrologia era em relação à astronomia prática - tal como a moderna frequência da igreja em relação ao templo universal da Natureza e à esfera sagrada da Religião. Vale dizer que os casamentos populares não passam de especulações de índole não esclarecida - tão suscetíveis ao erro quanto à certeza - e prejudiciais ao progresso harmonioso da humanidade.

Serão as almas humanas naturalmente indolentes? Porque em geral evitam um exame pessoal? Quão poucos há que aquiescem a olhar de uma forma crítica e analítica para dentro! A ALMA, recheada de vida, é tudo quanto existe do HOMEM - então, porque não ser fiel? Santo Agostinho não terá dado ao mundo um exemplo de análise de si próprio? Quem saberá senão a alma, qual diamante da lenda, esmaecer quando o seu proprietário trai a verdade? Mentes elevadas deviam entrar no matrimónio em verdade, ou então não o fazer. As consequências são demasiado significativas. Ninguém pode ser falso e sair impune; o mundo sente os resultados, sejam eles bons ou maus.

É dito que “nada no amor pode ser premeditado; é um poder divino, que *pensa e sente* dentro de nós, indiferente ao nosso controlo.” É verdade. Mas dado que devemos penetrar os segredos dos nossos próprios encantos, afinal não será a *candura* que sobrevive a tal inspeção pessoal que vale mais do que aquilo que a precede? Não seremos mais dignos da posse de uma alma quando, ao examinarmos, nos harmonizamos com seus fascínios principais - igualmente consciente da *virtude da integridade própria*, e nos motivos insensível “quanto ao que as pessoas dirão”?

Quando sabemos de forma cabal e acreditamos que o temperamento constitui o critério perfeito para o carácter - que os encantos da alma se expressam apenas através das combinações da matéria no corpo - em breve testemunharemos uma manifestação de maior razão e harmonia nas relações humanas. Pais ignorantes, mas ainda assim ansiosos por obter dinheiro por vezes forçam as suas filhas a uniões com temperamentos antagónicos. As consequências (por desconhecerem com se harmonizarem) são o descontentamento, a infelicidade, o desespero, e por ventura a

desgraça social. Contudo, através de intelectos políticos e intriguistas no casamento, a aparência de felicidade é geralmente mantida firme ante as pessoas; eles não se deixam trair a eles próprios perante o mundo, mas dissimulam ao longo de anos de agonia oculta.

Numa certa mansão esplêndida, não muito distanciada da margem do rio, observamos uma ilustração. Mesmo ao fundo do relvado esmeralda, uma árvore enorme adornada das “gavinhas de uma videira alegre,” através da qual cada folha e broto as brisas perfumadas se agitam, ondula as seus ramos de forma convidativa à sua abundante sombra. Perto, corre um córrego cintilante mas não deixa misturar a sua música melancólica com os suspiros e soluços de uma alma ferida. À sombra de mão na testa, senta-se a vítima da ignorância parental e conseqüente crueldade. Ela foi importunada a casar-se, tanto pelos pais como pelo pretendente, até lhe conceder o seu consentimento.

Vários anos se passaram desde que o seu erro (não lhe chamarei casamento) e, embora se tenha curvado com angústia e insatisfação, o seu coração começa a bater de forma juvenil uma vez mais, por ela ter descoberto *alguém*, por quem involuntariamente a sua alma se estende, a solicitar ajuda e felicidade. Ela agora ama de verdade, e pela primeira vez! Que deverá fazer? O seu marido legal é tão bom quanto a maioria dos maridos; mas ela não consegue amá-lo. Foi justamente descoberto que ela realmente ama o homem! Insulto e perseguição ameaçam com os seus dardos envenenados por todos os lados - dizendo “Ah coisa malévola; culpada de alimentares afetos *fora do casamento*.” O mundo ignorante condena-a; e ela, ao perceber o Princípio Natural, *condena-se* a ela própria.

Agora encontra-se sentada em casa como o salgueiro-chorão que cresce junto à sua porta. Sentir-se-á na sua casa? Não - salvo no sentido social. Até mesmo a sua empregada de mesa a condena; e atende às suas ordens armada com um subtil desprezo e insolência. No entanto por vezes ela experimenta uma justificação interior. Pareceria que a lei do Amor (ou Deus) é mais verdadeira do que qualquer legalidade que o tempo santifique. Quando sente isso, ela pode dizer aos seus inimigos:

Dado que eu me senti atraída

Condenas-me por o seu coração me ter amado?

Nesse caso também poderás culpar qualquer rio limpo e cristalino.

Por algum homem melancólico distraído

Se ter afogado nele?

Porém, os dados estão lançados! A lei da sociedade declara-a de forma loquaz, indulgente consigo própria, titular de “bens imóveis” (para conseguir que os seus pais a impelisse ao casamento) e ela sente-se constrangida a fazer uma de duas coisas - ou a desagradar aos regulamentos da época, ou então a transgredir os fatores de atração *central* da sua alma. Qual dessas coisas deverá fazer é assunto moral que vos cabe decidir.

Há dois temperamentos em que as manifestações da vida diferem enormemente. Um é material; o outro é espiritual. Na escala designo-os, primeiro, como *nutritivo*; segundo, *mental*. Eles diferem quanto às necessidades sexuais; por isso, quanto às satisfações também. O que é *moderado* é o último, o *extremismo* caracteriza o anterior. O verdadeiro método de evitar o extremismo está no seguinte: um casamento cujos *temperamentos centrais* de um homem e uma mulher, que nos seus hábitos, evitem todas as “causas secundárias” da desorientação conjugal. Não podemos legitimar o elemento reprodutivo. Nenhuma moralização prorrogará as legítimas manifestações do amor, tal como uma pregação aos peixes não os impedirá de prosseguir no seu curso. O extremismo precisa ser impedido através do casamento *acertado*, que se baseia na adaptação temperamental.

Expor sobre leis fisiológicas de modo a fundamentar restrições arbitrárias no dispêndio do elemento reprodutivo, para dizer que essa expressão e dispêndio devem ter somente a prole em vista, sem atender à sua regulamentação pelo casamento, pouco mais é do que “Muito trabalho para nada.” É bom para transmitir conhecimento acerca da questão; mas o conhecimento não constitui salvaguarda certa contra o extremismo. O método está: em providenciar a *lei* e a *ciência* do verdadeiro casamento, advertir o mundo a estudá-las e a obedecer-lhes, e o elemento reprodutivo terá uma verdadeira e salutar função.

O casamento correto trás *moderação* sexual, mas o extremismo procede da desorientação conjugal. Para os verdadeiramente casados, de nada adianta dizer que “as condições da esposa são sempre as de controlar a relação passional:” porque, com os casados sagrada e espiritualmente, *não podia ser de outro modo*. E igualmente inútil é dizer, aos *falsamente casados*, que a “reprodução é o único objetivo para que o elemento sexual pode ser legitimamente despendido;” porquanto tal pureza, tal nobreza, e tal controlo, não pode ser experimentada nem praticada pelos ímpios.

O extremismo, conforme anteriormente se declarou, é uma questão de temperamento. O abraço sexual, tal como a verdade, constitui uma manifestação de amor. Mas este amor, sem sabedoria, é cego. Daí que devemos trazer esse amor às relações mais prudentes, mais elevadas, mais puras através do casamento; e jamais deixar os atrativos seguir desprotegidos pela sensatez. Eu proponho realizar isso, *primeiro*, através da harmonia temperamental; *segundo*, por meio de um processo de cultura

harmónica entre os casados. Não consigo ver nenhum outro “caminho direto e estreito” para o reino conjugal do céu na terra.

A título de demonstração da necessidade da reforma deste casamento, as pessoas deviam ser auxiliadas a perceber, que uma vasta proporção dos casamentos civis, digamos quatro décimos, são de cariz *sexual*; que, dos restantes seis, dois são de *circunstância*; um é motivado pelo *intelecto*, um *religioso*; e dois *espirituais*. A sexualidade, conforme perceberão, constitui o motivo predominante no civilismo. O motivo seguinte é o do amor das intimidades e os carinhos do lar; ser tratado na doença, e trabalhar um em prole da subsistência física do outro.

O motivo seguinte é o amor da camaradagem *intelectual*, na pessoa do sexo oposto. O seguinte é, um casamento por dever; por a Bíblia afirmar que a vontade de Deus esteja no fato dos sexos se deverem unir com propósitos reprodutivos. O seguinte, o qual é ainda apenas igual ao motivo circunstancial, é o *espiritual*; a união de duas almas pela pura atração do amor, livre de toda consideração adulta. O mero sexualismo não forma motivo numa relação verdadeira. Os dois unem-se pela melhor das razões; ou seja, *por não poderem permanecer separados*, e continuarem felizes. O que me leva diretamente às:

EVIDÊNCIAS INTERNAS DE UM VERDADEIRO CASAMENTO

Embora a ciência do casamento seja perfeita e praticamente adequada à reforma do nosso mundo, ainda assim, não se deve supor que muitos a venham a estudar, ou venham a ser tão influenciados pela cabeça a formar alianças conjugais como pelas inclinações mais suscetíveis da alma - cuja fonte reside no coração.

Por conseguinte, a fim de providenciar uma forma para quantos desejem ser guiados por um método menos externo, apresentamos umas quantas indicações certas de que dois casos em que os temperamentos centrais se encontraram; e muitos se harmonizam até que, pelos progressos conjuntos que fazem, apreendem uma vida, uma imortalidade, um céu!

PRIMEIRO: Que cada um repouse no outro - uma satisfação estável, baseada no carácter da alma; não influenciada pelas considerações externas nem pelos encantos pessoais. O físico mais esbelto é por vezes um traje de uma mente deformada e sem graça. Deviam interrogar o vosso íntimo quanto aos seus encantos, e dar atenção ao seu testemunho, quando a vossa visão se acha fechada sobre todas as aparências.

SEGUNDO: Que os vossos fatores de atração para com a alma que amam desinteressadamente, estejam em *perfeita harmonia* com as vossas Intuições ou princípio da razão. Se o veredicto das vossas sentenças não *coincidir* com o veredito dos encantos, então hesitem; por haver algo de errado! Talvez o próprio juízo possa

estar em falta - esperem e vejam a verdade. Só a *sensatez consegue ver*. Se o Amor não obstante vir através dos olhos da sabedoria, e ao olhar aprovarem os fatores da vossa atração, então poderão estar certos de se tratar de um casamento espiritual.

TERCEIRO: Que o Ideal de cada encontre resposta no outro; e que continue à medida que os dois avancem na idade e experiência, adquirindo desse modo diferentes ideais, e mais alargados. Se cada um personificar para o outro, com base num longo conhecimento íntimo, o ideal do amor conjugal: essa será a evidência interna perfeita. O casamento nunca deveria ser buscado como uma oportunidade legal de satisfazer os atrativos baseados no amor carnal. Esses são os modos legais de atos tais como o adultério e a violação. Toda a união *isenta de um amor mútuo*, constitui uma violação; da mesma forma sob a aprovação legal que além dela.

Nenhuma felicidade permanente poderá alguma vez pressupor motivos e meios tão intrinsecamente instáveis e evanescente. O casamento será puro, adequado e casto somente quando é buscado com os fins já sugeridos - satisfazer e desenvolver os fatores da atração mais profundos, puros e elevados. Com um motivo desses, qualquer grau da união será proveitosa; embora meramente circunstancial e transitória.

Mas, como descobriremos, sem a ciência dos temperamentos, os nossos verdadeiros pares? Como conseguir a união espiritual com base na qual, por uma mútua e cuidadosa cultura, a relação eterna da Harmonia possa ser elaborada? Como haveremos de lançar a fundação do templo celestial e divino? Há um método, o qual, embora não seja o melhor, mas que, devido à “rigidez do vosso coração,” pode ser sugerido às verdadeiras almas.

Alma nenhuma, quando muito desenvolvida, deseja submeter-se a leis arbitrárias nem aos padrões individuais do julgamento. Consequentemente, reclamemos toda a prática de consulta da opinião externa que tenha em vista a obediência em vez do esclarecimento interno. As leis (ou fatores de atração) da alma são os únicos espíritos capazes de decidir a questão do verdadeiro casamento.

A consulta de pessoas nesta ou noutra esfera qualquer, com respeito a quais seja ou não os companheiros conjugais, excetuando na medida em que o conhecimento da lei suscite interesse e utilidade, é igualmente pernicioso para a harmonia social e para o desenvolvimento da Razão pura. Consultem sempre mais o espírito interno; não o corpo externo; muito menos o testemunho externo dos indivíduos. Este conselho é especialmente importante para mentes excessivamente crédulas entre os Mórmons e os modernos Espiritualistas.

Muitos permitiram-se ser perturbados desnecessariamente, na sua relação matrimonial, ao darem uma atenção consciente às comunicações apócrifas. Na verdade não pode haver nada de externo nem de arbitrário. Todo homem que for

verdadeiramente solteiro, que conseqüentemente deseje ser *um reformador*, deveria com toda a razão às suas ordens, buscar a sua esposa Ideal; e assim, além disso, toda verdadeira mulher o seu esposo Ideal, ou, descobrir os fatores de adaptação que, por meio de uma cultura mútua e harmoniosa, extraíam, com o tempo da cada um o companheiro afortunado do outro! Para esse ÍDOLO da alma, para esse fim sublime divino, que cada um seja genuíno.

E se dois sentirem, por meio dos encantos, que terão encontrado um no outro os companheiros ideais, mas para cujas convicções a razão não é bem reconciliada, que vivam juntos, sem um relacionamento físico, até que o vejam confirmado ou se desenganem quanto às suas supostas convicções e afinidades internas. Onde existir um verdadeiro amor haverá uma genuína reverência; e onde houver reverência não haverá fator algum de atração impura e degradante. Conseqüentemente, não há risco, entre os homens de princípios e as mulheres elevadas, em se conhecerem a esse nível de intimidade.

Diz-se que carácter de uma pessoa é visto durante um conhecimento de inverno. Talvez as classes não científicas mas ainda assim reformadoras, apliquem esse método à seleção dos pares no casamento. Após uma familiaridade diária dessas com os hábitos um do outro, eles passarão quer a admitir estar verdadeiramente casados, ante inteligente testemunhas, ou separados, com base no princípio da atração, para prosseguirem com a tarefa da descoberta. Uns quantos meses serão suficientes para decidir a questão do temperamento conveniente, hábitos e atrativos gerais, ou o contrário. Um relacionamento físico é o *menor* de todos os atrativos e encantos do casamento espiritual. Por conseguinte, será fácil às mentes simplórias e progressivas determinar o plano do seu casamento pela análise dos motivos que os instigam no sentido dessa relação.

QUARTO: Que desprendidos dos atrativos que sentem por todo mundo, e renunciando a todos os interesses que tenham somente por objetivo as vantagens externas, se sintam irresistivelmente atraídos para a alma do vosso amado ou amada. Sentir-vos-eis vós, mulheres, *apegadas* a ele sem pensarem em vós? Estariam dispostas a viver na alegria e na tristeza por ele? Sentir-vos-eis vós, homens, apegados a ela sem pensarem na sexualidade? Trabalhariam em benefício do desenvolvimento interno dela em todas as coisas? Se assim for, estareis casados; caso não seja, estareis divorciados.

Porém, uma verdadeira atração *distingue-se* de uma fictícia pelo carácter da sua investidura; quer proceda do impulso, ou da razão, ou de ambos. No primeiro, a razão poderá pronunciar-se contra; no segundo, os impulsos poderão pronunciar-se contra; no último, será a harmonia.

A evidência interna mais fiável de uma verdadeira atração está *num equilíbrio de*

reciprocidade. Alma alguma pode amar de verdade acima ou abaixo da escala - mas somente num plano correspondente de desenvolvimento. O laço magnético é formado pela interpenetração de correntes espirituais paralelas. Daí que, como efeito da lei imutável, eu afirmo que, embora os “temperamentos centrais” de dois indivíduos se mostrem perfeitamente de acordo, ainda assim ninguém pode verdadeiramente casar-se com o contrário, isto é, em planos (inferiores e superiores) de disposição e crescimento.

Vale dizer que, um temperamento intelectual não se pode conjugar com um sensualista, nem um nutritivo com um espiritual; tanto masculino como feminino em geral deviam invariavelmente experimentar *motivos correspondentes*, que certamente lhes traga uma reciprocidade, e lhes combine os interesses externos num mesmo plano ininterrupto de atração.

Consequentemente, a ausência de reciprocidade, subsequente a um conhecimento entre as partes, é evidência de que a atração é para o declínio ou a elevação, e não *paralela* ou *intrínseca*, como deveria ser, e é, no casamento genuíno. Contudo, eu já vi casos em que o amor foi experimentado num dos lados apenas com a aparência de uma realidade interna. Por vezes tal esse “afeto não correspondido” leva a uma parcial ou total insanidade; por vezes, ao desespero e ao suicídio.

A maioria dos suicídios são ocasionados por alguma descrição de desorientação conjugal. Admiramo-nos do gosto que leva os homens a candidatar-se ao exército. Mas a “deceção” amorosa é a razão predominante porque milhares deles, jovens e talentosos, se abandonam aos perigos e sanções da guerra. Mas também há muitas mulheres que, silenciosamente caem no desespero, muitas naturezas femininas - as primeiras vítimas do amor, sem a sensibilidade protetora de uma reciprocidade justa. A abençoada lei do casamento com base na Harmonia é capaz de remover todas essas formas de infelicidade.

Mediante uma investigação devida, afirmo eu, o afeto não recíproco, depois de suficiente conhecimento, é evidência ou de que os dois não se encontram no mesmo plano de desenvolvimento, ou então, que o amor do amante não é intrínseco e real, embora, no máximo, pode ser tão puro quanto o hálito de um anjo. Exemplo: Certa vez um jovem veio-me consultar e disse: “Sr. Davis, venho a título de último recurso, em busca de uma assistência da sua parte. Tenho sido suficiente afortunado ou desafortunado para conceber um apego por uma jovem, que ela não retribui de bom grado. Tentei todos os métodos concebíveis em razão do que, por terem falhado, venho em busca de uma orientação da sua parte.”

Eu disse-lhe que *o amor não pode ser constrangido*; que ele certamente se arrependeria de um casamento com uma alma que não retribuísse o interesse que ele sentia. Mas ele não deu ouvidos a tal conselho imparcial. “É um caso de vida ou

morte,” - exclamou ele - “Tenho que ter essa jovem por esposa, ou morrer - porque sem ela, a vida afeiçoar-se-ia uma maldição.” Todas as aparências eram as de que o seu apego brotava de uma atração intrínseca. Mas, de fato, ele sentira-se fortemente apaixonado somente após a descoberta de que não conseguia obter o seu consentimento.

Essa oposição excitou-lhe a ambição assim com a admiração; e conseqüentemente o amor que sentiu pela *conquista* foi ainda mais forte do que o conjugal. Eu observei o curso que adotou me relação a ela. Ele obteve a sua mão em quatro semanas: não o seu coração. Ela casou-se com ele a fim de escapar ao cansaço dos importunos. Mas ele me breve descobriu que não era verdadeiramente “um caso de vida ou morte.” Dentro de pouco tempo abandonou-a, conseguiu o divórcio, e amou várias desde então - igualmente, crê ele, à primeira: ou seja, ele ainda não tinha experimentado a verdadeira atração monogâmica. De entre cinquenta casos de amor não retribuído, descubro uma ausência de afinidade intrínseca.

A NATUREZA DO PRIMEIRO AMOR

O primeiro amor não é necessariamente permanente. Não é o nosso “primeiro amor” que é indelével; nesse caso amamos por os nossos afetos *implorarem* ansiosamente por um objeto.

“Mas, após termos conhecido a vida, e tivermos amadurecido o nosso juízo, encontramos por fim a mente e o coração que tivermos até então buscado em vão.” Os anos aprofundarão as impressões do “primeiro amor,” mas somente quando *nenhum novo* tiver cruzado a soleira do seu império. O egocentrismo, nas suas formas pueris, rejeita a alma que certa vez amou, embora ame agora de forma muito mais condigna; e que em virtude da disciplina das leis, seja mais capaz de um afeto mais seguro e de uma mais elevada devoção.

Esse egocentrismo é um produto legítimo da concepção predominante da virtude. Em vez de ser reverenciada em princípio, como a *integridade da alma para com os seus mais elevados fatores da atração*, independentemente das conseqüências compreensivas, a *virtude* é avaliada em vez disso, como a *condição física* - uma ideia degradante na sua influência geral. Contudo, há uma certa poesia até mesmo nesse egocentrismo. Um sincero discípulo (T. R. Hofland, poema intitulado *Primeiro Amor*) do “primeiro amor” exclamou:

“Oh, levem-me a uma moça qualquer simples da aldeia

A pura ternura de cujo amor sem arte

Eu serei o *primeiro* a despertar, e *único* a conseguir provar

Que nunca existiu nem que ela própria traiu

Deem-me com ela o afastamento do rústico das cidades

Para viver e morrer na solidão silvestre!

.....Charme algum

Poderia eu ver no encanto de um anjo

Se por um outro ela tivesse sido acariciada.”

Que esta verdade seja plenamente recordada, que casamento nenhum é necessariamente permanente salvo o Harmonioso: que é o casamento do Cordeiro com o Leão - o pato indissolúvel de duas almas: que é a penetração mútua do amor e da sabedoria!

A lei do temperamento é recomendada é pois, não como o juramento natural de que o casamento assim estabeleceu, inevitavelmente permanente, mas como critério pelo qual entrar de imediato numa *relação espiritual*, que constitui o vestibulo do mais levado e perfeito. Dado que o poder de eternizar a união de duas almas permanece empossado neles, torna-se daqui em diante arriscado ao extremo quantos desejem esse resultado, tratar-se mutuamente com indiferença e uma devoção irregular. É primordialmente importante, para o erguer do seu templo do Amor eterno, que cada qual trabalhe em prole do desenvolvimento do outro. Qualquer negligência, de qualquer dos lados, se torna perigosa!

Aquele amor que era puro no embrião, que despontou de forma salutar e perfeita do conhecimento inicial, que era absorvente e que controlava tudo no começo, pode ser destruído para sempre por uma tremenda influência de um só mundo cruel! O amor é tão poderoso quanto Deus. Não é menos capaz de resistir ao mal. O amor é um laço forte; mas, pode ser quebrado às mãos do erro. A sua delicadeza é a causa da suscetibilidade que tem em relação às feridas. O amor conjugal, em exercício, constitui o mais profundo *entusiasmo* de que a humanidade é capaz. Mas, para temperamentos frios, mentais e musculares, que não o sentem, todo entusiasmo é simplesmente ridículo.

“Almas apaixonadas,” segundo se diz, “precisam trair-se a elas próprias por mil modos; aquilo que é passível de ser sempre controlado é necessariamente fraco.” O mesmo se passa com o amor conjugal. Se ele conseguir suportar o abandono sem

perda, ou ser repellido sem reagir, é fraco; e devia ser designado amizade.

Eu afirmei que o antagonismo, os seus fatores de atração centrais podem não estar em harmonia; exceto no caso de amigos. A título de ilustração, citei o caso dos temperamentos nutritivo e espiritual - mostrando que, o que representaria “moderação” sexual num, seria “extremismo” no outro. Examinemos isso por um instante.

O temperamento nutritivo é exibido por funções digestivas vigorosas; na distribuição regular da comida pelas estruturas corporais. Tudo quanto come vai nutrir o físico; e hábitos pletóricos lentamente se evidenciam. Nesse temperamento, a essência espermática é abundante, até mesmo supérflua, e tende para a doença - apoplexia, gota, hipocondria, etc: - caso a gratificação sexual não seja frequentemente conseguida. Os médicos aconselham-nos a casar-se, principalmente, para evitarem doenças do sistema vital.

Suponhamos que uma pessoa que corresponda a esta descrição se una pelo laço legítimo, a um temperamento espiritual. Tal, por meio da ignorância, não é acontecimento incomum. Em que resultará? Resposta: numa doença da pessoa espiritual. A prole terá origem no amor carnal; como o apóstolo, que sentia a lei dos membros em guerra com a lei do espírito: quando ele devia fazer o bem, o *mal* estava presente - um resultado, segundo a fisiologia, do conflito de dois temperamentos antagônicos que entraram na formação da sua individualidade. Paulo explicou em termos teológicos; mas os seus pais podiam ser mais sinceros.

Difícilmente poderá haver calamidade social maior do que o casamento entre temperamentos incorretamente relacionados - em especial quando sem a nossa filosofia de suscitar a harmonia neles.

Primeiro - tem origem numa multiplicidade de doenças em ambos os sexos, e requer as profissões não produtivas da medicina.

Segundo - trás à existência inúmeros filhos do amor carnal, dotados de naturezas morais imperfeitas, que requererão toda uma trupe de não produtores - chamados advogados, polícias, magistrados, juizes e de vendedores ambulantes; que lidam com a salvação através da fé; sacerdotes, bispos, e papas, e um quase sem número de “velas do Senhor” que falarão com fulgor e paixão das gerações perversas e imorais. Que hoste poderosa de profissões inúteis e de infelizes vagabundos um sistema acertado de união matrimonial não varreria do mundo!

Toda essa conversa acerca dos “novos partos” e da “regeneração,” que tanto comporta de dispendioso como ridículo, rapidamente passaria de moda. Porquanto as pessoas poderiam nascer apropriadamente e ser geradas de modo adequado desde

logo - eliminando toda a necessidade de passar pelo processo uma segunda vez! Por isso, podemos buscar e esperar uma transformação gradual nos usos dos nossos lugares de veneração pública.

Mas reparemos mais na influência que cada um desses temperamentos tem sobre o outro. O espiritual consegue a sua essência espermática, o *menstrum* (solvente) do amor na vitalidade do sistema nervoso, o qual, para esse fim, toma parte da essência da alma; enquanto o nutritivo procede à sua extração do sistema sanguíneo; o qual embora expelindo vastas quantidades desse elemento, nada perde, comparativamente falando, da vitalidade mental.

Isso é verdade, por o sangue poder ceder as suas finas partículas sem afetar de imediato o princípio vital; ao passo que o cérebro dificilmente pode gastar alguma parte da essência seminal sem sofrer uma perda na vitalidade; o que, quando frequente, resulta na enfermidade do corpo, na debilidade intelectual, e numa prostração do poder do amor de um modo puro e dotado de reverência. Por vezes a razão, o amor, a beleza, e a devoção femininas, são massacradas pela ignorância e por desejos indisciplinados. O nutritivo viceja, mas o espiritual descai na fadiga e na doença.

De fato, posso dizer, em vista dos resultados, que o casamento legal de um homem de temperamento nutritivo com uma mulher de temperamento espiritual é diabolicamente cruel - tanto mais sob as presentes provisões legais, por o marido dispor de um “direito legal” de satisfazer os fatores de atracção do seu temperamento às custas da sua saúde; assim prejudicando o senso de requinte dela, sensualizando os hábitos físicos dela e degradando os temperamentos da prole dela!

Todo casamento falso - isto é, em que os temperamentos centrais não estejam de acordo uns com os outros - constitui uma nova fonte de águas impuras. Tal relação trás ao mundo “um novo suprimento” de filhos do amor carnal - uma prole dos elementos inferiores da reprodução - dotada de predisposições hereditárias para o crime de todo o tipo e magnitude; que todas as nossas disposições legais são expressamente feitas para prevenir - ou, para *provar* contra as vítimas, e para punir.

O temperamento *espiritual* (à semelhança do mental) extrai a sua essência conjugal de reprodução inteiramente da vitalidade do *cérebro e sistema nervoso*; mas o *nutritivo*, sendo organicamente material, extrai a essência espermática principalmente dos elementos do sangue. O sangue pode ser restaurado servindo-se de um só prato de alimento sólido; mas muitos dias são exigidos à renovação da essência mental. Consequentemente, há esposas que experimentam aversão em relação à “relação passional” do casamento - repugna pelos maridos, e que ficam “cansadas da vida” - enquanto os nutritivos se desenvolvem de modo satisfatório e expressam perfeita satisfação com os direitos legais do laço matrimonial. Deverão divorciar-se?

A TONIFICAÇÃO DOS TEMPERAMENTOS

Vocês perceberão a importância de dar aos filhos, à nascença, uma boa disposição dos seis temperamentos, quando lhes asseguro, que *nenhuma comunicação hereditária desses temperamentos pode ser radicalmente alterada*, embora possam ser muito gradualmente tonificados e harmonizados por meios da cultura espiritual e dos hábitos externos - exibindo ainda algo das características dos progenitores. Por conseguinte, enquanto o tónus do carácter individual seja capaz de uma ascensão eterna e ilimitado aperfeiçoamento, a individualidade em si mesma, iniciada à nascença, é fixada absolutamente e inalterável. As desvantagens de uma origem do amor carnal estendem-se, consequentemente, muito para além da morte.

A seguinte escala, que tem início no fundo e que ascende junto com os diagramas, representa os seis temperamentos na relação discordante. O temperamento Harmónico, sendo o culminar dos antecessores, ainda não tem uma representação humana conspícua. A mulher tem um Sensitivo *positivo* (ou sensual) que, combinada com o Motor negativo e Muscular *passivo*, tende para o emprego dentro de portas, o repouso corporal, e o acúmulo de uma abundância de material flexível.

O homem, ao contrário, dotado de um Motor *positivo*, e de um Nutritivo *passivo*, sente-se inclinado ao exercício ao ar livre, a uma atividade nervosa, e a perturbações pulmonares e do catarro - em especial se o marido de uma mulher dotada da alegada configuração temperamental. Os seus temperamentos centrais, conforme vocês observarão, acham-se em discordância; e os filhos, como consequência natural, serão ou adoentados e escrofulosos ou então mais ou menos turbulentos e imorais, ou ambos.

Estes temperamentos, embora imutáveis no tipo de influência que exercem no carácter, podem ser transpostos e centralizados. Esse fato é essencial em relação ao conhecimento. “Conhecimento é poder,” mas a sabedoria é o que lhe garante a aplicação. Penso que em relação a isto não preciso prescrever regras específicas. O leitor poderá descobrir as orientações fundamentais no primeiro e segundo volumes desta série. O capítulo votado ao “Cultivo Moral” transmitirá o método pelo qual desenvolver e fortalecer as faculdades da sabedoria. A reflexão do leitor, auxiliada pelos princípios desenvolvidos neste volume, ditar-lhe-ão então as dietas e atividades e hábitos serão produtivos para o “bem-estar corporal e a tranquilidade mental.”

O chá tende a intensificar o temperamento motor e mental, mas age diferentemente noutros; o café potencia (e torna positivo) o nutritivo e sensitivo, mas debilita os outros: a carne animal, fortalece o muscular e enfraquece o espiritual; e o mesmo em relação às diferentes ocupações, vão diretamente para o trabalho de se daguerreotipar (reproduzir exatamente) nos temperamentos - alterando o seu *tónus*, por graus lentos e impercetíveis inicialmente, desse modo tendendo quer a *melhorar* ou então a

deformar, o princípio humano oculto. Uns quantos meses de vida franca entre os casados revelará a sua condição, se os temperamentos centrais estão de acordo, ou não. Se quiserem ser felizes e beneficiar a humanidade, que estudem e obedeçam a esses métodos pacíficos - já recomendados, que trazem harmonia da disposição - sobre a qual a *unidade conjugal* repousa, junto com todas as intermináveis consequências que se elevam de modo sublime e sagrado dela.

É uma ideia formidável, a de que o ser humano, uma vez nascido, jamais possa morrer! Embora ao pôr-do-sol terreno, a parte física, qual veste gasta, seja posta de lado; contudo adiante vive triunfante o *verdadeiro* Homem *interno*. A terra é o seminário do Lar Espiritual! Aqui começamos por começar a ser. Aqui, a nossa educação rudimental é concluída. Aqui, pomos de lado tudo quanto é mortal em nós, salvo certas condições transitórias; para a seguir avançarmos para sempre - os embaixadores de infinitos usos, de benefícios eternos. Devíamos nascer devidamente, pois, assim como devidamente educados

Mas a jovem mulher ou o jovem homem, sem que façam uma avaliação mais elevada e espiritual do amor conjugal, casam-se principalmente com base nos impulsos movidos pelos elementos físicos. A paixão prematura, e não o princípio, sugere um casamento transitório. Centenas são ao que se casam, que sentem repugnância por uma prole. Mas essa prole vem. Esses filhos brotam do amor carnal; os incidentes e acidentes do casamento. Esses “acidentes” são absolutamente receados por parte dos extremistas conjugais - aqueles que vivem no plano do amor carnal.

Ouvimos falar muito dos Direitos universais das Mulheres, e dos Direitos dos Homens; porém, agora sinto-me impelido a instar os “Direitos do que está por nascer,” e dos direitos dos filhos que estão a ser desenvolvidos.

A criança é prejudicada sempre que, antes do nascimento, é “usada e perseguida com rancor.” A criança individualizada é terrivelmente prejudicada, quando a sua vida é solicitada por via das drogas e instrumentos. Ah, haviam de ficar surpreendidos se traçassem a história de centenas de homens e mulheres quatro ou cinco meses *antes* de inspirarem o alento do céu. Muitos gozam de “mau feitio,” não só por causa de terem brotado de um amor carnal, mas, para cúmulo, por terem aberto caminho pela vida à força - por meio de diversos perigos médicos, e escapado diversas tentativas de assassinato parental! Há muitas crianças individualizadas que, antes de nascerem, são prejudicadas dessa maneira. Muitas são consideradas “intrusas;” e muitas rezam para que venham, que nunca chegam a responder na *propria persona*! (Pessoalmente)

Mas quando o pequeno bebé surge, embora não desejado, aí os progenitores meio irritados e meio encantados dizem: “bem, o filho é nosso; ele veio e não nos vamos queixar. Sendo propriedade nosso, nós não nos separaríamos nem por mil dólares. É

o acidente do casamento; depende do nosso empenho para apoio e desenvolvimento; vamos amá-lo, fazer o melhor para o vestir, alimentar e educar; e deixar o resto à Providência.”

Entre tais pais há pouco conhecimento respeitante à influência dos estados mentais anteriores ao nascimento da criança. Contudo, os filhos constituem incidentes do casamento; e eu dependo, para uma prole harmoniosa, das combinações corretas de temperamentos entre os sexos; não de nenhuma teoria de intenção reprodutiva.

A Natureza declara a terra como sendo o manufator regularmente organizado da espécie humana - e pronuncia o casamento como a relação santa entre almas humanas - e declara o elemento reprodutivo como meio poderoso da elevação humana. A terra é o seminário dos jovens; do qual, bem-nascidos, bem-educados e desenvolvidos em harmonia, emancipados de tudo quanto é grosseiro e acorrentador, a alma poderá eventualmente subir para as esferas mais elevadas do Amor e da Sabedoria.

Como havemos de garantir uma prole do Amor e da Sabedoria? Eu sugeri a serventia para que o casamento devia ser formado pelos amantes. Mas estou plenamente ciente de que as pessoas nem sempre olharão para os mais elevados objetivos. Daí que lancemos mão do nosso princípio certo e digamos: embora os vossos motivos estejam nos planos inferiores ainda assim *casem-se corretamente pelo temperamento*, e o mundo não será desrespeitado quer pela vossa aliança nem pela prole que tiverem.

Uma boa e autêntica prole, como daqui em diante mostrarei, pode ser iniciada em qualquer plano do casamento. A mesma observação aplicar-se-á à própria relação. Não existem na natureza regras arbitrárias para a produção de um prole que brote do amor. A pureza de intenção é natural em relação aos amantes verdadeiros. O grande pré-requisito, pois, está numa verdadeira relação conjugal, sobre qualquer plano, baseada numa identidade resultante dos temperamentos centrais

A relação espiritual é alcançável a partir de qualquer casamento inferior que tiver tido um começo adequado - tal como o casamento Harmonioso é alcançável a partir da relação espiritual. A união harmoniosa é digna de todos os esforços e contemplações humanas. É um casamento de princípios - de vida para a vida - ao longo dos séculos da eternidade. A Filosofia da Harmonia diz: “Garanti vós primeiro o casamento *interno* de acordo com a Lei da aptidão interna, e todos os encantos da paternidade e todos os benefícios do lar vos serão acrescentados.”

Por isso, acima de qualquer outra reforma, apresento um aperfeiçoamento nos nossos métodos do casamento - uma ideia melhor e mais exaltada da sua serventia e benefícios! Uma ideia *mais ativa e consagrada do amor conjugal*, como essencial

básico. A partir disto, sem o esforço mental (ou premeditação) brotarão naturalmente filhos do amor e da sabedoria. “Desses é o reino dos céus.” Os espíritos elevados observam reverentemente uma criança bem-nascida. A infância sugere pureza e perfeição. Uma criança nascida do espírito do amor - dos amantes da Sabedoria - será pura e bela, e tornar-se-á numa felicidade universal! Alexander Smith exclamou -

“Ah, tu coisa lustrosa viçosa da mão de Deus;

Os movimentos da dança dos teus membros são balançados

Pela incessante música do teu ser!

Mais perto de Deus pareço estar quando te contemplo

Passaram eternidades desde que ele criou a sua estrela mais jovem,

A sua mão estava em ti como se tivesse sido ontem!

Tu a última revelação! Corrente de prata

Que corre com risos do lago divino

De onde todas as coisas fluem!”

LIÇÃO XV

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE

AS QUESTÕES DO CASAMENTO E DA PARENTALIDADE

Num tempo de cultura refinada — quando a arte, a ciência e a moralidade se encontram em harmonia — considerar-se-á nem próprio, nem casto, entrar na esfera do casamento enquanto as várias partes da constituição física ainda estiverem a percorrer o processo do desenvolvimento, e enquanto a individualidade da mente permanecer indefinida e imatura.

A maternidade americana, se os meus pressentimentos forem válidos, ocupa em demasia a existência terrena da mulher. As nossas famílias, em geral, são demasiado numerosas. Forçam-se demasiadas crianças à existência — acidentalmente, por força do casamento — e com naturezas frágeis e efémeras.

Sim, a maternidade começa demasiado cedo na vida; e muitas crianças vêm ao mundo antes do tempo. Jovens frágeis, acabadas de florescer na adolescência, tornam-se mães; e antes mesmo dos dezoito anos, já estão exaustas, com bebês fracos

e doentes. Quando essas crianças chegam à juventude, talvez aprendam a pronunciar agradecimentos formais pela “criação e preservação”; mas o seu coração, demasiado consciente da debilidade parental, repete em tom melancólico:

“Ah, quem me dera nunca ter nascido...”

Um autor no *National Intelligencer* escreve:

“Os filhos de pais muito jovens são, em geral, débeis de corpo e mente, e morrem precocemente. Franklin foi o décimo quinto filho do pai e o oitavo da mãe; e mais ainda, foi o filho mais novo durante cinco gerações consecutivas no lado materno, de onde herdou mais do seu génio do que do pai. Pitt, Fox e Burke foram todos o filho mais novo das suas famílias. Daniel Webster foi o mais novo por um segundo casamento; Lord Bacon também; Benjamin West era o décimo filho dos pais; e o Dr. Doddridge foi o vigésimo, do mesmo pai e mãe. É provérbio antigo que 'os mais novos são os mais inteligentes'. Porquê? Porque os pais estão mais maduros física e mentalmente, e por isso transmitem uma ordem superior de mentalidade aos filhos.”

Pergunto: esperará o agricultor sensato uma colheita saudável e abundante semear milho raquíptico ou batatas verdes? E por que não aplicar **tanta ciência e bom senso à propagação da “forma humana divina” como se aplica à da batata ou da couve?...

Mesmo que se admita que o casamento precoce possa evitar alguns vícios e males sociais, não será o remédio pior que a doença, se daí resultar uma geração de filhos frágeis, malformados, muitos dos quais morrerão antes de atingir a maturidade? Mas o mal não termina aí. Os que sobrevivem transmitem a sua constituição precária à geração seguinte — e assim se cumprem, de forma eficaz, as palavras:

“As iniquidades dos pais são visitadas sobre os filhos.”

O editor do *American Phrenological Journal* comenta:

“Há tanto bom senso como filosofia profunda no texto acima. Organizações imaturas não podem transmitir uma grande força física ou mental à descendência. No mundo animal, isto é especialmente verdadeiro. Bois e cavalos gerados por progenitores de apenas um ou dois anos não são tão grandes nem tão dóceis. Além disso, descendentes de animais de trabalho — que foram treinados durante boa parte do ano — são mais fáceis de treinar e trabalham melhor que os outros.”

“Os frutos de casamentos precoces ou de uniões ilícitas de pais igualmente imaturos, têm geralmente tendências grosseiras ou indomáveis, ou então são tão fracos de corpo e mente que se tornam tudo menos motivo de orgulho para os pais.”

O autor dá um exemplo observado na Virgínia, em 1841: Numa família de nove

filhos, os pais eram ambos fisicamente e mentalmente bem desenvolvidos. Mas a evolução das crianças era notável:

O filho mais velho, nascido quando os pais tinham quinze e catorze anos, era pequeno, frágil, com testa inclinada, sem energia, sem capacidade prática — parecia o irmão do pai, ou até mais velho. Os filhos seguintes foram progressivamente mais fortes, inteligentes e saudáveis. Os que nasceram depois dos 30 anos dos pais eram verdadeiramente notáveis.

“Que maldição foi este casamento prematuro — tanto para os pais como para os filhos! O pai teve de sustentar o filho mais velho e os seus próprios netos, também débeis e pálidos.”

As Revelações da Natureza

A mensagem é clara:

MENOS filhos... e MELHORES. O que nasce corretamente à primeira, é sempre superior a qualquer tentativa de “nascer de novo”.

Tudo depende do primeiro passo. Mesmo que os nossos primeiros esforços sejam imperfeitos e sem experiência, se começarem bem orientados, já é muito.

O corpo e a alma gerados em retidão desde o princípio, são constitucionalmente e eternamente independentes de qualquer processo de “regeneração” teológica.

A IGREJA DO FUTURO

O que será ela? Quem poderá explicá-la? Quem ousará profetizá-la?

Ansiamos por vislumbrar as realidades do seu advento? Então meditemos sobre o Ser Humano Harmónico!

Neste modelo encontramos não apenas a sombra, mas a substância — é, ao mesmo tempo, profecia e cumprimento. Contemplemos, com reverência e serena amplitude de pensamento, o Homem Harmónico:

- ☐ Bem concebido
- ☐ Bem edificado no seu interior
- ☐ Bem nascido no mundo dos efeitos
- ☐ Bem educado pelos mestres da Natureza
- ☐ Bem inserido na esfera social e nas atividades da vida.

□ Com um espírito sintonizado com os Princípios Imutáveis da Natureza!

Que Santuário glorioso é este! Olhai-o bem! Não vedes nele o selo do Céu, marcado de forma indelével? Não é ele uma imagem simétrica da Criação? Não se encontra ali o reflexo do próprio Deus?

Uma Igreja assim — tão cheia de santidade, dedicada igualmente à Verdade e à Humanidade, e portanto a Deus e à Vida Espiritual dos mundos superiores — não pode ser erguida na Terra por casais falsamente unidos; Nem mesmo por pais demasiado jovens, ainda que a sua união seja, em aparência, harmónica.

Ainda assim, toda criança humana, ao nascer, possui o diamante celeste de brilho imortal; E esse brilho, em certas circunstâncias favoráveis, há de manifestar-se ainda nesta Terra — embora com maior fulgor, beleza e certeza após a morte, nos mundos de melhores condições. Mundos onde as marés fluem musicalmente como um mar divino, e as glórias são imutáveis como a eternidade.

Centenas de pessoas contraem matrimónio anos antes de o ser humano natural atingir o pleno desenvolvimento do seu crescimento normal — antes de a parte espiritual ter alcançado a verdadeira forma e força do seu carácter. Por isso, na maioria dos casos, o corpo adoece e a alma fica insatisfeita com a relação. A saúde robusta entre os casados é tão rara como o princípio na política.

E há quem considere uma boa e dócil esposa aquela que não tem nem força física nem virtude espiritual para se rebelar contra e prevenir os excessos da maternidade precoce, nem para resistir à injustiça dos extremismos conjugais. Olhemos para as esposas de rosto pálido e meia-doentes da cristandade — onde a inteligência, nas suas formas mais elevadas, e o sensualismo, nas suas expressões mais baixas, se manifestam por todo o lado — e veremos a triste evidência de casamentos demasiado precoces, para começar, e depois os erros e desgraças que decorrem da negligência ou ignorância em obedecer às leis essenciais à saúde e à beleza.

Todos os dias, o nosso país torna-se mais conjugal. Os casamentos precoces aumentam notoriamente. A juventude, por conseguinte, desaparece rapidamente por entre as nuvens de cuidados prematuros e sob a debilidade resultante de hábitos libidinosos que, por serem praticados no casamento, são considerados “legais” e pouco ou nada censurados ou advertidos pela sociedade.

Não é difícil explicar este aumento do conjugalismo. Os hábitos da juventude moderna são extraordinariamente precoces. A sua alimentação é especialmente estimulante; os seus modos fortemente imitativos dos adultos; e os seus percursos

(particularmente entre empregados de escritório e estudantes) promovem uma maturação nervosa — tudo conspirando poderosamente contra o repouso e o crescimento normal do elemento conjugal. Desenvolve-se a paixão inculta, não o amor. A chama arde, mas não o PRINCÍPIO.

A causa que mais contribui para este desenvolvimento precoce do conjugalismo no espírito jovem — e que, uma vez desenvolvido, clama de forma veemente e estrondosa por alimentar os seus apetites vorazes com comidas e bebidas intensamente estimulantes — reside na base de tudo: tem origem, quase certamente, nas emoções e potências do amor consanguíneo de um ou ambos os progenitores. A alma humana, surgindo de tal fonte, enfrenta dificuldades intrínsecas e não consegue facilmente elevar-se acima da sua origem. As predisposições mais infelizes para casamentos de amor consanguíneo — as tendências mais irresistíveis para o conjugalismo prematuro — nascem de emoções herdadas.

Apesar desta desvantagem constitucional e deixando de lado os inúmeros problemas sociais que isso gera em cada família, o PRINCÍPIO MAIS ÍNTIMO existe para além de qualquer contaminação. Os males do conjugalismo, tal como outros com maior ou menor intensidade, nunca afligem a vida da alma humana. Esta é pura como Deus. Não está mais sujeita do que Ele a ser corrompida ou deformada pelas tempestades e assaltos da desgraça.

Todos os males são, por natureza, terrenos e superficiais; não conseguem manchar a alma que os carrega. Tal como roupas, podem ser retirados e postos de lado, para nunca mais serem usados. Ainda assim, o “cheiro” dessas “vestes” pode infiltrar-se nas fibras da natureza imortal; e, embora não seja erradicável, pode persistir durante muitos períodos da vida espiritual futura. Diria que os males, como as cascas do milho, ocultam a excelência interior. O progresso remove o ouriço da castanha, liberta a borboleta da sua pesada capa de lagarta e, de igual modo, retira a armadura dos males — sejam herdados ou adquiridos — do INATO PRINCÍPIO da mente, deixando a sua forma, tal como sempre foi na essência, pura e imaculada — inalterada e inabalável.

Do ponto de vista fisiológico, vemos a nossa juventude, demasiadas vezes pressionada por pais ambiciosos, amadurecer prematuramente e de forma impermanente; com aparente capacidade orgânica para um casamento consciente e uma parentalidade bem-sucedida. Mas, com certeza, tudo isso é apenas aparência. A Natureza diz: “Isto não é real.” Se a lei divina do temperamento for respeitada (nos hábitos e na alimentação), cada passo do caminho da juventude à maturidade proporcionará um crescimento saudável e progressivo do princípio conjugal.

Raparigas e rapazes são estimulados e empurrados com velocidade de comboio para uma maturidade fictícia, através do chá, café e excesso de carne. Por isso, de forma

ilusória, essas mentes aceleradas experienciam, logo no início da vida, as novas emoções das necessidades conjugais; e assim acontece que os casamentos juvenis se tornam cada vez mais frequentes e populares — não só aprovados pelas conversas familiares e opiniões da rua, como também recomendados pelos nossos médicos e teólogos.

A beleza da mulher, a sua juventude espiritual e elasticidade física são demasiadas vezes sacrificadas no altar da maternidade. Alguns defendem o casamento precoce para que os filhos pequenos não perturbem o sossego dos pais mais velhos. Mas este argumento cai por terra se lembrarmos que o “sentir-se velho” é, em grande parte, resultado de uma juventude mal vivida. O homem saudável de cinquenta anos, tal como a mulher saudável aos quarenta e cinco, é espiritualmente tão jovem quanto uma criança. Não existe decadência nem envelhecimento nas mentes harmoniosas. Para estas, as alegrias e brincadeiras das crianças nunca são impertinentes.

O casamento precoce é pouco menos imoral do que o assassino de meia-noite. Vem, com demasiada certeza, para destruir. Os cuidados conjugais precoces e os crimes que deles advêm são tão destrutivos para a paz como guerreiros selvagens da floresta. A saúde fisiológica e a beleza psicológica são inesperadamente ceifadas e brutalmente lançadas por terra. À semelhança de um campo de batalha, no império da vida conjugal, observamos à nossa volta, em grupos desordenados, “os feridos, os mortos, os moribundos” — não apenas as deformações destroçadas de outrora belas, cantantes e alegres mães, mas também, num espetáculo ainda mais horrendo (e sinal seguro de futuras desgraças sociais), uma vasta multidão de crianças nervosas e doentes.

A crescente mortalidade, o massacre em massa de bebés — prematuramente concebidos e medicados de forma errada — é uma dor imensa. Naturalmente, eles não são sequer meio-nascidos, nem suficientemente deixados em paz por amas e médicos após o primeiro infortúnio! Lembremo-nos de que uma vigilância parental excessiva impede o desenvolvimento da centralização individual. O jovem impetuoso, demasiado “protegido”, aprende rapidamente a negligenciar-se. A criança muito pequena rejeita a “proteção própria” ao sentir-se dentro da forte defesa da vigilância constante dos pais e da mãe.

Ao mundo dizemos: MENOS, MAS MELHORES. Quase todos os esforços para convencer as mentes jovens a praticarem a temperança conjugal serão inúteis. Não podemos alterar, nem com teorias e preceitos, nem com fatos históricos, por mais verdadeiros e impressionantes que sejam, as exigências sexuais e os consequentes abraços. Não podemos impedir o facto de que cada fase do desenvolvimento humano terá os seus próprios costumes e manifestações. Mas os males, ou os erros e infortúnios da ignorância, podem ser antecipados. Podemos prevenir, com mais

facilidade do que curar, os erros sociais. E podemos começar agora a fazê-lo, criando, por assim dizer, um novo oceano de sentimento público — conduzindo as suas marés a embater poderosamente contra a popularidade dos casamentos precoces: prevenindo assim, ainda que em parte, os males da reprodução defeituosa e prematura.

QUANDO NÃO É O CASAMENTO PREMATURO? — ensina: “pela fruta se conhece a árvore.” O evangelho da Natureza. Ou seja, as crianças indicam, primeiro, se os pais estavam espiritualmente unidos ou não; e, segundo, indicam se os pais entraram na relação exterior no momento certo ou antes dele. Talvez o testemunho externo nos ajude nesta fase da questão. Várias estatísticas bem organizadas e comentários foram publicados no *Phrenological Journal* de 1850. Surgem agora no meu pensamento como ajudas oportunas e amigas para conclusões universais.

"Há alguns meses", comenta o Sr. Hine, "publiquei um breve artigo sobre este tema num dos jornais mais prestigiados da cidade de Washington, ilustrando a lei que exige a maturidade dos pais no momento do casamento como condição indispensável ao vigor mental da descendência. Tentou-se sensibilizar os jovens para a importância de respeitar essa lei, através da citação de quase uma centena de exemplos retirados da história da grandeza humana, considerando todos os casos em que os fatos estavam disponíveis — quer fossem a favor ou contra a doutrina que se procurava sustentar.

De todos os casos analisados, apenas três ou quatro favorecem o casamento precoce e, mesmo nesses, como no caso de Bonaparte, os pais eram de vigor extraordinário. A mãe de Napoleão acompanhou o exército nas suas marchas até poucos dias antes do nascimento do filho e, quando chegou a hora, regressou a pé da igreja e foi sua própria parteira.

Não reclamo originalidade na defesa desta doutrina, pois ela já foi muitas vezes promovida. Tudo o que reivindico é algum esforço na recolha de fatos que a sustentem e que a gravem na consciência pública. Neste texto, apresentarei muitos mais exemplos encontrados nas minhas investigações desde a redação do artigo anterior. Os nomes ilustres que irei referir provêm de quase todas as áreas em que o ser humano eternizou a sua memória. Apresentarei todos os casos independentemente de apoiarem ou não a doutrina em análise, para que não se diga que, apesar de tantos casos a suportarem, seria possível encontrar outros tantos que sustentassem a opinião oposta.

Começemos pelas biografias dos poetas italianos. Dante nasceu em 1265. Sabe-se que era filho da segunda esposa do pai, chamada Bella, o que indica que o pai já era de idade madura. E se considerarmos que a mãe nutria, antes mesmo do nascimento, a expectativa da grandeza do filho, percebemos que sentimentos superiores

predominavam no seu espírito. Assim se ilustra outra doutrina importante: enquanto a mãe está grávida, a sua mente deve ocupar-se com pensamentos elevados e sentimentos nobres, para que a criança receba uma organização mental favorável. Qualquer mãe atenta pode apontar exemplos, entre os seus conhecidos, de crianças “marcadas” por influências que atuaram sobre a mente da mãe durante o período anterior ao parto. A mãe de Dante — mesmo admitindo que fosse jovem, ainda que tal não esteja explicitado — estava livre de paixões vis e o seu estado mental elevado influenciou, sem dúvida, o carácter do poeta.

Petrarca nasceu em 1304. Era o filho primogénito, mas as idades dos pais não são referidas. No entanto, sabe-se que havia entre eles um afeto profundo e que eram guiados por elevados princípios, já que foram banidos de Florença por se oporem à tirania. Este facto ilustra a doutrina frequentemente defendida nesta publicação: o amor verdadeiro entre os pais é, como regra geral, indispensável para dotar a descendência das melhores qualidades. Esta ilustração é reforçada pelo facto de este filho ter sido unanimemente reconhecido como “o bom Petrarca”.

Boccaccio era ilegítimo, filho de uma jovem francesa e de um comerciante italiano de grande reputação no seu país. Nasceu em 1313. Este exemplo fornece mais provas da doutrina em discussão — que o estado mental dos pais tem grande influência no carácter dos filhos. As concepções resultantes da luxúria são geralmente infelizes, como se confirma na maioria dos casos, em especial no de Boccaccio. Até aos 46 anos, levou uma vida dissoluta — o fruto legítimo de uma união degradante. Nessa idade, cedeu à influência benigna e aos cuidados fiéis do “bom Petrarca”, que esperava libertar a arte divina do escândalo causado pela dissolução de um dos seus maiores representantes. Boccaccio reformou-se.

Lorenzo de Medici, outro poeta italiano notável da segunda metade do século XV, era o segundo filho. Giovanni Pico della Mirandola era filho mais novo, nascido em 1463. Luigi Pulci era o mais novo de três irmãos, todos célebres, embora ele tenha sido o mais distinto.

César Bórgia destacou-se no início do século XVI. O seu caso constitui mais uma prova, como o de Boccaccio, de que a luxúria não só envergonha os pais como arruína os filhos. Bórgia era filho ilegítimo de Rodrigo Bórgia, que viria a suceder a Clemente VIII no trono papal. César, o filho ilegítimo, tornou-se cardeal, mas não gostava da vida eclesiástica e era ciumento do irmão mais velho, o duque de Cândia, que o pai desejava elevar ao mais alto posto temporal, tanto pelo seu êxito militar como pela preferência manifestada por Lucrecia, irmã de ambos.

César mandou assassinar o irmão, fazendo-o emboscar e lançar ao Tibre. Com esse ato vil, alcançou o seu objetivo. Abandonou o cardinalato, casou-se e divorciou-se de Ana da Bretanha, de quem obteve o ducado de Valência, em França, sendo então

conhecido como duque de Valentinois. Isto aconteceu no ano de 1500. Era um homem de grande inteligência, e filho mais novo. O seu pai era notoriamente devasso.

Tasso nasceu em 1544, o terceiro filho. O primogénito morreu jovem. Este caso fornece mais uma prova do valor inestimável das afeições fortemente desenvolvidas nos pais como condição para a transmissão de qualidades superiores aos filhos. Bernardo, pai de Tasso, demonstrava um carácter profundamente afetuoso, como se lê numa carta dirigida à irmã: “A minha jovem filha é muito bela e dá-me grande esperança de que levará uma vida virtuosa e honrada. O meu filho mais novo, Torquato primeiro, está perante Deus nosso Criador, e roga pela vossa salvação.

A minha Pórcia tem sete meses de gravidez; venha menino ou menina, será suprema alegria para mim; peço apenas a Deus, que mo concede, que nasça com o Seu temor. Rezai, junto com as santas freiras, para que o Todo-Poderoso preserve a mãe, que neste mundo é a minha maior felicidade.” Essa criança, ainda no ventre, era Torquato segundo — o célebre Tasso. O pai era um poeta reputado, com mais de quarenta anos quando o filho nasceu. A origem pura de Tasso explica a sua alta espiritualidade. Que contraste tão belo com os exemplos de Boccaccio e César Bórgia! Que força revela esta ilustração da verdade que estamos a defender!

No artigo anterior, referi os nomes dos poetas ingleses sobre os quais havia dados disponíveis, salvo alguns que me escaparam.

Oliver Goldsmith foi o mais novo de cinco filhos, nascido em 1728. S. T. Coleridge era o mais novo de uma família numerosa, filho de um clérigo, e nasceu em 1773. Schiller também era filho mais novo.

Passemos agora a alguns homens da ciência que encontrei nas minhas investigações e que não foram referidos anteriormente.

Galileu nasceu em 1564, o mais velho de seis filhos; mas, como o pai terá morrido em 1591, 27 anos após o nascimento do filho e já em idade avançada, pode inferir-se que estava na meia-idade quando o astrónomo nasceu. John Ripler nasceu em Wittemberg, em 1571. Sabendo que o pai foi durante muitos anos oficial do exército, pode-se supor que era filho mais novo ou que nasceu quando os pais já eram maduros. John Evelyn era também filho mais novo, nascido em 1620, e uma das figuras mais notáveis do seu tempo. Dr. Edward Daniel Clarke, mineralogista de renome, era o segundo filho, nascido em 1769. Robert Fulton foi o terceiro filho, nascido em 1705. Sir Humphrey Davy nasceu em 1778, o primogénito. As idades dos pais não são referidas.

Entre os estadistas e juristas que observei, destaco os seguintes casos: Sully era o

segundo filho, nascido em 1560. Richelieu foi o mais novo de três irmãos, tendo nascido em 1585. O seu irmão Alphonso, de temperamento melancólico e mente supersticiosa, abandonou o bispado de Luçon e retirou-se para um convento. Nada se diz sobre o outro irmão. Não é necessário referir a imensa capacidade mental do Cardeal Richelieu.

O Conde Oxenstiern, da Suécia, era o mais velho de dois filhos, nascido em 1583. O seu pai faleceu quando o filho ainda era criança — a idade exata não é indicada. Olivarez, conde-duque de Espanha, nasceu em 1587. Não é referido se era o primogénito ou o mais novo, mas apresento este caso por causa de uma lição poderosa que se pode tirar do carácter do filho ilegítimo que teve, fruto de uma relação com a esposa de Spinola, enquanto ainda jovem.

Mais tarde, reconheceu esse filho como seu, mas o carácter desse fruto da luxúria era absolutamente infame. Possuía considerável capacidade intelectual, mas os seus sentimentos morais estavam profundamente pervertidos. Nem todas as boas influências que o seu ilustre pai poderia invocar foram capazes de o conter. Que este caso se junte aos outros semelhantes já anteriormente apresentados.

Thomas à Becket, cuja grande influência é bem conhecida por todos os leitores da história inglesa, era filho único, nascido na maturidade dos seus pais, em 1119. O Chanceler Paulet era também filho único, nascido em 1476. Sir Christopher Hatton foi o terceiro e mais novo filho, nascido em 1539. Lord Keeper Puckering era o filho mais novo, nascido no final do século XVI. Lord Ellesmere nasceu em 1540, sendo mencionado aqui pelo facto de o seu filho mais novo ter herdado os seus títulos.

Lord Eldon foi o oitavo filho de um segundo casamento, nascido em 1751. Mirabeau foi o quinto filho. George Selwyn era o segundo filho, nascido em 1719. Oliver Cromwell nasceu em 1599 e era filho mais novo. Sir Samuel Romilly era filho mais novo de um filho mais novo, nascido em 1757. George Canning nasceu em 1771, de pais maduros, como se pode inferir pelo facto de o pai ter sido deserdado por casar com uma mulher bela mas sem dote, ter vivido na pobreza e falecido de coração partido um ano após o nascimento do seu nobre filho.

Sir J. Eardley Wilmot foi o segundo filho, nascido em 1709. Charles James Fox era o segundo filho, nascido em 1748. Isabel foi a filha primogénita de Henrique VIII, nascida da sua segunda esposa, Ana Bolena, em 1533, quando o pai tinha já quarenta e dois anos.

O próprio Henrique VIII era o segundo filho, nascido em 1491. Independentemente da sua moralidade, o seu intelecto era marcadamente vigoroso. Guilherme Rufo foi o segundo filho de Guilherme, o Conquistador, nascido quando o pai tinha já cinquenta e sete anos, e faleceu em 1100. Possuía grandes capacidades. Ao primogénito,

Roberto, foi atribuído o ducado da Normandia, mas como a sua administração foi negligente, Rufo tomou-lhe a província. Após a morte de Rufo, Roberto foi o herdeiro natural do trono, mas a superioridade do irmão mais novo privou-o da herança. Roberto invadiu Inglaterra sob os mais auspiciosos sinais, mas foi suficientemente fraco para abdicar da sua pretensão em troca de uma pensão de trezentas marcas. Este é mais um caso onde se observa a superioridade dos filhos mais novos.

Henrique I foi o filho mais novo do Conquistador. Estêvão foi o filho mais novo de uma filha do Conquistador. O filho mais velho da sua mãe era imbecil. Henrique II foi o primogénito de Matilde, que tinha trinta e um anos quando o deu à luz, em 1133. O pai era ainda mais velho. Ricardo I foi um dos filhos mais novos de Henrique II, nascido de Leonor, sua segunda esposa, em 1157. João foi o filho mais novo de Henrique II.

Henrique III nasceu em 1207, quando o pai, João, tinha quarenta anos, e foi gerado pela sua segunda esposa. Eduardo I foi o filho primogénito sobrevivente de Henrique III, que tinha trinta e um anos aquando do seu nascimento, em 1238. Aqui temos outro exemplo da debilidade do primogénito, revelada na sua morte precoce.

Eduardo II foi o único sobrevivente de quatro filhos. O pai teve quinze filhos. Eduardo III foi o primogénito de Eduardo II, nascido em 1377.

Quanto ao Príncipe Negro, aqui temos um caso que parece contrariar a nossa doutrina. O heroico Eduardo de Gales, conhecido como o Príncipe Negro, nasceu quando o pai tinha apenas dezanove anos. No entanto, este exemplo perde força enquanto argumento contrário quando consideramos o carácter extraordinário da mãe. Devemos fazer concessões para casos assim.

Se a nossa doutrina se confirmar na maioria dos casos de paternidade comum, é legítimo esperar que os filhos de pais muito jovens, mas exceccionalmente dotados e profundamente compatíveis entre si, possam manifestar grande superioridade. Contudo, se a doutrina se comprovar — como as biografias atestam — quanto maior não seria a qualidade dos descendentes de pais nobres, se estes só gerassem filhos na plenitude da sua maturidade!

Hume atribui grandes capacidades a todos os reis mencionados; e de facto, era difícil para um príncipe fraco manter-se no trono. Não investiguei mais entre os reis.

Passo agora a citar alguns casos no campo da literatura e da filosofia especulativa. Leibniz foi filho único do segundo casamento do pai, nascido em 1646. Lichtenberg foi o décimo oitavo filho, nascido em 1742, perto de Darmstadt. Era universalmente talentoso — grande matemático, pensador profundo e figura destacada na literatura.

Daniel Defoe nasceu em 1661. O pai já era completamente maduro, como se pode inferir pelo facto de estar bastante envelhecido em 1705.

Heyne foi o primogénito de uma família pobre, nascido em 1729. A idade dos seus pais não é referida. Diderot foi também o primogénito, nascido em 1713. Mesmo que os pais não fossem maduros, o seu caso serve para ilustrar a nossa tese devido à sua fraca moralidade. Novalis foi o segundo de quatro filhos, nascido em 1772. Charles Lamb nasceu em 1775 e era o filho mais novo, tendo um irmão doze anos e uma irmã dez anos mais velhos do que ele. John Henry Stilling era o mais novo de dez filhos. Madame de Staël foi filha única de Jacques Necker, tendo nascido em Paris, em 1766. Madame Roland, mais perspicaz do que qualquer outro político, foi a segunda filha, nascida também em Paris, em 1754. Destacou-se igualmente na literatura. William Wirt foi o mais novo de seis filhos, nascido em 1772.

No meu artigo anterior, mencionei já muitos artistas, mas alguns mais poderão ainda ser acrescentados. Clevinger foi o terceiro de dez filhos, nascido em 1812. Canova foi filho único, nascido em 1757. O pai faleceu quando ele tinha apenas três anos.

Passemos agora a alguns teólogos que encontrei nesta investigação. Oberlin foi o mais novo de nove filhos, nascido em 1740. Richard Watson nasceu em 1737, quando o pai já contava sessenta anos. São Francisco nasceu em 1416. Os seus pais, depois de anos sem filhos, rezaram por um descendente, e Francisco nasceu. Inácio de Loyola foi o mais novo de onze filhos, nascido em 1491. São Nicolau nasceu em 1245. Os pais, já em idade avançada, pediram a Deus um filho e Nicolau foi a resposta às suas preces.

Termino aqui a lista de exemplos, para que esta exposição não se torne demasiado longa. É pena que os biógrafos das grandes figuras não tenham sido mais precisos ao indicar os fatos relacionados com as influências que contribuíram para o nascimento de descendência nobre — assim como aquelas sob as quais surgiram caracteres degradados. Em muitos casos, o único dado disponível sobre a ascendência é a data de nascimento.

Estou convencido de que a atenção às leis do matrimónio e às condições adequadas para trazer crianças ao mundo é tão importante quanto qualquer medida educativa no desenvolvimento dos jovens. Muitas vezes, casamentos impróprios e motivações vis por parte dos pais originam filhos com caracteres tão pervertidos que todas as tentativas educativas acabam frustradas. Posso afirmar que, na maioria dos casos, é necessário um esforço disciplinar dez vezes maior como consequência da violação das leis que temos vindo a considerar. Se estes são fatos, não terá o defensor da reforma do matrimónio e da regeneração das nossas paixões animais tanto direito à gratidão eterna do mundo quanto o herói do progresso educativo?

Há muitas considerações que poderia apresentar aos jovens para os incentivar a obedecer a estas leis importantes. Não só a sua felicidade como marido e mulher depende disso, mas também a alegria que nasce do amor paternal exige um profundo respeito por essas leis, pois a deformidade mental e física dos filhos provoca nas afeições dos pais as dores mais intensas.

Não só a felicidade dos próprios pais depende disto, como — ainda mais grave — causam um dano eterno à sua descendência ao trazerem filhos ao mundo sob más influências e em violação das leis naturais. Temos um forte sentido moral em relação à propriedade — capturamos o ladrão e condenamos o vigarista — mas ignoramos um crime maior do que o assassinio: o de dar origem a más organizações, pelas quais as crianças nascem pecadoras, débeis e infelizes.

Não deveríamos começar a despertar os nossos sentimentos morais neste assunto e deixar de amaldiçoar o mundo com os frutos da luxúria e da vergonha? Que repugnante é o simples facto de satisfazer, de forma ilícita e contra a lei natural, uma paixão que partilhamos com os animais inferiores! E quão terrível é esse ato quando o resultado é um ser humano arruinado! Esforcemo-nos por regenerar-nos, por viver como seres destinados ao céu, por estudar as leis que foram sabiamente instituídas para nossa orientação, e por tornarmo-nos bênçãos para o nosso tempo e geração!

Crianças robustas e racionais, dotadas das melhores constituições físicas e espirituais, são o fruto de pais consideravelmente avançados no seu desenvolvimento orgânico. O período mais afortunado para nascer situa-se, geralmente, entre os trinta e os quarenta e cinco anos da mãe, e os trinta e cinco e cinquenta do pai. Entre os povos mais racionais entre os aborígenes, o chefe guerreiro é normalmente filho de pais com constituições consolidadas e impulsos disciplinados pela pressão e exigências da vida na floresta ao longo de muitos anos.

A verdadeira essência do homem — a sua beleza e majestade — só se revela após um crescimento normal de cerca de trinta e cinco anos. Naturalmente, como se pode perceber, os diferentes temperamentos desenvolvem-se de forma distinta. Alguns maturam lentamente; outros, rapidamente. Por isso, o momento certo para o casamento não pode ser determinado por nenhuma regra fixa de idade. Tudo deve ser deixado ao princípio da razão esclarecida e à investigação pessoal. O carácter da mulher, em geral, não está completamente formado — nem sequer a sua beleza física é plena — antes dos trinta anos.

O rubor na face da natureza aos dezasseis anos é uma beleza efémera; e aquele que casa apenas com os encantos superficiais de uma donzela arrepender-se-á, no seu íntimo, amargamente. Segundo as impressões que colhi de muitos estudos e reflexões internas, se um homem e uma mulher estiverem espiritualmente unidos no momento certo, ambos podem crescer — por vontade mútua — em beleza física e moral, numa

harmonia crescente; e a média de filhos por família não ultrapassaria três, maravilhosamente organizados e saudáveis, verdadeiros descendentes de Vénus e Apolo, do amor e da sabedoria — sem anormalidades herdadas nem predisposições para relações conjugais defeituosas — sem tentações passionais herdadas, sociais ou solitárias.

Quando é o casamento justo e casto? A Natureza não apresenta um padrão arbitrário, mas instrui o estudante das suas Leis. Os testemunhos já citados — corroborados pela experiência dos séculos e confirmados pelas observações e estatísticas de filósofos — são suficientemente sugestivos. Todos os homens e mulheres harmoniosos, parece-me, encontrarão em si próprios, iluminados por uma Dispensação espiritual racional, a capacidade de decidir e agir em conformidade com as Revelações Divinas da Natureza neste assunto. É um tema de grande importância. O mecanismo da Natureza é imenso.

Ela trabalha com os seus filhos; não com dureza ou impaciência, mas com suavidade e eficácia. A posteridade está nas mãos dos pais! Atualmente, existem na Terra cerca de mil milhões de seres humanos. Em média, esse número desaparece do mundo ao fim de trinta anos. Durante a vida de uma pessoa, digamos de setenta e cinco anos, não menos de dois mil e quinhentos milhões de seres humanos vêm e vão — para além do alcance da visão material. E cada um deles, dotado de existência imortal, carrega em si a marca dos pais. Se essas marcas forem negativas, devem ser superadas; se forem positivas, devem ser aperfeiçoadas. A verdadeira humanidade, dotada de sabedoria, olha para o futuro. Antecipando o mal, age com racionalidade para o prevenir.

Repito: os diferentes temperamentos têm diferentes épocas e fases. Aqueles de natureza mais material podem casar sem risco, e sem comprometer o bem-estar da posteridade, com cinco ou oito anos de antecendência em relação àqueles cujo temperamento os predispõe ao hemisfério solar da vida. Ferro, zinco e cobre podem unir-se, com inteira castidade e propriedade, vários anos antes dos diamantes, da prata e do ouro. E os temperamentos compostos são propícios ao casamento durante os anos intermédios. Um conhecimento elementar sobre estes temperamentos basta para determinar a questão do momento certo.

Mentes irrefletidas, por assim dizer — os temperamentos não-intelectuais e meramente sociais — podem casar cedo na vida com poucas ou nenhuma consequências negativas, tanto no presente como no futuro, sem pôr em perigo as constituições dos filhos ainda não nascidos. Estes temperamentos são o nutritivo, o sensitivo e o muscular, já anteriormente caracterizados e classificados. Mas os temperamentos superiores obedecem a leis superiores. Estudiosos e intelectuais — com temperamentos motivacionais, mentais e espirituais — sofrem perdas orgânicas

sérias, e mais ainda em termos de plenitude mental, com qualquer gasto prematuro da essência vital, anteriormente chamada de “fluido espermático”.

O mero Conhecimento não salva a alma. A Sabedoria é o verdadeiro salvador do homem: a Sabedoria é o Conhecimento elevado; a flor da árvore da vida; o Rei do reino interior. O simples saber que tal gasto causará danos irreparáveis não é garantia de proteção. Tem de existir força moral; um poder superior às faculdades intelectuais. Os males do conjugalismo precoce não se evitam — estou bem ciente disso — com qualquer quantidade de conhecimento fisiológico, seja ele conjectural ou absoluto. Os jovens casados, legitimados pela lei, não se detêm a considerar dilemas éticos, nem controlam os seus impulsos conjugais com base nas máximas, para eles abstratas, dos filósofos.

“O homem resolve e volta a resolver,” e com frequência “morre o mesmo.” Cada um tende a testar por si mesmo “o caminho, a verdade e a vida.” O que é extremado e prejudicial para um, pode servir outro como um amigo leal; e assim nasce o ceticismo quanto à aplicação universal de qualquer Lei da Natureza proclamada por filósofos ou religiosos. A experiência, e a repulsa causada pelo excesso de gratificação prolongada, trazem a cada um, muitas vezes demasiado tarde para arrependimento terreno, as exigências da Natureza. Assim, o pai individual descobre a lei da Castidade depois de os filhos já estarem marcados para a vida inteira com inclinações hereditárias negativas em relação à direção conjugal.

A Natureza não é arbitrária; mas eternamente imparcial e infinitamente justa. Se alguém transgride, não recebe nenhuma punição vingativa! Na natureza não há Vingança; apenas justiça e equidade, distribuídas no tempo de forma igual sobre toda a terra. Por isso, cada penalidade recai sobre cada ato errado — naturalmente, sequencialmente, com justiça e sabedoria. Nenhum filósofo harmonial poderá contestar os métodos da Natureza.

Ela traz remédio aos seus filhos doentes e desviados; eles têm de o tomar, mesmo que fira os nervos e queime a língua. Observareis, então, que a Natureza não é vingativa, não segue métodos mosaicos de castigo — administra as suas penalizações com justiça, legitimidade, beleza e amor; uma envolvendo a outra, como a noite envolve o dia, ou a causa envolve o efeito — derramando o bálsamo da saúde, da bondade e da reforma nas almas desviadas dos filhos da terra. O sofrimento é uma bênção; sinal da justiça da Natureza; o batismo atento do amor eterno de Deus.

É minha convicção, fruto de profunda investigação, que se se anunciasse com autoridade indiscutível que, no último dia de Dezembro próximo, toda a profissão médica — com exceção da odontologia, cirurgia e obstetrícia — “desapareceria para sempre do mundo”, a humanidade, mesmo com o seu conhecimento limitado das leis da vida, e apesar de todas as suas doenças e fraquezas, beneficiaria de imediato de

forma imensurável. E, se não fosse digressivo, diria o mesmo de outras profissões não-produtivas — a jurídica e a clerical — salvaguardando apenas certos departamentos úteis que cada uma ainda contém.

Estas três profissões são como muletas, com que a humanidade doente, ignorante e em desarmonia caminha e tropeça pelo seu caminho evolutivo. A sua abolição contribuiria para o desenvolvimento imediato da centralização de carácter. Todos ensinariam os seus filhos a desenvolverem-se, proteger-se e ser autossuficientes, equilibrados e harmoniosos — verdadeiramente independentes. O homem negligencia-se e prejudica-se sempre que acredita poder obter um antídoto fiável, uma espécie de expiação vicária pelos seus pecados e erros.

As pílulas do Dr. Brandreth, por exemplo, encorajaram milhares a comer em excesso ou a consumir alimentos impuros, acabando por consolidar doenças dolorosas. Não sei onde nem quando encontraremos o fim dos males deformantes que têm resultado do dogma teológico moderno conhecido como “expiação vicária.” Tal crença dá aos fiéis a ideia de que o pecado e o mal, em todas as suas formas, são perdoáveis, desde que se cumpram certas fórmulas de vida ou rituais de fé.

Creio que o mundo se encaminhará para o equilíbrio, e que a individualidade do carácter se desenvolverá de forma normal e duradoura, apenas com base no princípio de que nada é perdoável se for errado ou substituto da verdade — mas sim, que é, com certeza, auto-punitivo e auto-correctivo, tanto agora como no futuro; sendo a rapidez desse processo de sublimação e regeneração determinada pela disposição e resolução do indivíduo — resoluções essas que devem ser expressas e sustentadas por ações visíveis, não pela continuidade em pensamentos viciosos e hábitos dissonantes, mas por um virar de alma alegre e voluntário em direção ao bem, através dos ciclos eternos que virão.

Mas regressemos à nossa questão principal: Quando é o casamento apropriado? No nosso país, a decisão da Natureza é clara: uma mulher de espírito elevado, com temperamento luminoso, evitaria grandes famílias se permanecesse na liberdade da juventude e da donzelice até perto do seu vigésimo quinto aniversário; e então, unisse-se material e socialmente com aquele que reconhece e sente ser o par da sua alma — nem muito mais velho, nem mais novo — com uma constituição física saudável.

E estou absolutamente certo de que, num tal matrimónio, a própria Natureza será o Sacerdote oficiante — unindo os dois, santificados pelo amor, de forma tão verdadeira, firme e indissolúvel, que nenhum homem ou circunstância, ainda que movidos por malícia ou legitimados pela sociedade, os poderá separar. Contudo, a questão da duração do vínculo pertence ao casal, não a regras arbitrárias ou circunstâncias passageiras — embora estas possam influenciar o resultado.

Talvez o leitor se oponha a esta filosofia do casamento, invocando as leis e hábitos que caracterizam o mundo animal. Mas recorrer a “fatos” conjugais observados nos reinos inferiores da natureza, para determinar o que é certo ou errado para a humanidade, só servirá para confundir investigadores superficiais — e em nada invalidará as nossas propostas sobre as impropriedades, indelicadezas e inconvenientes do casamento prematuro.

Disso estou certo. Sempre que me referi aos hábitos dos animais, fi-lo como sugestão, nunca como guia para o homem. Hão de recordar, penso eu, que o Mundo Humano não deve, e de facto não pode, ser medido nem avaliado segundo o mundo dos animais, que em cada aspeto essencial lhe é inferior.

Não devemos, portanto, considerar os fatos fundamentais comuns aos graus inferiores da vida como analogias, mas apenas como indicações. Não podemos aceitar tais fatos como critério ou padrão para medir a retidão ou o desvio humano — e muito menos nas áreas mais elevadas da árvore da vida humana — como os impulsos do Amor, os ensinamentos da Inteligência, ou as intuições da Sabedoria. A razão é clara: os mais altos desenvolvimentos e hábitos das organizações inferiores não se comparam — salvo nos princípios fundamentais — com os que são próprios e naturais à alma humana civilizada. As características animais, para o filósofo, são meros indicadores terciários e profecias, por assim dizer, daquilo que no homem já se manifestou, ou acabará por surgir em plena floração, com frutos mais doces e grandiosos.

Justificar os casamentos humanos com base na prontidão dos sistemas orgânicos para a reprodução — baseando-se na analogia de que isso é universal entre os animais — é a justificação mais incerta, mais insustentável e mais fictícia de todas; pois tal modo de pensar e viver não é mais do que medir o maior pelo menor, rebaixando os hábitos humanos ao plano dos brutos — seres sem espírito e transitórios. “Os nossos caminhos” não são (ou não deveriam ser) como os comuns ao mundo animal.

Suponhamos que o homem recorresse aos reinos inferiores da natureza para encontrar um padrão de moral — no que diz respeito à guerra, à escravidão ou a outras discórdias do nosso organismo social — não encontraria aí exemplos nefastos? No mundo animal, vemos os fracos submetidos aos fortes. O poder prevalece sobre o direito (como diríamos na linguagem humana) entre os animais da floresta. Há luta, há carnificina desesperada entre os habitantes selvagens da Terra. Deverá então o civilizado procurar no não-civilizado um código moral?

Deverá o homem perguntar ao animal qual a lei justa que deve regular o casamento? Seguramente que não. O homem não deve imitar os hábitos conjugais, as paixões não refinadas e não evoluídas dos animais! O que é natural e casto para organizações inferiores seria absurdo e vicioso no mundo dos homens e mulheres imortais.

Lembre-mo-nos da nossa filosofia do mal — a substituição de uma lei por outra — a humanidade a copiar e obedecer às leis dos animais.

De facto, o homem nem sequer poderia imitar com sucesso a “lei do casamento” que regula os animais. Pois, tal como em outros aspetos, as raças inferiores diferem entre si. Já mostrei que alguns animais são bigâmicos, outros poligâmicos, outros omnigâmicos, e ainda outros monogâmicos; consoante as posições que cada classe ocupa na escala ascendente até à humanidade — e também segundo a alimentação, os climas, e a periodicidade das forças passionais na fêmea, entre os animais.

O casamento justo — sendo, para a alma humana, infinitamente superior à mera função corporal de reprodução (função que satisfaz plenamente o disco inteiro da atração conjugal nos animais) — é a relação mais sagrada e essencial ao progresso perfeito no caminho da Natureza; e deve, por isso, ser procurado e vivido desde os primeiros anos da juventude até ao momento em que se forme essa união abençoada de espíritos, ao mesmo tempo casta, bela, espiritualizante e harmoniosa.

Que bênção é encontrar o par da alma ainda na juventude, formar um apego afetivo, e viver consagrado a esse Ideal puro, até à consumação da união exterior — quando a lei do desenvolvimento mútuo e semelhante começará, com naturalidade e espontaneidade, a sua obra perfeita entre os dois. A doutrina do crescimento mútuo do espírito — como meio de eternizar uniões que, de outro modo, seriam transitórias — torna todas as infelicidades conjugais perigosas, se forem prolongadas ou se permitirem que vibrações rudes abalem o vínculo que une coração a coração. A poetisa Mrs. Hemans refletia sobre a união feliz do matrimónio quando escreveu:

"Abençoo-te pelos olhares e palavras gentis

Que na minha senda caíram como orvalho,

Por todo o amor nesses olhos profundos,

Uma alegria sempre renovada!

Pela voz que sempre me respondeu

Com ternura e ânimo,

Por cada nascente de felicidade

Que aqui a minha alma provou."

As faculdades intelectuais devem ser cultivadas ao ponto de transmitirem aos afetos uma imagem clara do Companheiro Ideal — Aquele a quem o coração da alma anseia abraçar para sempre — com um amor imortal, colhido momentaneamente da vida sempre viva da Divindade. Cada ser precisa dessa unidade nupcial sustentadora, vigilante, geradora de beleza. A alegria, o entusiasmo, a inspiração acompanham o verdadeiro matrimónio — tão puro, tão sagrado, tão celeste, tão grandioso!

Como o doce aroma de um jardim de flores imortais, como suaves acordes de uma harpa distante tocada pelas brisas do paraíso, como um sol glorioso que brilha por entre as névoas das trevas terrenas — assim vem o Amor do parceiro nupcial do nosso presente e do nosso Progresso futuro. Cada um torna-se, para o outro, o mundo inteiro — direi mesmo: “Deus manifestado em carne”? As palavras do verdadeiro Amor são palavras divinas. A que será comparado este amor? Flui com beleza, como uma balada viva — suavemente, como a música dos pássaros do espírito — majestosamente, como um épico da onnipotência! Ilumina a alma, confere a coragem do Leão, a majestade do Cavalo, a ambição da Águia e a beleza de Vénus. Thomas Moore compreendeu bem o grande efeito moral do afeto conjugal:

"Por ti, por ti somente procuro

As sendas da glória — para iluminar-te o rosto

Com o calor do teu apreço; e no teu doce olhar

Ler o meu louvor, como num livro angelical,

E pensar que todos os esforços foram recompensados

Ao ver um sorriso teu — digno da imortalidade."

Se a paternidade for considerada o principal objetivo do casamento — como defendem os sobrenaturalistas — ou seja, se o Homem for visto apenas como um animal moldado numa forma mais elevada, e não como um Ser de individualidade indestrutível, um pouco abaixo dos anjos da verdade e da pureza — então, evidentemente, seria lógico decidir o momento do laço nupcial com base em correspondências nos reinos inferiores da criação. Mas, sendo o homem verdadeiramente desenvolvido incomparável a tudo o que lhe é inferior — e sendo as suas leis orgânicas e os seus dotes espirituais uma continuação (e não uma mera repetição) do que se observa abaixo do seu plano de existência — ele está, portanto, elevado acima de tais padrões inferiores.

E assim afirmamos que qualquer tentativa fisiológica de determinar os alimentos, os hábitos, as atrações ou os destinos do homem com base nos seus inferiores físicos e mentais (os animais), é, para dizer o mínimo, um sofisma não intencional — e torna-

se, como muitos corações infelizes bem sabem, um lento veneno destrutivo quando praticado ao longo da vida conjugal. Com efeito, podemos aprender com os animais as leis da integridade natural; os seus hábitos sugerem princípios e ajudam a inteligência humana; mas, ainda assim, o homem não é mensurável por eles — pois os seus hábitos são legitimamente e naturalmente próprios. O nosso dever é descobrir as Leis da Natureza tal como se aplicam ao ser humano; uma vida sintonizada com essas leis é equivalente a cumprir a “vontade de Deus” na Terra, tal como se cumpre nas esferas de existência superior.

A era mais sensível ao processo de concepção situa-se, geralmente, entre os dezasseis e os trinta anos; após isso, a impressibilidade uterina diminui consideravelmente, e chega um período muito mais favorável à geração saudável, com menor fertilidade. Alguns economistas políticos têm acolhido a guerra, a fome, a peste e as doenças como métodos providenciais para contrariar a tendência para a sobrepopulação. Mas a doutrina do “menos e melhor” nas famílias — a temperança nas relações matrimoniais, a evitação do extremismo, a preservação da “essência do Amor” — é o remédio harmonial contra o excesso de nascimentos.

Para além das razões orgânicas e das objeções psicológicas ao casamento precoce, devemos recordar que a juventude é o período em que o superficial e o transitório — e não o espiritual e o duradouro — dominam e magnetizam as emoções mais impressionáveis; emoções às quais as faculdades intelectuais, ainda sem disciplina, se subordinam naturalmente. As atrações externas, os sonhos terrenos de felicidades sensuais, são os mais influentes.

A juventude vive, como naturalmente deve, no exterior. Uma aparência atraente, um rosto resplandecente, uma forma graciosa, uma voz doce, o dom do canto, a elegância na dança — alguma fascinação evidente, algum encanto perceptível — e não a adaptação bem concebida do Princípio Interior às necessidades conjugais — são, em regra, os elementos que influenciam a natureza juvenil e a imaginação ainda não educada.

Sendo o casamento uma missão voltada expressamente para a Vida da Alma mais íntima, e não uma mera relação de conveniência temporária na Terra, é justo que os jovens, através do cultivo da sua natureza, sejam alertados a afastar não apenas as coisas infantis, mas também as juvenis, antes de entrarem na experiência conjugal. Os seres razoáveis perceberão a necessidade de permitir, com paciência, que o espírito — com as suas múltiplas atrações e atributos latentes — progrida para além dos motivos exteriores (incluindo os sensuais) que muitas vezes levam ao casamento. E, ainda assim, sob todas as condições da vida, a nossa Filosofia ensina a beleza da alegria e a necessidade da espontaneidade.

“Alguns pais”, diz um autor, “supõem erradamente que devem cultivar uma

gravidade e seriedade constantes nas suas crianças, tornando-as velhas em mente e espírito ainda durante a infância. É como se prendessem um cordeirinho brincalhão ou tentassem fazer com que o regato saltitante fluísse com solenidade sobre as suas pequenas cascatas, sem um brilho nem um remoinho. A verdade é que o ser humano é o único ser a quem o Criador concedeu o dom de rir e de perceber o cômico e o espirituoso.

Esse sentimento, em conjunto com a leveza própria da vida animal que se manifesta no homem — sobretudo na juventude — gera uma tendência lúdica que dá harmonia e jovialidade ao carácter. Não advogamos a leviandade irrefletida, mas sim uma alegria cintilante, animada pelo espírito da juventude e pelo brilho do engenho — algo que permitiria a pais e até avós tornarem-se companhia desejável para os mais jovens. Quando o adulto esquece como ser jovem, perde o poder de agradar, orientar e moldar as mentes novas.

Napoleão, com toda a profundidade e amplitude do seu pensamento, e a sua capacidade de comandar exércitos e fazer o mundo tremer, conseguia descontraí-lo ao ponto de deixar que o filho o montasse às costas, a cavalo, no quarto de brincar, com um chicote na mão. Henrique IV de França, bem como alguns dos mais respeitados teólogos de Inglaterra e da América, não se consideravam demasiado sábios ou dignos para comunicar e simpatizar com os filhos da mesma forma. Alguns dos professores mais respeitados e bem-sucedidos que conhecemos participaram nos jogos dos seus alunos durante os intervalos. Na verdade, os comandantes militares mais bem-sucedidos são conhecidos pela sua disposição em conquistar o afeto dos soldados comuns, partilhando com eles simpatias e prazeres.

De onde vem, então, a ideia tão comum de que os filhos de ministros e diáconos são mais rebeldes e indisciplinados do que os demais? Não será, em parte, por herdarem um nível acima da média de energia mental, e por serem forçados, em contradição com a sua natureza viva, a reprimir todos os passatempos alegres próprios da juventude — sendo-lhes ensinado que o dever religioso exige seriedade formal e um comportamento inapropriado para a idade?

Os seus impulsos vivos e alegres são abafados em casa, para depois explodirem fora dela, em toda a desordem de um prazer desenfreado. Que os religiosos deixem de lado a austeridade e aprendam a simpatizar com os filhos em casa, se querem evitar que estes procurem fora as alegrias que podem, mal escolhidas, ser o caminho direto para a ruína.

Conhecemos rapazes que nunca pescariam, nem andariam de patins, nem caçariam, velejariam ou fariam papagaios de papel, arcos ou moinhos de vento com outros rapazes — sempre que pudessem fazê-lo com os seus pais. E quão belo é o cenário quando mãe e filha se envolvem livremente em tudo o que aquece o coração, inspira

a esperança ou cultiva o gosto da juventude. Dá-me o primeiro lugar no amor e na confiança dos meus filhos — que partilhem comigo os segredos mais íntimos — que eu guarde os arquivos sagrados das suas emoções mais profundas, e o mundo poderá lançar-lhes as suas mais doces tentações, ou a inveja e a malícia uivar em redor deles, em VÃO.”

Em vez de introduzir novos métodos sociais para regular a “relação amorosa” e corrigir os extremismos, proponho uma reforma na alimentação como primeiro passo essencial para corrigir os abusos da natureza sexual; e, em segundo lugar, uma purificação dos motivos e fundamentos da instituição do matrimónio.

Não encontramos despotismo nos Princípios universais — nem um padrão fixo para regular a relação nupcial dos diferentes temperamentos — nem método infalível para determinar quando o casamento exterior é casto, ou com que frequência o ato sexual é saudável e legítimo. Nestes assuntos, a natureza não aceita dogmas. Mas afirmamos — e sublinhamos com toda a força — que, para o progresso e felicidade no matrimónio, as instruções puras e não adulteradas da própria Natureza — as sugestões conjuntas, espontâneas e lúdicas do corpo e da alma — devem ser seguidas como os melhores Mestres. Mas apenas quando os hábitos fisiológicos e psicológicos estiverem livres de corrupção, desvio ou falsidade — quando, em suma, o indivíduo estiver completamente liberto das “causas de desorientação conjugal” anteriormente explicadas.

Os espiritualmente unidos podem ser separados no caminho rumo ao casamento eterno — e lançados para longe, sem jamais se reencontrarem — se persistirem em violar as leis dietéticas da vida presente. Por isso, o corpo, templo sagrado do espírito, deve ser regido pelas Leis da Harmonia — na alimentação, bebida, etc. — de forma a garantir uma vida plena, repleta da vivacidade de uma juventude interior pura, ornamentada com a sabedoria tranquila da simplicidade; e também para que o fogo da Verdade e as ondas do Amor nunca se apaguem, nem se desgastem com a disciplina e a familiaridade inevitáveis ao longo dos anos, ou com as mutações do tempo através das eras incontáveis.

Lembre-mos: o verdadeiro casamento é espiritual. Sem isso, toda a felicidade é fugaz. O gozo espiritual tem poder semelhante ao do sol sobre o mundo: reflete luz e calor, e fertiliza com beleza toda a Terra onde os rios da vida fluem.

Por isso, não deveis oferecer ao vosso par apenas aquilo que é corruptível. As naturezas nobres, temperadas espiritualmente e exaltadas em harmonia, não suportam a ideia de que o espírito anseie apenas através da carne. E, no entanto, diz uma alma assim: “Respeito o corpo como o templo onde habita o meu amor para aperfeiçoar a alma; como o jardim onde o espírito floresce; como o berço onde a vida infantil é embalada; como a casa onde aguardo um instante; como o palácio onde o espírito é

coroado; como o altar de onde aspiro ao infinito, até que, preparado, eu suba — e ele se dissolva.”

Os verdadeiros amantes são tradutores um do outro. Sentindo a mesma alegria, colhendo os mesmos frutos, podem repetir um ao outro as mesmas palavras:

"Ó Bem-Amado, abriste os tesouros do amor da minha alma; desceste à mina oculta e trouxeste à luz as joias — joias que eu nem sabia possuir; mostraste-me que eram de Deus, de pureza imaculada; pediste-me que adornasse a alma com elas, pois são tuas e minhas para sempre; abriste todas as correntes represadas do amor eterno em mim, para que corressem para o oceano do teu espírito, misturando toda a minha vida com a tua! A minha alma era para si uma estranha, até que me apresentaste a mim mesma.

Vieste à minha natureza aprisionada, trouxeste contigo a lâmpada da verdade, soltaste as correntes, libertaste-me, e conduziste-me para fora das trevas; e agora, Amado, as nossas naturezas misturam-se numa só essência, e anseio libertar-me de todas as correntes da Terra e estar contigo, só contigo, através de todas as esferas floridas e dos períodos coroados de rosas da existência eterna! Tu és o Lar da minha alma, o repouso do meu coração; e o imperecível busca-te, pois tu és a sua vida.

O imortal em mim deseja-te, pois tu és o seu Céu. A minha essência eterna quer unir-se à tua totalidade imortal! Sento-me contigo sob a sombra da 'árvore da justiça', e ao nosso redor brotam flores eternas e radiantes, e eu colho-as, e tu fazes delas uma coroa para me enfeitar como um anjo; ou, amparando-me em ti com amor e confiança, subo a montanha da vida, e do seu cume glorioso contemplo o Universo, vendo belezas e sublimidades divinas indescritíveis; sim, como criança, descanso com plena confiança no teu peito, e tu estás sempre perto — para sempre meu, só meu: isso, ó meu Amado, torna a Terra um Céu; e os aforismos sagrados do mais profundo do meu coração, misturando as suas vozes com as do meu entendimento, asseguram-me que esta felicidade será eterna e imaculada — tão imutável e eterna quanto o próprio Deus universal. Sim, mais ainda, meu verdadeiro Amor — contigo, toda a vida terrena é divina!

Amo ouvir o murmúrio do riacho e escutar o seu canto; amo contemplar uma estrela brilhante e sentir a beleza da sua alegria silenciosa; mas mais amo a doçura da tua voz sussurrando ao meu ouvido; o meu coração detém-se quando os teus lábios se abrem para falar comigo; e mais brilhante do que a estrela mais brilhante é o teu olhar — que me ilumina com mais ternura. Amo o sol que cobre a Terra de beleza e ergue o palácio do dia; amo ainda mais a Primavera florida, com o seu desfile glorioso de belezas virginais; mas nada disso me alegra, se tu, Bem-Amado, estiveres ausente; o meu coração ama tudo o que é belo na Terra — mas nada é belo onde tu não estás, e, na tua ausência, até a alegria é escassa; amo pensar em

mundos distantes e numa vida pura para além do túbulo — e oh, o pensamento de te reencontrar lá rouba à morte toda a sua escuridão."

Sim, amo pensar nesse mundo virgem e luminoso, meu Amado, onde reina a alegria eterna; e rezo para te encontrar, nessa margem iluminada pelo amor, para nunca mais nos separarmos! A alma tem os seus próprios aforismos; e sinto, com certeza, que te verei lá, Amado, e caminharei a teu lado, como tua companheira de espírito — viajaremos de mundo em mundo, com asas de pensamento, adquirindo o Amor e a Sabedoria que a Terra nos negou. Ó pensamento glorioso! Que, uma vez libertos verdadeiramente dos males da vida — as nossas almas libertas do cativeiro da Paixão — nos tornamos os bem-aventurados herdeiros de mundos eternos, onde o AMOR É TUDO EM TUDO!

Tendo definido a filosofia da Reforma, delineado as três divisões da mente, analisado os afetos humanos, revisto a forma como o mundo avalia o Matrimónio, descrito as características e vícios dos Extremistas e dos Inversores, apresentado as causas da Desorientação Conjugal, considerado a origem e as dependências do Amor, examinado a lei e a missão da Relação Amorosa — tendo, assim, marchado deliberadamente por esses domínios, vejo agora utilidade e necessidade em apresentar reflexões sobre as responsabilidades sociais do casamento, com uma breve revisão dos direitos e dos erros do Divórcio. Essas reflexões serão apresentadas na próxima exposição.

Como forma de condensação e recapitulação das conclusões anteriores sobre estas relações, apresento o seguinte:

1. Resolvido: Que a verdadeira Relação Matrimonial entre os sexos não é um contrato arbitrário e meramente civil (ainda que o reconhecimento social e civil seja próprio e necessário para regular bens, etc.), mas sim a relação mais interior e divina possível entre os seres humanos; que o verdadeiro casamento é essencial e inevitavelmente monogâmico — sendo sugerido, regulado e solenizado por uma Lei universal de Justiça; e que esse verdadeiro casamento pode ser estabelecido com a mesma precisão que caracteriza qualquer ciência exata — considerando a Mulher como uma Messias do Amor para o Homem, e o Homem como um Messias da Sabedoria para a Mulher.

2. Resolvido: Que o Amor Conjugal — ou esse elemento em ambos os sexos que sugere e conduz ao casamento — é a base sobre a qual assentamos grande parte das nossas esperanças quanto à perfeitibilidade progressiva da humanidade; que a herança de um corpo e de uma alma saudáveis é uma dádiva inestimável, cuja posse elimina a necessidade de médicos para os corpos e de clérigos para as almas; e, portanto, acreditamos que o casamento entre temperamentos compatíveis é mais essencial ao progresso humano do que quaisquer meras melhorias sociais ou revoluções políticas.

Consideramos, por isso, a descoberta da verdadeira ciência do Matrimónio (recentemente alcançada) como algo não só capaz de prevenir um imenso número de uniões infelizes e gerar Harmonia onde hoje reina a discórdia, como também, na sua aplicação, de produzir gerações melhores, mais felizes e mais sábias.

3. Resolvido: Que todos — especialmente os casados — devem individualmente incentivar apenas aqueles hábitos e apetites que conduzam diretamente à pureza do corpo e à perfeição da alma; para que todos sejam saudáveis e felizes, e que os filhos do futuro herdem apenas suavidade de carácter e harmonia de espírito; resolvemos, portanto, abandonar o consumo excessivo de todo o tipo de carne animal — rejeitando especialmente a carne de porco, por ser impura e promotora de doenças escrofulosas; e, além disso, que chá, café, bebidas alcoólicas e tabaco sejam usados apenas como remédios, e não como bebidas ou supostos promotores da felicidade física; que, em todas as áreas da natureza passional, se evite o extremismo e o inversionismo — e qualquer tipo de excesso; e que, em todos os assuntos locais e globais da existência, se mantenha um espírito racional e filantrópico, fazendo sempre da máxima "FAZER O BEM A ALGUNS E MAL A NENHUM" uma regra soberana de fé e prática.

LIÇÃO XVI **AS RESPONSABILIDADES SOCIAIS** **DAS RELAÇÕES MATRIMONIAIS;** **OU, OS DIREITOS E ERROS DO DIVÓRCIO**

A história do divórcio é tão antiga quanto a do casamento. Alguns autores afirmam que o laço matrimonial é apenas uns dias mais antigo que o divórcio.

Segundo certas tradições, a primeira ideia de divórcio surgiu no paraíso. Há uma fábula religiosa entre os astecas, segundo a qual, depois de o grande Deus ter destruído os habitantes da terra pela segunda vez desde a criação, proclamou em todo o seu reino a seguinte proposta: “Eis que Eu, vosso criador e rei, prometo conceder o primeiro desejo que me for apresentado por aquele que descer à Terra e a repovoar.”

Tal proposta gerou grande entusiasmo e discussão. Por fim, uma lindíssima princesa, vestida com uma túnica de muitas cores e segurando na mão direita uma arma reluzente, apresentou-se diante do Criador e disse: “Meu senhor e rei — repovoarei a Terra, se me concederes o desejo que peço: desejo ser separada do meu marido e unida àquele a quem a minha alma ama.” O seu desejo foi concedido, e então ela lançou a sua lâmina resplandecente sobre a Terra; dos seus fragmentos nasceu uma nova raça de homens!

Não sabemos quantas dessas "lâminas" poderiam transformar-se em instrumentos de bem, se a separação legal de almas incongruentes fosse mais compreendida e praticada. Outra fábula, de adoção judaica com origem no antigo Egito, sugere que o divórcio foi concebido logo após o primeiro casamento terrestre. Adão ficou profundamente afligido

com a sua esposa, e principalmente por causa dela; em consequência disso, parecia desejar intensamente um divórcio — apenas alguns dias após o matrimônio.

Desonra e divórcio parecem, na história, caminhar lado a lado, inseparavelmente associados. Não encontramos registo de divórcios baseados num princípio de justiça inerente. Jesus reconheceu o divórcio como aceitável após o crime de fornicação; nunca como meio para alcançar maior harmonia individual ou como passo rumo ao progresso social.

Moisés permitiu o divórcio, por seu lado, por uma variedade de razões — mas, invariavelmente, a favor do homem. Um marido podia “rejeitar a esposa”, mas a mulher não tinha liberdade para rejeitar o marido. A escravização da mulher era natural na era mosaica.

Jesus aceitou o divórcio como efeito da desonra — e considerou desonroso ou adúltero qualquer homem que se casasse com uma mulher repudiada — um método que, como demonstra toda a história, conduz com certeza ao extremismo conjugal e à injustiça para com a rejeitada. As razões pelas quais recomendou tal método não são satisfatórias. Ao contrário de Moisés, Jesus não deixou o poder inteiramente nas mãos do marido. E assim, no Novo Testamento, encontramos expressões de maior respeito pela elevação, igualdade e soberania da mulher sobre si mesma.

Os fariseus da antiguidade, representantes do que hoje chamaríamos de conservadores ou exclusivistas, prestaram, de certo modo, um serviço ao mundo. Parece-me que a humanidade teria aprendido muito pouco com Jesus, não fossem as questões que lhe eram postas pelos conservadores e escribas do seu tempo. A quem devemos mais gratidão — à causa ou ao efeito?

“Os fariseus aproximaram-se dele, tentando-o, e disseram-lhe: ‘É lícito ao homem repudiar a sua mulher por qualquer motivo?’” Jesus respondeu com uma ambiguidade órfica. Começou longe da questão e não chegou a uma conclusão prática clara. Respondeu à maneira judaica:

“Aquele que os criou no princípio, homem e mulher os fez... e serão ambos uma só carne... e o que Deus uniu, não o separe o homem.” Aqui parece ensinar a santidade do casamento legal — tornando união legal e união natural equivalentes.

Os conservadores então perguntaram: “Porque ordenou então Moisés dar carta de divórcio?”

Ao que ele respondeu: “Moisés, por causa da dureza dos vossos corações, permitiu que repudiassem as vossas mulheres, mas no princípio não foi assim.” E então Jesus estabelece a lei de que apenas o adultério cometido pela mulher constitui fundamento legítimo para o divórcio. Lamentamos que tanto poder continuasse nas mãos do marido legal.

Contudo, ao refletirmos sobre os costumes daquela época — aos quais o Nazareno por vezes se submeteu — toda a nossa tristeza se dissolve na admiração pelo curso natural da progressão das ideias e da marcha das nações. As suas revelações foram tão elevadas, amplas e práticas quanto a sua organização e a sua era podiam produzir ou receber.

Apesar disso, um sopro de oração acompanha essa admiração — orando para que, da alma auto-iluminada do Filho do Carpinteiro, o mundo, tão propenso a seguir líderes religiosos, pudesse ter aprendido que o Divórcio é tão verdadeiramente um efeito de um princípio da Natureza quanto o casamento o é — ou quanto qualquer outro acontecimento da constituição das coisas. O divórcio e a morte são igualmente naturais — ambos representam uma explosão, uma libertação, um passo em direção a algo melhor.

O Código Justiniano reconheceu a equidade secundária do divórcio, por várias causas. Mas a lei canônica, instituída por governantes católicos, ultrapassou o referido código — negando o direito ao divórcio por qualquer motivo, salvo adultério, e não permitindo sob nenhuma circunstância, aos separados, um novo casamento. Tal lei abriu o caminho para conventos e mosteiros — para a licenciosidade secreta e para a degradação conjugal — para inúmeros adultérios.

O casamento sempre foi visto, sob alguma forma de interpretação, como uma ordenança religiosa. Assim, em todas as épocas e entre todos os povos, a igreja — ou o sistema religioso dominante — arrogou-se o direito divino de celebrar o casamento, com uma espécie de jargão santificado e fantasmagórico, após o qual os dois são misteriosamente transformados em “uma só carne”, inseparavelmente unidos. E assim aconteceu que a igreja também reivindicou o direito de legislar sobre o divórcio. Aqui vemos o institucionalismo armado — com os seus instrumentos de tortura e morte — contra o individualismo: o direito de cada pessoa justa à sua própria vida e à liberdade para sempre!

A igreja hebraica, a cristã, a romana e a muçulmana: todas têm as suas próprias leis sobre o casamento e o divórcio. A igreja é ao mesmo tempo soberana e legisladora. Retira ao indivíduo o seu direito soberano de agir, quando civilizado, segundo as suas melhores atrações e a sua razão mais pura.

Os papas substituíram os decretos civis pelas suas decretais: e cedo aprenderam — e praticaram — a arte de subjugar a liberdade individual à tirania institucional. Ainda hoje os sacerdotes governam; e o povo gosta que assim seja!

Honório III, Gregório IX e Inocêncio III emitiram as decretais do despotismo — proibindo até o ensino do código civil. As nações ocidentais, mergulhadas em ignorância e superstição, consentiram passivamente nesta usurpação.

Assim, os papas e os seus éditos dominaram sobre reis e sobre as leis civis; enquanto toda a estrutura combinada esmagava o povo e as liberdades individuais. Sob tais condições teocráticas e despóticas, o papa — e não o magistrado ou o rei — deveria

ser consultado em cada caso de divórcio. Naturalmente, para os mais desafortunados, nunca havia sequer um raio de liberdade visível. Tão elevada era a divindade dos papas, tão inalcançável a sua supremacia, que não podia senão impor silêncio às classes mais pobres.

Apenas os ricos e influentes ousavam requerer divórcio. E mesmo esses eram perentoriamente proibidos de contrair segundas núpcias. Na Igreja Romana, tal ainda se verifica: tamanha é a sua reverência pelos passos de Jesus!

Os papas resistiam vigorosamente a subornos e apelos eloquentes; e mostravam fidelidade à “letra” da lei canónica. Não ignoro o valor desse mérito. Por isso, recordo tudo isto com surpresa e com certo orgulho — orgulho de que, mesmo em plena ignorância e barbarismo, alguns homens tenham mantido firmemente as suas convicções honestas — por mais erradas que fossem, à luz dos tempos que se seguiram; uma qualidade nobre da nossa natureza comum — que implica a capacidade inerente do homem de um dia reunir-se em torno de um verdadeiro padrão de Verdade e Justiça — do qual nenhuma recompensa ou eloquência o poderá desviar!

Henrique VIII solicitou em vão o divórcio ao tribunal supremo de Roma. O papa, fiel à sua lei canónica, não cedeu. Profundamente desapontado e ferido no seu orgulho, o rei Henrique rebelou-se. Reivindicou para si o direito, excomungou o papa, divorciou-se de Catarina de Aragão, casou-se com uma mulher menos nobre mas mais bela, e abriu caminho às liberdades civis hoje usufruídas pelas nações ocidentais e pelos protestantes.

Já demonstrei que a “virtude” tem sido vista como inseparável da condição física. Tal ideia é um sinal certo de barbarismo. O mercador oriental considera a mulher valiosa no mercado enquanto o seu estado físico se mantiver intocado. As virgens são garantidas na Circássia como nós garantimos farinha ou tecidos. A mesma ideia de pureza domina ainda hoje na América. Mas vislumbro uma concepção superior da virtude — a integridade do indivíduo em relação às melhores atrações do seu ser. Qualquer desvio ou violação dessas atrações é vicioso. Não há outro caminho fiável para a virtude. Qualquer mente pode discernir entre o estômago e o cérebro — entre a paixão e o julgamento — entre o corpo exterior e o espírito interior.

Se nisto não sou compreendido, posso apenas repetir o que Jesus disse aos que o questionaram: “Nem todos podem receber esta palavra, senão aqueles a quem foi dado.” A Igreja Romana há muito considera a relação matrimonial inferior à castidade física. O exterior da taça deve ser mantido limpo. É coisa grandiosa abandonar o mundo e casar apenas com o Senhor — evitando por completo a relação sexual comum, isto é, o estado de matrimónio — por ser incompatível com a santidade e a pureza.

Na 24.^a sessão do 10.^o cânone do Concílio de Trento, realizado no tempo de Lutero, esta teoria da castidade física (ou virtude) é plenamente divulgada como uma lei sagrada e vinculativa no céu. Afirma-se que o voto de castidade pessoal está registado no Livro da Vida. Se for verdade que esta ideia de virtude é realmente aprovada no céu, por que razão criou Deus o homem e a mulher? Por que razão atormenta a humanidade com atrações sexuais?

No código eclesiástico, o adultério é a única causa sobre a qual se pode instaurar uma ação de divórcio. Mas as partes, embora separadas em pessoa e bens, não podem voltar a casar. Segundo a lei divina, na opinião de Deus, continuam casados. A simples pronúncia de certas palavras ocas tornou o vínculo imortal. A Igreja realizou a união — e não pode errar!

Cita-se: "O que Deus [isto é, a Igreja Católica] uniu, não o separe o homem." Por isso, não permite um segundo casamento; pois só pode haver um, e nenhum poder o pode anular. Parece que esta lei da Igreja é antagónica à de Jesus: "Aquele que repudiar a sua mulher, exceto por fornicção, e casar com outra, comete adultério." Aqui, o segundo casamento não é proibido — é, antes, implicitamente permitido.

Contudo, como já disse, a razão que Jesus apresenta para justificar o divórcio apenas por um motivo é demasiado ambígua e restrita para responder às necessidades deste século — demasiado superficial, talvez, para tocar nas bases da liberdade humana e assegurar a justiça conjugal em todas as esferas da sociedade.

A Igreja de Roma exerceu uma mão poderosa na formação das opiniões protestantes sobre esta questão. O nosso código civil deriva, em geral, das leis estreitas e não filosóficas dos chefes religiosos. As teorias e costumes egípcios infiltraram-se sorrateiramente na nossa Bíblia hebraica; os códigos morais e civis dos judeus estão fixados e validados na nossa Bíblia cristã; a teoria cristã, em geral, revestiu-se de uma organização católica; o sistema protestante é um rebento desse corpo — uma espécie de filho ilegítimo do despotismo romano — e, assim, por um processo quase hereditário ou primogénito, todos os nossos arranjos civis, salvo algumas modificações modernas, assentam sobre precedentes, políticas e expedientes que remontam às lamas e à ignorância das origens orientais — antes mesmo da primeira vaga de civilização que ondulou ao longo do vale do Nilo!

Há uma estranha absurdiade alojada nos órgãos percetivos e nas consciências farisaicamente educadas dos nossos melhores políticos. Que dificuldade encontram eles em viver no século XIX, em vez do XII ou do XV! Esses políticos são os que veem os fatos superficiais, mas não os princípios que movem e governam o universo. Consideram o casamento legal como o único preservador da pureza; e a pureza legal como a única garantia do casamento. Talvez haja um sentido elevado em que todos possamos concordar com isto; mas não no sentido bárbaro de que "pureza" consiste apenas em condições físicas.

Baseando-se nesta teoria, a Igreja Romana considera que todos os casamentos, devidamente celebrados, devem ser legalmente indissolúveis. A Igreja acredita nisto por convicções religiosas. A lei comum baseia-se em convicções políticas ou sociais. Ambas coincidem ao reconhecer o adultério como causa suficiente de separação. Mas o laço matrimonial continua a prender almas infelizes. Um ser humano, assim colocado, já não pode usufruir do estado conjugal; e, no entanto, está casado! Pode obter separação de bens e pessoas; mas, para tornar as mentes mais cautelosas no ato de casar, a lei nega

toda e qualquer liberdade futura. Eis as contradições dos pensadores superficiais. As pessoas assim aprisionadas tornam-se, quase invariavelmente, imorais.

A sociedade está a despertar: uma guerra, embora sem sangue, está por travar. A América é o campo de batalha; sabemos como fazer essa obra. Para os americanos nativos, o pacto de 1777, "assinado pelos valentes Pais da nossa república e selado com o sangue do coração de Patriotas e Heróis", continua sagrado como o testamento de um salvador recém-nascido. A América há de mostrar ao mundo não só como se vence a tirania política, mas também como se conquista a liberdade religiosa e a liberdade em todas as relações humanas.

Já existem vários combatentes no terreno. Envolvidos nas questões do casamento e do divórcio. Alguns deles já ascenderam ao outro mundo. Mas não deixaram de ser amigos da Liberdade. Irei recordá-los brevemente — não por aquilo em que agora possam acreditar, mas pelo que disseram ou escreveram.

Primeiro: Moisés foi um legalista auto-constituído. Para ele, a lei arbitrária e a divindade eram uma e a mesma coisa. As suas leis sobre casamento e divórcio favoreciam inteiramente o homem. Os homens podiam repudiar as suas esposas por várias razões; mas as mulheres estavam em servidão. Em vários aspetos, a lei comum dos nossos dias é idêntica ao modelo mosaico. É isto que procuramos reformar.

Segundo: Jesus foi um espiritualista humanitário. O que o preocupava era a alma, não o corpo. Como representante do futuro, Jesus proclamou o evangelho do Amor — livre de todos os extremismos da relação matrimonial. O seu casamento era espiritual ou ideal: apenas na alma; não tendo em vista a procriação nem os inconvenientes do lar partilhado por interesses compostos. Em relação ao divórcio, foi tão tolerante quanto lhe permitiram as percepções. A sua doutrina, em vários pontos, era grandiosa e bela. Um homem que abandona a sua esposa, sem justa causa, fere-lhe o coração.

Se, estando ainda legalmente casado, mantiver relações sexuais com outra, é como se insultasse a honra da própria mãe — e, de um modo geral, de todas as mulheres. Estas doutrinas eram profundamente respeitadas por uma seita chamada “Essénios”, que existia discretamente antes do nascimento de Jesus, e que em vários aspetos se assemelha aos Shakers modernos. Reconhecia-se a igualdade social e espiritual da mulher; no entanto, o poder legislativo e de governo estava confiado ao masculino.

Terceiro: Swedenborg foi um religioso filosófico. As suas doutrinas sobre casamento e divórcio não diferem essencialmente. Considerava o “amor conjugal como a base de todos os amores, e o recetáculo de todas as alegrias e delícias.” O verdadeiro casamento “é nada menos que a união do amor com a sabedoria.” Acreditava que os verdadeiramente unidos se tornam, continuamente, mais brilhantes, mais belos e mais felizes — dando e recebendo, de forma constante, a existência ou essência um do outro — aperfeiçoando-se mutuamente em amor e sabedoria para todo o sempre. Reconheceu casamentos de ferro, cobre, prata e ouro — diferentes fases das atrações humanas e diversos métodos de ascensão na vida.

Quanto ao divórcio, Swedenborg foi fiel às suas convicções religiosas. Os seus divórcios são resultado de uniões exteriores; e raramente ocorrem, salvo como consequência de um crime. No entanto, os seus “segundos casamentos” são algo naturais. Mas prevê apenas uma perspectiva interminavelmente sombria para aqueles cujo amor os conduz a ligações escorbúticas ou adúlteras. Estes jamais conseguem associar-se aos anjos; jamais melhoram, como as árvores o fazem, através do contacto e da cultura benevolente.

Quarto: Charles Fourier foi um organizador social. Entre os seus estudiosos, é consensual que demonstrou cientificamente a lei das condições segundo as quais a associação entre os homens deve ser estabelecida. Nada, crê-se, é mais positivamente certo do que as revelações societárias deste arquiteto social.

Ao revisitar a história do passado, Fourier discerniu as diferentes fases sociais, políticas e religiosas da humanidade — sendo a quarta por ele denominada “civilismo” — significando apenas uma estação no percurso da raça humana, tal como se encontra na Europa e na América, mas da qual outras e mais elevadas formas de sociedade emergirão com toda a certeza. A mais bela, a mais rica, a mais feliz, ele chamou de “Harmonia” — sendo a fruição do ideal cristão de um Milénio.

Para escapar ao abismo das misérias, duplicidades e enganar em que até as classes mais civilizadas se debatem, Fourier propôs a organização dos interesses seculares — a formação de uma “Falange”: uma comunidade baseada em interesses associados e numa indústria atraente. Todos os edifícios ligados a essa comunidade — especialmente a Habitação Unitária — seriam conhecidos como “Falanstério”. Quando a Terra estiver coberta de falanstérios, afirma-se, o reinado da paz e da felicidade será distribuído de forma igual e universal.

Neste contexto, sinto-me impelido a falar brevemente de Robert Owen, o circunstancialista moral. Este nobre ser trabalhou como um verdadeiro embaixador divino. Durante muitos anos, laborou pela elevação do homem. A sua teoria assenta nos seguintes pontos:

- I. Igualdade na educação, na formação e na condição externa;
- II. Formação verdadeira do carácter desde o nascimento;
- III. Criação anual de excedentes para todos;
- IV. Introdução, em todos os departamentos da vida, das ciências mecânicas, químicas e outras, para desempenharem todo o trabalho desagradável da sociedade;
- V. Formação de tal carácter, e organização social de tal modo, que todas as profissões civis e militares se tornem piores do que inúteis, destinando-se o dinheiro e o esforço atualmente investidos nelas à educação e felicidade comum.

Antes da sua conversão ao Espiritualismo, Owen trabalhava sem alcançar grandes resultados. Atribuo isso a três erros principais:

1. Apelar aos governantes e dirigentes do mundo, esperando inspirá-los com a necessidade de Reforma;
2. Ignorar o elemento religioso ou espiritual, tão natural ao ser humano quanto o

calor e a luz;

3. Afirmar que Deus, através da Natureza, cria todas as qualidades do indivíduo no nascimento; mas que a direção dessas qualidades e do carácter é dada pela sociedade — boa ou má, conforme as circunstâncias envolventes.

Mas desde a alvorada da Era Espiritual, cujos raios fertilizantes penetraram nas mais profundas retiradas do seu ser moral, este incansável homem tornou-se mais esperançoso e firme na sua crença de que a humanidade será brevemente elevada da ignorância e da miséria para as eminências pacíficas da sabedoria e da felicidade. Pelo que foi dito, observa-se a diferença de métodos reformistas entre os owenistas e a escola de Fourier.

Fourier ensinava que as “quatro colunas” sobre as quais assenta o estado harmónico são: Atração Industrial, Mínimo Integral, Educação Unitária e População Proporcional. Assim, providenciou, através da organização social, o exercício pleno e saudável de todos os tipos de carácter. Acreditava que o homem nunca seria puro nem satisfeito sem liberdade individual.

Lia, na alma humana, as palavras do seu destino; toda a ciência social verdadeira reside nas suas atrações fundamentais. Todos os desejos têm satisfação; toda a curiosidade, uma gratificação completa; toda a aspiração, a sua realidade correspondente. “Atrações proporcionais ao destino.” Assim, ele dissolve os problemas do casamento e do divórcio mediante uma organização dos interesses sociais. A competição, os enganos, toda a categoria dos vigaristas e trapaceiros, desaparecem no grande círculo das relações harmónicas. Os filhos pertencem ao falanstério, ou não, conforme desejem os pais — e, deste modo, todas as objeções sociais à concessão de divórcios são sumariamente anuladas.

Quinto: Henry C. Wright é um radical moralista. Observa a sociedade a partir do indivíduo. Homem e mulher são tudo. As leis humanas, sendo resultantes de combinações sociais, não têm o direito de ditar os fundamentos do casamento ou do divórcio. É uma questão puramente pessoal. Se dois casados descobrirem que se enganaram um no outro, devem separar-se, e a sociedade não tem direito de lhes proibir um segundo casamento.

“Que cada mulher esteja decidida, como Deus está, a nunca viver como esposa de um homem que não ama. Que cada homem seja igualmente fiel às vozes da sua natureza, e um sofrimento imensurável seria poupado a ambos.”

Ele diz ainda: “Divorciados, cada um mantém os mesmos desejos e atributos de antes. O facto de terem estado enganados ou confusos uma vez não destrói a necessidade essencial do seu ser.” Ambos continuam a buscar a verdadeira relação matrimonial. E nenhuma lei humana tem o direito de os obrigar a desobedecer “à lei superior escrita nas suas almas.” Se a legislação humana o faz, “usurpa um poder tirânico contra o qual cada pulsar de verdadeira masculinidade e feminilidade se revolta.”

Sexto: Stephen Pearl Andrews é um socialista filosófico. Não é muito diferente de H. C.

Wright na sua valorização da individualidade. Apresenta-se como discípulo de Josiah Warren: “um homem obscuro, simples, do povo, o pensador mais profundamente analítico que tratou desta classe de temas, tendo descoberto princípios que tornam a organização da sociedade uma ciência tão simples como qualquer outra.” Esses princípios são “a Soberania do Indivíduo” e “O Custo como Limite do Preço.” Que dizer de tudo isto? A soberania pessoal de cada indivíduo é outro método de Reforma Social.

É o oposto de Owen e Fourier. A sociedade expõe-se aos atos auto-regulados do indivíduo. Cada um pratica esse princípio de autogoverno por sua própria conta e risco. Mas a humanidade está ligada por mil cordões de seda — cingida por um cinturão magnético de sensibilidades subtis — que comunica a todo o conjunto o dano feito por, ou a, qualquer dos seus membros mais remotos.

Quem terá sabedoria suficiente para dizer quando e onde termina a benevolência e começa a autopreservação? Que homem poderá sempre saber se os seus atos se confinam apenas a si mesmo? — se as suas ações são feitas pura e exclusivamente a custo próprio? O princípio da equidade comercial é: Troca de Custos e Sacrifícios Equivalentes. O método comum da injustiça comercial é: Troca de Valores e Benefícios Equivalentes. Este é considerado, ao mesmo tempo, como a grande solução prática do problema social e o caminho para a equidade social e para a liberdade em todas as relações humanas.

Partindo desta lei postulada, Andrews inferiu e publicou muitas conclusões sobre a reforma social — com algumas das quais, certamente, o próprio fundador diverge em privado. Em relação ao casamento e ao divórcio, fala como amante da verdade; não por intuição, mas por razão. Opõe-se ao casamento perpétuo ou exclusivo. Recusa os casamentos civis, por fazerem da mulher uma propriedade pessoal, restringindo a sua soberania individual, culminando em egoísmo composto e em descendência imperfeita. “Pureza sexual,” diz ele, “é aquela forma de relação, qualquer que seja, entre os sexos, que mais contribui para a sua saúde e felicidade mútuas, considerando os resultados imediatos e remotos.”

Diz também: “Pode afirmar-se como o sentimento público crescente da cristandade, que o homem e a mulher que não se amam não têm, perante Deus, o direito de viver juntos como marido e mulher — independentemente da solenidade do serviço de casamento que tenha sido recitado sobre eles.” Isto é, segundo ele, a declaração negativa. O lado positivo é este: que “o homem e a mulher QUE SE AMAM podem viver juntos em pureza sem qualquer cerimonialismo — é o amor que santifica; não a bênção da igreja.” Andrews rejeita a acusação de que a sua doutrina se assemelha à dos “Perfeccionistas de Oneida”; e afirma-se, firme e logicamente, sobre o princípio da soberania individual.

Sétimo: Thomas L. Nichols é um externalista científico. Pensa sobre o casamento e o divórcio principalmente a partir da esfera dos “fatos” e das suas utilidades. Observa a questão fisiologicamente e constrói deduções a partir de uma vasta recolha de conhecimentos. A sua estimativa das leis da Natureza baseia-se, em geral, na experiência histórica e no testemunho fragmentado de médicos. Identifica um conjunto de certos fatos históricos com uma lei imutável. Por conseguinte, raciocina bem, mas superficialmente; por vezes, de forma sofisticada.

Vê a mulher como uma criatura delicada, do ponto de vista fisiológico; e o homem como o seu “contraponto mais severo” em todos os aspetos orgânicos.

(Citação a seguir virá de uma obra recente sobre “O Casamento”, autorizada e editada pelo Dr. e pela Sra. Nichols.) Com Henry C. Wright, ele afirma: “um amor pode ser genuíno e verdadeiro por um tempo, e não para todo o tempo” [ver página 290]. “A mulher que preenchia o meu ideal há vinte anos pode já não ter atração alguma para mim.”

A partir disto, conclui que a variedade no amor é tão natural como a necessidade de variedade em qualquer outro atributo humano. “Não há,” afirma ele [ver página 296], “razão evidente pela qual a lei da variedade, que se estende aos estudos, aos prazeres, aos gostos e às paixões, falhe justamente na questão da variedade no amor.”... “Se o Deus da natureza deu a variedade como elemento do amor, só criaremos discórdia ao negar essa lei” [ver páginas 312 e 315]...

“Assumo como facto da experiência humana [aqui ele baseia-se em fatos] que tal paixão existe — que o princípio de variedade, mudança, alternância, como elemento de prazer saudável, pertence a todas as paixões da alma; e que a paixão do amor não é exceção.” A “lei da variedade” — que dizer dela? Existirá tal lei na Natureza? Haverá uma lei de alternância, nos domínios superiores, que conduza a casamentos perpétuos e divórcios incessantes?

Alguma vez observaste inconstância entre a lua e a terra? Existirá uma lei de volubilidade? Será a poligamia uma lei entre os harmónicos? Observa o sistema da natureza: não vês, porventura, evidências de analogia que, por toda parte, ensinam uma lei de variedade? Existirá uma lei de analogia? E, se sim, terá essa lei limites? Existirá outra lei que regule a própria analogia? Ou será a lei da analogia destituída de lei?

Todos os animais vivem de alimentos não tocados pela ciência — carnes, ervas, grãos — crus e impuros: deverei eu regular os meus hábitos dietéticos por tais analogias? Um indivíduo com fraca capacidade de concentração, e com outros órgãos mais ou menos desfavoráveis à integridade de carácter, cansa-se rapidamente da sua ocupação — a sua natureza exige variedade de atividades: deverei eu seguir o método do indivíduo imperfeito? Uma natureza inconstante, obedecendo às suas emoções instáveis, é poligâmica — nos estudos, nos gostos, nos prazeres, nas ocupações e nas paixões: obedecerá tal natureza a uma “lei da variedade”, ou limita-se a reproduzir os hábitos da imperfeição?

Em suma: não obedecerá toda pessoa bem desenvolvida à lei da Harmonia? E o que é harmonia, senão a unidade da variedade — isto é, a centralização da diversidade? Todo o amor, como já afirmei, é monogâmico: falo agora da alma regulada. Quando a alma encontra aquela ocupação que corresponde às suas atrações, não deseja separar-se dela, mas ama e trabalha de forma constante. O instinto alimentar deseja variedade de pratos: será este órgão poligâmico? Certamente que não. Porquê? Porque os diferentes alimentos não implicam diferentes indivíduos, mas diferentes expressões e formas para satisfazer um só desejo — tal como a suave pressão da mão, o olhar afetuoso, o beijo

nascido da alma, o entrelaçar do corpo e do sentimento, a quase infinita diversidade de carícias — todas estas, entre amantes monogâmicos puramente santificados, constituem uma “variedade” de expressões de amor de coração para coração.

Mas eis que surge o cansaço, a monotonia, o desejo de novidade. E então: terão os verdadeiros amantes mais nenhum recurso? Pensemos... A sociedade é acessível — há amigos a visitar e acolher — há as exigências dos restantes cinco afetos a considerar — os deveres diários devem ser partilhados conjugalmente — e a tudo isto pode acrescentar-se um programa infinito de esforços prazerosos e aspirações realizáveis para o avanço do mundo.

Mas dizem: o amor expande-se com o exercício, cresce ao admitir muitos; enquanto o confinamento a um só parceiro o atrofiaria e limitaria. Será isto verdade? Não. Algo está errado quando tais resultados ocorrem. Os verdadeiros amantes podem crescer e desfrutar sem limitação. Mas quando insultam a lei divina, violam as suas santidades com familiaridade excessiva, e profanam as suas expressões diversas com indulgência desmesurada — então, e só então, é que a alma sente os constrangimentos da chamada monotonia conjugal e começa a procurar variedade e a imaginar uma “liberdade dos afetos”. Mas poderá haver liberdade no erro? A verdade vos libertará!

Existem múltiplas felicidades, sagradas como a verdade e castas como a perfeição, conhecidas apenas pelos verdadeiros amantes. O amor conjugal tem os seus próprios símbolos — as suas próprias formas refinadas de expressão. Estas expressões não podem ser usadas intemperadamente sem se diluírem; não podem ser mal colocadas sem se aviltarem. O beijo é belíssimo, e revela com clareza a atração escondida — mas apenas quando usado com santidade. Se abraçares um amigo, tem cuidado para que os teus atrativos inferiores não tomem o controlo.

Adultérios são concebidos pela cópula dos lábios; e manifestam-se de facto com a permissão de uma união mais íntima. Se beijas conjugalmente os lábios de um amigo, se satisfazes a “lei da variedade” com carícias que só os verdadeiros companheiros devem partilhar — que símbolo sagrado restará para o eleito da tua alma? Tens alguma expressão reservada, não profanada nem conhecida por outrem? O que poderás oferecer digno do amor do teu verdadeiro companheiro? Já esgotaste a novidade do beijo; permitiste que os teus atrativos celestes fossem conduzidos — ou silenciados — pela natureza terrena do teu ser inferior.

Ó, como é fácil inverter as felicidades do matrimónio! Natures elevadas e reguladas veneram o princípio do amor; e, para estas, adultérios — mesmo nas manifestações comuns da emoção conjugal — são impuros e repulsivos. Devemos ensinar os verdadeiros amantes a elevar os usos das suas expressões? Não deveremos traçar uma linha de discriminação e refinamento entre o beijo da amizade e o do amor? Iremos confundir os amores, misturar os seus métodos, e identificar a atração física com a espiritual? Ou deveremos amar através da sabedoria?

Sobre o divórcio, este autor (Dr. Nichols) é muito livre e seguro de si. “Dir-se-á,” comenta ele, “que há, sem dúvida, casamentos falsos — mas também os há verdadeiros.

Se por casamento se entende uma monogamia indissolúvel (ou uma união com um só), um laço exclusivo legal de uma instituição civilizada, nego que alguma vez tal seja — ou possa ser — correto.

Afirmo que a promessa de um homem de amar uma mulher enquanto viver é errada. Denuncio, portanto, o casamento civilizado como violação das leis da Natureza e dos mandamentos de Deus.” [ver página 328]. E aqui, o mundo clama: eis que se abrem as abominações infernais de uma nova Sodoma e Gomorra — um pandemônio conjugal — à vista do qual o “New York Tribune” entra, temporariamente, em estado de decomposição política terminal. Para evitar tamanha calamidade e impedir que as instituições apócrifas das nossas grandes cidades se tornem populares, o (suposto) editor monta o seu trono e emite novos decretos, como se devidamente comissionado pela corte de Roma. Ver os *Tribunes* de Julho de 1854, dos quais me sinto impelido a extrair algumas palavras.

Oitavo: Horace Greeley é um economista político. Um homem de percepção: alguém que vê as coisas como são — e por vezes como não são. A história é a sua bíblia secular, e a sua escola é a experiência exterior. Por isso, não tem paciência para “esperar para ver se a poligamia mórmon se revelará benéfica.” A história mostra-lhe “a filosofia a ensinar pelo exemplo.” O Egipto, a Síria e a China já resolveram a questão: a promiscuidade no amor é contrária à energia mental e ao progresso nacional.

Ama a lei civil quando esta diz: “Não pode haver divórcio sem crime.” Pensa que o indivíduo deve perder-se no Estado. A partir do Estado, observa o indivíduo — e determina, como o papa romano, a liberdade dos homens segundo as exigências e a segurança do pacto social. Mas qual é a visão mais ampla e mais verdadeira — julgar a natureza do homem pela escuridão das instituições, ou julgar as instituições à luz da natureza humana? Para Greeley, o casamento é um pacto individual com o Estado; feito livremente, e assumido ao risco dos candidatos ao matrimónio.

Um homem e uma mulher apresentam-se ao Estado e dizem:

«Nós, não havendo impedimentos legais à nossa união, desejamos contrair matrimónio.» O Estado pergunta:

«Sentem-se tão verdadeiramente e seguramente UM, que possam prometer, renunciando a todos os outros, viver consagrados total e puramente um ao outro até ao fim da vossa existência mortal?»

Eles hesitam; tal promessa exige o total desprezo pelas possibilidades de mudança ou alteração humana.

Mas o Estado continua:

«A vossa resposta será conclusiva — dada por vossa conta e risco. Se disserem que estão firmemente unidos por afeição conjugal quando não estão, o erro será vosso, e sobre vós recairá a penalidade — a penalidade de arrastarem uma pesada e odiosa corrente até ao fim dos vossos dias!»

Tais palavras pouco filosóficas são colocadas na boca do Estado por um editor. Este parece crer que os casados se tornam “bons maridos e boas esposas pela necessidade de

continuarem a sê-lo — que a necessidade é um mestre poderoso no ensino dos deveres que impõe.”

Dentro de toda a categoria dos códigos intolerantes, não creio existir uma teoria de governo político mais cruel, mais desumana, mais antagónica à filosofia do que esta — o recente decreto do *New York Tribune*; em vários aspetos, o melhor jornal diário alguma vez publicado no mundo.

Mas coloquei diante de vós o cenário da batalha prestes a ser travada; e apresentei-vos os principais oficiais deste exército. Conheceis o seu método de combate; agora, tomai as armas que vos forem mais naturais à mão; pois todos terão, mais cedo ou mais tarde, de entrar no campo da reforma.

Por entre e acima de todas as contendadas ouve-se a voz da Filosofia Harmónica. De longe vem com voz de canto. Quão musicais são as suas harmonias divinas! — “Como um jorro de doces sons de uma terra dourada”, pelas cujas águas regeneradoras o mundo tem suspirado eternamente. Vem de estrelas distantes, difundindo animação e beleza por todo o lado, como a luz da manhã. Soa como o evangelho da verdadeira religião — mais solene do que o último sussurro da tempestade nas colinas; mais profundo do que o sopro dos ventos entre as ervas junto ao mar.

A Filosofia Harmónica destruirá toda a barbárie na relação matrimonial. Exaltará a conceção do homem sobre a mulher, e da mulher sobre o homem; e o verdadeiro matrimónio tornar-se-á então o fundamento da paz sobre a terra.

A doutrina da igreja e do estado modernos, segundo a qual a mulher é propriedade do homem — e o homem, por decreto divino, é o senhor da mulher — é uma doutrina de contaminação e crueldade. É a pior forma de despotismo; e distribui condenação igual sobre o marido, a esposa e os filhos.

A ideia de que o casamento entre os sexos é uma instituição divina arbitrária e especial, baseia-se na ignorância das leis da Natureza. O casamento é tão real entre plantas, minerais e estrelas como entre seres humanos. É universal — o sacramento da vida — o desenvolvimento culminante de leis imutáveis. E, como consequência, afirmo que o casamento entre almas humanas só pode produzir bons frutos — isto é, os filhos do amor e da sabedoria — quando consumado em estrita conformidade com as leis nupciais da Natureza. Nada pode tornar um casamento puramente físico numa bênção! Todas as uniões por “amor de sangue” são autodestrutivas.

A teoria bíblica é: o homem e a mulher foram criados primeiro; depois surgiu no mundo a instituição do casamento. Mas a Natureza declara que toda a organização assenta, e deriva, de leis matrimoniais inerentes. O casamento precede todas as coisas, e em si todas as coisas subsistem. É não apenas o primeiro e mais fundamental facto do universo, como também o último e mais elevado de todos os vínculos entre a terra e o céu.

O casamento harmónico é a união de princípio com princípio — de vida com vida — de alma com alma para sempre. Para o verdadeiro harmonalista, o casamento não é uma mera instituição social. Não provém de fontes externas; é uma manifestação exterior de princípios internos. O filósofo harmónico vê a Natureza, material e espiritual, construída sobre princípios recíprocos de matrimónio. Dois poderes governam em igual harmonia. O masculino e o feminino, numa só unidade, estão visíveis em toda parte. O calor do sol está casado com a sua luz: os seus filhos povoam a Terra com beleza e encanto. A matéria está em todo o lado casada com o Espírito. A atração é a companheira conjugal da repulsão; os seus filhos são todos os movimentos que observamos na matéria. Estes movimentos, quando casados com a matéria, produzem uma descendência mais

elevada — a vida. O casamento do movimento com a vida, como dois princípios conjugais unidos, produz — sensação. O casamento da vida com a sensação resulta em — inteligência. Este é o maior resultado de todos os casamentos; o fruto mais perfeito de todas as relações nupciais. O casamento do amor com a sabedoria forma a mente humana na Terra, e a mente divina no coração do universo.

Todo o jovem e toda a jovem deveriam ser instruídos nos grandes princípios do amor conjugal. Ninguém, seja velho ou jovem, é tão útil e valioso para o mundo quando solteiro como o é quando verdadeiramente casado. Refiro-me à verdadeira união: o enlace de coração com coração, mão com mão, no partilhar dos deveres, responsabilidades, interesses, provações e alegrias desta esfera rudimentar — com a gloriosa e indizível perspectiva de uma fusão ainda mais íntima nas esferas futuras; cada um ajudando o outro a tornar-se mais belo, mais amoroso e mais sábio, à medida que ascendem pela senda progressiva do ser imortal!

Mas é também encantador entrar, mesmo nesta forma moderna de civilismo egoísta, na pequena e arrumada casa dos industriais e unidos. O presente modo social egoísta de manter casas independentes tem as suas recompensas e as suas penalidades. Não me deterei agora a considerá-las, nem tampouco a tratar das idades em que é casto e saudável que jovens homens e mulheres entrem na relação matrimonial; pois já se escreveu o suficiente, e bem, sobre ambos os pontos.

Quanto aos direitos e erros do divórcio, a filosofia harmónica é igualmente clara e natural. A nossa missão é: afirmar e defender o princípio. Venha o que vier — sorrisos ou desprezo — essa obra tem de ser feita! O divórcio é o efeito de uma lei: a lei do casamento. Casamentos transitórios trazem divórcios. Os divórcios são naturais, até que se alcance o plano harmónico; então, apenas uma união eterna é natural. Quão absurdo, portanto, é exigir crime como pretexto para o divórcio!

As responsabilidades sociais do casamento não são tão complexas quanto muitos legisladores e juristas afirmam. Sabemos que, nesta ordem social, deve haver reconhecimento legal do matrimónio: um registo do facto, a fim de regular questões de propriedade, testamentos, escrituras, etc. — mas as palavras proferidas pelo ministro ou juiz não têm, em si mesmas, valor algum na Terra ou no Céu. Na mente dos economistas políticos, a existência de filhos é a dificuldade invencível à liberdade do divórcio. O divórcio seria mais acessível em todos os nossos estados se duas

perguntas fossem respondidas, na prática, de forma satisfatória:

1. “Promovem os divórcios frequentes e fáceis a moral da sociedade, ou aumentam o número de casamentos felizes?”

2. “Que destino pode o Estado dar aos filhos de pais divorciados?”

Não é meu objetivo responder a estas questões — mas afirmar a naturalidade e a legitimidade do divórcio. Precisamos do princípio: que as consequências sejam enfrentadas com coragem.

A JUSTIÇA é algo muito simples — é grandiosa, divina e gloriosa, sendo a lei fundamental de toda verdadeira religião. Será que a humanidade nunca aprenderá que a política não é princípio? Será que os políticos nunca aprenderão que meras conveniências são, essencialmente, imorais e desprovidas de princípios?

A existência de crianças é o maior impedimento à resolução desta questão. Em estados como Connecticut, Rhode Island, Ohio, Indiana e mais dois outros, as leis e disposições que regulam o divórcio são relativamente humanas. No entanto, a relação dos pais com a família, e da família com o Estado, continua a ser um problema difícil de resolver. Na organização de Fourier, todas estas dificuldades são eliminadas — mas isso não recomendamos. Devemos trabalhar com a sociedade tal como ela é hoje. Devemos aceitar o PRINCÍPIO DE JUSTIÇA, da soberania individual, e praticá-lo com sabedoria, dentro dos limites do possível.

Perguntemo-nos: “Até que ponto tem o indivíduo direito à sua liberdade pessoal sem a interferência da sociedade?” Esta é a mais pesada de todas as questões sociais. Mas o sentimento mais amplo é sempre o mais verdadeiro; e assim, resolvemos tal questão afirmando um princípio universal de justiça, que começa no indivíduo, estende-se ao todo e retorna ao centro. Em outras palavras: todos somos membros de um só corpo. Os reformadores devem considerar, portanto, que nem um indivíduo, nem uma nação, podem cometer o menor ato de injustiça contra o mais obscuro dos seus membros sem que tenham de pagar o preço.

Diz-se que, hoje em dia, há entre nós dez vezes mais fugitivos do matrimónio do que fugitivos da escravatura; e pode muito bem duvidar-se que o sofrimento médio ou total destes últimos seja maior. A maioria desses fugitivos está livre de qualquer criminalidade.

Quando o legislador se recusa a conceder o divórcio sem crime ou defeito orgânico, a injustiça recai sobre o corpo social. “Liberdade ou morte!” — o lema do Presidente Jackson é apropriado neste contexto — “Exige apenas o que é justo — não te submetas a nada que seja errado!”

A sociedade tem mais interesse vital nos resultados dos casamentos errados do que nas consequências do divórcio. Gostaria que esta verdade interior fosse plenamente reconhecida pelos nossos legisladores. Se há algum crime em causa, é maior o crime de entrar erradamente no estado de matrimónio do que o de sair dele legalmente. Dos casamentos errados nascem todas as crianças da doença e da morte. Igrejas e prisões, clérigos, advogados e médicos são os males secundários das ligações

temperamentalmente erradas. Homens e mulheres de bem, mal casados, geram descendência moralmente deformada e fisicamente doente. E a sociedade, recusando conceder-lhes o divórcio sem crime ou desonra, vê-se obrigada a construir prisões e forcas, erguer penitenciárias e santuários, e sustentar um exército de advogados, médicos e pregadores — todos, em termos gerais, temporariamente a conter, a beneficiar e a doutrinar inutilmente os filhos de pais legalmente casados, mas com temperamentos radicalmente incompatíveis!

Compatriotas! Vós, eleitores e legisladores — considerai bem este facto. Se temos de impor leis rigorosas sobre as atrações do amor conjugal, que elas sejam colocadas de forma imponente e intransponível no altar de Himeneu — sublinhando a necessidade de casamentos temperamentalmente compatíveis entre os sexos. Mas deixemos a família em liberdade. Que a sociedade eduque os seus jovens na ciência e importância da verdadeira conjugalidade. Não há outra salvaguarda invencível contra os inúmeros erros matrimoniais. A nossa filosofia revela algo simples — a mulher é uma messias do amor e da sabedoria; o homem é um messias da sabedoria e do amor.

As uniões harmoniosas dependem sempre de unidades harmoniosas. A íntima ligação entre casamento e reforma certamente merecerá a atenção do mundo. Ensinamos uma filosofia do matrimónio que inculca a inseparabilidade da pureza e da liberdade — que os prazeres eternos da última não podem ser obtidos nem sustentados sem a primeira como base. Assim, os filósofos harmónicos serão:

“Castos como o pingente de gelo
Gelado pelo frio da neve mais pura,
Que pende do templo de Diana.”

Os divórcios, no melhor dos casos, são apenas atos temporários de benevolência justa: os efeitos indiretos da grande lei do matrimónio da Natureza infinita. Não espero grande reforma a partir deles. Contudo, quando procurados com o mais puro dos motivos, os divórcios são bons como passos rumo a algo melhor; e aqueles que estão mal casados devem aceitar o Princípio da justiça distributiva e, daqui em diante, serem livres e fiéis ao Deus do universo.

Ao longo deste volume, defendi a doutrina — baseada numa lei imutável — de que existem casamentos eternos. Esta visão parece, à partida, assumir que, quando uma união harmoniosa se forma na Terra, não poderá haver separação no mundo espiritual — que essa união é fixada por uma lei tão imutável como a verdade — que dois seres constituídos de forma tão semelhante não podem ultrapassar-se um ao outro na corrida da progressão. E, no entanto, fui claro ao expor as condições e métodos pelos quais o amor carnal e as uniões transitórias podem evoluir para o amor espiritual e, assim, eternizar-se; e também como as relações harmoniosas podem, por negligência persistente, decair para discórdia radical e consequente divórcio.

Pode haver progresso de um dos cônjuges, e não do outro. A esposa pode ultrapassar o

marido. Devem então divorciar-se? Será esta razão suficiente para a separação? A Natureza responde negativamente. A eternidade de um casamento não é ameaçada por uma diferença no crescimento espiritual. Um órgão do cérebro pode ultrapassar outro em desenvolvimento — será que o cérebro deve ser separado? Deve a alma divorciar-se de si mesma porque uma parte se desenvolveu mais do que outra? Deve a cabeça ser separada porque a melodia ultrapassou o tempo, ou porque a avidez superou a benevolência? A Natureza responde — “Não!” Deve existir uma causa mais profunda, mais radical, mais elevada do que a desigualdade de desenvolvimento.

O método para obter o divórcio deve ser mais simples, menos dispendioso e regulado por uma Lei de Justiça.

I. Exemplo: quando dois se apresentam ao magistrado competente solicitando o divórcio, ou quando um faz o pedido por escrito, assinado pelo outro, ambos apresentando declarações satisfatórias e garantia suficiente relativamente ao destino dos filhos, se os houver, então que o seu juramento de honestidade e livre-arbítrio seja tomado e registado, com os seus nomes, sendo-lhes entregue um certificado de divórcio legal.

II. Se a lei exige um crime como base da ação, elevemos então de imediato o padrão moral do certo e do errado e digamos: se uma mulher, influenciada pela insistência e pelo desejo de um lar, casa com alguém que não ama plenamente, essa mulher cometeu adultério e um crime ainda maior contra a posteridade. Ou, se inicialmente amava o marido, mas por razões profundas e não caprichosas deixa de o amar e ama outro homem, sem, no entanto, fazer deste seu marido, então é culpada de ser simultaneamente prostituta e adúltera. A mesma lei moral aplica-se ao homem em circunstâncias semelhantes.

III. Se uma mulher testemunha ter desafeição pelo marido, ou se o marido testemunha o mesmo pela esposa, e a sua integridade puder ser confirmada por testemunhas e vizinhos que os conhecem, então que sejam divorciados. É claro que surgirão mil outras circunstâncias diferentes, para as quais uma legislação humana deverá prever soluções adequadas.

Os cônjuges nunca devem ser levados a fomentar a desafeição por causas triviais — como a impaciência nas palavras, meras circunstâncias externas ou repulsa causada por extremismos. Sejam bondosos e pacientes — pratiquem a mais ampla humanidade um para com o outro; que nada leve à separação senão o conhecimento íntimo de uma inaptidão constitucional.

Se procuras o divórcio, fá-lo com base no Princípio da Justiça; nunca por capricho; nem sejas jamais cruel e bárbaro para com a pessoa rejeitada, como o foi Abraão com Agar e seu filho. As crianças devem ser cuidadas pelos pais antes de qualquer pedido de divórcio — ou, se não houver outra forma de cuidado, que o ESTADO as adote e eduque, oferecendo-lhes uma oportunidade justa de se instruírem, de adquirirem competências numa ocupação, e de se tornarem pessoas de valor.

Todas as questões relativas a bens e pensões de alimentos podem ser resolvidas pela

legislação; ou, se as partes assim o desejarem e concordarem, através de arbitragem. Estes métodos tenderão a tornar a humanidade mais justa, mais sábia, mais feliz. Um povo livre criará por si leis mais simples. Plantemos, pois, meus compatriotas, as nossas instituições sobre o Princípio da Justiça Universal, sem receio — e as consequências cuidarão de si mesmas.

Ah! temes as “consequências”, caro leitor; esperas por exemplos e precedentes. Se Jesus tivesse limitado as suas intuições e atributos mentais ao que diziam os fariseus ou saduceus, ou aos ensinamentos arbitrários do Talmude ou dos evangelhos venerados de antigas tribos, achas que teria introduzido uma forma mais pura e espiritual de religião? Os progressistas modernos têm, pois, um exemplo glorioso de independência a seguir. E quanto à moral, à virtude e à honestidade, não temas, bom leitor, pois o Senhor Deus onnipotente reina.

Acredito na independência perfeita e na individualidade da mente humana. Toda a autoridade exterior e objetiva é prejudicial ao desenvolvimento harmonioso da nossa natureza interior. Milhares de pessoas emprestaram, imploraram ou obtiveram algum tipo de conforto transitório e negativo a partir dos postulados de alguns autores venerados. Mas, numa noite escura e sem esperança, tal coisa aumenta a tua humanidade? Impulsiona-te à ação pela harmonia do teu semelhante? Suponhamos que descubres um novo plano para melhorar a estrutura e os antagonismos comerciais da sociedade — terás coragem de abandonar os pressupostos antigos e seguir o novo caminho?

Não! Parece-me que estás hipotecado ao passado nebuloso e sonhador; sujeito a algum "DIZ-SE" exterior; escravo voluntário de um mestre popular implacável, cuja cabeça e coração, como a velha esposa de Lot, estão virados para trás — anelando pelo antigo Estado e pela velha Religião. Oh, toma coragem com a seguinte sublime exortação:

"Sê mais bravo, Homem! Vai à fonte dos teus pensamentos
Elétricos, que saltam ou caem dos céus!
Segue-os com ousadia onde quer que levem,
Não só com a tua alma — mas com as mãos,
Com os pés, com o corpo inteiro — pois para alcançar
Um fim glorioso, cada parte do Homem deve harmonizar-se!
Sonhar inativo nada realizará.
Trabalha, como quem ama o seu Deus trabalha.
Então o cume dos grandes pensamentos celestiais
Será teu — não em sonhos vãos que se desvanecem,
Mas sentidos e compreendidos pela tua alma,
Que se tornará parte deles, como eles de ti,
Num Facto eterno e imutável!"

Lembra-te: é missão de cada homem desenvolver plenamente a sua HUMANIDADE. Diz-se: “não devais nada a ninguém, senão amor.” Aquele que impõe ao mundo uma natureza dissonante deve a todos uma grande dívida. Devemos a cada ser humano uma mente harmoniosa. Uma boa índole, bem formada e equilibrada, é o que o mundo mais

necessita. A salvação é uma função da nossa natureza comum. Com energia, e com obediência firme às atrações soberanas da Razão dada por Deus, devemos viver e amar para sempre.

LIÇÃO XVI
OS MÉTODOS DO INDIVIDUALISMO EXEMPLIFICADOS PELO
CARÁCTER DE RALPH
WALDO EMERSON

Para tornar claras as possibilidades de um individualismo auto-regulado, prossigo agora com uma leitura psicométrica das centralidades de um conhecido residente do Novo Mundo. O leitor deve ter em mente que uma análise psicométrica visa descrever o estado, desenvolvimento e disposição de uma pessoa no momento da observação, e não constitui, por isso, uma biografia da sua vida passada.

Ralph Waldo Emerson, filho de um clérigo unitarista de Boston, graduado pela Universidade de Harvard, dedicou-se inicialmente à teologia, tendo sido ordenado ministro há muitos anos. Com o tempo, as suas opiniões sobre as formas de culto mudaram, e ele abandonou o ministério para se dedicar a outras ocupações intelectuais. Tornou-se conhecido como um estudante peculiar, ou metafísico. É autor de várias obras — "Ética Literária", "Natureza, um Ensaio"; foi editor da revista filosófico-histórica "The Dial"; publicou livros e conferências com títulos como "Os Métodos da Natureza", "O Homem, o Reformador", "Ensaio", "Homens Representativos", entre outros, sendo ainda hoje um estudioso e criador incansável. Eu próprio nunca li nenhuma destas obras; mas elas têm muitos leitores, e alguns admiradores.

É um homem de interesse para todos, como exemplo da filosofia do individualismo, e passarei a expor o que puder sobre o seu carácter. Se me engano em algum ponto, que os seus amigos corrijam o meu erro. Talvez interesse ao leitor saber que, nas minhas análises clarividentes independentes de uma pessoa, costumo deixar um intervalo de três a quatro horas entre cada observação — ou seja, entre a observação “objetiva” e a “social”, e assim sucessivamente. Digo isto apenas para explicar o meu método. Impressões ao observá-lo objetivamente:

As posses materiais deste indivíduo são boas, embora não abundantes; e a disposição dos temperamentos é extremamente favorável à contemplação, sem impelir a mente a intensidades ou impetuosidades. O seu sistema vital é notavelmente excelente, prometendo uma longa vida terrena. O sistema muscular é menos firme do que o nervoso; este, por sua vez, menos do que o cerebral. Esta constituição física dá-lhe uma forte inclinação para o exercício ao ar livre e atividades viris. Caminhar, e não cavalgar, é o seu passatempo preferido.

Gosta de respirar, pelo simples prazer do ato. Este mundo exterior é, para ele, pleno de encantos; a existência é, por si, um prazer consciente; os elementos físicos falam-lhe com força, mas nunca da mesma forma, e ele sente uma espécie de gratidão corporal anti-impulsiva, por assim dizer, pelos prazeres que advêm de viver em comunhão com um mundo de animação e cenários diversos.

O seu porte é compacto e direito; ligeiramente mais elevado do que o dos homens comuns, parecendo nitidamente indígena ao solo da América do Norte. Ou seja, parece um verdadeiro ianque — num elevado estado de refinamento e cultura. O seu rosto, que tende para o oval regular, é mais sério do que expressivo; nunca resplandece ou irradia emoção, mas mantém-se firme e reservado. Na formação dos seus traços não há irregularidades marcantes; mas quando se olha nos seus olhos pela primeira vez, não se tem logo a certeza sobre eles: são cheios, parcialmente cobertos pelas pálpebras, moderadamente expressivos, mas nunca brilhantes, severos ou penetrantes. A sua boca é de forma regular. Não revela nenhum traço de carácter particularmente marcante: sem ressentimento, sem sarcasmo, sem ironia, sem vaidade, sem desejo de aprovação — e, no entanto, à observação mais atenta, pode-se notar traços de uma vigilância intelectual reservada e um certo autocontrolo cauteloso.

A partir do desenvolvimento externo aparente do cérebro de Emerson — segundo a frenologia — não se concluiria que fosse notável em nada em particular, embora o contorno da sua cabeça revele uma disposição inquisitiva e adquiridora. Mas sou advertido a não julgar pelas aparências; o exterior do templo dá uma ideia ilusória do carácter do seu proprietário. No modo como o seu cabelo está disposto, não há qualquer pretensão ou ostentação — por vezes apresenta uma espécie de suavidade hiberniana, com um término semelhante sobre a testa — o que contribui ainda mais para reforçar a ilusão sobre quem ou o que este homem é.

Coloca-se Emerson diante de uma audiência com um grande tema para expor e observar nessa posição e capacidade: aparenta ser a mais perfeita personificação de autodomínio e benevolência desinteressada — ou seja, não demonstra qualquer interesse especial pelo público ou pelo tema que tem diante de si. Por isso, ele nunca "discursa"; simplesmente lê, num estilo peculiar, hesitante, como se a palavra seguinte lhe fosse desconhecida e a ideia que está a ser expressa fosse a mais distante do seu pensamento. Este modo de leitura surpreende e fascina quem o ouve, despertando pensamentos completamente diferentes daqueles que ele parece estar a comunicar.

Expressões físicas do pensamento, gesticulações oratórias ou floreios verbais são totalmente incompatíveis com a organização e o modo de pensar de Emerson. Com um ar gentil, autocomplacente, e de "não estou preocupado" — que nunca é ofensivo — sempre sem qualquer indício de pedantismo ou vaidade, demonstra uma espécie de esquecimento de si mesmo e do público, que nunca se confunde com distração ou indiferença. Por vezes, ao ler os seus discursos, utiliza o braço direito. Este gesto é frequentemente feito sem qualquer relação imaginável com a natureza da ideia que está a ser expressa no momento. Na verdade, parece muitas vezes totalmente inútil — a não ser para manter a circulação sanguínea nas veias e artérias.

E aqui, novamente, o engano aprofunda-se. Começamos a concluir que ver o homem não serve de guia para compreender o seu carácter mais íntimo. Este parece estar escondido do olhar do mundo — um espírito incógnito — com o qual o mundo não tem direito de se intrometer. A sua cabeça bem formada, os seus traços, o seu comportamento tranquilo estão tão distantes do exibicionismo e da ostentação — manifesta tão pouca espontaneidade ou envolvimento nervoso com o que lê, e trata-se a si próprio, ao seu

tema e ao público com tamanha compostura, pontuada por uma franqueza natural que em nada se antecipava — que se chega à conclusão de que o melhor é fechar os olhos, ou olhar para ele de modo distraído, e escutar com o ouvido interior as suas surpreendentes declarações, tentando, com o olho da mente, captar o carácter extraordinário deste homem.

O orador continua a leitura. As suas proposições surgem sem os argumentos habituais. Ele não argumenta. Tentamos entender o que realmente quer dizer, e então — oh, que beleza! — uma chuva de pensamentos frios, brilhantes, como diamantes de primeira água, cai profusamente sobre as faculdades auditivas; uma aurora boreal espiritual, cintilante com mil cores, atravessa repentinamente e de forma mágica o horizonte da percepção; abrimos os olhos para ver o feiticeiro da literatura que fez tal coisa, e eis que, em vez de um ser ideal, vestido de esplendor régio, vemos apenas o simples, despretensioso, imóvel Emerson — tão familiar como o vizinho da porta ao lado, tão equilibrado como um conselheiro sem paixões. Assim me parece este homem, quando o observo objetivamente.

Impressões ao observá-lo socialmente:

As suas inclinações sociais são castas, seletas, moderadas. Nesta área, as suas tendências não são profundas. É moderadamente influenciado, mas nunca moldado ou levado ao entusiasmo pelas suas afeições. Nunca é iludido ou levado ao erro pelos seus sentimentos sociais. No entanto, a sua natureza vibra intensamente quando se rompe um laço de afeto querido. Possui muitos sentimentos íntimos que raramente vêm à superfície de forma espontânea.

Na relação conjugal, vive apenas um interesse e gozo parciais, embora sinta, profundamente, um amor integral pela esposa, sendo em parte influenciado intelectualmente por esse amor. Mas o laço matrimonial não é algo intensamente desejado pelo seu organismo social. Nas suas afeições, distingue pouco entre os sexos: é peculiar e regamente imparcial. O elemento conjugal é acolhido na sua natureza como um convidado valioso e sugestivo, mas a quem não deve nenhuma obrigação especial; preserva-o como um amigo íntimo com quem conversar pode, por vezes, ser agradável e proveitoso. Os casamentos civis comuns são, para ele, desinteressantes, salvo como ilustrações. Tirania e restrição no amor são, para ele, erradas:

"O verdadeiro amor difere do ouro ou do barro,
Pois dividir não é tirar."

Ainda assim, é caloroso e afável, embora relativamente isolado neste campo, e consegue facilmente apreciar intelectualmente os instintos e as bem-aventuranças do estado conjugal. O facto de os seres humanos, por vezes, amarem por instinto ou atração aqueles que lhes são espiritualmente inferiores ou superiores, tornando assim o vínculo conjugal temporário e incompatível com a felicidade, levou-o a declarar:

"Está escrito na folha de ferro,
Quem bebe da taça de néctar de Cupido,

Ama para baixo, e não para cima.
Portanto, quem ama deuses ou homens,
Não será por eles amado novamente."

Também é visível uma moderação manifesta no seu amor parental, embora eu julgue que, em períodos anteriores da sua vida, este amor tenha sido bastante forte e influente. Na verdade, o seu amor pela esposa, pelos filhos, pelos amigos, pelos indivíduos, é temperado e tornado nobre e sereno pela sombra do intelecto. Ele não impõe deliberadamente disciplina às suas afeições, mas constata que, na sua essência e nas suas relações com o mundo e com as pessoas, estas já estão naturalmente educadas.

As suas emoções obedecem, sem resistência, aos comandos e operações das suas faculdades intelectuais. Poucos homens têm tão pouca necessidade de impor disciplina à emoção com o intelecto. Não há necessidade de vigilância; os afetos reconhecem o seu senhor e prontamente lhe obedecem. Emerson, por isso, não precisa de fazer mais do que ser natural e totalmente ele mesmo. Nenhum santo rejeitou com mais veemência a autoilusão ou a afetação. Na sinceridade profunda da obediência constante à sua natureza superior — onde reside a força e o mistério do seu carácter — ele respira e profere tudo o que lhe surge à porta do intelecto, totalmente indiferente à crítica ou à reprovação. Assim, da sua natureza social, transmitida com rigor através da percepção intelectual, poderíamos esperar uma declaração como esta:

"Em almas progressivas, todos os amores e amizades são momentâneos. 'Amas-me?' significa: 'Vês a mesma verdade?' Se sim, somos felizes com a mesma felicidade; mas logo um de nós passa à percepção de uma nova verdade — estamos divorciados, e nenhuma tensão na natureza nos pode manter unidos. Sei quão deliciosa é esta taça do amor — eu a existir por ti, tu a existires por mim; mas isso é o apego de uma criança ao seu brinquedo; uma tentativa de eternizar a lareira e o leito nupcial; de conservar o abecedário ilustrado com que aprendemos as primeiras lições. O Éden de Deus é despido e grandioso; como a paisagem ao ar livre que recordamos ao lado do fogo, parece fria e desolada enquanto nos encolhemos junto às brasas; mas, uma vez ao ar livre de novo, sentimos pena daqueles que sacrificam a magnificência da natureza pela luz de velas e cartas."

Aqui, vê-se o intelecto a ditar ordens ao coração. O ponto a alcançar é uma equidade medida da alma — de onde provêm a justiça e a sabedoria, e onde a verdadeira felicidade é possível. Tudo o que interfere com esse estado deve ser subjugado. Amar tolamente, um apego possessivo aos filhos, ou o falatório desmedido sobre relações conjugais e uniões fixas, são denunciados como abaixo das verdadeiras revelações espirituais da justiça, e incompatíveis com o verdadeiro génio e desenvolvimento social. Sobre uma natureza calorosa e entusiasta, os sentimentos sociais ou a ética de Emerson atuariam como o vento norte sobre uma rosa de verão desabrochada — gelando, arrefecendo, matando. E, no entanto, este homem é um ser social. Há aqui algo aparentemente paradoxal; que se resolve sobretudo com a explicação de que ele é social através do seu intelecto. Trata-se de uma amizade;

Não se trata de amor — mas de uma atração do pensamento, não do sentimento. Os seus

amores não podem estar sujeitos à servidão de apegos individuais. Amores ou desamores são fenómenos — como as mudanças de um céu outonal — uma espécie de metempsicose, que não deve ser lamentada como uma criança que chora por um brinquedo perdido ou partido, mas sim acolhida com leveza, abrindo espaço para melhores hóspedes, e meditada e revelada em palavras como arquétipos de experiências espirituais demasiado profundas para lágrimas.

Não sentindo qualquer atração imperativa pelo amor individual ou pela relação conjugal em si, Emerson casa-se e divorcia-se muitas vezes por ano — ou seja, vê, examina e corteja uma ideia ou tema, ama-o ternamente durante o processo, absorve toda a doçura que este lhe oferece e depois segue para outra coisa, completamente diferente. Desposa, portanto, ideias, satisfaz assim os seus elementos sociais e conjugais, sem que isso perturbe o equilíbrio doméstico essencial. O mesmo se passa com a amizade: tal como um rei de vastas posses e poder amaria os seus cortesãos e embaixadores, assim este homem ama os seus amigos e conhecidos — um facto que eles próprios nunca suspeitariam — como entidades, como fontes de onde pode vir algo agradável à sua natureza e útil ao seu intelecto. Ou, se dos seus associados não pode colher alimento novo — se não têm nada de bom, interessante ou proveitoso a dizer — então, podes ter a certeza de que ele não é amigo deles no sentido mais real; embora, com a sua natureza gentil e refinada, seja impossível que se sinta inimigo de alguém.

Ainda assim, tem fortes simpatias intelectuais, que se assemelham às atrações sociais como a luz solar se assemelha ao calor do sol. Por isso, onde quer que haja pessoas de valor — pessoas que sabem dizer coisas boas ou compreender palavras de sabedoria — aí, no meio delas, como um estudante simples e sem escolarização formal, tão jovem quanto maduro, Emerson desejará ser entretido e entreter. Nesses momentos, exerce um grande poder sobre quem o rodeia.

No que toca às ideias, é extremamente egoísta, casto, discreto, vigilante, aristocrático e avarento. As ideias vêm por processos laboriosos — nunca abundantes — por isso ele guarda-as como tesouros. Finalmente, da sua natureza social, surge-me uma breve conclusão: Independência Pessoal — ou seja, liberdade das simpatias melindrosas e de todos os impulsos irregulares das mentes plebeias e pouco desenvolvidas. Um mundo dentro de si mesmo. Impressões ao observá-lo intelectualmente:

Há uma peculiar delicadeza, sensibilidade e força na substância e qualidade do seu cérebro que produz um intelecto agudo, sugestivo, prático e influente. É ativo, fiel, cheio de integridade pessoal e resoluto; possui um vigor e uma liberdade que poucos homens têm. A sua capacidade de variedade é forte e acessível. Cada faculdade é engalanada com olhos de uma visão fria e penetrante; e cada olho possui um intelecto próprio. Com isto quero dizer que esta organização intelectual está ativa em todos os pontos. Nunca dorme. Está determinada a adquirir conhecimento e trabalha mesmo quando os outros descansam.

Que poder de generalização analítica! Apresenta uma análise, uma razão, uma proposição, uma demonstração — tudo numa só palavra; que até o seu associado mais íntimo tem de estudar cuidadosamente para compreender. Este hábito intelectual leva

muitos leitores a sentirem-se confusos ou perdidos ao lerem os seus textos publicados. Cada faculdade age como um órgão digestivo. Recebe as essências das ideias, dissolve-as, refina as suas propriedades, assimila-as com forças interiores, distribui os seus elementos em mil formas individualizadas; e finalmente, uma pequena parte, com precisão académica, é precipitada sobre o papel.

E assim, este intelecto, no seio da justiça e da integridade, escreve tudo o que vê claramente — como o sol grava a tua imagem numa placa de daguerreótipo. Emerson não força os seus pensamentos para caberem nas palavras; são os pensamentos que o empurram para a expressão. E são as expressões — não as ideias — que costumam ser originais. Este intelecto é internamente avesso ao sistema. O arnês da lógica, o raciocínio encadeado ponto por ponto, como os pés que caminham pela terra, e toda a escravidão de uma consistência superficial, são veementemente rejeitados. A consistência é o papão de políticos pequenos, filósofos menores e teólogos dogmáticos.

Emerson recusa responsabilizar-se pelo que está para trás. O presente é a grande ocasião. Agora ou nunca. Esquece as imaginações dos “ontens” e dos “amanhãs”: os amanhã cuidam-se a si mesmos; este é o teu momento para ser, para fazer, para ensinar, para desfrutar. O grande presente tem grandes exigências. Fala agora o que pensas — palavras ousadas, impulsivas, irresistíveis, genuínas; não deixes esta ocasião escapar; o amanhã é apenas uma sombra vazia.

Este intelecto recusa raciocinar de forma prolongada, de causas para consequências; não é nem metafísico nem filosófico no sentido tradicional. Precisa de liberdade nos seus processos de pensamento, mesmo que, ao defender essa liberdade, quebre as leis rígidas da filosofia ordenada e da continuidade lógica, expondo-se assim à acusação de incoerência no raciocínio e de inconsequência nas deduções. Não é sistemático nem contínuo; o seu intelecto inclina-se para a autoafirmação e o dogmatismo. Toda a lei e ordem são descartadas e esquecidas pela autoridade da sua própria natureza. Nas suas experiências e operações diárias, condena qualquer sistema como ilegítimo, face às múltiplas relações que percebe entre o Homem e o Universo. Essas relações infinitas, pensa ele, exigem liberdades infinitas.

Se George Herbert, o poeta do século XVII, tivesse voltado a sua imaginação exaltada para a organização intelectual de Emerson, com o propósito de descrever a filosofia da liberdade mental individual, talvez não conseguisse um retrato tão fiel e palpável. (O leitor pode encontrar esse poema na página 110, Vol. III de *The Great Harmonia*.)

Os versos de Herbert descrevem com notável exatidão o funcionamento do intelecto e da natureza geral de Emerson. Ele é o rei da sua própria consciência: o senhor da criação. Poderia dizer: “Sou monarca de tudo quanto contemplo; e o meu direito ninguém disputa.” Sente que é uma imposição, uma falta de cortesia, um insulto à justiça individual, forçá-lo a ocupar-se com coisas banais. Deseja viver a sua vida com liberdades universais e relações espirituais; ser deixado em paz para realizar que “a cabeça e o pé têm uma amizade privada, e ambos têm estados de espírito e marés.” O seu intelecto está decidido a conhecer tudo.

“Nada,” no seu entender, “foi tão longe que o homem não o tenha apanhado e guardado como presa.” Fortalecido por esta convicção, “os seus olhos descem da estrela mais alta” — as fontes fluem para ele, a terra repousa, os céus movem-se — em suma, sente que “o Homem é um mundo, e tem outro a atendê-lo.”

Em tudo isto, Emerson está maioritariamente só — e profundamente mal interpretado. Para o capitão do barco a vapor, para o banqueiro, para o cínico das finanças, para o vendedor de alfinetes e fitas, e para o pregador da teologia conservadora da Nova Inglaterra, ele é o mais “transcendentalista e sonhador” que alguma vez publicou devaneios no mundo. Mas deixa que alguns poucos anos passem sobre o seu túmulo — e observa o que os estudiosos e os sábios de reputação dirão dele.

Nenhum homem guarda tão zelosamente a individualidade da sua mente. Com os seus próprios olhos tem de ver e ler o universo. O facto de um sistema de ideias, religião ou ciência ter sido aceite pela maioria não é, para ele, uma recomendação — é um obstáculo. Os precedentes devem ser evitados como bancos de areia no oceano. Mais individualidades naufragam por essa via do que por qualquer outra. Para si, longe da multidão, ele examina cada assunto — e, depois de algum tempo, dá o seu testemunho como se estivesse sob juramento.

Como companheiro intelectual numa caminhada ou viagem, é excelente. Já o acompanhaste? Que agradável companhia! Embora esteja sempre insatisfeito com a visão mais óbvia das coisas, e embora se incline fortemente — por virtude da sua constituição — para uma espécie de generalização contemplativa de um pensamento ou carácter numa única palavra, ainda assim, durante uma caminhada ou viagem, vê tudo, aprende todos os pormenores sobre cidades, regiões e indivíduos notáveis. Recorda com exatidão os incidentes, os dados estatísticos, os objetos, os locais, os rostos — e depois vive com essas recordações de forma familiar. A partir dos seus escritos ou palestras, poder-se-ia formar a ideia de uma mente abstrata, introspectiva e pouco social; mas bastam algumas horas de convívio com ele para dissipar essa ilusão e revelar um conjunto de características paradoxais no seu comportamento e temperamento.

As operações deste intelecto são admiráveis, precisamente porque são incomuns. Ignorando todo o pensamento sistemático, como faz, não se vê nele qualquer reflexão consecutiva, nem uma evolução progressiva do pensamento. Ele escreve, a cada dia, aquilo que esse dia lhe traz. Dessa forma, mantém um registo fiel da sua vida com o mundo e, quando tem um livro para publicar ou uma palestra para proferir, esses registos são encadeados musicalmente.

Assim, ao lê-lo ou ouvi-lo, ficamos simplesmente a saber o que um homem pensou, viu e experienciou. A verdade, pensa ele, tem dez mil vezes dez mil faces; e embora a cada novo dia veja e acredite em coisas diferentes e até opostas, continua, ainda assim, a acreditar na verdade — e não no erro.

O seu intelecto é de natureza generalizadora. Por isso, cada frase é um pensamento autónomo — uma árvore, uma flor, uma rocha de granito, uma pedra preciosa — sem ligação visível com as afirmações anteriores. Assim, uma reportagem jornalística sobre

uma palestra sua poderá colocá-lo numa má luz. As suas proposições podem ser invertidas, ou até lidas de baixo para cima, sem que o sentido se perca. Contudo, o leitor atento pode descobrir um rio profundo de significado perolado a fluir sob todas as palavras que emergem à superfície. Mas não posso atribuir-lhe mérito por uma intencional coerência subjacente, pois ele procura, simplesmente, dizer com poucas e sinceras palavras tudo o que pensa. E assim, as suas ideias mais nobres e elevadas surgem, uma a uma, carregadas de pensamento e sabedoria.

Curiosamente, ele próprio se surpreende, muitas vezes, com o que diz, oferecendo a outras mentes ideias que nem ele próprio concebera. Parece reter mais do que comunica — e é aí que reside parte do seu fascínio. Há uma estranha incerteza nas suas palavras, na forma como as profere, que desperta a imaginação. São simples, breves, inesperadamente ajustadas, meio retrospectivas e meio proféticas, ambigualmente sugestivas e, para um pensador superficial, os dizeres de Emerson são frequentemente obscuros, afetados, desconexos, paradoxais ao extremo e transcendentalmente vazios.

Tudo isto decorre da peculiar constituição das suas faculdades cognitivas. Contudo, as suas palavras, os seus símbolos e os seus ditos mais enigmáticos surgem quase sempre em traje de gala — castos e resplandecentes — o que lhes garante entrada nos salões mais respeitados da alta sociedade. Emerson é bem-vindo como escritor em casas onde William Lloyd Garrison não seria tolerado. Os eruditos reconhecem o seu conhecimento literário; crê-se que a inspiração platônica ressuscita nele. A sua memória para as palavras é excelente; em conversa, cita-se a si mesmo.

Seja qual for o assunto, há sempre um apuro intelectual na escolha das palavras que revela um gosto por uma elegância literária austera e exclusiva — a brilhar como uma estrela por entre as dobras de uma densa escuridão — escuridão apenas para as mentes banais, cujos pensamentos se movem constantemente em coletes de forças, sem exercício nem ventilação. Desta inteligência retiro uma única estimativa: **Variedade na Unidade** — uma mente de imensa versatilidade, em perpétua obediência à individualidade de propósito e expressão.

Impressões ao observá-lo moralmente:

Algumas pessoas são fontes — ele não é. Algumas naturezas são nascentes — ele não é. Mas a recetividade desta constituição moral é extraordinária. Na capacidade de absorver, apropriar-se e transmitir, este homem é quase inigualável. Põe em circulação todas as ideias que lhe entram na mente. Mas é extremamente consciencioso e justo consigo próprio, o que o torna vigilante para que nenhuma "visita" ou conceito entre no seu interior sem primeiro ser pesado na balança de ouro da crítica. Também neste ponto, Emerson está só entre os seus admiradores.

A mais fina produção do génio humano, o maior feito de poder criativo, o mais sublime ato de heroísmo, o mais grandioso espetáculo da Natureza, os gestos mais bondosos da humanidade, a mais grave injustiça contra o Direito, a revelação mais fresca e bela da Verdade religiosa, a mais encantadora expressão da excelência feminina — tudo isso deve passar pelo crivo do seu olhar intelectual, como os animais passaram diante de

Adão, para ser examinado, à sua maneira, calma e imperiosa, antes que ele consinta em descrevê-lo com uma palavra ou demonstre o mínimo interesse.

Na sua natureza moral, a Verdade, a Justiça e a Sabedoria são reverenciadas. Mas a sua moral é exclusiva, e crê que a estimativa mais evidente de qualquer coisa serve perfeitamente às exigências morais das naturezas superficiais. Quanto a si próprio, tem de ir mais fundo — ou mais alto — para adquirir conhecimento sobre a natureza, os homens e as coisas. Julgado pelas medidas comuns da religião, ou pelas ideias populares do bem, este homem seria condenado como cético. No entanto, se formos mais fundo, mais longe e mais alto nos domínios da concepção humana, encontramos nele um crente firme nos princípios fundamentais do Universo.

O próprio Emerson afirma:

“Crer é aceitar as afirmações da alma; não crer é negá-las. Há mentes incapazes de ceticismo. As dúvidas que dizem ter são antes um ato de civilidade ou de adaptação ao discurso comum. Podem dar-se ao luxo de especular, pois sabem que regressarão. Uma vez admitidas no céu do pensamento, não veem retrocesso para a noite, mas sim um convite infinito para o outro lado. Céu dentro de céu, céu sobre céu, e estão rodeadas de divindades.”

“Há outras para quem o céu é de bronze, fechado até à superfície da terra. Trata-se de uma questão de temperamento, ou de maior ou menor imersão na natureza. Estes últimos precisam de uma fé reflexa, parasitária — não uma visão da realidade, mas uma dependência instintiva dos videntes e crentes da realidade. Os modos e pensamentos dos crentes espantam-nos, e convencem-nos de que esses crentes viram algo que lhes está oculto. Mas os seus hábitos sensuais fixariam o crente na sua última posição — enquanto este, inevitavelmente, continua a avançar; e então, o descrente, por amor à crença, acaba por queimar o crente.”

“Os grandes crentes são sempre tidos por infieis, impraticáveis, fantásticos, ateus, e pessoas de pouca importância. O espiritualista vê-se obrigado a expressar a sua fé por meio de sucessivos ceticismos. As almas caridosas chegam com os seus projetos e pedem-lhe cooperação. Como pode ele hesitar? É regra de boa educação concordar quando possível, e responder com algo auspicioso e não frio ou sombrio. Mas ele vê-se obrigado a dizer: ‘Estas coisas serão como tiverem de ser; o que podes tu fazer? Estas dores e crimes são as folhas e frutos das árvores que vemos crescer. É inútil queixar-se da folha ou do bago; cortem-no — e nascerá outro igual. É preciso começar o tratamento pela raiz.’”

As generosidades do dia revelam-se-lhe um elemento intransigente. As perguntas do povo não são as suas; os métodos do povo não são os seus, e, contra todos os ditames da boa disposição, ele vê-se forçado a dizer que nada tem a ver com isso.

“Mesmo as doutrinas queridas à esperança do homem — da Providência Divina e da imortalidade da alma — os seus vizinhos não conseguem formulá-las de modo que ele as

possa afirmar. Mas ele nega com mais fé, não com menos. Ele nega por honestidade. Prefere ser acusado de cético do que de falso. Acredita, diz ele, no desígnio moral do universo; que este existe para o bem das almas; mas as vossas doutrinas, para mim, são caricaturas — porque haveria de fingir que as aceito? Dirão alguns que isto é frio e infiel? Os sábios e magnânimos não o dirão. Eles exultarão com a sua boa vontade clarividente, capaz de abandonar todo o terreno da tradição e da crença comum sem perder um grama de força. Vê até ao fim toda transgressão. George Fox viu que havia um oceano de trevas e morte; mas também um oceano infinito de luz e amor, que fluía sobre o das trevas.”

Quem é, então, capaz de captar plenamente o significado desta passagem? Não há nela algo que fica para ser intuído? E, no entanto, se visses com verdade, perceberias um rio de crença independente a correr sob estas palavras — uma crença pela qual até um santo rezaria.

Neste organismo moral há força, independência, esperança, oração, beleza, justiça, sinceridade, poder. É mais justo para consigo mesmo do que auto-sacrificado; mais fraternalmente justo do que benevolente. A delicadeza da sua natureza afasta-o da reforma exterior — destrutiva ou construtiva. É um estudioso; aprecia o recato do gabinete e preza a inacessibilidade do auto-isolamento.

(Contudo, gosta de viajar, graças à sua natureza social.)

Separado da sagacidade das suas faculdades de sabedoria, não possui qualquer padrão de verdade. O costume e a condição são, para ele, igualmente irrelevantes como autoridades. Nos patos sociais e nas organizações políticas, não tem fé na ciência, exceto na medida em que os seus desenvolvimentos isolados sirvam como ilustração. O sistema e a ordem obrigatória da ciência não o podem prender por um momento — pois sistema implica a impossibilidade de saber mais sobre determinado assunto. Independente, inconservador e não sistemático — assim será, aconteça o que acontecer.

As afirmações de qualquer homem ou época não lhe servem. Ele tem as suas próprias perguntas a colocar, as suas próprias afirmações a fazer — e mesmo estas ele está sempre pronto a afirmar ou negar, conforme a sabedoria instintiva o autorize. A verdade, para ele, é multifacetada. Hoje acredita de um lado, amanhã de outro; o terceiro dia traz uma fé ainda mais nova, talvez contraditória à primeira afirmação, e tão oposta como os antípodas, mas, na sua opinião, nenhuma delas é menos verdadeira ou menos digna de respeito.

Nutre grandes simpatias morais por grandes temas — especialmente por um homem novo, com algo de fresco e impulsionador na sua natureza. Sobre alguém assim, Emerson pousaria as asas como uma abelha num flor. Guerreiros corajosos e bem-sucedidos, heróis de qualquer era, reformadores com frescura de coração e coragem moral — qualquer Cincinnatus capaz de lavrar um novo solo no pensamento, na arte ou na técnica — por todos esses, Emerson sente interesse profundo. Ama e quase venera o Poder: mas deseja que esteja em consonância com as correntes celestes. Para ser honrado

com um olhar de reconhecimento vindo desta natureza moral, é preciso ter feito algo digno de uma alma.

Se tiver a certeza de que realizaste uma obra importante — seja em que domínio for — podes estar certo de que ele dirigirá sobre o teu carácter um olhar inquisitivo, mas desapassionado. Mas não te iludas: as suas simpatias não o conduzem ao engano. Serás, talvez, um interesse passageiro para ele — talvez apareças como um ponto luminoso na escrita de amanhã; talvez não.

A grande força de Emerson reside, simplesmente, na sua inabalável obediência à sua própria individualidade. A sua justiça pessoal e sinceridade são absolutas. É um verdadeiro egotista representativo — proprietário exclusivo de tudo o que pode ver, ouvir, sentir, pensar, compreender. Move-se livremente pelo Universo, em busca de conhecimento, sem nada que o impeça de expandir-se ou contrair-se ao sabor dos “estados de alma e marés” da sua natureza.

Nenhum domínio do pensamento lhe é vedado. Tudo tem de curvar-se perante o génio e estar de acordo com as exigências de uma boa índole. Tudo deve perfumar as suas grinaldas; tudo deve trazer uma joia para a sua coroa.

A literatura, as belas-artes, a ciência, as flores minúsculas, os oceanos profundos — esse “glorioso espelho, onde a forma do Todo-Poderoso
Se reflete nas tempestades” —
as histórias dos deuses e dos grandes homens, as concepções ousadas
“dos mais fortes filhos da Criação,
Que entoam a grave, profunda e eterna base
Do hino da Natureza”

os céus estrelados, os trabalhos do campo e os quotidianos da vida doméstica — tudo deve ser revisto e colocado ao serviço do desenvolvimento do génio.

Sob a ação desta organização moral, as coisas comuns da vida ressoam com uma doçura estranha. Tudo se torna interessante. Belas joias parecem pender de arbustos esquecidos à beira do caminho; as árvores significam mais do que árvores; a existência ganha mais templos de pensamento; vêem-se mais campos de beleza variada; e o Universo torna-se simultaneamente mais maravilhoso e mais familiar. Este homem não é um socialista — é um intelectualista. Possui intuições profundas e práticas; vê para dentro e profeticamente; formula proposições, em parte para surpreender os outros e despertá-los, em parte para os ajudar a desenvolver-se enquanto indivíduos. Por vezes atinge o cume da Razão sem qualquer processo de raciocínio. Nisso se manifesta algo do carácter feminino. E desta natureza moral, retiro uma palavra apenas: INTUIÇÃO.

Impressões ao observá-lo como indivíduo:

Ao concluir este esboço, não posso deixar de tentar transmitir ao leitor uma ideia mais precisa deste homem, na sua relação com o mundo. Associa a independência pessoal, a variedade na unidade e os poderes intuitivos à constituição física que descrevi — e terás

uma estimativa bastante correta de Emerson, ou, pelo menos, de acordo com a minha percepção dele.

Se possuísse uma organização social e intelectual tão desenvolvida como a sua natureza moral, ousaria dizer que poderia ser um dos mais populares e influentes reformadores construtivos do nosso século. Mas, tal como é, falta-lhe o sistema que dá unidade à ação; falta-lhe a consistência pessoal que inspira confiança nos outros; falta-lhe a ordem que leva à combinação e à consolidação de forças e pessoas — sem as quais nada duradouro se constrói. Isto faz com que tenha apenas admiradores parciais nos círculos literários mais polidos, um ou outro devoto ocasional, mas ninguém que o reivindique como salvador completo. E, no entanto, milhares podem apontar para algum momento na sua vida ou obra como o início da sua emancipação espiritual.

Pelo seu exemplo pessoal, ele encorajou centenas a viverem vidas mais autênticas, a usufruírem mais da liberdade e da grandeza da existência, a reconciliarem-se com as suas próprias naturezas e idiossincrasias, a tornarem-se mais indivíduos — e, por fim, a fazerem do mundo um paraíso de beleza e liberdade. Um poema, uma canção, um estudo, um mistério, um enigma — ele fez muito para tornar “o todo um armário de alimento, ou um gabinete de prazer.”

Nas suas relações psicológicas com o mundo, há muita desarmonia; mas o problema está aqui: Emerson instala-se pacificamente na sua individualidade e espera pacientemente que o mundo venha até ele. O mundo só entenderá isso como antagonismo excêntrico. Por isso, nunca haverá um aperto de mão verdadeiro e compreensivo entre o mundo e este homem. Ele não definirá a sua posição para todas as mentes — elas terão de a descobrir por via da cultura espiritual. Assim, será sempre visto pela maioria como um transcendentalista materialista. Até os seus próprios amigos terão ideias muito diferentes sobre o seu carácter e valor. E assim, será simultaneamente admirado como “um génio” por uns e denunciado como “um visionário” por outros — e ambos estarão enganados, e ele saber-se-á incompreendido até ao fim.

Se tivesse de falar do valor deste homem para o mundo — para jovens de ambos os sexos e para estudiosos de todas as idades e condições — começaria por considerá-lo um excelente

Exemplo. Seria errado, porém, que alguém o seguisse. O sentido de toda a sua vida é apenas este: **sê como tu és**. Não imites ninguém em nada; sê uma pessoa autêntica. Deixa para trás todos os anseios infantis por credos e fórmulas de outrora e sê um indivíduo — sempre sincero, sério, e pronto a ser tudo o que podes ser, e nada mais.

Mas até nisso foi mal interpretado. Ele não pode ser um líder. E, no entanto, quem observa de perto as pessoas e ideias da Nova Inglaterra reconhecerá logo, em certos professores destacados, imitações nítidas do seu tom de voz, estilo de escrita e expressão verbal — oriundas precisamente deste homem que vive a dizer ao mundo: não me copies — mas sê, como eu, fiel aos “humores e marés” da tua própria individualidade.

Há apenas uma coisa que eu gostaria que fosse diferente — que o organismo moral de

Emerson tivesse as mesmas capacidades de visão que as suas faculdades intelectuais. Veria mais do espiritual, mais das belezas do estado imortal, e seria, por isso, ainda mais iluminado como reformador. Mas quando se tem tanto, por que haveríamos de nos queixar?

Para concluir: este **Indivíduo** é de um valor e importância extraordinários. Para o mundo, é um fenómeno inexplicável; para os seus inimigos, uma natureza gentil e bondosa, que não conseguem magoar; para os seus amigos, um homem bom e esplêndido — cujo carácter, contudo, nunca compreendem por inteiro.

Adeus, caro leitor... Que a memória destas verdades jamais se desvaneça; que os espíritos mais puros e dotados de outras paragens soprem na tua alma os elementos daquele afeto imortal que jorra da fonte inesgotável de Todo o Ser; que busques com empenho, com fervor, com constância, os ricos tesouros de todas as verdades — sociais e afetivas, governamentais e científicas, filosóficas e espirituais, celestiais e divinas; mas que sejas, em todos os momentos, inspirado a não procurar por entidades longínquas ou estrangeiras enquanto ainda tens por compreender as leis mais próximas da existência; que habites para sempre na beleza do Amor e na generosidade da Sabedoria; que a tua alma se expanda, progressivamente e com afeto, sobre toda a raça humana — inspirando cada ser, independentemente de credo ou cor, a fazer o bem até ao limite das suas convicções e da sua força.

Que tenhas tal reverência pelo teu corpo que nenhuma impureza o venha a manchar, e que desenvolvas em ti tais aspirações por tudo o que é justo, honroso e espiritual, que nenhuma distorção mental venha a deformar a tua natureza imortal; que te tornes tão harmonizado contigo mesmo e com o mundo, que todas as coisas materiais e sensíveis vibrem em sintonia com a tua felicidade; que o céu curvado e as nuvens flutuantes, os pássaros e os animais, os peixes do mar — todos — te revelem os seus tesouros ocultos de bênçãos inerentes; pois, para a Mente Harmónica, este mundo terrestre é apenas um pouco menos do que um Paraíso celeste.

FIM